



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MÍRIAN CRISTIANY GARCIA ROSA

**POLISSEMAS E HOMÔNIMOS INTERLINGÜÍSTICOS NO
EIXO PORTUGUÊS-ESPAANHOL:
REVISITANDO OS FALSOS AMIGOS.**

Londrina
2009

MÍRIAN CRISTIANY GARCIA ROSA

**POLISSEMAS E HOMÔNIMOS INTERLINGÜÍSTICOS NO
EIXO PORTUGUÊS-ESPANHOL:
REVISITANDO OS FALSOS AMIGOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Adja Balbino de Amorim Barbieri
Durão.

Londrina
2009

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R788p Rosa, Mírian Cristiany Garcia.
Polissemas e homônimos interlingüísticos no eixo português-espanhol :
revisitando os falsos amigos / Mírian Cristiany Garcia Rosa. – Londrina,
2009.
224 f. : il.

Orientador: Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão.
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade
Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2009.

Bibliografia: f. 239-244.

Inclui um glossário de polissemas e de homônimos interlingüísticos.

1. Linguística contrastiva – Teses. 2. Semântica – Teses. 3. Língua
Portuguesa – Homônimos – Teses. 4. Língua francesa – Homônimos –
Teses. I. Durão, Adja Balbino de Amorim Barbieri. II. Universidade Estadual
de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 801

MÍRIAN CRISTIANY GARCIA ROSA

**POLISSEMAS E HOMÔNIMOS INTERLINGÜÍSTICOS NO EIXO
PORTUGUÊS-ESPAANHOL:
REVISITANDO OS FALSOS AMIGOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adja Balbino de
Amorim Barbieri Durão
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a Dr^a Edina Regina Pugas Panichi
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a Dr^a Rhina Landos Martínez André
Universidade Federal do Mato Grosso

Londrina, 06 de maio de 2009.

*Ao meu pai Mauro Garcia Rosa (in memoriam),
que em sua ausência sempre presente
transformou em meu o seu sonho de ser
professora.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Neusa Gomes, por ter sempre me dado a certeza de que eu teria um lar me esperando após dias de muito estudo, cansaço, alguns dias chegando com fome, outros com frio. Agradeço-lhe, principalmente, por estar sempre ali, mesmo sem entender minhas razões para continuar sempre estudando apesar de tantas dificuldades;

Agradeço ao meu filho, Juan, por reclamar minha ausência e, com isso, mostrar-me que minha presença é essencial em sua vida. Agradeço-lhe, também, por entender que essa ausência, mais do que por mim mesma, era por ele, por seu futuro e pelo exemplo que lhe dou a cada dia, mostrando-lhe que o conhecimento é o único bem permanente e infinito que o ser humano pode ter e pelo qual deve realmente lutar;

Agradeço à Adja, minha orientadora, não somente pelas orientações que me deu em relação à pesquisa científica, mas, principalmente, por mostrar-me com seu exemplos que ninguém está no lugar em que está por acaso e que Deus é a fonte de todo conhecimento, de toda sabedoria e de todo amor que enleva nossa vida. Com a minha mais profunda gratidão, agradeço-lhe por ter reunido seus orientandos e orado por mim, por minha família e por meu sobrinho, João Vítor, no momento mais difícil que tive em minha vida;

Agradeço às Doutoradas Edina Pugas Panichi e Rhina Martínez André por fazerem parte da minha banca examinadora e contribuírem com seu conhecimento e carinho para a obtenção desse título;

Agradeço ao meu sobrinho, João Vítor, por, com somente cinco anos de idade, ter me ensinado a viver, ter me mostrado o verdadeiro sentido da vida e o real significado da fé. Agradeço-lhe por, através do seu sofrimento e da sua luta pela vida, ter me ensinado o que é sentir dor e ter me tornado mais forte e resistente para enfrentar as adversidades. Através de você, João, pude perceber o quão insignificantes são determinados obstáculos que surgem no nosso dia a dia. Estendo esses agradecimentos a seus pais: Mônica, minha irmã, Demis, meu cunhado e Pedro Henrique, seu irmão e meu sobrinho, por terem me ensinado que

sem amor nada se mantém, sem fé não existe esperança, sem Deus nada existe;

Agradeço aos professores da FAFIJAN, em especial aos professores Braz Donizete Fernandes, Dirceu Cleber Conde, Rosi Basseto Sena, Leny Fernandes Zulin e Viviane Polleto Lugli, não somente pelos ensinamentos, mas, em especial, pela amizade que se estabeleceu entre nós e por me colocarem no caminho da pesquisa, foi ali onde tudo teve início;

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, em especial aos professores doutores Luis Carlos Migliozi Ferreira de Melo, Loredana Límoli, Paulo de Tarso Galembeck, Joyce Elaine de Almeida, Regina Maria Gregório com os quais tive o imenso prazer de aprender e compartilhar conhecimentos;

Agradeço às professoras doutoras Vanderci de Andrade Aguilera, Rejane Taillefer e Edina Pugas Panichi pelas importantíssimas contribuições dadas à minha pesquisa durante as qualificações, sem seus aditamentos meu trabalho não teria passado por tantos progressos;

Agradeço com respeito e carinho especiais ao professor doutor Juan Manuel Pérez Velasco por tão gentilmente me ceder uma cópia de sua tese de doutorado, que foi o esteio sobre o qual pude construir e desenvolver minhas pesquisas e formular minha dissertação;

Agradeço aos colegas de curso com os quais tive o prazer de conviver, de aprender, de rir, de dividir conhecimentos e emoções ao longo desse período de estudos. Agradeço especialmente à Pricila Ceranto, que de colega de curso se transformou em amiga, minha companheira de idas e vindas até a Universidade, obrigada por me transportar não somente a Londrina, mas para um mundo maravilhoso de risos e desabafos durante esse percurso;

Gostaria de agradecer também algumas pessoas que contribuíram com o meu crescimento intelectual e pessoal: Ana Paula Mohr Alves, por seu carinho, dedicação, atenção, afeto, compreensão e orientação nos momentos de alegria, dor e aflição, e ao seu marido Luís Fernando Cavalcanti pelos debates invencíveis e incansáveis, vocês são especiais em minha vida!

Agradeço a Deus, pois sem Ele nada existiria, nada se concretizaria, por seu meu início, meu meio e meu fim!

Muitas coisas afirmamos e negamos porque a natureza das palavras leva a afirmá-lo ou negá-lo, mas não a natureza das coisas; por isso, ignorando-a, facilmente tomaríamos algo falso por verdadeiro.

Baruch Spinoza
(Tratado da Correção do Intelecto)

Rosa, Mírian Cristiany Garcia. **Polissemas e homônimos interlingüísticos no eixo português-espanhol: revisitando os falsos amigos.** 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

A questão dos Falsos Amigos existentes entre dois pares de línguas têm sido explorada por pesquisadores de diferentes áreas há muitos anos. Mas, foi a partir de 1928, com a publicação do livro *Les Faux Amis ou les trahisons du vocabulaire anglais* de Koessler e Derocquigny, que os estudos nessa área tomaram uma nova dimensão, passando a figurar principalmente nos estudos da Lingüística Contrastiva e abrangendo diferentes pares de idiomas. Os estudos já realizados sobre esse tema demonstram que os falsos amigos são unanimemente classificados como tal por meio de dois critérios: 1) semelhança formal e/ou fonológica; 2) significados parcial ou totalmente diferentes entre as duas línguas envolvidas no fenômeno. Um terceiro critério de classificação dos falsos amigos, e para o qual não há unanimidade entre os pesquisadores da área, refere-se à etimologia dessas palavras. Ao existir certa discórdia em relação aos critérios de classificação dos falsos amigos, determinados estudos foram realizados com o intuito de apresentar novas propostas de denominações e definições sobre o que é e como surge esse fenômeno, como os trabalhos realizados por Serey Leiva (1994), Pérez Velasco (1995, 2003, 2004), Sabino (2006) e Seccato (2006), entre outros. Partindo desse panorama, nossa pesquisa pretende definir e conceituar o que são falsos amigos e apresentar uma terminologia que explique cientificamente o que esse fenômeno é. Para tanto, nos valem da etimologia do léxico tido como falsos amigos no eixo português-espanhol que estão presentes em alguns livros didáticos de ensino de espanhol para brasileiros, especificamente os destinados ao público adolescente e adulto. Por meio da análise contrastiva desse léxico, seguindo os passos apresentados por Lado (1957) e Durão (2004), realizamos sua descrição lingüística com o intuito de averiguar a origem dessas palavras e os significados dicionarizados que elas apresentam em cada uma das duas línguas. De posse dessa descrição, observamos que o fenômeno dos falsos amigos configura, na verdade, casos de homonímia e polissemia interlingüísticas, conforme a classificação utilizada por Pérez Velasco (2004). Como resultado dessa pesquisa, criamos dois glossários com os falsos amigos analisados entre o português e o espanhol e os classificamos, segundo sua etimologia, em polissemas interlingüísticos e homônimos interlingüísticos.

Palavras-chave: Falsos Amigos. Polissemas Interlingüísticos. Homônimos Interlingüísticos. Análise Contrastiva.

Rosa, Mírian Cristiany Garcia. **Polysemies and homonymous interlinguistics in the Spanish-Portuguese axis: revisiting the false friends.** 2009. 224 f. Dissertation (Mastership in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

ABSTRACT

The question of False Friends existing between two pairs of languages have been explored by researchers from different areas for many years. But, it was from 1928 on, with the publication of the book *Les Faux Amis or les trahisons du vocabulaire anglais* of Koessler and Derocquigny, that the studies in this area have taken a new dimension, taking part mainly in studies of Contrastive Linguistics and covering different pairs of languages. The studies already carried out about this issue have clearly shown that the false friends are unanimously classified as such under two criteria: 1) formal and/or phonological similarity; 2) partially or totally different meanings between the two languages involved in the phenomenon. A third criterion of classification of false friends, and for which there is no unanimity among researchers in the area, refers to the etymology of those words. As there are certain disagreement in relation to the criteria of false friends classification, some studies were accomplished with the aim of presenting new proposals of designations and definitions about what is and how this phenomenon appears, as the works carried out by Serey Leiva (1994), Perez Velasco (1995, 2003, 2004), Sabino (2006) and Seccato (2006), among others. Based on this panorama, our research intends to define and conceptualize what false friends are and it also presents a terminology that explains scientifically what that phenomenon is. In order to develop our work, we took advantage of the etymology of the lexicon named as false friends in the Spanish-Portuguese axis wich are present in some Spanish teaching textbooks for Brazilians, specifically those for the adolescent and adult public. According to the contrastive analysis of this lexicon, following the footsteps submitted by Lado (1957) and Durão (2004), we realized its linguistics description in order to ascertain the origin of these words, and the real meanings found in dictionaries they present in each of the two languages. Holding this description, we observed that the false friends phenomenon constitutes, in fact, cases of polysemy and homonymous interlinguistics, according to the classification used by Perez Velasco (2004). As result of this research, we created two glossaries with the false friends analyzed between the Portuguese and the Spanish and we classified them, according to its etymology, in polysemy and homonymous interlinguistics.

Key words: False Friends. Polysemies Interlinguistics. Homonymous Interlinguistics. Contrastive Analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1-** Representação gráfica dos signos lingüísticos que possuem significados e significantes iguais entre pares de línguas diferentes.78
- Figura 2-** Representação gráfica dos signos lingüísticos que possuem significados iguais e significantes diferentes entre pares de línguas diferentes.....79
- Figura 3-** Representação gráfica dos signos lingüísticos que possuem significados iguais e diferentes e significantes iguais entre pares de línguas diferentes.80
- Figura 4-** Representação gráfica dos signos lingüísticos que possuem significados diferentes e significantes iguais entre pares de línguas diferentes.....81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Denominações usadas pelos autores.....	68
Gráfico 2- Autores que consideram a etimologia como critério de classificação dos falsos amigos	69
Gráfico 3- Autores que distinguem as denominações apresentadas no quadro	70
Gráfico 4- Autores que buscaram novas denominações	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 METODOLOGIA	24
2.1 TIPO DE PESQUISA E BASES TEÓRICAS	24
2.2 COMPOSIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	25
2.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	26
2.4 ETAPAS DA PESQUISA	27
2.5 PASSOS PARA A CRIAÇÃO DO GLOSSÁRIO	28
2.6 APRESENTAÇÃO E MODO DE CONSULTA DOS GLOSSÁRIOS.....	29
3 ANÁLISE CONTRASTIVA	31
3.1 HISTÓRICO, PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS	31
4 ESTUDOS SOBRE O LÉXICO	39
4.1 INTERFERÊNCIA LEXICAL.....	41
4.1.1 A Interferência Lexical do Português, Língua Materna, na Aquisição do Espanhol, Língua Estrangeira	43
5 FALSOS AMIGOS	47
5.1 ORIGEM DOS TERMOS	47
5.1.1 Falsos Cognatos	48
5.1.2 Falsos Amigos	54
5.1.3 Heterossemânticos.....	56
5.2 NOVAS DEFINIÇÕES E DENOMINAÇÕES APLICADAS	60
5.2.1 Novas denominações encontradas em artigos científicos.....	60
5.2.2 Novas denominações encontradas em dissertações	63
5.3 Resumo dos Estudos Realizados sobre os Falsos Amigos.....	65
5.3.1 Resumo do Atual Estado da Questão	68
6 O SIGNO LINGÜÍSTICO E OS “FALSOS AMIGOS”	75
6.1 A NATUREZA DO SIGNO LINGÜÍSTICO.....	75
6.2 A REPRESENTAÇÃO DO SIGNO LINGÜÍSTICO NA AQUISIÇÃO DO LÉXICO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	77

6.3 A ARBITRARIEDADE DO SIGNO LINGÜÍSTICO E A TRANSFERÊNCIA/ INTERFERÊNCIA MOTIVADA.....	82
7 A HOMONÍMIA E A POLISSEMIA INTERLINGÜÍSTICAS.....	86
7.1 HOMÔNIMOS.....	86
7.2 POLISSEMAS.....	90
8 GLOSSÁRIOS.....	94
8.1 GLOSSÁRIO DE POLISSEMAS INTERLINGÜÍSTICOS.....	95
CONCLUSÃO.....	195
REFERÊNCIAS.....	200
APÊNDICES.....	206
APÊNDICE 1- LISTA DE FALSOS AMIGOS ENCONTRADO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS “ESPAÑOL”.....	207
APÊNDICE 2 210LISTA DE FALSOS AMIGOS ENCONTRADOS NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS “ESPAÑOL AHORA”.....	210
APÊNDICE 3 LISTA DE FALSOS AMIGOS ENCONTRADOS NO LIVRO DIDÁTICO “POR SUPUESTO”.....	211
APÊNDICE 4 LISTA DE FALSOS AMIGOS ENCONTRADOS NO LIVRO DIDÁTICO “ESPANHOL SÉRIE BRASIL”.....	215
APÊNDICE 5 LISTA DE FALSOS AMIGOS ENCONTRADOS NO LIVRO DIDÁTICO “ESPAÑOL EXPANSIÓN”.....	215
APÊNDICE 6 LISTA DE FALSOS AMIGOS ENCONTRADOS NO LIVRO DIDÁTICO “LISTO”.....	216
APÊNDICE 7 LISTA DE FALSOS AMIGOS ENCONTRADOS A COLEÇÃO DIDÁTICA “ECO”.....	218
APÊNDICE 8 LISTA DE FALSOS AMIGOS ENCONTRADOS NA “GRAMÁTICA DE ESPANHOL PARA BRASILEIROS”.....	220

1 INTRODUÇÃO

A importância da Análise Contrastiva para lingüistas que têm como objeto de estudo e trabalho línguas que por variados motivos estão em contato é inquestionável. É de fundamental relevância conhecer profundamente as duas ou mais línguas envolvidas neste processo, a língua materna e a(s) língua(s) estrangeira(s).

Ao considerar a afirmação de Di Pietro (1986, p. 33) sobre o fato de que, independentemente da língua que se esteja aprendendo, o falante adulto irá, inevitavelmente, fazer comparações com sua língua materna ou com outras línguas que já tenha aprendido, vemos que comparar dois sistemas lingüísticos, antes de ser um mero objeto de estudos científicos, é, sobretudo, um comportamento natural do ser humano que se encontra em situação de línguas em contato. Esse fato pode ser verificado tanto em contextos naturais de aprendizagem da língua estrangeira, como, por exemplo, na vivência em outro país, como, também, em situações artificiais, como a sala de aula de língua estrangeira. Entretanto, ainda que tal contraste surja de forma espontânea na mente do falante ao aprender outra língua além da materna, é útil um estudo científico aprofundado para que se possa não somente descrever as estruturas lingüísticas de ambos os idiomas, como também, e principalmente, para que se possam compreender as dificuldades pelas quais os alunos poderão passar durante este processo e, assim, desenvolver métodos e materiais que visem à facilitação de tal processo.

Lado, já em 1957, demonstra sua preocupação com o fato de que aos professores de línguas estrangeiras, além de dominarem a língua estrangeira que ensinam, deveriam contrastá-la com a língua materna do aprendiz, pois “o professor que já tiver feito a comparação da língua estrangeira com a língua nativa dos alunos saberá melhor quais são os problemas reais da aprendizagem e poderá tomar medidas para ensiná-los” (LADO, 1971, p. 15). Além da questão do ensino em sala de aula propriamente dito, Lado (1971, p. 15-16) discorre sobre outras circunstâncias nas quais o conhecimento advindo do contraste entre as duas línguas que interagem no processo de aprendizagem é relevante. Entre elas, podemos lembrar, por exemplo, (i) a avaliação dos conteúdos lingüísticos e culturais de livros didáticos com intuito de verificar se apresentam os padrões lingüísticos que devem

ser aprendidos e se dão ênfase aos padrões que são diferentes dos da língua materna do aluno; (ii) o preparo de materiais didáticos novos que atendam às necessidades específicas de cada grupo de aprendizes; (iii) a necessidade de suplementar materiais didáticos que sejam inadequados para o alunado ou que não estejam de acordo com seus objetivos e/ou metodologia de ensino empregada; (iv) a diagnose das semelhanças e diferenças, por meio da qual o professor identifica qual propriedade da língua causa dificuldades a seus alunos e por quais outras propriedades a está substituindo. Seguindo, porém, as pistas de outros estudiosos que assim as consideraram, acreditamos que as necessidades de contraste apresentadas são significativas em situação exolíngüe¹. Esta circunstância cobra maior conhecimento e empenho do professor, já que seus aprendizes depositam nele a confiança do saber. É ele o detentor do saber perante o aprendiz que tem na língua estrangeira algo novo, e quem, nas palavras de Franzoni (1992, p. 18) “vai constituir o representante quase que exclusivo do alheio como novo”.

Mesmo estando consciente de que a língua materna e as outras línguas estrangeiras aprendidas anteriormente podem e, provavelmente, irão influenciar na aprendizagem de uma nova língua, lingüistas e estudiosos de língua estrangeira devem estar atentos quanto ao fato de que esta interferência não será a única fonte dos erros que serão cometidos por aqueles que estudam uma língua estrangeira. Muitos são os fatores que estarão presentes nesse processo, causando ou facilitando o surgimento de erros e que poderão ser, devido ao seu desconhecimento, atribuídos todos à interferência da língua materna no aprendizado da língua estrangeira. Observamos, assim, a relevância não somente do contraste interlingüístico entre as duas línguas em contato, mas também do contraste interlingüístico, que irá aportar erros que incidem em decorrência da própria língua estrangeira que se está aprendendo.

¹ Franzoni (1992, p. 18) classifica a situação de aprendizagem, quanto ao espaço, em endolíngüe e exolíngüe. A primeira se caracteriza pelo fato de a LE ser aprendida/ensinada no próprio país onde é falada, ou seja, o professor partilha seu saber com tudo que a LE representa, com seu universo natural. A segunda situação, ao contrário, ocorre quando a LE ensinada é diferente da língua falada no país, neste caso, o professor se constitui como representante exclusivo deste saber.

Nesta pesquisa, por tratar especificamente dos **falsos amigos**² existentes entre o português e o espanhol, faremos uma Análise Contrastiva em torno de semelhanças e diferenças léxico-semânticas. Estudar o léxico de forma contrastiva justifica-se por acreditarmos que sem o conhecimento das palavras não há comunicação efetiva e, havendo interferência lexical, a cadeia comunicativa pode interromper-se, causando distorções de entendimento, tanto no texto oral como no escrito, na produção ou na recepção do texto. Ademais, concordamos com Biderman (1998, p. 88) quando afirma que “é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. E, como a denominação da realidade, em grande parte, não é compartilhada pelos falantes de idiomas distintos, um estudo contrastivo faz-se necessário para elucidar pontos de divergência e para ressaltar aqueles que convergem, em busca de melhoras significativas nos estudos sobre aprendizagem de línguas estrangeiras.

Kato (1988, p. 139) afirma que “duas línguas podem estar geneticamente ligadas num passado remoto, mas distanciadas num passado próximo”. Ao concordarmos com esta afirmação, propomos um estudo contrastivo que busque a etimologia das palavras que compõem o *corpus* dessa pesquisa com o intuito de, através de suas origens, dar conta de explicar as semelhanças e diferenças existentes na forma, no significado e na distribuição atribuídos a este léxico na atualidade. Ou seja, partimos de um estudo contrastivo etimológico, para tentar explicar as semelhanças e diferenças apresentadas pelos **falsos amigos** na relação português-espanhol no eixo sincrônico.

A escolha dos **falsos amigos** como campo de estudo justifica-se por apresentarem formas semelhantes e, por vezes, idênticas, mas significados ou distribuição diferentes nas duas línguas, sendo fonte freqüente de erros por parte

² Apesar de objetivarmos estabelecer uma nova classificação do fenômeno conhecido como “falsos cognatos”, “falsos amigos” ou “heterossemânticos” com base na etimologia dos vocábulos que serão analisados, para efeito de análise das publicações já realizadas sobre o assunto, iremos utilizar a denominação “falsos amigos” durante nossas considerações e observações sobre o que já se publicou sobre o assunto. Dessa forma, todas as vezes que, durante essas análises, surgir a voz da autora, a denominação “falsos amigos” aparecerá em negrito; quando se tratar da voz dos trabalhos que estão sendo analisados, as denominações aparecerão entre aspas. Tal decisão não se deve ao fato de concordarmos que **falsos amigos** seja a denominação que defina e delimite corretamente o fenômeno ao qual alude, mas ao fato de ser a que apresenta, entre as três que citamos, menos discrepância lingüística, ou seja, sua coloquialidade acaba por deixá-la livre de equívocos relacionados ao emprego inadequado de terminologias lingüísticas específicas e bem delimitadas quanto a sua definição e abrangência, como o caso dos termos “cognato”, “hetero” e “semântico”.

dos falantes do português brasileiro que entram em contato com o espanhol como língua estrangeira, conforme se verifica nos trabalhos realizados por Serey Leiva (1994) e Durão (2002b), entre outros.

O termo **falsos amigos** é encontrado na literatura específica da área não somente em português e em espanhol, como também em francês, *faux amis*, que deu origem ao termo utilizado hoje; em inglês *false friends*; *falsi amici* em italiano; *falsche freunde* em alemão.

As palavras classificadas como **falsos amigos** já foram tema de inúmeros estudos na área de aquisição de língua estrangeira no Brasil, destacando problemas de contato do português com línguas como: o espanhol, como nos trabalhos de Serey Leiva (1994), Bugüño Miranda (1998, 2002, 2003) e Durão (2002b); o inglês, como no trabalho realizado por Sabino (2006); o italiano como nos estudos de Seccato (2006), entre outras. Ou em outros países que também buscaram entender como e por que ocorre este fenômeno lingüístico entre dois pares de idiomas distintos. Entre eles destacamos os estudos de Pérez Velasco (1995, 2003, 2004) que analisaram os **falsos amigos** no eixo francês/espanhol.

Entre os estudos já realizados em nosso país, encontramos aqueles que se preocuparam em elaborar glossários com o intuito de traduzir os termos de uma língua para outra, como as que freqüentemente encontramos nos livros didáticos de ensino de espanhol como língua estrangeira para brasileiros, como nos livros que serão utilizados como fonte da coleta do *corpus* de análise dessa pesquisa, que são: *Español: Curso de español para hablantes de portugués* (DURÃO, 2001a, 2001b, 2001c, 2002a) (FERNÁNDEZ DÍAZ; ANDIÓN HERRERO 2003, 2004); *Español Ahora* (BRIONES; FLAVIAN; ERES FERNÁNDEZ, 2003); *Por supuesto* (SOUZA, 2003); *Espanhol Série Brasil* (MARTIN, 2004); *Espanhol expansión* (ROMANOS; CARVALHO, 2004); *Listo: español a través de textos* (MILANI et al., 2005); *Eco* (GONZÁLEZ HERMOSO; ROMERO DUEÑAS, 2005); e *Gramática de espanhol para brasileiros* (MILANI, 2006). Além dos livros didáticos, os dicionários específicos de **falsos amigos**, como, por exemplo, os de Feijóo Hoyos (1998) e Bechara e Moure (2002), também se preocuparam em traduzir essas palavras apresentando exemplos de uso em uma ou nas duas línguas em contato. Encontramos outros trabalhos que tiveram como objetivo elaborar atividades que facilitassem a interpretação dos significados e, conseqüentemente, do seu uso em situações comunicativas, tais como os estudos realizados por Pelissari Alonso

(2006). Outros estudos, escassos por sinal, verificaram como os aprendizes recebem os **falsos amigos** durante o processo de leitura em LE, como o de Durão (2002b), por exemplo. E, por fim, encontramos algumas pesquisas que tentaram explicar a terminologia utilizada nessa área de estudo, tais como, “falsos amigos”, “falsos cognatos” e “heterossemânticos”, explicando as diferenças entre uma denominação e outra para, em seguida, proporem terminologias que, de acordo com as teorias lingüísticas, dessem conta de explicar o fenômeno, como os trabalhos de Serey Leiva (1994), Pérez Velasco (1995), Cintra (1998), Sabino (2006) e Seccato (2006), entre outros que durante esta pesquisa serão apresentados.

Contudo, dentre as inúmeras pesquisas já realizadas, sobre as quais nos debruçamos durante nossa pesquisa sobre o tema, só encontramos no Brasil, um trabalho que analisa este fenômeno tomando por base sua origem no eixo português-espanhol, que é o de Durão (2002b), que parte da origem etimológica dos vocábulos utilizados por seus informantes para entender seus erros, mas, este é um trabalho breve, que tomamos como ponto de partida para realização de estudos dessa ordem. Ao constatarmos a carência de trabalhos científicos que abordem, de forma ampla, o tema **falsos amigos** a partir de sua origem, descrevendo-os, analisando-os quanto à forma e significado para classificá-los com base em critérios etimológicos e semânticos, decidimos realizar uma pesquisa extensa que vise a explicar onde e como nascem os **falsos amigos** entre pares de línguas, em nosso caso, português e espanhol.

Constatamos, também, nos estudos já realizados sobre o tema uma carência com relação à terminologia científica aplicada ao fenômeno. Estamos de acordo com Pérez Velasco (2003) que afirma que o termo “falsos amigos” foge à nomenclatura científica, encontrando abrigo na linguagem vulgar, sendo, inclusive, muitas vezes, tratado como “pegadinha” ou como um aspecto, quando não “divertido”, “curioso”, durante o aprendizado de LE. Além disso, o que observamos nos trabalhos publicados sobre o tema é que existe uma grande diversidade de conceituações e definições sobre o que são os **falsos amigos** e também o uso alternado e/ou conjunto de denominações, como “falsos cognatos” e “heterossemânticos”, como se essas denominações tivessem o mesmo significado. Sem considerar o que são palavras cognatas, também não se consideram o que são as “falsas cognatas”. Assim, faz-se necessário explicar, primeiramente, a terminologia, para poder, a seguir, delimitar os conceitos a ela aplicados.

Outro fator que julgamos relevante para justificar a realização desta pesquisa reside na pluralidade de terminologias que surgiram especialmente no final da década de 1990 e no início da década de 2000, tentando (re)nomear e classificar os **falsos amigos**. Diversos autores publicaram trabalhos apresentando novas terminologias para fatos da língua, para os quais, a nosso ver e com base nos estudos de Pérez Velasco (2004), já se aplicavam a esse fenômeno, sendo eles a homonímia e a polissemia, posição esta que iremos retomar nesta pesquisa, assumindo-a como relevante.

Para realizar este estudo, lançaremos mão do Modelo de Análise Contrastiva, o qual foi elaborado por Lado (1957) e, posteriormente, adaptado por Durão (2004a, p. 32) no tocante às línguas português e espanhol.

Ressalte-se que apesar de Lado (1957, p. 116) deixar claro que não considera a etimologia das palavras tidas como **falsos amigos** ao contrastá-las entre pares de línguas, para nós o critério etimológico será de primordial importância ao realizarmos os contrastes, pois somente assim poderemos classificá-las em homônimos e polissemas interlingüísticos. Concordamos com Saussure (2000, p. 11), quando em seu *Curso de Lingüística Geral* afirmou que a comparação não é somente um meio, mas um método para reconstruir os fatos da língua, e, é somente com base no étimo das palavras envolvidas no fenômeno dos **falsos amigos** que se pode reconstruir os fatos que os geraram.

Por fim, a classificação das palavras em homônimos interlingüísticos e polissemas interlingüísticos e a criação de um glossário de homônimos e polissemas interlingüísticos entre o português e o espanhol justifica-se porque ao lingüista, ao professor e ao falante de espanhol como língua estrangeira não lhes interessa somente entender os fenômenos, como ter claro para si a classificação do léxico elencado, seus significados em ambos os idiomas e os pontos em que convergem e divergem, para então, não somente precaver-se do erro, como também entender onde e como poderá aplicar o significado do léxico aprendido em LE.

Diante do exposto, nesta pesquisa objetivamos: a) definir e conceituar o que são **falsos amigos**; b) apresentar uma terminologia que explique cientificamente o que esse fenômeno é; c) realizar uma análise contrastiva do léxico classificado como **falso amigo** entre os idiomas português e espanhol, segundo os passos apresentados por Lado (1957) e Durão (2004a); d) pesquisar a etimologia desse léxico em ambos os idiomas e; e) determinar, através de descrição lingüística,

quais **falsos amigos** são homônimos interlingüísticos e quais são polissemas interlingüísticos, este último objetivo, como resultado da denominação proposta por Pérez Velasco, em nosso caso, na relação português-espanhol.

Como objetivos específicos iremos elencar 398 palavras consideradas como **falsos amigos** na relação português-espanhol apresentadas nos livros didáticos de espanhol para brasileiros publicados a partir do ano 2000 e descrevê-las e classificá-las, segundo critérios etimológicos, como dissemos, em homônimos interlingüísticos ou polissemas interlingüísticos. Por fim, pretendemos criar um glossário que, baseado na etimologia e na semanticidade das palavras, demonstre as diferenças que surgem em decorrência da homonímia interlingüística entre as duas línguas e, as semelhanças e divergências de sentido que surgem em decorrência da polissemia interlingüística no eixo português-espanhol.

Ao iniciar uma pesquisa, o investigador parte de um problema, fato este que pressupõe a necessidade de uma solução que dê conta, se não da totalidade da questão, ao menos de elucidar que existe uma carência em determinado ponto. Esperamos contribuir não somente com o esclarecimento do problema que identificamos, mas, também: (i) demonstrar que o contraste entre línguas é um método de pesquisa válido que proporciona informações importantes sobre os sistemas lingüísticos que estão sendo estudados e que, através dele, é possível averiguar as diferenças e, também, as semelhanças que poderão causar problemas aos aprendizes de línguas estrangeiras; (ii) mostrar que um estudo sincrônico pode se ancorar num estudo diacrônico, pois muitos fatos da língua que hoje causam estranheza, admiração ou dificuldade têm explicação em sua origem ou no desenvolvimento que sofreu ao longo do tempo, conforme já foi argumentado por outros estudiosos; (iii) revisar denominações e terminologias científicas, assim como sua definição e conceituação, pois acreditamos que essa revisão é necessária, sobretudo para que possa haver unanimidade entre os teóricos de sua área de abrangência; (iv) elevar o *status* do problema identificado ao plano científico, saindo da esfera popular para o patamar da ciência; (v) propor uma explicação para o surgimento dos **falsos amigos** que busque fundamentação nas teorias lingüísticas; (vi) reunir algumas das palavras encontradas nos livros didáticos em forma de glossário de homônimos e polissemas interlingüísticos, além de descrever, classificar, comparar e organizar de forma sistemática tal léxico e oferecer a professores e aprendizes de espanhol como língua estrangeira subsídios didático-

pedagógicos que elucidem as semelhanças e diferenças semânticas envolvidas na área de contato interlingüístico entre esses dois idiomas, e que sirva de ferramenta de ensino e aprendizagem de espanhol no tocante ao uso destas palavras em contextos comunicativos, evitando constrangimentos ou desentendimentos devido ao seu uso lingüístico inadequado; (vii) ampliar a discussão sobre os estudos contrastivos entre pares de línguas próximas, principalmente no tocante a palavras tidas como **falsos amigos**.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA E BASES TEÓRICAS

Para realizar este estudo, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, que, segundo Larsen-Freeman e Long (1994, p. 21), apresenta, entre outras características, caráter exploratório, orientado ao descobrimento, sendo descritiva e indutiva e possibilitando a aproximação do pesquisador aos dados e orientando-se em direção do seu processo de realização, buscando explicá-lo.

Primeiramente, revisamos a literatura referente à Lingüística Contrastiva, mais especificamente no que se refere ao Modelo de Análise Contrastiva e à interferência lexical no aprendizado de línguas estrangeiras. Buscamos apresentar, brevemente, os estudos já realizados na Europa nesta área. Realizamos, também, um levantamento dos estudos já publicados no país a respeito dos “falsos cognatos”, “falsos amigos” ou “heterossemânticos”.

Sendo nossa pesquisa de caráter exploratório, este contato com a literatura publicada sobre o tema, nos proporcionou maior familiaridade com o problema identificado. Além disso, possibilitou-nos o aprimoramento das idéias elaboradas até o momento nas referências bibliográficas reunidas.

Em seguida, apresentamos algumas nomenclaturas atribuídas aos **falsos amigos**, através de pesquisas entre vários pares de línguas. Entre essas classificações e definições, ressaltamos a de Pérez Velasco (2004), que trabalha o fenômeno dos **falsos amigos** por meio de conceitos como parônimos, homônimos e polissemas interlingüísticos, terminologia a qual adotaremos em nossa pesquisa.

Depois de termos acesso às fontes bibliográficas, a técnica de coleta de dados que utilizamos foi a de observação sistemática, que de acordo com Moura e Ferreira (2006, p. 55), é aquela que “implica uma série de decisões prévias sobre elementos e situações a serem observados e a forma de registrar esses dados”. Escolhemos essa técnica de coleta pelo fato de já, de antemão, termos definido qual aspecto lingüístico iríamos contrastar entre as duas línguas, e, também, porque acreditamos ser esta a mais adequada para dar conta dos objetivos propostos para a pesquisa.

2.2 COMPOSIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

Após a revisão da literatura, fizemos uma revisão dos livros didáticos de espanhol como língua estrangeira para brasileiros, publicados no Brasil a partir do ano 2000, e destinados ao público adolescente ou adulto, ou seja, materiais destinados ao Ensino Médio e Superior. Nessa revisão, buscamos levantar o léxico apresentado neles como “falsos amigos”, “falsos cognatos” ou “heterossemânticos”, para compormos o *corpus* de nossa pesquisa.

Entre o material ao qual tivemos acesso encontramos onze livros didáticos que correspondiam aos critérios estabelecidos. São eles: *Español* (DURÃO, 2001a, 2001b, 2001c, 2002a) (FERNÁNDEZ DÍAZ; ANDIÓN HERRERO 2003, 2004); *Español Ahora* (BRIONES; FLAVIAN; ERES FERNÁNDEZ, 2003); *Por supuesto* (SOUZA, 2003); *Espanhol Série Brasil* (MARTIN, 2004); *Espanhol para o ensino médio* (PALÁCIOS; CATINO, 2004); *Espanhol expansión* (ROMANOS; CARVALHO, 2004); *Listo: español a través de textos* (MILANI et al., 2005); *Eco* (GONZÁLEZ HERMOSO; ROMERO DUEÑAS, 2005); e *Gramática de espanhol para brasileiros* (MILANI, 2006); *Espanhol* (MARTIN, 2007); e *Tiempo español* (MELONE; MENÓN, 2007).

Entre esses livros didáticos apenas três não trazem o tema “falsos amigos”, “falsos cognatos” ou “heterossemânticos” nos sumários ou no corpo do livro, que são: *Espanhol para o ensino médio* (PALÁCIOS; CATINO, 2004); *Espanhol* (MARTIN, 2007); e *Tiempo español* (MELONE; MENÓN, 2007), os quais foram, portanto, retirados de nossa pesquisa.

Com os oito livros didáticos restantes, levantamos todas as palavras que são apresentadas como “falsos amigos”, ou uma das outras denominações, e, ao retirarmos as repetições que ocorreram nesse levantamento, obtivemos um total de 398 palavras. As informações sobre os livros didáticos utilizados para a coleta do *corpus* de análise estão no apêndice dessa pesquisa. No apêndice constam, também, as listas de **falsos amigos** encontrados, separadas por livro que, excetuando-se as repetições, totalizam as 398 palavras conforme dissemos.

Ao transcrevermos os “falsos amigos” encontrados, verificamos que algumas dessas palavras apresentavam diferenças sutis entre um livro outro, como, por exemplo, verbos que, em um livro estavam na forma pronominal e em outro não,

como no caso do verbos *enojar* e *enojarse*; também outras que, em um livro apareceram como substantivo e, em outro livro, como verbo, como no caso de *abono* e *abonar*. Ao analisar e descrever casos como esses citados, observamos que não haviam diferenças relevantes de significado em ambas as línguas e, com isso, optamos colocar nos glossários apenas as formas de origem, ou o verbo ou o substantivo, com o intuito de não tornar as entradas repetitivas.

Além desses casos, nos deparamos, ainda, com palavras que não constam no Dicionário da Real Academia Española, como, por exemplo, as palavras *creditar* e *adobe*, e, também, com palavras que fazer parte do acervo léxico da língua espanhola, mas não do espanhol ibérico, constituindo-se em regionalismos americanos, como as palavras *buseeta*, *fumo* e *mijar*, portanto, as excluimos dos glossários de polissemas e homônimos interlingüísticos.

Por meio desses critérios, obtivemos um total de 360 palavras consideradas como **falsos amigos** no eixo português-espanhol. Deste total, 250 foram classificadas como polissemas interlingüísticos e 110 como homônimos interlingüísticos.

2.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Uma vez organizado o *corpus*, pesquisamos a origem etimológica dos pares de **falsos amigos** em ambos os idiomas e seus respectivos significados em cada língua. Para pesquisar as palavras em língua portuguesa, utilizamos o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (CUNHA, 1986) e em língua espanhola, o *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* (COROMINAS; PASCUAL, 1997). Além dos dicionários etimológicos, utilizamos também, para a língua portuguesa, o *Novo Dicionário Aurélio* (2008) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), e para a língua espanhola o *Diccionario de la Real Academia Española* (2008), e o *Diccionario de usos del Español* (1998).

Com base na etimologia e nas definições apresentadas pelos dicionários nas duas línguas, nos foi possível determinar quais são os homônimos interlingüísticos e quais são os polissemas interlingüísticos, tomando por base, como

dissemos, a classificação proposta por Pérez Velasco e, também, as definições de Câmara Júnior (2004).

Os resultados obtidos foram apresentados por meio de descrições lingüísticas em português e espanhol, com vistas a, ao menos, esclarecer os equívocos que surgem ao se considerarem como **falsos amigos** palavras que nós consideramos cognatas e representam apenas casos de polissemia interlingüística, ou de palavras que não são cognatas e representam casos de homonímia interlingüística.

Para finalizar a pesquisa, elaboramos um glossário português-espanhol de homônimos e polissemas interlingüísticos tomando por base os **falsos amigos** apresentados nos livros didáticos selecionados. Utilizamos o Modelo de Análise Contrastiva, buscando descrever suas semelhanças e diferenças, segundo os pressupostos apresentados por Lado (1957), fundamentando-nos na etimologia e semanticidade dessas palavras de acordo com os dicionários citados.

2.4 ETAPAS DA PESQUISA

Assim, segmentamos nosso estudo em quatro etapas:

1. a primeira se relacionará à pesquisa etimológica dos **falsos amigos** selecionados nos manuais didáticos de ensino de espanhol como língua estrangeira para brasileiros.
2. aplicaremos, na segunda etapa da pesquisa, os pressupostos propostos pelo modelo de Análise Contrastiva que, segundo Lado (1957) segue os seguintes passos: a) descrição formal dos idiomas em questão, b) seleção das áreas que serão comparadas, c) comparação das diferenças e semelhanças, d) predição dos possíveis erros.
3. a terceira parte servirá para que se faça a descrição e a classificação propriamente dita das palavras delimitadas para a pesquisa, verificando se são homônimos interlingüísticos ou polissemas interlingüísticos.
4. a quarta etapa, se referirá à elaboração do glossário português-espanhol de homônimos e polissemas interlingüísticos.

2.5 PASSOS PARA A CRIAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Tomando por base a proposta de Pérez Velasco (1995, 2003, 2004), dividimos os “falsos amigos” existentes no eixo português/espanhol em homônimos interlingüísticos e polissemas interlingüísticos segundo dois critérios: diacrônico, analisando se as unidades léxicas possuem ou não a mesma unidade de origem, e; sincrônico de ordem teórica, afim de averiguar se as unidades léxicas apresentam afinidade de sentido ou não. Ou seja, classificamos os vocábulos que apresentam somente semelhança formal, mas que não provêm da mesma raiz e que, portanto, não compartilham nenhum significado em comum, em homônimos interlingüísticos e classificaremos como polissemas interlingüísticos aqueles vocábulos que provêm do mesmo étimo e que, portanto, compartilham todos ou apenas alguns significados no eixo português/espanhol.

Em relação aos vocábulos classificados como polissemas interlingüísticos, uma vez mais, baseando-nos nos critérios propostos por Pérez Velasco (2004), os classificamos segundo dois critérios: critério etimológico e critério de semelhança semântica, entendidos neste estudo da seguinte maneira:

- **Critério Etimológico:** vocábulos que representam polissemas interlingüísticos no eixo português/espanhol e que, portanto, apresentam a mesma origem etimológica, descartando-se aqueles que possuem étimos diferentes.
- **Critério de semelhança semântica:** palavras que possuem o mesmo étimo, sincronicamente apresentam semelhanças semânticas, ou seja, compartilham significados comuns entre as duas línguas. A coincidência de significados pode ser total ou parcial. Sendo parcial, alguns significados apresentados em uma língua poderão não estar presentes na outra.

Realizamos apenas a descrição lingüística dos vocábulos classificados como homônimos interlingüísticos, baseando-nos no fato de não possuírem nenhum parentesco etimológico, com o intuito de demonstrar por que não compartilham significados comuns às duas línguas, isto é, buscamos somente demonstrar a origem e o significado dos pares de vocábulos em cada língua.

2.6 APRESENTAÇÃO E MODO DE CONSULTA DOS GLOSSÁRIOS

Dividimos as palavras analisadas em dois glossários segundo o critério etimológico. Assim, primeiramente, apresentamos o glossário referente aos pares de palavras que possuem etimologia comum, ou seja, o glossário dos **falsos amigos** que classificamos como polissemas interlingüísticos no eixo português-espanhol; na seqüência, apresentamos o glossário referente às palavras que não compartilham etimologia, isto é, dos **falsos amigos** que classificamos como homônimos interlingüísticos. Ambos se apresentam em ordem alfabética através dos pares de palavras selecionadas, sendo a entrada em português seguida do vocábulo correspondente em espanhol. Sempre que necessário, a explicação sobre o termo será feita em notas de rodapé.

No glossário de polissemas interlingüísticos, a apresentação dos critérios de análise adotados é feita por meio de diferentes seções numeradas: **I**, **II** e **III**. A seção **I** apresenta o étimo de cada palavra seguido dos significados compartilhados pelas duas línguas, ou seja, obedece também ao critério de semelhança semântica. Os significados compartilhados são apresentados em seqüência numérica. Esta seção é dividida em duas colunas, sendo a da esquerda para o vocábulo português e a da direita para o vocábulo espanhol, seguindo os critérios adotados por Durão (1998, 2004a).

Por meio do critério de semelhança semântica criamos as seções **II** e **III**. A seção **II** se destina a apresentar os significados que o vocábulo possui em português e que não são compartilhados por seu par em espanhol, seguidos de exemplos de uso em português com exemplos de usos equivalentes a esses significados em espanhol.

A seção **III** apresenta aqueles significados que o vocábulo espanhol possui e que não são compartilhados pelo português, seguidos de exemplos de uso em espanhol com exemplos de usos equivalentes a esses significados em português.

Dessa forma, em alguns casos a seção **II** pode não aparecer, ou a seção **III** pode não aparecer, ou ainda pode haver casos em que nenhuma das duas seções apareçam, como nos casos em que todos os significados são compartilhados por ambas as línguas, ainda que alguns deles, tanto de uma língua como da outra,

possam não estar mais em uso atualmente. Optamos por apresentar todos os significados, mesmo considerando que alguns não estejam atualmente em uso porque, do contrário, necessitaríamos realizar uma pesquisa que evidenciasse empiricamente os significados que permanecem em uso em ambas as línguas e aqueles que caíram em desuso.

No glossário referente aos homônimos interlingüísticos há apenas a **Seção I**, na qual consta a origem etimológica das palavras em questão, seguida dos significados que apresentam em cada uma das duas línguas. Essa opção se deve ao fato de que, por não terem a mesma origem, não compartilham significados, portanto, apresentam apenas divergências semânticas.

A descrição lingüística foi elaborada com base nos seguintes dicionários: *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, para as palavras em português e *Diccionario de Uso del Español*, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* e *Diccionario de la Real Academia Española*, *Diccionario de Uso del Español María Moliner* para as palavras do espanhol.

3 ANÁLISE CONTRASTIVA

3.1 HISTÓRICO, PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS

Tentar evitar, entender, explicar os erros cometidos pelos aprendizes durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, assim como proporcionar soluções que facilitassem este processo sempre foi uma preocupação dos lingüistas. Esta preocupação teórico-didática teve durante muitos anos fundamento na imagem do erro como algo negativo, diga-se intolerável, devendo, portanto, ser evitado a todo custo.

Os estudos de Análise Contrastiva tiveram início em busca de solucionar os pontos problemáticos da língua que poderiam oferecer dificuldades aos aprendizes de uma língua estrangeira. A princípio, estes estudos tomaram por base as teorias comportamentalistas (ou behavioristas) e estruturalistas, que conduziram as pesquisas a um estudo descritivo das línguas (DURÃO, 2004a, p. 25).

Em 1945, Fries publica um livro intitulado *Teaching and Learning English as a Foreign Language*, no qual afirma que dariam melhores resultados aqueles materiais didáticos que fossem elaborados com base no contraste realizado através de descrições científicas das duas línguas que participassem do processo de aprendizagem, ou seja, da língua materna e da língua estrangeira a ser aprendida (SANTOS GARGALLO, 1993; LARSEN-FREEMAN; LONG, 1994; DURÃO, 2004a, 2004b; BENÍTEZ PÉREZ, 2004). Tal afirmação serviu de estímulo para que vários estudos contrastivos tivessem início.

Seguindo a perspectiva de que, ao se comparar sistematicamente pares de línguas seria possível registrar as semelhanças e diferenças entre elas e, conseqüentemente, elaborar métodos e materiais didáticos mais eficazes para o ensino de línguas estrangeiras, os lingüistas da época, entre as décadas de 40 e 60, sentiram-se motivados a realizar análises contrastivas. O interesse em investigar e entender as causas e os efeitos que poderiam surgir da interferência de uma língua na outra quando em contato resultaram em estudos como os de Weinreich, publicados em 1953 no livro *Languages in Contact*, quem afirmou que:

Quanto maior for a diferença entre dois sistemas, isto é, à medida que forem mais numerosas as formas e padrões mutuamente exclusivos de cada um, maior será o problema de aprendizagem e as partes onde possivelmente se produzirão interferências. (*apud* LARSEN-FREEMAN; LONG, 1993, p. 56)³.

Ou seja, o autor considerou que é necessário determinar previamente quais são os pontos de similaridade e divergência entre as línguas que estão em contato para, então, realizar uma análise da interferência que uma poderá exercer sobre a outra.

Orientado pelos estudos de Fries, em 1957, Lado publica seu livro intitulado *Linguistics Across Cultures – Applied Linguistics for Language Teachers*, no qual desenvolve uma metodologia de análise a ser aplicada no estudo contrastivo de línguas, reunindo os pressupostos das teorias comportamentalista e estruturalista e que, ainda hoje, representa um verdadeiro marco nos estudos sobre análise contrastiva (DURÃO, 2004a, p. 25). Logo no prefácio, Lado esclarece que:

O plano do livro tem por base o pressuposto de que podemos prever e descrever os padrões que causarão dificuldades no aprendizado, e os que não causarão, pela comparação sistemática da língua e cultura a serem aprendidas com a língua nativa do aluno. Em nossa opinião, o preparo de materiais pedagógicos e experimentais deve ser baseado nesse tipo de comparação (LADO, 1957, p. 9).

Segundo o modelo de análise contrastiva proposto inicialmente por Fries em 1945 e sistematizado por Lado em 1957 (SANTOS GARGALLO, 1993; DURÃO, 1998, 2004a, 2004b, 2007), descrever cientificamente dois sistemas lingüísticos que entram em contato permite: (i) assinalar as áreas que apresentam semelhanças e diferenças; (ii) prever os problemas que os falantes poderiam ter ao entrar em contato com tais áreas; (iii) preparar materiais didáticos; (iv) elaborar técnicas de ensino; (v) programar o ensino da língua estrangeira. Com base nesses pressupostos, Fries e Lado sustentam que a única fonte causadora de erros no processo de aprendizagem da língua estrangeira é a influência da língua materna do aprendiz. Lado (1957) considera que os aspectos que se assemelham nas duas línguas são fáceis para o aprendiz, enquanto os traços que se diferem nas duas

³ Qualquer segmento em Língua Estrangeira é nossa tradução.

línguas são difíceis, gerando erros de produção ou de compreensão na língua estrangeira aprendida.

Lado (1957) apresenta os passos necessários para o contraste de dois sistemas de sons, de duas estruturas gramaticais, de dois sistemas de vocabulário, de dois sistemas de escrita e de duas culturas, os quais Benítez Pérez (2004, p. 24) representa da seguinte forma:

- a) Descrição teórica dos dois sistemas com os quais o aprendiz entra em contato;
- b) Seleção dos elementos que serão comparados;
- c) Comparação de tais elementos para poder ver suas diferenças e semelhanças;
- d) Predição dos possíveis futuros erros.

Lado, portanto, oferece uma base metodológica para a realização das análises contrastivas entre a língua materna e a língua estrangeira que serão investigadas. Com isso, nascem os princípios fundamentais da análise contrastiva. Nasce, também, o conceito de transferência positiva que, segundo Durão (2004a, p. 27), nesse momento inicial, “seria a utilização produtiva da LM no desempenho da LE”, e de transferência negativa ou interferência que, segundo a mesma autora, “equivaleria ao emprego não produtivo da LM no desempenho da LE”. O que propõe a análise contrastiva, então, é que os elementos lingüísticos que fossem semelhantes entre os pares de línguas descritos, isto é, entre a língua materna e a língua estrangeira, seriam acomodados adequadamente nesta língua, enquanto que os que fossem diferentes causariam dificuldades de aprendizagem e deveriam ser reestruturados para não gerar interferência.

De acordo com Durão (2004a, p. 36), a Análise Contrastiva manteve-se no apogeu até finais da década de 60, quando alguns teóricos detectaram certos problemas. Entre tais teóricos, destaca-se Wardhaugh, quem, segundo suas próprias palavras, sentiu-se tentado a se perguntar se seria realmente possível realizar análises contrastivas e, sendo possível, se os resultados dessas análises teriam realmente alguma validade para os professores ou para aqueles que elaboram materiais didáticos (WARDHAUGH, 1992, p. 42). Para enfrentar tais questionamentos, em 1970, Wardhaugh (1992, p. 43) propõe duas versões de análise contrastiva, sendo elas a versão *forte* que para o autor parece “ser impraticável e pouco realista”, ainda que fosse a mais praticada pelos que faziam

análises contrastivas na época; e a versão *fraca* que, do seu ponto de vista, apresenta “certas possibilidades de utilização”, mas que, pode apresentar resultados suspeitos em alguns círculos lingüísticos.

Wardhaugh (1992, p. 44) fundamenta seu posicionamento contra a versão forte da análise contrastiva no fato de que esta se mantém afastada do falante ao não considerar, na prática, se as predições feitas por ela se realizam ou não, e afirmou que “proposta dessa forma, a versão forte parece, sem dúvida, muito pouco realista”. Além disso, o referido autor acredita que nem a teoria lingüística nem os lingüistas estão em condições de enfrentar a tarefa que a versão forte da análise contrastiva lhes impõe.

Ao refutar a versão forte da análise contrastiva, Wardhaugh (1992, p. 45-46) propõe, então, a versão *fraca* que, segundo ele, exige maior conhecimento lingüístico dos lingüistas e menos teoria contrastiva. Seu enfoque não é predizer as dificuldades, mas partir das evidências proporcionadas pela interferência lingüística para explicar as semelhanças e diferenças entre os sistemas das duas línguas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Isto é, na versão *fraca*, parte-se das interferências observadas nas produções dos aprendizes para, em seguida, realizar conjecturas sobre as semelhanças e diferenças entre as línguas em contato. Contudo, apesar dos esforços de Wardhaugh em apresentar um modelo de análise que fosse mais eficaz do que o anterior, este, a versão *fraca*,

[...] também partia da suposição de que a aprendizagem anterior afetaria à seguinte de forma positiva quando um novo aspecto coincidissem com outro aprendido anteriormente e de forma negativa quando se opusesse (transferência positiva e negativa). [...] Quer dizer, Wardhaugh propôs uma versão diferente que tinha a mesma base que a versão anterior. (DURÃO, 2004a, p. 36).

Como vimos, apesar das críticas dirigidas por Wardhaugh ao modelo de análise contrastiva proposto por Lado culminarem numa versão diferente, esta se baseou nos mesmos pressupostos que sua antecessora.

Discordamos quanto à afirmação feita por Wardhaugh (1992, p. 4) de que o modelo de análise contrastiva realizada até então seria “impraticável e pouco realista”, principalmente quando o autor afirma que tal feito demandaria descrições lingüísticas completas das duas línguas em questão. Parece-nos que houve, neste ponto, certa falta de atenção ao que Lado (1957) alerta em seu

trabalho sobre o fato de que se levaria uma vida inteira comparando apenas o vocabulário de duas línguas, isso sem considerar os outros elementos da língua e que, portanto, seria necessário fazer um recorte nos sistemas lingüísticos escolhidos como objeto de análise. E, também para o fato de Lado (1971, p. 123) ter, ele mesmo, assinalado que as predições feitas pela análise contrastiva seriam passíveis de verificação na prática.

Apesar das críticas elaboradas por Wardhaugh e por outros teóricos em relação à análise contrastiva, este modelo continua válido e permanece norteando diversos estudos na área de línguas estrangeiras, fato que podemos verificar na pesquisa levada a cabo por Durão (2004a, p. 36) e por Benítez Pérez (2004). Neste último caso, quando o autor explica que é raro o ano em que não se publica ao menos um artigo sobre contrastes entre espanhol e português.

Negar a validade da análise contrastiva significa negar um comportamento natural do ser humano, pois o que nós, professores, verificamos em sala de aula são os próprios alunos realizando comparações entre sua língua materna e a língua estrangeira durante a aprendizagem; questionando por que algumas estruturas da língua estrangeira são diferentes da língua materna, ou, concluindo que determinadas regras são mais simples ou mais complexas na língua estrangeira do que na língua materna. Portanto, o contraste entre línguas em contato é indissociável do processo de aprendizagem da língua estrangeira.

Sobre isso, Fernández (2004, p. 5) considera, com base em situações observadas em sala de aula, que os alunos passam a entender melhor alguns aspectos de sua língua materna depois de determinada aula de língua estrangeira, pois, muitas vezes, o professor precisa primeiro explicar algo em língua materna, devido à falta de conhecimento dos alunos sobre tal aspecto, para depois explicá-lo em língua estrangeira, ou seja, para essa autora, esses casos demonstram que, “de maneira grosseira ou subconsciente”, o que professores e alunos estão fazendo nada mais é do que utilizar os princípios da Lingüística Contrastiva. E afirma que:

A partir do momento em que reconhecemos que determinado conhecimento em língua materna é essencial ou facilita a assimilação da língua estrangeira em estudo, reconhecemos que a relação entre ambos os idiomas não só é estreita mas, sim, que é inevitável (FERNÁNDEZ, 2004, p. 5-6).

E, ao ser inevitável fazer parte do comportamento natural dos aprendizes que buscam nesse contraste apoio para a aprendizagem da língua estrangeira, tanto no que se refere ao que é semelhante, quanto no que difere de sua língua materna, visualizamos a validade prática da análise contrastiva na aprendizagem de línguas estrangeiras. Não defendemos aqui, contudo, a aplicação da análise contrastiva como único modelo utilizável no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, mas concordamos com a afirmação de Slama-Cazacu (1979, p. 149-150), ao assinalar que, “no fundo, a ACs [análise de contatos] é uma pesquisa antecipatória precedente à metodologia propriamente dita do ensino de uma língua”, isto é, esse tipo de análise nos oferece uma base para manejar os problemas que serão enfrentados pelos alunos em sala de aula, principalmente no que se refere à interferência de estruturas da língua materna na produção/recepção em língua estrangeira.

Como dissemos no capítulo inicial, nessa pesquisa, por tratarmos da interferência lexical da língua materna na língua estrangeira e, mais especificamente, da interferência que os **falsos amigos** podem causar nesse processo, iremos aplicar os passos indicados por Lado para a comparação de dois sistemas de vocabulário.

Em relação à análise contrastiva direcionada aos “falsos cognatos”, Lado esclarece que:

O problema aqui não é simplesmente o de unir um sentido conhecido a uma nova forma mas também o de perceber uma nova distinção de sentido, uma maneira diferente de classificar a realidade. As palavras que são semelhantes na forma mas diferentes no sentido – a que demos o nome de falsos cognatos – constituem um grupo especial situado bem alto na escala de dificuldade. Daremos a essas palavras o rótulo de difíceis (LADO, 1971, p. 117).

Considerando, então, os princípios do Modelo de Análise Contrastiva juntamente com as afirmações de Lado sobre a aprendizagem dos falsos cognatos, podemos inferir a necessidade de uma descrição sistemática deste tipo de lexia nas duas línguas, já que apresenta muitas dificuldades durante o processo de aprendizagem de língua estrangeira. Trazemos isso para o ambiente de aprendizes brasileiros, o que vem sendo feito em trabalhos já realizados a esse respeito, como os de Serey Leiva (1994), Bugüeno Miranda (1998), Durão (1998, 2002b), Pelizzari

Alonso (2006), entre outros, sobre os quais discorreremos no capítulo referente ao estudo sobre os **falsos amigos**.

A análise contrastiva de dois sistemas de vocabulário proposto por Lado (1971 p. 123-126) consiste, primeiramente, em elencar um vocabulário limitado para análise, pois, como já referimos, “o vocabulário total de qualquer uma das línguas [...] é extremamente grande e demandaria uma vida inteira de pesquisa para ser comparado, item por item, com qualquer outro vocabulário total”. Com o recorte realizado, deve-se proceder à comparação da forma seguida da comparação do sentido e, finalmente, da comparação da distribuição e da conotação dos vocábulos selecionados.

Durão (2004a, p. 31), ao considerar que, principalmente, entre as línguas tipologicamente próximas existem diversos vocábulos em comum, ainda que exista semelhança em sua forma, afirma ser necessária uma análise acurada dessas formas a fim de averiguar se estas apresentam igualdade ou diferença em cada ambiente. Assim, reinterpreta o modelo proposto por Lado e sugere que a análise contrastiva em nível léxico-semântico seja realizada de acordo com o seguinte modelo:

Verificar se há vocábulos similares entre as línguas em questão; elaborar uma lista desses vocábulos em cada uma dessas línguas; elaborar um único quadro de vocábulos para as duas línguas para que se possa observar facilmente semelhanças e diferenças; verificar se a frequência de uso desses vocábulos é similar em ambas as línguas; realizar predições de dificuldades e erros tomando por base as diferenças entre os vocábulos (DURÃO, 2004a, p. 32).

Sendo o espanhol e o português “línguas-irmãs”, devido a sua origem latina, a ocorrência de vocábulos em comum nas duas línguas torna-se vultosamente maior do que entre línguas de origem diversa. Estudos como o de Richman (1965, apud DURÃO, 2002b, p. 15-16) demonstram que o número de vocábulos homossemânticos entre as duas línguas pode chegar a 90%, considerando seus acervos léxicos em vários campos semânticos. Contudo, mesmo havendo tal identidade no acervo léxico das duas línguas, fato que favorece o conhecimento intuitivo de uma quantidade considerável de palavras de ambos os idiomas, conforme afirma Durão (2002b, p. 16), em alguns casos esta semelhança se resume ao plano do significante, e as diferenças surgem ao longo da história e do desenvolvimento próprio de cada língua, que pode tanto coincidir, como não.

Sobre esse aspecto, gostaríamos de ressaltar o aspecto sócio-histórico-cultural e a influência que exerce nos significados que as palavras tendem a assumir em cada língua, tendo em vista que a homonímia e a polissemia interlingüística das palavras é foco central de nossa pesquisa. Segundo Iglesias Casal (2003, p. 6), a língua é “o meio pelo qual o homem cria sua concepção, compreensão e valores da realidade objetiva”, atuando como intermediária entre o sujeito e o objeto. Para a autora, as palavras que escutamos ou que pronunciamos formam um contexto semântico, ou clima verbal, que exerce influência sobre nós e, da mesma maneira, as palavras apresentam, também, um significado intencional que é constituído por aquilo que sugere em nossa mente.

Tendo em vista que os aspectos sócio-histórico-culturais de diferentes comunidades se refletem na língua que falam e que, portanto, a língua de cada povo se constrói sob influência direta de seus hábitos, crenças e costumes, é relevante considerá-los como fator constitutivo de semelhanças e divergências lingüísticas durante o processo de análise contrastiva do léxico que se tem como objeto de estudo.

4 ESTUDOS SOBRE O LÉXICO

“A palavra tende a constituir uma realidade dotada de poder” (BIDERMAN, 1998, p. 81). Com essa afirmação damos início ao estudo do léxico, especialmente dos **falsos amigos**, pois acreditamos, como já dissemos, que é através da palavra que as comunidades lingüísticas se inserem no mundo e significam diante dele. É através dela que o ser humano transmite não somente seus conhecimentos, como também, sua cultura, seu modo de ser, de ver e representar o mundo que o cerca.

A constituição dessa representação ocorre por meio da palavra, pois é a partir dela que “as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88). Ainda que determinadas realidades sejam compartilhadas por comunidades diferentes, fato que leva ao compartilhamento de signos lingüísticos em comum, cada universo pode ser representado de maneira particular por determinada comunidade lingüística, conduzindo a diferenças no âmbito das significações.

Conforme Biderman (1998, p. 91-92), o léxico de uma língua é constituído com o intuito de registrar e nomear o conhecimento que o indivíduo tem do universo que o rodeia, cristalizando-o por meio signos. Considerando que cada povo passou por diferentes processos constitutivos de sua realidade, sua forma de registrar tal constituição torna-se singular, construindo, portanto, traços distintivos na forma de retratar os fatos. Isto é, uma realidade compartilhada leva a denominações também compartilhadas.

Com base nos estudos sobre a teoria Sapir-Whorf, essa autora afirma que:

A conceptualização da realidade se revela claramente nos idiomas, pois todo sistema lingüístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Isso significa que cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas (BIDERMAN, 1998, p. 93)

Com isso, ao entrar em contato com uma língua estrangeira, o aprendiz não se depara somente com o vocabulário e com a estrutura lingüística da língua em questão, mas, também, com o modo de conceituar a realidade que a comunidade de falantes nativos dessa língua apresenta. Isso significa que o falante nativo de uma língua possui a capacidade de identificar uma palavra como sendo da sua língua através da experiência que a vivência com seu idioma lhe proporcionou, assim como é capaz de associá-la à realidade à qual se refere pelo mesmo motivo. Dessa forma, quando o aprendiz conhece determinada palavra em língua estrangeira, somente será capaz de empregá-la adequadamente ao conseguir internalizar, além de seu significado, a realidade a que denomina.

Segundo Villalba (2002, p. 49), em 1976 Richards se propôs responder o que significa conhecer uma palavra. Ao oferecer respostas a essa pergunta, de acordo com Villalba, o autor não se preocupou com questões teóricas, mas teve, na verdade, objetivos práticos, como fornecer informações que permitissem “determinar o *status* do vocabulário no programa de ensino, bem como proceder a uma revisão resumida dos avanços da lingüística”. Seguindo o mesmo percurso que Villalba, buscamos os estudos de Richards e verificamos que seus pressupostos foram: (i) conhecer uma palavra significa conhecer a probabilidade de encontrar essa palavra na fala ou na escrita; (ii) conhecer as limitações impostas ao uso da palavra de acordo com a função e a situação; (iii) conhecer o comportamento sintático associado com essa palavra; (iv) conhecer a forma subjacente da palavra e das derivações que possam ser feitas dela; (v) envolve o conhecimento da rede de associações entre essa palavra e outras na língua; (vi) conhecer seu valor semântico; (vii) conhecer muitos dos significados diferentes associados a ela (RICHARDS, 1976, p. 78-82).

Se pensamos no aprendizado formal de uma língua estrangeira, observamos que alguns desses pressupostos oferecem dificuldade de realização apenas nos estágios iniciais da aprendizagem, dificuldade esta que pode ser superada gradativamente conforme a evolução da aprendizagem da língua em questão. Outros, entretanto, como, por exemplo, os itens iv, vi e vii, tornam-se consideravelmente complicados e de difícil realização, visto que o aprendiz não possui a vivência nessa comunidade de falantes que lhe forneceria o contato lingüístico-cultural, entre outros, necessário para aquisição de tais conhecimentos.

Baralo (2001), explica que ao entrar em contato com uma língua estrangeira, o aprendiz ativa, de forma inconsciente, o léxico mental de sua língua materna e estabelece, na língua que está aprendendo, as mesmas relações associativas que estabeleceria em sua língua materna, aplicando a esse léxico os mesmos significados e usos que teria na língua que ele já conhece e usa em seu cotidiano, gerando transferência ou interferência lexical, conforme veremos no próximo tópico.

4.1 INTERFERÊNCIA LEXICAL

Aparentemente, todos os fenômenos relacionados à Linguística Aplicada são de difícil definição. Ringbom (1992, p. 87) declara que, nessa área, diferentes abordagens para a análise de um mesmo problema conduzem à diversificação da utilização de um termo comum. É o que ocorre quando se trata de definir o fenômeno conhecido como transferência.

Segundo Ringbom, Dechert e Raupach (1989 apud RINGBOM, 1992) realizaram um estudo no qual apresentaram dezessete diferentes definições para transferência; e, Odlin (1989 apud RINGBOM, 1992)⁴, afirmou ser inatingível uma definição adequada de transferência sem que se definam adequadamente outros termos como estratégia, simplificação e processo e ainda que, para se definir plenamente o termo transferência, faz-se necessária uma definição plenamente adequada de língua.

Basta-nos em nossa pesquisa apenas salientarmos que nos primeiros estudos realizados sobre Análise Contrastiva sob influência dos estudos behavioristas e sob o enfoque psicológico, considerava-se haver transferência “quando um organismo tenta aprender algo novo trata de equiparar esse novo conhecimento com algo já sabido e quando a forma com a qual se resolveu um problema dita o modo de se resolver outro” (DURÃO, 2007, p. 34). Segundo Durão, isso significa dizer que o conhecimento prévio exerce influência sobre as novas

⁴ Sobre essa questão, Durão (2007, p. 35), comenta que “Odlin (1989) ya había argumentado que para que se pudiera proponer una definición realmente fiable de transferencia lingüística sería necesario que se elaboraran definiciones acertadas de términos tales como *estrategia, proceso, simplificación* y, principalmente, *una definición totalmente adecuada de lengua*” (grifos da autora).

aprendizagens, ou seja, a língua materna, da qual o aprendiz já possui amplo conhecimento, ainda que este seja informal, irá influenciar no aprendizado de uma língua estrangeira qualquer, “ditando” modos de se resolverem problemas lingüísticos nessa última, de forma espontânea e automática. Segundo essa autora, que tomou como base o estudo de Salomón e Perkins, tal influência ocorre “com pouca necessidade de pensamento reflexivo” (DURÃO, 2007, p. 34).

Durão salienta que os psicólogos Salomón e Perkins (1989 apud 2007, p. 34-35) descreveram dois diferentes tipos de transferência, que são: “Transferência Próxima”, que é aquela que implica em uma transferência espontânea e automática de habilidades que necessitam de pouca reflexão, ou seja, são adquiridas através de práticas repetitivas que levam à automatização; e “Transferência distante”, que se refere à aplicação consciente de conhecimentos adquiridos a diferentes situações. A autora destaca que a *transferência distante* se denomina assim devido ao fato de que se pretende que seja aplicada em etapas posteriores, ou seja, em etapas mais avançadas da aprendizagem, quando o aprendiz toma consciência do processo de transferência e aplica de, forma consciente, unidades léxicas ou estruturas sintáticas, por exemplo, da sua língua materna, ou de outras línguas aprendidas anteriormente, na construção do sentido da língua estrangeira que está aprendendo.

Esse conceito behaviorista ou comportamentalista adotado pela Psicologia foi transportado para a Lingüística e dessa para a Lingüística Aplicada, conforme explica Durão (2007, p. 35), através da Análise Contrastiva, dando relevância exclusivamente, segundo essa pesquisadora, à “transferencia cercana”, que visava apenas ao automatismo de hábitos. Durão (2007, p. 36) salienta que, durante o período em que vigoravam os estudos comportamentalistas, a transferência era considerada como o fenômeno psicológico responsável por transferir as estruturas da língua materna do aprendiz para a língua estrangeira que estivesse aprendendo. Ressalta, também, que tal comportamento se devia ao condicionamento de hábitos anteriores sobre novos hábitos, fato que poderia conduzir à transferência negativa ou interferência.

Vemos nessas afirmações, que não somente a aprendizagem de línguas era tida como uma formação de hábitos condicionados como também a transferência era uma consequência de hábitos adquiridos que deveriam ser erradicados para que não houvesse interferências da língua materna no

“condicionamento” da aprendizagem da nova língua durante a formação de novos hábitos. Ou seja, percebemos claramente o caráter automatizado atribuído aos dois fenômenos: à aprendizagem e à transferência.

Futuramente, principalmente na década de sessenta, com o início dos estudos inatistas sobre a aquisição da linguagem, surgiram novos conceitos sobre o fenômeno da transferência lingüística, período no qual esta deixou de ser vista como um condicionamento de hábitos e passou a se revestir de uma “natureza cognitiva” (DURÃO, 2007, p. 37). Entendeu-se que o aprendiz é capaz de fazer uso de seus conhecimentos lingüísticos prévios, assim como de fatores afetivos e socioculturais, para expressar-se em língua estrangeira. Nesse contexto, a transferência deixou de ser vista como um processo mecânico de simples transposição de hábitos e passou a ser vista “como um mecanismo cognitivo do qual o aprendiz lança mão e que pode dotar sua interlíngua de diferentes perfis” (DURÃO, 2007, p. 37).

Apesar da mudança de natureza conceitual, a transferência continua em foco nas pesquisas relacionadas à aquisição de línguas estrangeiras e a língua materna continua exercendo seu papel durante esse processo, sem que se delimitem, com segurança, os pontos em que sua participação atua como facilitadora ou dificultadora da aprendizagem. Nos pontos em que há transferência positiva, ou somente “transferência”, a estrutura ou o léxico da língua materna se amoldam perfeitamente à estrutura da língua estrangeira; e nos pontos em que há transferência negativa, ou “interferência”, as estruturas da língua materna não se ajustam à da língua estrangeira, necessitando uma adequação da mesma para que se produza o efeito desejado na língua que se aprende. Para evitar equívocos na aplicação destas denominações, optamos por utilizar em nossa pesquisa o termo “transferência” para nos referirmos à transferência positiva e “interferência” para nos referirmos à transferência negativa.

4.1.1 A Interferência Lexical do Português, Língua Materna, na Aquisição do Espanhol, Língua Estrangeira

A interferência pode ser interlingüística ou intralingüística. No caso da primeira, em decorrência da interferência da língua materna do aprendiz ou de

outras línguas que ele já tenha aprendido; no segundo caso, em decorrência de interferência da própria língua estrangeira que se aprende.

Segundo Camorlinga (1991, p. 10), durante a aprendizagem de uma língua estrangeira o adulto jamais poderá desaprender sua língua materna, que permanecerá presente “de uma maneira sutil ou óbvia, ajudando ou dificultando a aprendizagem da L-2, de forma consciente ou inconsciente”. Portanto, ainda que erros causados por: i) simplificação: que ocorre quando os aprendizes simplificam as regras da língua meta; ii) generalização: conhecidos também como sobregeneralização ou hipergeneralização, que ocorre quando os aprendizes aplicam as regras da língua meta em contextos inadequados; iii) indução: que ocorre por derivação da forma em que um elemento lingüístico foi apresentado aos aprendizes e de como o praticaram; iv) produção excessiva: que ocorre quando os aprendizes repetem determinadas estruturas, reiterando-as de maneira desnecessária – que, segundo classificação de Durão (2007, p. 18) se caracterizam como erros intralingüísticos – possam afetar o desenvolvimento da aprendizagem da língua estrangeira, a interferência da língua materna também poderá ser fonte causadora de erros, já que estará atuando como esteio para a construção de sentido no novo sistema lingüístico que se aprende.

Apoiando-se nos estudos realizados por Ringbon (1986 apud VILLALBA, 2002, p. 22), Villalba afirma que “o aprendiz novato abordaria a nova língua amoldando o léxico de sua língua às regras da outra língua, baseando-se na percepção de semelhanças entre as duas línguas implicadas”.

Quando analisamos duas línguas tão próximas como o espanhol e o português, em que, conforme relata Richman (1965 apud DURÃO, 2002, p. 15-16), até 90% do vocabulário pode ser homossemântico, a interferência lexical pode ser bastante acentuada, devido à grande semelhança que apresentam.

Conforme Camorlinga (1991, p. 13), “a transferência é o resultado da suposição, consciente ou não, de que a língua-alvo coincide pelo menos em parte com a língua materna”, e completa com as palavras de Ringbon (1984 apud CAMORLINGA, 1991, p. 13), quem assevera que, “quando a LM é cognata da L-2 a transferência é causada pela suposição que entre ambas as línguas há uma perfeita equivalência”. É o que ocorre com produções realizadas por alunos brasileiros aprendizes de espanhol em que, devido à semelhança ou quase “transparência” existente entre as duas línguas, tendem simplesmente a transferir o léxico e a

estrutura da língua portuguesa para a língua espanhola, causando problemas de interferência facilmente identificáveis por professores de espanhol ou falantes nativos desse idioma. Corroboramos, então, as palavras de Camorlinga (1991, p. 12) quando se refere à permeabilidade existente entre as línguas que entram em contato, dando vazão a transferências e/ou interferências, durante um processo em que a língua estrangeira é considerada passiva, enquanto a língua materna exerce um papel ativo, tornando-se invasora tanto em nível receptivo como produtivo.

Devido à semelhança entre as duas línguas, o aluno brasileiro costuma julgar o espanhol como uma “língua fácil”, chegando ao ponto de muitos não demonstrarem interesse no estudo dessa língua por acreditarem que já falam/entendem espanhol apenas por serem brasileiros. A consequência da crença nomeada por Villalba (2002, p. vii) como “mito da língua fácil” decai com o decorrer dos estudos, ao avançarem dos estágios iniciais de aprendizagem para os estágios intermediários, quando percebem que realmente existem muitas semelhanças entre as duas línguas, mas que, ao mesmo tempo, também existem muitas falsas semelhanças. É nesse estágio da aprendizagem que ocorre o que Villalba (2002, p. 5) afirma ser uma “dificuldade em discernir os pontos coincidentes daqueles que só parecem coincidir” nos dois idiomas, levando o aluno a recorrer ao português para expressar-se, de forma oral ou escrita, em espanhol, fato que gera interferência interlingüística por desconhecimento dos limites dessa linha divisória tênue que há entre os dois idiomas.

Para confirmar nosso posicionamento em relação a esse fato, retomamos as palavras de Villalba (2002, p. 21):

O brasileiro aprendendo o léxico espanhol se veria numa dificuldade especial derivada da superposição de parâmetros do português e do espanhol em grande quantidade que o confundiria, impedindo-o de discernir os poucos espaços discriminados de cada língua.

Essa mesma autora, ao concentrar-se na questão da interferência lexical do português como língua materna diante da aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, ressalta que “é comum constatar entre os aprendizes, principalmente entre os iniciantes, a estratégia de adaptar o vocabulário português às regras gramaticais do espanhol” (VILLALBA, 2002, p. 22). Ao deparar-se com o aprendizado de uma nova língua, o aprendiz ativa os conhecimentos que possui em sua própria língua, o português, e atribui aos **falsos amigos** existentes entre esta e

a língua estrangeira, o espanhol, os significados que estas palavras têm em sua língua materna.

Especificamente no caso dos **falsos amigos**, a ativação desses conhecimentos prévios do português como recursos ou estratégias de aprendizagem do espanhol gera problemas acentuados de interferência interlingüística durante a aquisição do léxico de espanhol, a qual “seria mais complexa do que aparenta pela excessiva semelhança com a língua materna [...] acrescida de uma **ilusão visual** proporcionada por formas idênticas e/ou semelhantes” (VILLALBA, 2002, p. 22), (grifo nosso), mas com significados diferentes entre as duas línguas, fato representado, primordialmente, mas não exclusivamente, pelos vocábulos que compõem o léxico considerado como **falsos amigos** entre as duas línguas.

Conforme afirma Villalba (2002, p. 63) com base em Coady e Brown, “os aprendizes têm uma probabilidade maior de aprender uma palavra para a qual eles já possuam um conceito, que seja anterior ao momento em que verão ou ouvirão sua forma pela primeira vez”. Devido à semelhança entre as duas línguas, o aprendiz brasileiro, ao aprender espanhol, já tem internalizada boa parte desses conceitos. Este conhecimento prévio de conceitos em português pode ser considerado como facilitador durante a aprendizagem do espanhol, mas pode atuar como um complicador durante a aquisição do léxico tido como **falsos amigos**, já que ao deparar-se com eles durante a leitura ou produção de textos orais e escritos em língua estrangeira, o aprendiz irá acionar o conceito referente a essa imagem acústica em sua língua materna, que diferirá em sentido, quando não totalmente, ao menos parcialmente, na língua estrangeira, causando um choque ou uma interrupção na cadeia comunicativa em questão, fazendo com que uma parte, ou o todo da mensagem deixe de ser compreendida pelos interlocutores.

Biderman (1998, p. 18) afirma que é “relativamente simples atribuir uma forma a um item lexical; é difícil, porém, especificar os limites do conceito ao qual ele se refere”. Acreditamos que em relação aos **falsos amigos** a mensagem dada nessa afirmação torna-se ainda mais intensa e complexa, pois o aprendiz já tem um conceito, ou conceitos, atribuídos a uma forma lexical dada em sua língua materna – isto é, o aprendiz já reconhece o(s) significado(s) relacionado(s) ao significante que constitui(em) determinado signo lingüístico em sua língua materna – e não pode transportá-los à língua estrangeira sem o risco de que nesta eles não se apliquem inteira ou parcialmente.

5 FALSOS AMIGOS

De acordo com Pérez Velasco (1995, p. 597) o termo “falsos amigos” apareceu pela primeira vez em 1928, tendo sido empregado por Koessler e Derocquigny no livro *Les Faux Amis ou les trahisons du vocabulaire anglais*⁵. Pérez Velasco (1995, p. 599) explica que esses autores estudaram somente os “falsos amigos” que não compartilhavam nenhum dos significados de seus parentes etimológicos, ou seja, aqueles que possuíam a mesma origem, assemelhavam-se na forma, mas que não tinham nenhum significado em comum. Pérez Velasco (1995, p. 599) fala também que Vinay e Darbelnet se voltaram para os “falsos amigos” que, além de possuírem parentesco etimológico e semelhança na forma, compartilhavam significados comuns. Ou seja, tanto Koessler y Derocquigny como Vinay e Darbelnet consideravam a origem, a forma e o significado ao estudar as diferenças e semelhanças entre os vocábulos tidos como “falsos amigos”.

Ao longo dos anos, outros estudos foram realizados sobre o mesmo tema, e em alguns deles, a origem dos vocábulos foi deixada de lado, levando-se em conta apenas a forma e o significado como fatores determinantes para a formação dos “falsos amigos” entre pares de línguas (PÉREZ VELASCO, 1995).

Em nosso estudo, consideramos de suma importância levar em conta o fator etimológico por acreditarmos que pode facilitar a compreensão dos significados compartilhados por tais palavras nos idiomas em questão, pois conduzirá o aprendiz da língua estrangeira à reflexão sobre sua raiz e, conseqüentemente, sobre seu significado. Consideramos, também, que palavras com a mesma origem ao longo do tempo sofrem modificações semânticas devido ao uso dado por seus usuários, fazendo com que em uma língua prevaleça o uso de um dos significados e, na outra, outro significado, ou ainda, que se criem novos significados não compartilhados por ambas as línguas.

5.1 ORIGEM DOS TERMOS

⁵ Entre as leituras que realizamos sobre o assunto encontramos esta mesma afirmação nos trabalhos de Serey Leiva (1994, p. 13); Bogueño Miranda (2003, p. 105); Sabino (2006, p. 253); Seccato (2006, p. 24); e outros, aos quais os autores citados fazem referência em seus textos.

Ao dar início a uma pesquisa sobre os falsos amigos, o pesquisador se depara com outros termos considerados sinônimos: “falsos cognatos” e “heterossemânticos”. Tentaremos, na seqüência, buscar a origem de cada uma dessas terminologias, ou seja, onde e quando surgiram pela primeira vez na literatura correspondente e identificar quais teóricos cunharam tais denominações.

5.1.1 Falsos Cognatos

Apesar de ser amplamente utilizado na literatura científica, não encontramos referência sobre quando ou quem cunhou esse termo na maioria dos textos lidos.

Entre os textos publicados no Brasil, encontramos uma breve indicação de quem poderia ter cunhado este nome no texto de Mascherpe e Zamarin (2000, p. 9)⁶, no qual os autores afirmam que “Altrocchi foi o primeiro a usar o termo ‘falso cognato’ em seu trabalho, e Scatori, posteriormente, aproveitou o mesmo título em estudo semelhante”.

Zamarin (1965, p. 887) já havia afirmado isto quando publicou seu texto sobre os “falsos cognatos” existentes na relação português-inglês: “Altrocchi foi o primeiro a usar o termo “cognatos enganosos” em seu trabalho, e Scatori mais tarde usou o mesmo título em um estudo similar”. Nesse estudo, Zamarin também relata que Altrocchi, Scatori e Koessler e Derocquigny realizaram estudos semelhantes com as línguas italiana, espanhola e francesa, respectivamente, em relação ao inglês.

Em 1941, Johnston publicou um artigo com o título *Spanish-English Cognates of High Frequency*, na revista *The Modern Language Journal*, no qual também faz referência aos trabalhos realizados por Altrocchi e Scatori sobre os “*deceptive cognates*”:

⁶ Bugueño Miranda (2002, p. 187), ao falar sobre os *vários (e errôneos) nomes para um mesmo fenômeno*, faz uma menção a Altrocchi (1935), possivelmente indicando ter sido este autor a usar pela primeira vez o termo “falsos cognatos”, e em nota de rodapé, esclarece que retirou a informação de Mascherpe e Zamarin (1998, p. 9), mesmo livro que utilizamos aqui, porém de edição anterior.

No presente trabalho não foi feito nenhum esforço para tratar desta importante etapa de estudo do vocabulário. Espera-se que a lista possa servir como início para um trabalho após a forma sugerida por Scatori e por Altrocchi em seus estudos sobre cognatos enganosos (JOHNSTON, 1941, p. 407).

Os estudos realizados por Altrocchi e depois por Scatori serviram de base para que outros pesquisadores trilhassem o mesmo caminho com a premissa de ampliar a quantidade de vocábulos nos glossários iniciados por eles. Ainda que Johnston afirme não ter feito grande esforço para aprofundar-se na lista de vocábulos, ressalta o desejo de que sua contribuição sirva para que outros possam ampliar seus estudos.

Scatori (1932, p. 396) esclarece que o título de seu trabalho teve origem num trabalho similar realizado por Altrocchi e publicado no volume 4 da revista *Italica* em 1929. Verificamos que, como afirmam Zamarin (1965) e Mascherpe e Zamarin (2000), a denominação foi utilizada primeiramente por Altrocchi ao realizar um estudo contrastivo dos falsos cognatos existentes no eixo italiano-inglês e, seu conceito e forma de classificação, retomados por Scatori em 1932, abordando o eixo espanhol-inglês. Scatori inicia seu texto afirmando que:

O assunto de cognatos é uma área de interesse a todos os estudantes de línguas, sejam eles professores ou tradutores. O uso correto e sensíveis percepções podem vir apenas de um completo conhecimento do significado das palavras e nada é mais desconfiável do que as falsas similaridades dos cognatos. Todos os professores de línguas sabem que desastrosos resultados são obtidos de estudantes que são induzidos ao erro por essas falsas aparências (SCATORI, 1932, p.396).

As palavras de Scatori nos permitem identificar quão ampla é a área que pode ser afetada pela interferência dos “*deceptive cognates*”. Na seqüência, Scatori admite que as palavras falsas cognatas podem manter resquícios de seu significado de origem nas duas línguas, mas que esses significados não são os principais. São significados secundários que, provavelmente, não estão mais em uso nas línguas em confronto ou não constituem a primeira acepção que vem à mente dos falantes dessas línguas no momento da interlocução, apesar de existirem.

Ao falar claramente sobre os cognatos – palavras com a mesma origem – existentes entre essas duas línguas e as dificuldades que os diferentes significados atribuídos a elas em cada língua pode causar para estudiosos e

tradutores, Scatori nos deixa entrever que considera em sua classificação o fator etimológico relacionado a essas palavras nas duas línguas. Scatori (1932, p. 396) esclarece que: “Outro ponto precisa ser enfatizado. Eu me limitei inteiramente ao espanhol falado na Espanha. Eu faço esta afirmação para prevenir de alguma crítica na tradução dos termos que podem ter um significado diferente na América espanhola”. Esse ponto deve ser levado em conta nos trabalhos realizados entre pares de línguas faladas em mais de um país, como é o caso do espanhol e do inglês, por exemplo, línguas que, após serem transportadas a outros países acabaram por sofrer evoluções não somente internas, bem como externas, devido a influências sofridas pelo contato com outros povos e civilizações gerando diferenças de significado em palavras da mesma língua.

Scatori classifica os “*deceptive cognates*” através de três critérios: 1- parentesco entre os pares de vocábulos, isto é, etimologia comum; 2- semelhança ortográfica e/ou fonológica, o que chamou de “falsa semelhança”; 3- significados diferentes, mas, admitindo a manutenção de significados semelhantes que não são primários em cada língua.

No livro *Deceptive Cognates*, publicado em 1935, Altrocchi esclarece no prefácio que, antes dessa data, já havia publicado quatro listas de *deceptive cognates* na Revista *Italica*, nos anos de 1929, 1930, 1931 e 1932, e que o livro é uma reimpressão de tais listas, devidamente revisadas e ampliadas. Altrocchi inicia seu livro falando sobre as dificuldades da tradução e sobre a necessidade de conhecer profundamente e estar familiarizado com as duas línguas envolvidas nesse processo. Afirma que a tradução é uma “fina arte”, extremamente difícil, se não impossível, em que, ainda que os alunos conheçam exaustivamente os “maneirismos” de sua língua materna, irão apenas aproximar-se de uma tradução exata, pois podem se desviar de seu intento devido à semelhança entre as palavras nas duas línguas. Semelhança que pode ser enganadora por se parecerem na forma, mas apresentarem significados completa ou suficientemente diferentes entre o italiano e o inglês – línguas contrastadas pelo autor – a ponto de causar má tradução.

Em relação à escolha do título de seu livro, Altrocchi esclarece que:

Cognatos Enganosos! “Que título pobre,” alguém pode dizer. Concordo. Pobre, mas honesto. “Falsos amigos” teria sido um título muito melhor, mas pertence aos senhores Koessler e Derocquigny, que muito afortunadamente o inventaram; e eu não senti que seria justo usá-lo. Embora estranho, é um título honesto, porque diz apenas o que se entende. Que as palavras abordadas são “enganadoras” parece claro; quanto ao substantivo “cognato”, Webster dá, como uma de suas definições: “de uma mesma ou similar natureza”. Na verdade, as palavras abordadas, nem sempre cognatas etimologicamente, parecem tanto uma com a outra na pronúncia ou som que podem bem ser ditas que dividem uma “natureza similar”. É neste sentido, muito validamente eu creio, que a palavra “cognato” é usada (ALTROCCHI, 1935, p. 5-6) (grifos do autor).

Primeiramente, queremos destacar a menção que Altrocchi faz à denominação criada por Koessler e Derocquigny, elogiando-a e justificando-se por não utilizar o mesmo título devido ao fato de considerar que esta não seria uma atitude justa. Além disso, na introdução do livro Altrocchi demonstra por duas vezes sua admiração pela escolha do título do livro, *Les faux amis*, e pelo trabalho realizado pelos autores.

Altrocchi esclarece que denomina essas palavras de *deceptive cognates* por considerar que: 1- essas palavras são realmente “enganadoras”; 2- adota a definição de Webster para “cognato”, ou seja, “de uma mesma ou similar natureza”. Altrocchi considera como *deceptive cognates* palavras que nem sempre são etimologicamente cognatas, ou seja, acredita que por possuírem tanta semelhança na forma e/ou na pronúncia, seria possível dizer que dividem uma “natureza similar”.

Com isso, verificamos que Altrocchi, ao selecionar o léxico classificado em seu livro, não fez distinção entre as palavras que têm a mesma origem e as que não a têm. Sua classificação baseou-se, pois, em dois critérios: 1- forma e/ou pronúncia igual ou semelhante; 2- significados diferentes nas duas línguas.

Em relação à escolha do título de seu próprio trabalho, Altrocchi reconhece que alguém possa considerá-lo “pobre”. Não diríamos que o consideramos pobre, posto que é criativo, mas, inadequado, já que oferece uma intencionalidade “enganadora” às palavras, intencionalidade esta que, a nosso ver, não se encontra nas palavras, mas, sim, no aprendiz, que busca atribuir à palavra a responsabilidade por seu desconhecimento do vocabulário – etimológico, semântico

e de uso – da língua estrangeira que está aprendendo. E, um mesmo desconhecimento em relação à etimologia, semântica e uso dessas palavras em sua língua materna, que, muitas vezes, possuem significados compartilhados com os mesmos vocábulos na língua estrangeira.

5.1.1.1 “*Deceptive cognates*” e “*false cognates*”

Nos textos que deram início aos estudos sobre os **falsos amigos**, a denominação utilizada foi “*deceptive cognates*”, o que nos forneceria, ao traduzirmos literalmente para o português, a denominação “cognatos enganosos”. Entretanto, a denominação que prevaleceu na literatura científica no Brasil para designar esse fenômeno, juntamente com as denominações “falsos amigos” e “heterossemânticos”, foi a de “falsos cognatos” e não “cognatos enganosos”. Diante disso, decidimos realizar uma busca na literatura correspondente com o intuito de averiguar porque a denominação “falsos cognatos” prevaleceu sobre “cognatos enganosos” no Brasil.

Lado (1957, p. 83) utiliza a denominação “*deceptive cognates*” ao referir-se à dificuldade ou facilidade de aquisição do vocabulário da língua estrangeira. Trata, ao comparar dois sistemas de vocabulários, de *cognates* e “*deceptive cognates*”⁷, ou seja, “cognatos” e “cognatos enganosos” e explica em nota de rodapé que:

O termo “falsos cognatos”, como usado aqui, refere-se somente à semelhança em forma e diferença de sentido: não se refere à origem das palavras. Na terminologia lingüística comum, falsos cognatos referir-se-ão a palavras em duas línguas que, embora possam parecer, por sua forma, aparentadas na origem, não apresentam êsse tipo de relacionamento. Para nós um caso assim, se os sentidos fôssem também semelhantes, seria classificado como cognatos (LADO, 1971, 116-117). Vemos que Lado observava apenas a semelhança na forma e a diferença de significados para classificá-las como tal, sem preocupar-se com a etimologia, de maneira semelhante à classificação de Altrocchi,

⁷ O capítulo 4 do livro *Linguistics Across Cultures: Applied Linguistics for Language Teachers*, Lado aborda o tema *How to compare two vocabulary systems*, apresenta sete diferentes tipos de palavras a considerar na comparação segundo padrões de dificuldade: *Cognates, Deceptive Cognates, Different Forms, ‘Strange’ Meanings, New Form Types, Different Connotation* e *Geographical Restrictions*. A classificação segundo os padrões de dificuldade foram de 1- *easy*, 2- *normal*, 3- *difficult*. Lado classificou os vocábulos denominados “*deceptive cognates*” como *difficult*. (LADO, 1957, p.82-89)

de 1929. Ressalta, contudo, que, na terminologia lingüística comum, o termo “*deceptive cognates*” é usado para designar as palavras que, apesar de se parecerem na forma, não têm origem comum. Salientamos o fato de Lado usar a expressão “*deceptive cognates*” e não “*false cognates*”, expressão que, ao traduzir literalmente, resultaria na tradução para o português como “falsos cognatos”. Na tradução do livro de Lado para o português, que tem por título *Introdução à Lingüística Aplicada* (LADO, 1971), o termo “*deceptive cognates*” foi traduzido como “falsos cognatos”. A tradução realizada indica uma sinonímia entre os termos “*deceptive cognates*” e “*false cognates*”. Já na tradução do mesmo livro para o espanhol cujo título é *Lingüística Contrastiva: lenguas y culturas* (LADO, 1973), o termo aludido apareceu como “*falsas palabras similares*”⁸ e não como “*falsos amigos*” ou “*falsos cognados*”, termos comumente usados nos estudos sobre o tema em espanhol, nem como “*cognados engañosos*”. Zamarin (1965, p. 887), diferentemente dos demais autores, faz uso das duas denominações juntas:

Um dos mais fascinantes assuntos para estudantes e professores de línguas, também para tradutores, é o estudo e o efetivo uso de palavras falsas cognatas ou cognatas enganadoras em duas línguas diferentes que, enquanto mantêm uma similaridade de forma, diferem marcadamente no significado (ZAMARIN, 1965, p. 887).

Essa foi a primeira e única ocorrência que encontramos nos textos lidos em nossa pesquisa da utilização conjunta de *deceptive* e *false* como adjetivos que fazem alusão ao mesmo fenômeno em inglês. Ressaltamos que Zamarin, ao contrário de Lado, se refere à etimologia das palavras, juntamente à semelhança da forma e às diferenças de sentido que estas possam apresentar ao classificar os *deceptives* ou *falses cognates*.

Como demonstramos acima, na tradução do livro de Lado (1971) para o português surgiu também a utilização das duas denominações ao traduzir *deceptive* por “falso”. Como essa diferença surge na tradução, não podemos afirmar que Lado se valesse dos dois adjetivos para se referir a essas palavras. É possível que o tradutor tenha escolhido utilizar o adjetivo “falso” em lugar de “enganador”, devido às acepções que ambos têm em comum ou até por influência de textos publicados no Brasil. Entretanto, esta é apenas uma suposição que não podemos comprovar.

⁸ Outro aspecto interessante da versão em espanhol é a tradução da nota de rodapé, na qual Lado (1957) explica seu entendimento sobre os “*deceptive cognates*”. Nessa tradução a nota se resume a: *el término ‘falsas palabras similares’ según lo empleamos aquí se refiere solo a la semejanza de forma y diferencia de significado; no se refiere al origen de las palabras.* (LADO, 1973, p. 90)

Outra provável influência para a tradução ao português como “falsos cognatos” e não como “cognatos enganosos” pode ter sido o fato de Koessler e Derocquigny terem denominado este fenômeno como “*faux amis*”, daí a junção de “falso”, oriundo do francês “*faux*” e “cognatos”, oriundo do inglês “*cognates*”, sendo, a nosso ver, essa a explicação mais plausível para o surgimento de “falsos cognatos”.

5.1.2 Falsos Amigos

Como vimos no início deste capítulo, de acordo com Pérez Velasco (1995, p. 597), assim como outros autores mencionados, o termo “falsos amigos” surgiu pela primeira vez na Lingüística em 1928, no livro *Les Faux Amis ou les trahisons du vocabulaire anglais*, publicado por Maxime Koessler e Jules Derocquigny.

No prefácio de sua obra, Koessler e Derocquigny (1931, p. xiii) esclarecem que:

Temos às vezes feito o histórico de uma palavra, seguido o desenvolvimento dos seus vários sentidos, não com o vão desejo de ostentar uma erudição – erudição que, aliás, está ao alcance de todos – mas para explicar melhor a lenta eclosão do sentido moderno desta palavra, permitir ao leitor melhor compreensão, marcar seu espírito se possível, e ajudá-lo a recordar. Fazer apelo a sua memória inteligente foi nossa constante preocupação. (KOESSLER; DEROCQUIGNY, 1931, p. xiii).

Essa explicação deixa nítida a preocupação dos autores em recorrer à etimologia das palavras e sua evolução histórico-lingüística, considerando tal estratégia como uma ferramenta útil para explicar as diferenças de significado que os vocábulos apresentam em uma língua e na outra, nesse caso, o francês e o inglês. Além de buscar fazer um apelo à memória inteligente, a nosso ver, não somente do leitor, mas da própria língua, os autores revelam, ainda, uma preocupação contra a “tendência das interpretações preguiçosas e ininteligivelmente literais dos tradutores de palavras, não de idéias” (KOESSLER; DEROCQUIGNY,

1931, p. xiv), valorizando o sentido que se pretende dar ao que se expressa dentro de um contexto e não por meio de palavras isoladas.

Vinay e Darbelnet (1977 apud PÉREZ VELASCO, 1995, p. 598), ao falar em sua origem e seus autores, definem os “falsos amigos” da seguinte forma:

São falsos amigos do tradutor estas palavras que se correspondem de uma língua à outra pela etimologia e pela forma, mas que evoluindo em duas línguas e, com base em duas civilizações diferentes, tomaram sentidos diferentes (VINAY; DARBELNET, 1977 apud PÉREZ VELASCO, 1995, p. 598).

Dessa definição resultam claros os critérios que levaram em conta para classificar os “falsos amigos” entre pares de línguas, quais sejam: 1- a etimologia comum; 2- a correspondência da forma, e; 3- o significado diferente resultante da evolução de duas línguas e duas civilizações diferentes.

Stevens (1943), em seu trabalho sobre os “*deceptive cognates*”, além de citar Altrocchi, Scatori e Koessler e Derocquigny, acrescenta um quarto livro que trata sobre o assunto publicado por Boillot em 1930, com o título *Le vrai ami du traducteur anglais-français et français-anglais*. Esse título suscita facetas que não haviam sido mencionadas nos títulos das obras dos autores mencionados: 1- é um problema que ultrapassa o ambiente da sala de aula, afetando, também, os tradutores profissionais; 2- fala sobre os “verdadeiros amigos” do tradutor, e não dos “falsos amigos”.

Ao utilizar a palavra *vrai* no título em lugar de *faux*, ao se referir às palavras que se consideram **falsos amigos** entre pares de línguas, Boillot em 1930 faz uma referência direta a Koessler e Derocquigny, que afirmam oferecer em seu livro um modo de transformar os “falsos amigos” em verdadeiros amigos dos tradutores e dos estudiosos de inglês (KOESSLER; DEROCQUIGNY, 1931, p. xiii).

Em 1930, Bissel escreveu uma resenha sobre o livro de Boillot, na qual compara o livro *Le vrai ami du traducteur anglais-français et français-anglais*, e o livro *Les Faux Amis ou les trahisons du vocabulaire anglais*. Bissel (1930, p.238) afirma que a obra de Boillot foi inspirada no livro de Koessler e Derocquigny, e que aquela foi praticamente uma reedição deste, na qual Boillot não somente amplia o vocabulário apresentado por seus predecessores, como também demonstra que o vocabulário francês pode ser tão traidor como o inglês. Além disso, Bissel afirma que Boillot acreditava que o título de seu livro fosse tão verdadeiro quanto o dos dois

autores, isso é, que os “falsos amigos” possam vir a ser, na verdade, “verdadeiros amigos” dos estudiosos e tradutores como, afinal, era o intento de Koessler e Derocquigny.

5.1.3 Heterossemânticos

O termo “heterossemântico” aparece em muitos textos sobre o tema, mas em nenhum deles se afirma com exatidão quem o cunhou. Por meio da leitura de alguns textos, verificamos que o termo “heterossemântico” aparece apenas em textos publicados no Brasil ou no exterior por autores brasileiros e sempre relacionados ao ensino ou elaboração de materiais didáticos de espanhol para aprendizes brasileiros.

Ampliando nossas buscas, consultamos algumas gramáticas de espanhol para brasileiros publicadas por volta do mesmo período das publicações de Altrocchi e Koessler e Derocquigny, as quais são: “*Gramática da Língua Espanhola para uso dos brasileiros*” de Nascentes (1943); “*Manual de español: gramática y ejercicios de aplicación*” de Becker (1945); “*Español: gramática, literatura y antología*”, de Barros (1954); e, “*Gramática da língua espanhola*”, de Carvalho e Carneiro (1969).

Nos livros de Barros (1954) e Carvalho e Carneiro (1969) não existem menções sobre a origem dessa denominação. Barros não trata das palavras que têm significações diversas nas duas línguas, e Carvalho e Carneiro tratam apenas dos “heterotônicos” e dos “heterogênicos”, não apresentando explicações nem palavras que apresentam significações diferentes entre português e espanhol.

Nascentes (1943, p. 138), ao tratar sobre “*Noções de semântica*” na “*Gramática da Língua Espanhola para uso dos brasileiros*”, afirma que “o léxico espanhol, que é tão parecido com o português na forma das palavras, também o é na significação delas”. Ao comparar as palavras nessas duas línguas, as dividiu da seguinte forma:

1º homônimos homossemânticos: palavras com a mesma significação. Dividiu-as em homógrafos (rosa, *rosa*), homófonos (batalha, *batalla*); e perfeitos (*água*, *agua*).

2º homônimos heterossemânticos: palavras que têm significação diversa (*berro, bodoque, breca, camelo, carrasco, copo, pateta, penca, picardia, polvo, rato, tapa, tirar, vírgula*).

3º parônimos: palavras que podem ser determinadas pelas regras práticas de fonética em muitos casos (*malo, crudo, año, mujer*).

4º heterônimos: palavras diferentíssimas na forma (*asir, ayer, aun, ahorro, buque, calle, cuchillo, etc.*).

Além dessa classificação, Nascentes (1943, p. 139) afirma que alguns homônimos homossemânticos podem assumir, algumas vezes, significações diferentes das que apresentam em português, como, por exemplo, *cometa* (papagaio de papel), *esposas* (algemas), *desmayar* (perder a coragem).

Em 1936, Nascentes proferiu uma conferência no Chile com o título *Esbozo de comparación del español con el portugués*, que foi publicada no Brasil em 1939, na série antológica denominada *Estudos Filológicos*. Nesse trabalho, ao referir-se ao vocabulário, Nascentes (1939, p. 117) volta a afirmar que entre o português e o espanhol existem palavras iguais, palavras diferentes e palavras iguais com significados diferentes, como, por exemplo, “*largo*” do espanhol que significa “comprido” do português; e “*largo*” do português que se traduz como “*ancho*” para o espanhol. Nascentes afirma, ainda, que existem algumas palavras que prolongam sua existência nas duas línguas com forma parecida, mas que enquanto umas se tornam arcaicas em uma língua, outras permanecem vivas na outra, como, por exemplo: “*sastre*” para “alfaiate”; “*lienzo*” para “tela”, entre outras. E existem parônimos, ressalta o autor, que dão lugar a piadas como, por exemplo, “*ciruelas*” do espanhol que pode ser confundido com “*ceroulas*” do português, sendo que este se traduz como “*calzoncillos*” ao espanhol e aquele como “ameixas” para o português.

Por meio dessas classificações realizadas por Nascentes, pudemos verificar que em nenhum momento o autor se refere à etimologia das palavras, ainda que tenha falado sobre sua evolução nas duas línguas e sobre as diferentes significações que acabaram prevalecendo em cada uma, ou seja, não separa as que têm a mesma origem daquelas que não têm.

Ao tratar de homônimos heterossemânticos, Nascentes apresenta palavras de origens diferentes, como “*rato*” – pequeno animal roedor – em português, proveniente do latim *rattus* e “*rato*” – curto espaço de tempo – em

espanhol, proveniente do latim *raptus*, particípio passado de *rapĕre*; “polvo” – molusco de oito pernas – em português, proveniente do grego *polwpous* por via do latim popular *polypu* e “polvo” – pó – em espanhol, proveniente do latim *pulvus*. Mas, também, apresenta outras de origem comum, como “bodoque” – arco para atirar bolas de barro – em português e “bodoque” – bola de barro endurecido – em espanhol, ambos provenientes ao árabe *bunduq* e este do grego *κάρουον*; “picardia” – desfeita, ação de pícaro – em português, proveniente do espanhol *picardia* e “picardia” – ação baixa, maldade – em espanhol, derivado de *pícaro*, do próprio espanhol. O mesmo ocorre com as demais classificações, o que indica que seus critérios de classificação foram relacionados à forma e/ou pronúncia iguais ou semelhantes e significados iguais ou diferentes, sem se preocupar com a raiz etimológica das mesmas.

Nascentes não afirma em nenhum de seus textos haver criado essa classificação e denominação, mas, também não cita nenhuma fonte de onde possa tê-las tirado, o que nos leva a inferir que é de sua autoria.

Consideramos relevante destacar que em nenhum momento, em seus textos, Nascentes parece ter a pretensão de criar uma nova denominação, mas, ao contrário, acreditamos que sua intenção foi apenas a de categorizar as palavras da língua espanhola segundo o grau de semelhança e diferença em relação à língua portuguesa com o intuito de demonstrar aquelas que seriam de mais fácil apreensão e outras que seriam mais difíceis, sistemática que foi adotada pelo autor, também, em relação à fonética/fonologia e à morfossintaxe.

Em todos os seus textos que tratam do contraste entre português e espanhol, Nascentes frisa a notável semelhança existente entre as duas línguas, chegando a afirmar que “dentro do domínio romano não há outras duas línguas que ofereçam melhores oportunidades para uma comparação, que o espanhol e o português”. Destaca que “as afinidades recíprocas destas duas línguas romanas são mais estreitas do que as que existem entre qualquer das outras irmãs” (NASCENTES, 1939, p. 97).

Em sua *Gramática da Língua Espanhola para uso dos brasileiros*, Nascentes afirma que “a extrema semelhança das duas línguas, entretanto, (parece até um paradoxo), é a maior dificuldade que encontramos” e esclarece essa afirmação explicando que “quando mal pensamos que uma palavra, uma locução, ou

uma forma, se encontra em ambas as línguas, defrontamos profunda diferença” (NASCENTES, 1943, p. 10).

Após o surgimento do termo “heterossemântico”, outros autores brasileiros passaram a utilizá-lo oferecendo-lhe uma definição ao mesmo tempo em que apresentavam uma lista dessas palavras existentes no eixo português-espanhol. Este foi o caso de Becker⁹ que, em 1945, lançou seu livro intitulado *Manual de Español: gramática y ejercicios de aplicación*, no qual, ao referir-se às divergências léxicas existentes entre português e espanhol, esclarece que:

Chamamos *divergências léxicas* às diferenças – grandes ou pequenas, e às vezes sutis – que existem entre certos vocábulos parecidos de ambos os idiomas (espanhol e português). São vozes semelhantes, morfologicamente, que divergem, seja na ortografia, seja na prosódia, no gênero, ou na significação. (Becker, [1976], p. 46) (grifos do autor).

E entre tais divergências lexicais apresenta os *heterográficos*, *heteroprosódicos*, *heterogenéricos* e *heterossemânticos*. Sobre estes últimos explica que:

A parte mais difícil, no conhecimento simultâneo do castelhano e do português, é constituída pelos *heterossemânticos*: vocábulos de semelhança gráfica, prosódica e, sobretudo, semântica – cuja identidade de sentido (homologia) não se realiza. A diferença pode existir, apenas, em uma ou outra acepção FUNDAMENTAL do vocábulo, o que complicará e dificultará a questão. E nem sempre o sentido da frase nos chamará a atenção sobre possíveis erros de tradução e interpretação! (Becker [1976], p. 48) (grifos do autor).

Desta definição, ressaltamos o fato de que o autor não cita a etimologia das palavras como um dos critérios para classificar os heterossemânticos existentes entre as duas línguas, demonstrando considerar somente a semelhança ortográfica e/ou fonológica que possa existir entre os pares dados, assim como a diferença de sentido que eles possam apresentar.

Outro ponto interessante desta definição, que foi levantado somente por Scatori (1932, p. 396), pelo menos entre os textos que analisamos até o

⁹ Na edição que consultamos não consta data de publicação nem a edição, porém sabemos que foi publicada após o ano de 1976, já que consta uma dedicatória de Becker a seu filho morto em 25 de outubro de 1976. A informação de que o lançamento do Manual se deu em 1945 tiramos da edição *online* da Revista Escola, n. 214, de agosto de 2008, disponível no site: http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0214/aberto/mt_292230.shtml.

momento sobre as definições de “falsos cognatos” e “falsos amigos”, é o fato de Becker considerar que a diferença de sentido pode existir apenas em uma ou outra acepção fundamental do vocábulo, isto é, admite que possa haver acepções com o mesmo sentido nas duas línguas, e mais, que possa haver acepções secundárias atribuídas aos mesmos vocábulos. Com isso, podemos inferir que, apesar de não explicitar que a etimologia é fator de classificação dos “heterossemânticos”, Becker a considera como tal, pois, não nos parece possível que dois vocábulos de origem distinta, que se assemelhem apenas na forma, apresentando significados diferentes, possam compartilhar significados primários ou secundários. Através de nossa experiência docente e de nossas análises sobre os vocábulos que apresentam essas características, pudemos verificar que eles não compartilham nenhum de seus significados.

5.2 NOVAS DEFINIÇÕES E DENOMINAÇÕES APLICADAS

Entre os autores que pesquisamos, alguns buscaram outras formas de classificação para os falsos amigos. Esse fato fez gerar novas denominações e definições segundo diferentes critérios de análise e abordagem. Passaremos na seqüência a apresentar as novas definições e denominações dadas aos **falsos amigos** encontradas nos textos lidos.

5.2.1 Novas denominações encontradas em artigos científicos

Em 1989, Prado realizou um estudo sobre lexicografia bilíngüe no qual analisou alguns dos “falsos amigos” existentes no eixo espanhol-inglês. A princípio, Prado parece não considerar a etimologia como fator de classificação dos **falsos amigos**, reservando a esse fenômeno as semelhanças na forma e diferenças de significado e, à exceção de outros autores lidos, também as diferenças de uso. Entretanto, em seguida, Prado explica que,

Ao comparar o léxico de dois idiomas, chamamos cognatos (verdadeiros amigos) a duas palavras que compartilham a mesma etimologia e mantêm um significado idêntico em ambas as línguas. Como no caso de sinônimos e antônimos dentro de uma língua, é raro encontrar cognatos perfeitos entre duas línguas, salvo as vozes científicas. Por outro lado, **os pseudocognatos (falsos amigos) são vocábulos que têm a mesma etimologia, mas cuja evolução semântica resultou em significados diferentes** (PRADO, 1989, p. 721) (grifo nosso).

Além do critério etimológico apresentado nessa explicação, queremos ressaltar que Prado leva em conta o fato de não existirem cognatos perfeitos entre as línguas, isto é, a evolução semântica conduz à multiplicação de significados que podem ser atribuídos ao mesmo significante, o que, a nosso ver, resulta na polissemia de determinados vocábulos e, conseqüentemente, nas diferenças de significados atribuídos ao mesmo significante nas duas línguas analisadas.

Nesse estudo, Prado não diferencia “falsos amigos” de “*falsos cognatos*” ou de “*seudocognatos*”, o que o autor apresenta, na verdade, é uma nova classificação para o fenômeno, dividindo-o em “*seudocognatos ortográficos*” e “*seudocognatos semânticos*”. Ao estabelecer diferentes padrões para a classificação dos mesmos, Prado os divide da seguinte maneira: 1- *seudocognatos ortográficos*: evidencia as diferenças na forma e na pronúncia; 2- *seudocognatos semânticos*: evidencia as diferenças de significado.

Em 1998, Cintra realizou um estudo lingüístico no qual, ao falar de “cognatos verdadeiros” e “cognatos falsos”, define estes últimos como palavras que constituem obstáculo na aprendizagem de línguas, pois, apesar da semelhança formal, possuem denotações diversas. Segundo o autor, a denominação “falsos cognatos” deveria ser empregada apenas para referir-se aos casos em que as palavras apenas aparentem, pela forma, serem relacionadas em sua origem e não aos casos em que realmente possuem a mesma etimologia. Para tais casos, o autor assume que existem outras denominações mais adequadas como “falsos amigos” ou “cognatos enganosos”.

Após suas reflexões Cintra (1998, p. 139-140) propõe uma nova classificação dos cognatos existentes entre pares de línguas levando em conta a origem das palavras, a forma, a significação e possível interpretação como cognatos e as classificou da seguinte forma: (i) cognatos transparentes: aqueles que podem

ser interpretados como cognatos; (ii) cognatos aparentes: aqueles que apresentam semelhança na forma, mas diferem nas significações; (iii) cognatos ocultos: aqueles que, embora tenham origem comum e significação semelhante, não são facilmente identificáveis; (iv) cognatos opacos: aqueles que não deixam entrever sua condição de cognatos; (v) empréstimos aparentes: são os vocábulos tomados de empréstimo de outra língua que adquiriram significação diferente; (vi) empréstimos ocultos: são os vocábulos que não apresentam semelhança na forma, mas têm significação semelhante, e; (vii) falsos cognatos: vocábulos de origem diversa que são interpretados como cognatos devido à semelhança na forma.

A divisão realizada por Cintra é mais pormenorizada que as outras que vimos até então, contudo, nos parece um pouco confusa e de difícil delimitação, pois, como seria realizada, na prática, a distinção entre “cognatos ocultos” e “cognatos opacos”? Como um aprendiz iria distinguir um “cognato aparente” de um “empréstimo aparente”?

Em 2006, Sabino, lingüista dedicada ao estudo de aquisição de línguas estrangeiras, publicou dois artigos nos quais tem como objetivo principal desfazer a confusão criada pelo uso indiscriminado das denominações “falsos cognatos”, “cognatos enganosos” e “falsos amigos”.

Para Sabino (2006, p. 255-256), a sinonímia estabelecida entre os termos “falsos amigos” e “falsos cognatos” é equivocada, pois, são denominações empregadas com a mesma força para fenômenos distintos. Assim, propôs uma nova classificação dividindo os **falsos amigos** em:

Cognatos enganosos são unidades lexicais de duas (ou mais) línguas distintas que, por serem provenientes de um mesmo étimo, são ortográfica e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, mas que por terem sofrido evoluções semânticas diferentes, possuem sentidos diferentes.

[...]

Falsos cognatos são unidades lexicais pertencentes a duas (ou mais) línguas distintas e que, apesar de serem provenientes de étimos diferentes resultaram /.../ em unidades lexicais ortográfica e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, embora seus valores semânticos sejam bastante distintos.

Neste sentido, Lasch Feldberg et al. (1985, p. 39-40) também classificaram em “*cognados engañosos*” as palavras que têm origem comum, mas significados diferentes e utilizaram o mesmo termo de Lado (1957), quem os chamou de “*deceptive cognates*”.

Vale lembrar, entretanto, que para Lado (1957) tal classificação não mantinha relação com a etimologia da palavra, como tem para Sabino (2006) e Lasch Feldberg et. all. (1985), mas apenas com a semelhança na forma e diferença no significado. Ou seja, a divisão feita por Sabino não segue a mesma lógica estabelecida por Lado.

5.2.2 Novas denominações encontradas em dissertações

Serey Leiva (1994), em sua dissertação de mestrado, aborda o fenômeno por meio da denominação “falsos cognatos” e nos deixa entrever em seu texto que a considera sinônima da denominação “falsos amigos”. Segundo a autora, os “falsos cognatos são formas lingüísticas que pertencem a duas línguas cognatas, que historicamente têm uma fonte comum, mas que tomaram caminhos diferentes na sua evolução” (SEREY LEIVA, 1994, p. 15).

Ao classificar os “falsos cognatos” em quatro tipos diferentes, a autora propõe uma nova denominação para o fenômeno. Sua classificação consiste em separar esse léxico conforme fossem: 1- duas formações baseadas em duas palavras latinas diferentes, porém com radicais idênticos; 2- uma única palavra de origem em que as duas línguas conservam o significado original, e ambas (ou uma delas) acrescentam um ou mais significados ou estreitam seu campo semântico; 3- uma única palavra de origem com um ou mais significados, que são conservados por uma das línguas, a outra conserva apenas um dos significados originais ou nenhum e pode até criar, mais tarde, outro termo para suprir a falta do(s) outro(s), e; 4- duas palavras semelhantes (ou idênticas), porém de origem e significado diferentes (SEREY LEIVA, 1994, p. 17-19). Assim a autora classificou as palavras que apresentam as características descritas de 1 a 3 em “Falsos Cognatos Propriamente Ditos”, que, segundo Serey Leiva são “aqueles que não têm uma fonte comum, mas que são iguais ou semelhantes em sua forma ortográfica e/ou fonológica”. E os vocábulos que apresentam as características descritas no item 4, os denominou

“Falsos Cognatos Acidentais”¹⁰, ou seja, “esse grupo de palavras não tem uma fonte comum, porém o consideramos ‘falso cognato’ porque as palavras são iguais ou semelhantes em sua forma ortográfica e/ou fonológica” (SEREY LEIVA, 1994, p. 17).

Vemos nessa classificação de Serey Leiva uma tentativa de separar as palavras segundo a etimologia, com o intuito de demonstrar que algumas palavras que geralmente são classificadas como “falsos cognatos” são, na verdade, palavras de origem diferente que, por “acidente”, acabaram assumindo formas semelhantes; enquanto outras que também são tidas como “falsos cognatos”, têm, na verdade a mesma origem, por isso são semelhantes na forma, mas apresentam significações diferentes, fato que nós denominamos como palavras polissêmicas.

Comparando a classificação de Cintra com a de Serey Leiva, diríamos que os “cognatos aparentes” seriam o que a autora classifica como “falsos cognatos propriamente ditos” e os “falsos cognatos” de Cintra, seriam os “falsos cognatos acidentais” de Serey Leiva, o restante da classificação de Cintra ficaria entre uma coisa e outra, mais dificultando a sua compreensão e classificação do que facilitando.

Para Seccato (2006), em sua dissertação de mestrado, “falsos cognatos” e “falsos amigos” são fenômenos distintos. Ele afirma que ambos são, muitas vezes, considerados como sinônimos, mas esta “equivalência” e “confusão” no uso dos termos se deve ao fato de o primeiro livro publicado sobre o assunto (Koessler e Derocquigny) ter usado o termo “*faux amis*” em seu título.

Seccato (2006, p. 25), após considerar diferentes definições já aplicadas aos **falsos amigos** conclui que “falsos cognatos são vocábulos que não apresentam uma raiz ou étimo comum, mesmo apresentando semelhança morfológica ou fonética”.

Seccato (2006) considera imprecisas e confusas as diversas denominações já aplicadas aos **falsos amigos** e sugere uma nova denominação: “paracognatos”, pois julga ser esta denominação mais “econômica” em relação à proposta de Sabino (2006), que dentre todas as que analisou, é a que considera mais adequada do ponto de vista terminológico.

¹⁰ Serey Leiva utilizou a denominação “falsos cognatos acidentais” baseada nos estudos de Rose Nash (apud SEREY LEIVA, 1994, p. 16), que, ao classificar os “cognatos do inglês”, os chamou de “*accidental cognates*”.

Para o autor, paracognatos são: “vocábulos de duas línguas distintas que apresentam semelhança ou identidade ortográfica e/ou fonológica, mas diversidade semântica total ou parcial, independentemente de compartilharem um mesmo étimo na origem” (SECCATO, 2006, p. 30). Com essa nova classificação, verificamos que Seccato resume em uma única palavra todos os critérios de classificação propostos por outros estudiosos da área. A nosso ver, ao adotar tal postura, o autor não soluciona o problema, mas, antes disso, elimina um critério de classificação de fundamental relevância para o assunto: a etimologia dos vocábulos, ponto central de diferenciação daquilo que muitos autores consideram como “falsos amigos totais ou parciais” e “falsos cognatos ou cognatos enganosos”. Em síntese, o autor deu um novo nome àquilo que Altrocchi já havia denominado “*deceptive cognates*”. Dessa forma, Seccato nada mais faz do que voltar às origens, resgatando uma definição já existente e dando um novo nome a ela.

5.3 RESUMO DOS ESTUDOS REALIZADOS SOBRE OS FALSOS AMIGOS

Para facilitar a compreensão e a conseqüente análise desse fenômeno, decidimos realizar uma compilação das definições que encontramos e, então, apresentar, através de um quadro sintético, em que estado se encontra essa questão atualmente nas pesquisas sobre o assunto.

Após apresentar diferentes abordagens usadas no tratamento desse fenômeno, as diferentes formas e critérios de classificação e as novas denominações criadas no intuito de retratar o todo que este fenômeno implica, apresentaremos, na seqüência, um quadro que resume os estudos que foram realizados nesse sentido. Nesse quadro, será possível visualizar o que alguns estudiosos realizaram sobre o assunto até o momento e, em seguida, iremos apresentar o resultado dessa compilação em forma de gráficos, evidenciando os aspectos que julgamos mais relevantes de acordo com a nossa pesquisa.

Autores lidos	Autores (ano)	Falsos Amigos (<i>faux amis</i>)	Falsos Cognatos (<i>false cognates</i>)	Heterossemânticos	Cognatos Enganosos (<i>deceptive cognates</i>)	Consideram que os falsos amigos têm relação etimológica Sim/Não	Diferenciam as denominações Sim/Não¹¹	Novas Denominações
1-	1928: Koessler e Derocquigny					Sim		<i>Faux Amis</i>
2-	1929: Altrocchi					Não		<i>Deceptive Cognates</i>
3-	1932: Scatori					Sim		
4-	1934: Nascentes					Não		Heterossemânticos
5-	1943: Stevens					Sim		
6-	1945: Becker					Sim		
7-	1957: Lado					Não		
8-	1965: Zamarin					Sim	Não	
9-	1977: Vinay e Darbelnet					Sim		
10-	1989: Prado					Sim	Não	<i>Seudocognados ortográficos e Seudocognados semânticos</i>

¹¹ Aplicamos este critério de diferenciação apenas para os autores que empregaram em seus textos mais de uma denominação e que diferenciaram, ou não, umas das outras, portanto, nessa coluna, as linhas que estão em branco se referem aos autores que utilizaram apenas uma das denominações, sem se referirem às outras.

Autores lidos	Autores (ano)	Falsos Amigos (faux amis)	Falsos Cognatos (false cognates)	Heterossemânticos	Cognatos Enganosos (deceptive cognates)	Consideram que os falsos amigos têm relação etimológica Sim/Não	Diferenciam as denominações Sim/Não¹²	Novas Denominações
11-	1994, 1996: Serey Leiva					Sim	Não	Falsos Cognatos Propriamente Ditos e Falsos Cognatos Acidentais
12-	1995; 2003; 2004: Pérez Velasco					Sim		Polissemas Interlingüísticos; Homônimos e Parônimos Interlingüísticos
13-	1998: Cintra					Sim		Cognatos Transparentes; Cognatos Aparentes; Cognatos Ocultos; Cognatos Opacos; Empréstimos Aparentes; Empréstimos Ocultos e Falsos Cognatos
14-	2000: Mascherpe e Zamarin					Sim		
15-	2006: Sabino					Sim	Sim	Falsos Cognatos e Cognatos Enganosos
16-	2006: Seccato					Sim	Sim	Paracognatos

Quadro1- Estudos realizados sobre falsos amigos

¹² Aplicamos este critério de diferenciação apenas para os autores que empregaram em seus textos mais de uma denominação e que diferenciaram, ou não, umas das outras, portanto, nessa coluna, as linhas que estão em branco se referem aos autores que utilizaram apenas uma das denominações, sem se referirem às outras.

5.3.1 Resumo do Atual Estado da Questão

O primeiro gráfico diz respeito à escolha dos autores em relação ao termo a ser utilizado para denominar os **falsos amigos**.

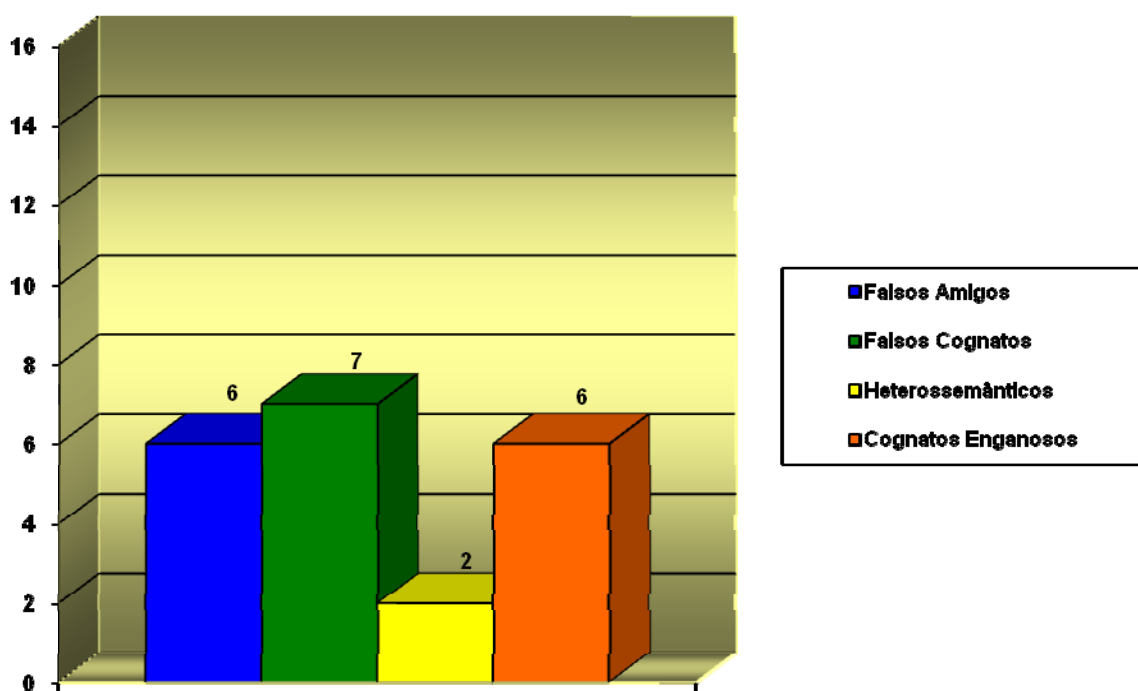


Gráfico 1- Denominações usadas pelos autores

O gráfico 1 representa a preferência dos autores dos textos que lemos sobre o tema em relação à denominação que utilizaram. De 16 autores, 6 preferiram utilizar a denominação “falsos amigos”, e, dentre eles, 3 também usaram as outras denominações; 7 preferiram a denominação “falsos cognatos”, e entre eles 3 usaram outras denominações; 2 utilizaram a expressão “heterossemânticos” em seus textos, e nenhum dos dois usou alguma outra denominação; e 6 autores usaram a expressão “cognatos enganosos”, e entre eles, apenas 2 autores adotaram também outras denominações.

Percebemos que ainda que outras denominações tenham sido criadas ao longo dos anos é a denominação “falsos cognatos” a que prevalece nos estudos que lemos sobre o fenômeno. Mas, essa diferença é mínima em relação a “falsos amigos” e “cognatos enganosos”. Outro aspecto relevante nesse gráfico é a

confirmação de que o termo “heterossemânticos” foi utilizado apenas por autores brasileiros.

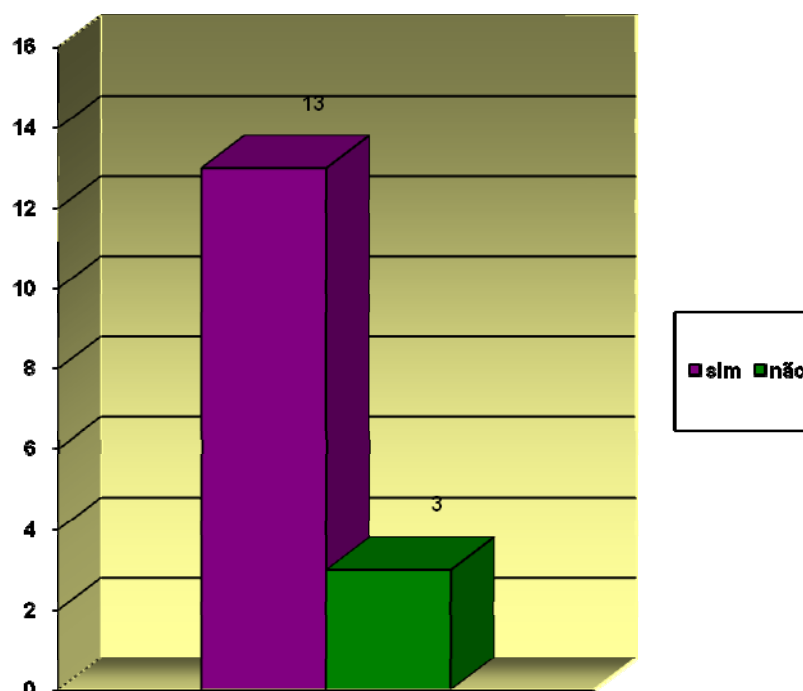


Gráfico 2- Autores que consideram a etimologia como critério de classificação dos falsos amigos

O gráfico 2 demonstra que, do total de 16 autores pesquisados, 13 deixam claro que a etimologia é um critério de classificação dos **falsos amigos**, entretanto, como vimos, ainda que alguns acreditem que este é um critério essencial, não separam as palavras que têm a mesma etimologia daquelas que não têm durante seus estudos. Entre todos os autores, 3 não consideram que a etimologia faça parte do processo de formação dos **falsos amigos**, ou seja, ainda que saibam que a etimologia pode ser igual ou distinta, não separam as palavras conforme esse critério.

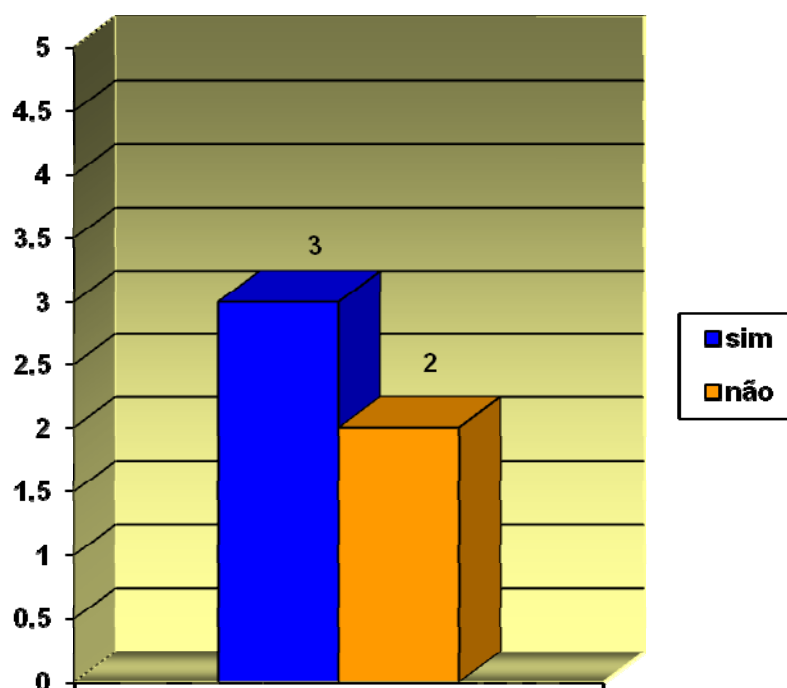


Gráfico 3- Autores que distinguem as denominações apresentadas no quadro

No gráfico 3 é possível verificar que, entre os 5 autores que utilizam em seu texto mais de uma denominação entre as que estão no quadro, ou seja, “falsos amigos”, “falsos cognatos”, “heterossemânticos” e “cognatos enganosos”, 2 deles fazem distinção entre uma denominação e outra e 3 as tratam como sinônimas, ou seja, ou não se preocupam em diferenciá-las umas das outras, ou afirmam que o fenômeno é conhecido tanto de uma forma como de outra.

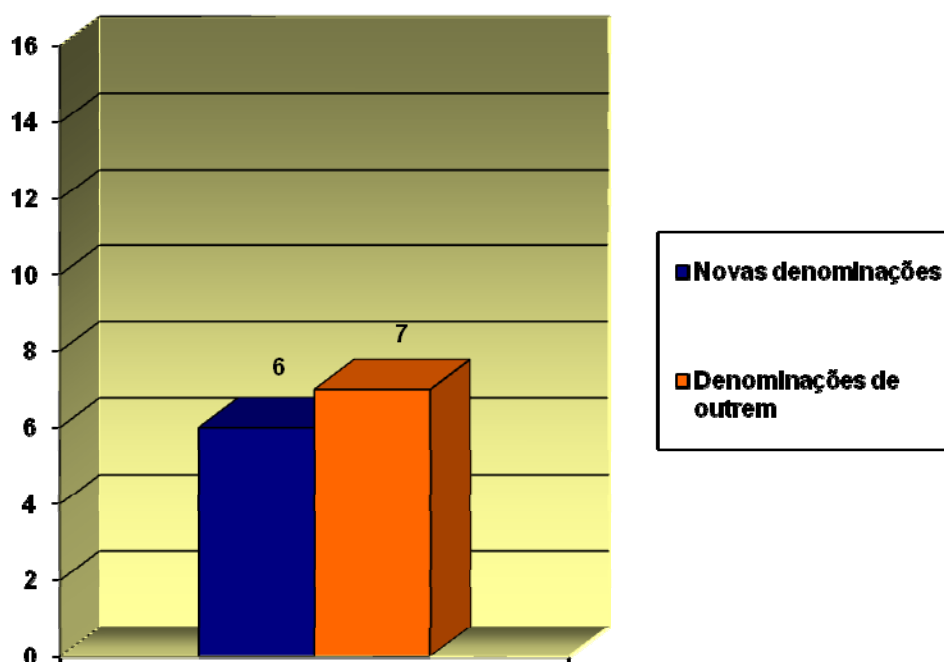


Gráfico 4- Autores que buscaram novas denominações

O gráfico 4 mostra que entre os 16 autores lidos, 7 preferiram utilizar as denominações cunhadas por outros autores, em sua maioria, as de Koessler e Derocquigny de 1928, Altrocchi de 1929 e Nascentes de 1934, às vezes comparando-as, às vezes questionando-as e outras, simplesmente adotando-as sem se preocuparem em analisá-las, atendo-se somente a análises do léxico em si. Ao contrário, 6 autores, ao não concordar com as denominações dadas ou com a delimitação de cada uma delas, buscaram criar novas denominações com o intuito de oferecer novas definições e/ou delimitações para o fenômeno.

Acreditamos que, ao decidir utilizar determinada denominação para referir-se a algum fenômeno lingüístico, é necessário, primeiramente, ter a segurança de que aquele nome corresponde, caracteriza e define exatamente o fenômeno ao qual alude. Alguns autores, ao pesquisarem o significado do léxico que compõe essas denominações, acabaram por optar pela utilização de uma delas, ainda que ciente do fato de tal denominação não ser lingüisticamente a mais adequada para nomear o fenômeno. Esse é o caso de Bugueño Miranda (2002, p. 184), que, ao discordar do uso da denominação “falsos cognatos” por considerar que o uso da palavra “cognato” reduz a extensão do fenômeno à análise somente das palavras que têm relação etimológica, opta pela utilização da denominação “falsos

amigos”, por acreditar que esta seja menos séria e a que menos gera confusão (BUGUEÑO MIRANDA, 2002, p. 189).

Em contrapartida, outros autores buscaram uma nova denominação que desse conta de retratar o fenômeno em toda sua abrangência, como o fizeram Prado (1989), Serey Leiva (1994), Pérez Velasco (1995, 2003, 2004), Cintra (1998), Sabino (2006) e Seccato (2006).

Tantos estudos apenas corroboram a nossa opinião de que esse é um tema ainda insuficientemente explorado e que, apesar de tantos estudos, ainda consiste em um obstáculo para muitos dos aprendizes que se vêem perdidos no momento de assimilar diferentes significados para um mesmo significante.

No quadro apresentado no tópico anterior e pormenorizado por meio dos gráficos, vimos que existe uma tendência entre estudiosos que realizam pesquisas sobre o assunto a utilizar a denominação “falsos amigos”. Acreditamos que isso se deva a dois motivos: 1- ter sido a primeira denominação utilizada, e; 2- ser, como afirma Burgueño Miranda (2003, p. 105), livre de *contradictiones in terminis*. Contudo, como foi comprovado, esta denominação não é aceita com unanimidade dentro da área justamente devido a sua coloquialidade, sendo, portanto, rejeitada por alguns desses estudiosos.

Comprovamos, também, que dois critérios são unanimemente aceitos como classificatórios na análise dos **falsos amigos**: 1- semelhança formal e/ou fonológica, e; 2- diferenças no significado. A divergência reside num terceiro critério: a etimologia do vocábulo em questão.

Entretanto, como vimos, essa divergência existe desde o início das pesquisas a esse respeito, pois Koessler e Derocquigny utilizam a etimologia como critério de classificação dos “*faux amis*”. Já Altrocchi especifica que a sua análise dos “*deceptive cognates*” aborda tanto os vocábulos com a mesma origem quanto aqueles com origens diferentes, mas que se assemelham na forma e diferem no significado, assim como Lado. Nascentes, por sua vez, não se refere a esse critério ao tratar de “homônimos heterossemânticos”, que aparece somente com Becker em 1945.

Acreditamos, nesse momento, na necessidade de divisarmos que a suposta sinonímia existente entre as denominações nasceu no exato momento em que foram cunhadas. É imperativo enxergarmos, também, que a questão principal não se resume a diferenciá-las, posto que **o cerne da questão não reside na**

denominação, mas devemos, finalmente, aceitar que existem aí dois problemas: 1- vocábulos com a mesma origem, conseqüentemente forma e/ou fonologia semelhantes, e significados diferentes em cada língua; 2- vocábulos com origens diferentes, conseqüentemente significados também diferentes que, devido à evolução lingüístico-histórica de cada língua, acabaram por assemelhar-se formal e/ou fonologicamente. E, a partir desse ponto, tratarmos de delimitar os vocábulos que pertencem a um ou a outro fenômeno, para, então, não somente nomeá-los de forma lingüisticamente adequada, como, também, elaborarmos materiais didáticos e metodologias adequadas à aprendizagem segundo essa nova delimitação.

5.4 À GUIA DE UMA NOVA ETAPA

Através da discussão acima e dos exemplos dados, verificamos que existem dois fenômenos diferentes envolvidos num tema que, desde Koessler e Derocquigny, Altrocchi e Nascentes, se convencionou chamar de “falsos amigos”, “falsos cognatos” e “heterossemânticos”.

O primeiro fenômeno ocorre em função de duas palavras – a primeira de uma língua dada e a segunda de outra língua dada –, que são formal e/ou fonologicamente semelhantes, mas que, apesar dessa semelhança, apresentam significados diferentes em cada língua, compartilhando, porém, alguns de seus significados, sejam estes primários ou secundários. Esse fenômeno surge como resultado de evoluções lingüística e semântica diferentes que **um mesmo étimo** sofreu ao longo do tempo e do espaço em cada uma dessas duas línguas.

Temos, portanto, **um signo lingüístico** que evoluiu de forma diferente nessas línguas, no nosso caso o português e o espanhol, que, devido a essa evolução, ocasionou forma e/ou fonologia iguais ou semelhantes, mantendo alguns significados em comum e criando outros significados diferentes. Esses significados diferentes podem ter surgido nas duas línguas ou apenas em uma delas. Isto é, esse signo lingüístico de origem manteve **um significante** idêntico ou semelhante, mas teve sua **gama de significados ampliada**, resultando em diferenças semânticas entre as duas línguas.

O segundo fenômeno ocorre em função de duas palavras, uma de uma língua e a outra de outra língua, que são formal e/ou fonologicamente semelhantes, mas que não compartilham nenhum dos significados que têm em cada língua. Esse fenômeno surge da evolução lingüístico-formal que **dois étimos diferentes** sofreram ao longo do tempo e do espaço em cada uma dessas línguas.

Nesse caso, temos, portanto, **dois signos lingüísticos** diferentes, que evoluíram a partir de **dois étimos** diferentes, mas que, devido a essa evolução, acabaram por assemelhar-se formal ou fonologicamente. O fato de serem resultantes de dois étimos diferentes faz com que essas duas palavras não compartilhem significados. Isto é, havendo dois signos lingüísticos, temos **dois significantes** também diferentes, que, devido justamente a esse fato, têm significados diferentes.

Nenhuma das denominações dadas a esses dois fenômenos dão conta de, nas palavras de Bugueño Miranda, defini-los de forma clara, nem se opõem claramente a outros fatos lingüísticos e, acrescentamos, não nos remetem, pela designação em si, a um fenômeno que ocorre entre duas línguas diferentes, visto que poderíamos aplicar cada uma delas para designar fenômenos intralingüísticos, ou seja, que ocorrem dentro da mesma língua, como por exemplo, no caso da palavra “pena” a qual podemos dizer que é um “falso amigo” ou um “falso cognato” ou um “heterossemântico”, já que apresenta significados diferentes dentro do português, pois, de acordo com o *Novo Dicionário Aurélio*, é oriunda do grego *poíné* através do latim *poena*, e significa: 1- castigo, punição; 2- sofrimento; padecimento, aflição; 3- piedade, compaixão, dó; 4- mágoa, desgosto, tristeza. Ou ainda, se a opusermos à palavra “pena”, vinda do latim “*penna*”, que se refere a pena de aves, por exemplo, teremos um “falso amigo”, com origens diferentes.

Assim, acreditamos que, ao designar um fenômeno lingüístico é necessário, antes de nomeá-lo, analisar sua abrangência, suas características, delimitar os critérios de classificação e o opor a outros fenômenos para averiguar a validade dessa nova denominação a ser utilizada.

Como base nesse raciocínio, apresentaremos no próximo capítulo nossa proposta de classificação dos **falsos amigos**, com base nos pressupostos de Pérez Velasco.

6 O SIGNO LINGÜÍSTICO E OS “FALSOS AMIGOS”

6.1 A NATUREZA DO SIGNO LINGÜÍSTICO

Saussure (2000, p. 80) ensina que “o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”, e esclarece que isso que chama de “imagem acústica” não é o som material, a matéria física, mas a impressão psíquica de tal som, ou seja, “a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial”.

Sobre esse ponto evocamos a diferença entre: (i) a aquisição da língua materna – que nos proporciona tal impressão psíquica de forma natural, isto é, tal representação surge espontaneamente através do testemunho que nossos sentidos têm com base no acúmulo de informações herdadas biológica, social, histórica e culturalmente devido ao convívio que temos diariamente, consciente ou inconscientemente, com a linguagem da comunidade em que vivemos e na qual fomos criados e educados; e, (ii) a aquisição da língua estrangeira, na qual o reconhecimento de que determinado conceito que está intrinsecamente relacionado a uma imagem acústica necessita ser aprendido/adquirido de maneira formal, quando em sala de aula, ou informal, quando em situação de convívio com falantes nativos dessa língua, sem, no entanto, esquecer que a associação natural realizada na língua materna serve como pano de fundo durante esse processo.

Saussure (2000, p. 79-80) afirma que “os termos implicados no signo lingüístico [imagem acústica e conceito] são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação”. Sobre isso, Benveniste (2005, p. 55) explica que “o conceito (“significado”) “boi” é forçosamente idêntico na minha consciência ao conjunto fônico (“significante”) *boi*” (grifos do autor), e pergunta como isso poderia ser diferente se, “juntos os dois foram impressos no meu espírito; juntos evocam-se mutuamente em qualquer circunstância”.

Isso ocorre em língua materna de forma natural, como dissemos acima, por termos herdado essa associação da comunidade lingüística na qual vivemos, ou, como explica Saussure (2000, p. 82-83), “com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o

que vem a dar na mesma, na convenção” estabelecida e aceita por essa sociedade. O lingüista ressalta, ainda, que “não está ao alcance do indivíduo, trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo lingüístico”, ou seja, tanto a imagem acústica, como o conceito a ele associado é socialmente estabelecido, o signo em si, é resultado dos valores de uma sociedade como um todo e não do indivíduo que o utiliza para comunicar-se.

Sendo o indivíduo, e também sua comunidade, quem o utiliza para comunicar-se, para entender e ser entendido ao expressar-se, é necessário retomar Benveniste (2005, p. 56) ao afirmar que “o espírito só acolhe a forma sonora que serve de suporte a uma representação identificável para ele; se não, rejeita-a como desconhecida ou estranha”, é assim, por exemplo, que identificamos determinadas palavras como não pertencentes à nossa língua materna ou estranhas, possivelmente, pertencentes a língua(s) estrangeira(s), pois sua forma sonora não nos remete a uma representação identificável, a não ser a de que não pertence à nossa língua. Ou seja, tais palavras não “significam” em nosso idioma e, assim, a estrutura do signo lingüístico não se completa.

Benveniste (2006, p. 227) afirma que “é no uso da língua que um signo tem existência”, ou seja, fora do uso ele não existe, e continua esclarecendo que “não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua”.

Nas palavras de Benveniste (2006, p. 227), o signo “é dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua, e a totalidade destes signos forma a totalidade da língua”, ou seja, “para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos”. Portanto, se o falante não reconhece determinado signo, se este não se relaciona com os demais signos conhecidos, ele não significará, não terá sentido para o usuário e, ainda, se o usuário reconhece apenas uma das duas dimensões do signo, ou a imagem acústica ou o conceito, o signo também não se consolidará, afetando a comunicação. Com isso, verificamos que os **falsos amigos** surgem entre dois pares de línguas justamente devido à arbitrariedade do signo lingüístico, ou, em outras palavras, da imotivação do signo lingüístico que faz criar diferentes significados a significantes semelhantes e diferentes significados a significantes também diferentes.

Vemos, portanto, que o que está implicado na aquisição do léxico da língua estrangeira, não são as palavras, mas os signos lingüísticos, ou seja, a

associação de um conceito (doravante “significado”) já conhecido em língua materna a uma imagem acústica (doravante “significante”) ainda não conhecida em língua estrangeira, ou se (re)conhecida, por identidade ou semelhança com a língua materna, associada a diferente(s) significado(s) em língua estrangeira.

6.2 A REPRESENTAÇÃO DO SIGNO LINGÜÍSTICO NA AQUISIÇÃO DO LÉXICO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ao adquirir uma língua estrangeira, o aprendiz já tem internalizado todo seu conhecimento de mundo. Este já lhe está impresso de tal forma, que não há como desfazer-se desse conhecimento, para, então, aprender a nova língua.

Amalgamados a esse conhecimento de mundo, estão todas as percepções, impressões e sensações que o indivíduo tem da realidade que o cerca. Em outras palavras, o mundo que ele conhece e produz “significa” conforme foi histórica, social e culturalmente, entre outros, construído pela comunidade lingüística na qual está inserido. Essas características todas incidem diretamente na língua utilizada por essa comunidade, fazendo com que seus membros se comuniquem e se entendam mutuamente, além de diferenciá-los de outras comunidades lingüísticas.

Segundo Benveniste (2006, p. 222), “antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano”. Assim sendo, como a língua, parte essencial da linguagem, e um todo por si só (SAUSSURE, 2000, p. 17), está marcada por todos os valores, costumes, crenças, etc., de uma comunidade, é através dela que uma comunidade, conseqüentemente seus membros, “significam”, e se fazem “significar”, diante do mundo.

Partindo do princípio estabelecido por Saussure (2000, p. 23) de que a língua “constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica”; e da afirmativa de Benveniste (2006, p. 222) de que “o sentido é a noção implícita pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” e, que a forma é o “arranjo formal desses elementos ao nível lingüístico

relevante”, decidimos representar como, a nosso ver e inspirados nas considerações de Pérez Velasco (2004) sobre o assunto, se caracteriza a relação de associação dos signos lingüísticos de diferentes línguas, no nosso caso o português e o espanhol, durante o processo de aquisição da língua estrangeira, e como, a partir dessa associação, podem surgir interferências lexicais que geram o fenômeno até agora conhecido como “falsos amigos”.

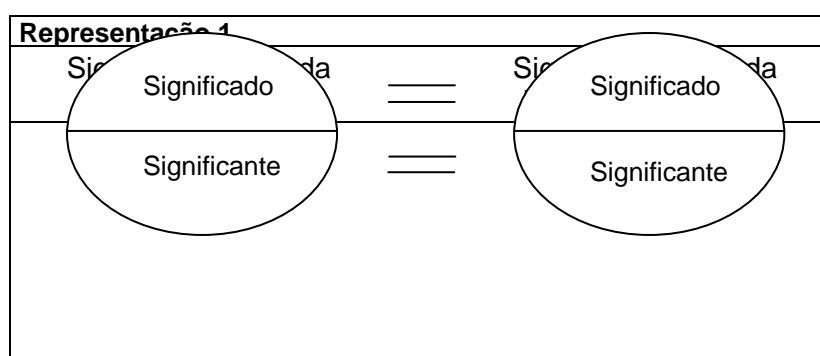


Figura 1- Representação gráfica dos signos lingüísticos que possuem significados e significantes iguais entre pares de línguas diferentes.

Na Representação 1, temos dois signos lingüísticos grafados por iguais ou semelhantes formas léxicas, que representam significantes iguais ou semelhantes, associadas ao mesmo significado nas duas línguas. Nesse conjunto encontram-se palavras com a mesma etimologia, termos científicos, léxico especializado, entre as quais podemos citar pares de palavras entre o português e o espanhol como “lingüística/lingüística”, “obstetrícia/obstetricia”; e diversas outras, muito comuns entre esses dois idiomas devido, principalmente, a sua origem no latim.

Nesse caso, nos deparamos com uma situação em que a transferência resultaria em benefícios para o aprendiz, isto é, seria positiva, visto que, ao transportar o signo lingüístico, composto por significante e significado já conhecido em língua materna, para a língua estrangeira, na qual o mesmo signo lingüístico apresenta características formais iguais ou semelhantes ao signo da língua materna e o mesmo significado, o aprendiz estaria obtendo uma adequação de sentidos ao utilizar esse vocábulo na língua que aprende. O conhecimento prévio, adquirido em sua língua seria “aproveitado” de maneira adequada na nova língua.

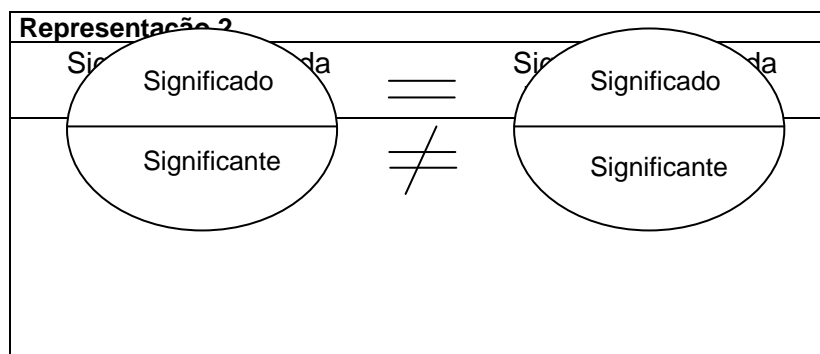


Figura 2- Representação gráfica dos signos lingüísticos que possuem significados iguais e significantes diferentes entre pares de línguas diferentes.

Na Representação 2, temos dois signos lingüísticos grafados por formas léxicas diferentes que representam significantes diferentes, associados a significados iguais nas duas línguas. São exemplos entre o português e o espanhol: “cadeira/*silla*”, “costa/*espalda*”, etc.

Nessa representação, temos um caso em que, ao tentar transportar o conhecimento de sua língua materna para a nova língua, o aprendiz não conseguiria uma adequação visto que o significante do signo de sua língua não corresponde ao significante do signo da língua que está aprendendo, havendo correspondência somente no sentido. Entretanto, ainda que o sentido seja o mesmo, a forma do vocábulo não é conhecida nessa língua, portanto, estaria empregando uma palavra desconhecida, causando uma falha na comunicação, já que seu interlocutor não compartilha com ele essa forma léxica. Nesse caso, haveria, pois, uma interferência lexical, já que o signo empregado não é usado na língua estrangeira para referir-se àquilo que o aprendiz tenta expressar, e não sendo usado, como afirmou Benveniste, o signo não existe nessa língua.

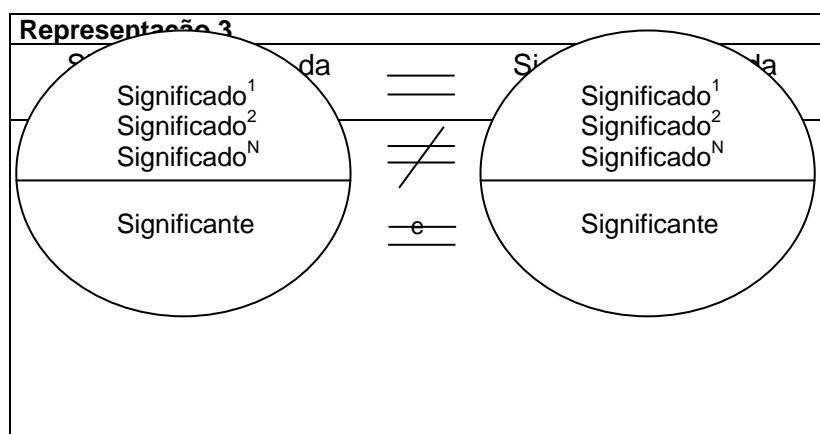


Figura 3- Representação gráfica dos signos lingüísticos que possuem significados iguais e diferentes e significantes iguais entre pares de línguas diferentes.

Na Representação 3, temos dois signos lingüísticos grafados por iguais ou semelhantes formas léxicas, que representam significantes iguais ou semelhantes, associadas a mais de um significado nas duas línguas, dos quais um, ou mais, são iguais e outro(s) é(são) diferente(s) quando realizado contraste entre ambas. Nesse conjunto, encontram pares de palavras como “busto/*busto*”, “colchão/*colchón*”, “jaula/*jaula*”, “apenas/*apenas*”, entre muitas outras que formam o vocabulário dessas duas línguas. Nesse caso, para verificar a semelhança e/ou diferença entre os significados é necessário realizar uma análise pragmática, já que em determinadas situações os significados utilizados podem ser iguais e em outras podem ser diferentes.

Entre as palavras que configuram nessa representação, tanto a transferência positiva como a interferência poderão ocorrer e estas irão se manifestar conforme o emprego dado pelo aprendiz aos diferentes significados que o signo apresenta nas duas línguas, em que alguns serão iguais e outros serão diferentes. Essa representação compreende uma parte significativa do vocabulário compartilhado pelo português e pelo espanhol, dada a capacidade polissêmica das palavras nos dois idiomas.

Ao utilizar um signo lingüístico compartilhado pelos dois idiomas, em que o significante é igual ou semelhante e o significado empregado, transferido da língua materna, corresponde ao mesmo significado da língua estrangeira numa situação dada, o resultado será positivo. Ao contrário, se o significado empregado não corresponde ao significado que se deseja obter em língua estrangeira, haverá,

então, interferência na comunicação. Devido à diversidade de significados que um mesmo vocábulo pode apresentar, além de suas características pragmáticas, acreditamos que esta seja uma das maiores fontes causadoras de interferência lexical interlingüística entre o português e o espanhol, entretanto, muitos estudos seriam necessários para poder comprovar essa hipótese.

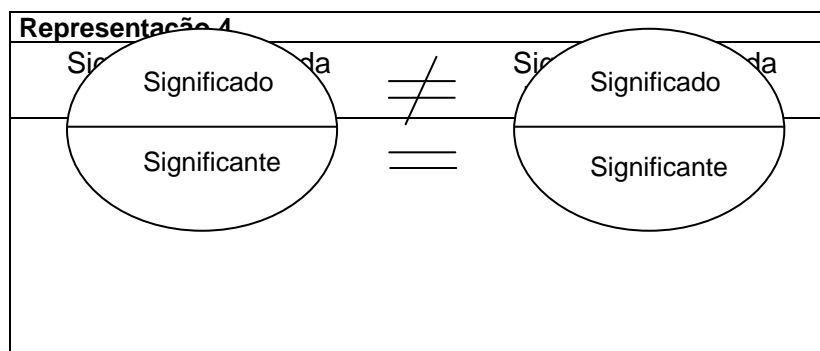


Figura 4- Representação gráfica dos signos lingüísticos que possuem significados diferentes e significantes iguais entre pares de línguas diferentes.

Na Representação 4, temos dois signos lingüísticos grafados por formas léxicas iguais ou semelhantes, que representam significantes iguais ou semelhantes, associados a significados diferentes nas duas línguas. São exemplos entre o português e o espanhol: “rato/rato”, “aceite/aceite”.

Nessa última representação que fizemos, surgem os casos de signos com o significante igual ou semelhante, mas significados sempre diferentes. A esse conjunto, se adequam as palavras que consideramos homônimas entre o português e o espanhol. O emprego dessas palavras na língua estrangeira com o mesmo sentido que têm na língua materna sempre irá causar interferência, pois seu sentido/uso nunca será adequado à situação, visto que nunca compartilham significados.

A respeito das palavras que apresentam essas características e que, como veremos adiante, representam casos de palavras que não têm a mesma etimologia, Cherchi (1978, p. 95 apud PÉREZ VELASCO, 1995, p. 601) afirma que o risco de confusão é bastante baixo e que a interpretação correta delas se estabiliza nos primeiros estágios de aquisição da língua estrangeira. Apesar de estarmos de acordo com essa proposição, devemos recordar que o trabalho realizado por este autor tinha como par de línguas o inglês e o francês, portanto, pode ser que esta

característica se restrinja a essa situação em particular. Mais uma vez, seria necessário um estudo experimental que comprovasse tal hipótese durante a aquisição do espanhol por aprendizes brasileiros.

Essas são apenas algumas das formas de representação da associação que acreditamos, à luz de tudo o que lemos, que o aprendiz possa fazer durante a aprendizagem de uma língua estrangeira. Muitas outras poderiam ser elaboradas, como, por exemplo, as de palavras compostas, em que ocorre a junção de dois significantes, um, igual ou semelhante entre as duas línguas, e outro diferente, mas que sejam associadas ao mesmo significado, como entre o português e o espanhol: “guarda-costas” e “*guardaespaldas*”; ou então de expressões idiomáticas em que o significado não pode ser depreendido das palavras em separado, mas sim do seu total, em que, muitas vezes, para expressar o mesmo significado em duas línguas é necessária a composição de signos diferentes.

Ao falarmos sobre a interferência lexical expusemos que, durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, o aprendiz tende a transferir os conhecimentos que possui em língua materna para a língua que está aprendendo, ou seja, retomando as palavras de Durão (2007, p. 34), o conhecimento prévio, adquirido em língua materna, irá exercer influência sobre as novas aprendizagens. Vimos também que, segundo Camorlinga (1991, p. 13), a transferência realizada pode ser consciente ou não. Quando essa transferência resulta na adequação do léxico transferido à estrutura da língua estrangeira dizemos que houve uma transferência positiva, quando o resultado causa uma interrupção ou distorção no processo comunicativo, houve, então, uma transferência negativa, ou interferência.

Nos quadros que apresentamos acima, pudemos verificar como ocorrem a transferência positiva e a interferência. As palavras conhecidas como “falsos amigos” na relação português espanhol, encaixam-se, em nossa opinião, nas representações 3 e 4. A esse léxico chamaremos de polissemas interlingüísticos¹³, no caso das palavras que conformam a Representação 3, e, homônimos interlingüísticos, no caso das que conformam a Representação 4.

6.3 A ARBITRARIEDADE DO SIGNO LINGÜÍSTICO E A TRANSFERÊNCIA/ INTERFERÊNCIA

MOTIVADA

¹³ A denominação que propomos baseia-se nos estudos realizados por Pérez Velasco (1995, 2003, 2004), sobre a qual nos debruçaremos no capítulo seguinte.

Para Saussure (2000, p. 81) “o laço que une o significante ao significado é arbitrário”, e como o teórico considerou que o signo é “o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo lingüístico é arbitrário*” (grifos do autor). Para comprovar sua teoria, o lingüista evidenciou que a idéia que temos de “mar”, “não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons que formam m-a-r que lhe serve de significante”, e esclarece que, se não fosse assim, tal seqüência de sons não seria diferente em outras línguas, pois todas as comunidades lingüísticas fariam essa mesma associação, o que resultaria na mesma forma léxica em todos os idiomas.

Ao falar sobre a arbitrariedade, Saussure (2000, p. 83) a opôs à motivação, ou seja, o signo é arbitrário e não motivado, e explicou que “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (grifo do autor), isto é, o ser humano não nomeou os seres e as coisas de acordo com suas características físicas, sonoras ou sensoriais, caso contrário, a palavra “barriga” seria assim escrita, ou de forma semelhante, em todos os idiomas existentes, porque essa denominação seria fruto de um laço natural com a realidade percebida em “barriga”. Saussure (2000, p. 152), admitiu, porém, que o signo pode ser “relativamente motivado”, ao se tratar de palavras como “dezenove”, “pereira”, “macieira”, etc., que derivam de outros signos, como da junção de “dez” e “nove” que são arbitrários, do signo pêra e do signo maçã que também são arbitrários.

No caso de palavras como essas, a motivação relativa designada por Saussure tem origem no fato de que seu significante se relaciona diretamente ao significante do signo de origem, unido a um significado que também tem origem no significado do signo de origem, estabelecendo, então, uma relação associativa entre os dois signos, o de origem, que é arbitrário, e aquele relativamente motivado, que surge da evocação do termo que lhe originou.

O processo de transferência/interferência lexical interlingüística não é, a nosso ver, nem arbitrário absoluto tampouco arbitrário relativo, mas sim **motivado**. Isto é, ao transferir o significado que um determinado signo lingüístico apresenta em sua língua materna para um signo da língua estrangeira com base na identidade/semelhança que o significante daquele signo compartilha com o significante deste, o aprendiz lança mão de um conhecimento já pré-estabelecido e consolidado em sua língua, no qual tal signo surge da união desses dois elementos.

Com base nesse conhecimento, o aprendiz estabelece uma relação associativa entre os signos das duas línguas, motivada pela identidade/semelhança dos significantes, que o leva a considerar que, se os significantes são iguais, ou parecidos, o significado também será, portanto, poderá empregá-los indistintamente. Em alguns casos, como vimos, há significados compartilhados por eles entre os dois idiomas, resultando em transferência positiva, em outros, ao contrário, os significados são diferentes, gerando interferência lexical.

Vemos, portanto, que a questão do surgimento dos “falsos amigos” entre português e espanhol não se reduz à semelhança formal e/ou fonológica do léxico, mas ao signo lingüístico em si. Os falsos amigos resultam, na verdade, da relação associativa motivada, generalizante e equivocada de um significante a um significado ao qual não corresponde em língua estrangeira. Assim, os signos lingüísticos das duas línguas são arbitrários, mas a transferência é motivada devido às semelhanças que mantêm seus significantes¹⁴.

A esse respeito, Pérez Velasco (2004, p. 41) afirma que “este é um dos aspectos fundamentais para definir a origem dos falsos amigos: estes resultam de associações mnemotécnicas”, e completa lembrando que este fenômeno não ocorre somente com os aprendizes de língua estrangeira, mas também dentro da aprendizagem do próprio idioma. Segundo esse autor, os fatores que provocam o surgimento dos “falsos amigos” podem ser resumidos em três: 1- o caráter imotivado do termo original; 2- a existência de afinidades fonéticas; 3- a lei do mínimo esforço (PÉREZ VELASCO, 2004, p. 41-42). Ao analisar pares de palavras entre o espanhol e o francês, Pérez Velasco (2004, p. 44) afirma que,

Diante da existência de afinidades formais /.../ tendemos a estabelecer identificações de significado /.../. A associação da forma francesa à espanhola ou vice-versa, não é mais que um fenômeno de motivação, ou, melhor dizendo, de remotivação dos signos lingüísticos. No entanto, existe uma condição *sine qua non* para que se produza esta atração paronímica: a semelhança fonética..

Essa explicação nos permite verificar a cadeia lógica seguida pelo autor para estabelecer os três fatores citados acima. O termo de origem é imotivado, ou arbitrário, mas a semelhança fonética e formal originam uma atração paronímica que leva o aprendiz a associar à forma semelhante, também uma semelhança no

¹⁴ Para Pérez Velasco (2004, p. 44) os “falsos amigos” constituem “um processo de motivação, originado por semelhanças formais”.

significado. À associação por analogia formal, o autor dá o nome de lei do mínimo esforço e explica que:

Nossa memória se sobrecarregaria de uma lista interminável de significantes a cada um dos quais corresponderia um significado. Existe, pois, um princípio de economia lingüístico que controla o fenômeno de criação de signos. Portanto, é mais cômodo e mais econômico dispor de um só significante para nomear diferentes aspectos da realidade (PÉREZ VELASCO, 2004, p. 47).

O aprendiz de língua estrangeira, ao adotar, inconsciente e involuntariamente, o mesmo princípio de economia lingüística, transfere significados diferentes a significantes semelhantes existentes entre as duas línguas. Como consequência dessa transferência surgem os chamados “falsos amigos”, resultantes da homonímia interlingüística e da polissemia interlingüística.

7 A HOMONÍMIA E A POLISSEMIA INTERLINGÜÍSTICAS

Segundo Pérez Velasco (2004, p. 55), homonímia e polissemia são o mesmo fenômeno, ou seja, indicam que mais de um significado corresponde a um só significante, conforme demonstramos nas representações 3 e 4 que fizemos no capítulo anterior. Entretanto, segundo esse mesmo autor, existe uma fronteira que delimita esses dois fenômenos, que deve ser levada em conta para determinar quando estamos nos referindo a diferentes significados de duas palavras homônimas ou quando nos referimos a diferentes significados de uma palavra polissêmica.

7.1 HOMÔNIMOS

Os homônimos são, normalmente, considerados como “fator de perturbação da boa escolha das palavras” (ROCHA LIMA, 2003, p. 487), ou como “causa de ambigüidade, por isso é considerada uma deficiência dos idiomas” (CEGALLA, 1991, p. 263). Tais conceitos surgem do fato de o falante empregar uma forma lingüística em lugar de outra com o mesmo significante, porém significado distinto, durante a interlocução, causando atrito na comunicação.

Segundo Mattoso Câmara Júnior (2004, p. 139), a homonímia é a

Propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica: os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação. [...] A homonímia é assim uma deficiência do princípio geral da distinção fonológica como base da distinção formal.

O autor destaca também que a homonímia é possível sem causar prejuízo à comunicação lingüística em decorrência do papel que o contexto exerce quando da sua utilização. Sobre essa questão, Ullmann (1987, p. 375-376) ressalta que, na maioria dos casos, “os homônimos não causam qualquer embaraço na fala

vulgar”. Nessas explicações encontramos uma semelhança com a afirmação de Cherchi (apud Pérez Velasco, 1995) ao salientar que os “falsos amigos totais” normalmente não causam dificuldade para os aprendizes após os primeiros estágios da aprendizagem de uma língua estrangeira. Neste caso, também, o contexto facilita o reconhecimento do significado que corresponde ao significante empregado.

Ullmann (1987, p. 365, 368, 373), ao tratar das causas da ambigüidade lexical, explica que esta deriva primordialmente da polissemia e da homonímia. Em relação a esta última, o semantista explica que existem três causas para seu surgimento: 1- convergência fonética: “sob a influência das mudanças fonéticas vulgares, duas ou mais palavras que tiveram outrora formas diferentes coincidem na linguagem falada, e muitas vezes também na escrita”; 2- divergência semântica: ocorre “quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia”; 3- influência estrangeira: segundo o autor, este caso de homonímia se dá quando um empréstimo se estabelece e se adapta firmemente ao sistema fonético local, podendo vir a coincidir com outras palavras da língua que a recebeu. Para Ullmann esse fato não se caracteriza como um caso de homonímia a parte, mas como uma “forma especial de desenvolvimentos fonéticos convergentes”, encaixando-se, portanto, dentro da primeira causa do surgimento dos homônimos.

Mattoso Câmara Júnior (2004, p. 140) ressalta que é necessário distinguir homonímia e polissemia a partir de dois critérios:

- 1) Diacrônico, que considera homônimas apenas as formas convergentes da gramática histórica [...];
- 2) Sincrônico, que considera homônimas as formas fonologicamente iguais, cujas significações não se consegue associar num CAMPO SEMÂNTICO definido. (Grifo do autor).

Para Fuchs (1996, apud PÉREZ VELASCO, 2004, p. 56), no entanto, são três os critérios para realizar tal distinção: “critérios diacrônicos, critérios sincrônicos de ordem teórica e critérios sincrônicos de ordem epilingüísticas (relativos ao falante, a sua maneira espontânea de reagir diante da língua)”. Apresentaremos cada um desses critérios separadamente tomando por base as explicações dadas por Pérez Velasco.

Segundo este autor, do ponto de vista diacrônico, duas palavras são homônimas quando têm etimologias diferentes, como no caso dos pares “*aceite/aceite*”, “*atestar/atestar*” e “*berro/berro*” entre o português e o espanhol. Segundo o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* e o *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*: 1- a palavra “*aceite*” do português tem origem no verbo “*aceitar*” oriundo do latim *acceptāre*, e significa “consentir em receber, estar de acordo”; já “*aceite*” do espanhol tem origem no árabe *zájt*, e refere-se ao sumo extraído da azeitona (do árabe *zaitû*); 2 - a palavra “*atestar*” do português tem origem no latim *attestāre* e significa “afirmar ou provar em caráter oficial, testemunhar, certificar”; já “*atestar*” do espanhol tem origem no latim *tĕstu* e significa “encher alguma coisa vazia, apertando o que há dentro dela”; 3 – a palavra “*berro*” do português tem provável origem onomatopaica e significa “grito de certos animais, gritar alto”; já a palavra “*berro*” do espanhol tem origem no celta *berŭro* e é o “nome de uma planta da família das crucíferas”, “agrião” em português.

Por meio desses exemplos, vemos que tais palavras se tratam de duas formas léxicas com significados diferentes devido a suas origens em étimos e línguas diferentes, e com significantes iguais devido à convergência histórica das duas formas.

Em relação à sincronia, Pérez Velasco (2004) esclarece que as palavras são homônimas quando “as representações semânticas que construímos para dar conta dos diferentes significados não têm nada em comum”. Ou seja, no caso que citamos acima entre o português e o espanhol (*aceite/aceite*), não há como relacionar a representação semântica de “*aceite*”, aceitar um convite, com “*aceite*”, óleo usado para cozinhar, por exemplo.

A respeito da sincronia epilingüística, Pérez Velasco (2004, p. 139-140) esclarece que se consideram homônimas as palavras “cuja correspondência semântica não é percebida pelos falantes”, isto é, o falante percebe, dentro do contexto e ao refletir sobre a linguagem, que não existe nenhuma relação de sentido entre as duas formas com significantes iguais. Assim, ao deparar-se com uma frase em espanhol como, por exemplo, “*Has puesto mucho aceite en la ensalada*”, o aprendiz consegue identificar que a este significante em espanhol não corresponde o significado da mesma forma lexical em português, ao contrário, o contexto o remete ao signo em português que estabelece relação de significado com este contexto, que, neste caso, é a forma “*azeite*”, desfazendo a confusão inicial.

Entretanto, nem sempre essa relação é passível de se realizar de forma imediata. Às vezes, é necessária uma reflexão mais acurada ou, então, maiores esclarecimentos sobre o significado da palavra, pois somente o contexto não a evidencia de maneira esclarecedora, ou, como ressalta Palmer (apud ULLMANN, 1987, p. 376), ‘a homonímia só causa perturbações lingüísticas quando ocorre entre palavras que em determinados contextos gerariam equívocos’, como, por exemplo, poderia ocorrer no seguinte texto: “*Ayer, fui a la casa de Juan. Cuando llegué, me dijo que le esperaba un rato porque necesitaba buscar a su gato que estaba en la oficina*”. Em uma situação como esta, por suposição, acreditamos que o aprendiz brasileiro de língua espanhola poderia interpretar que Juan pediu a seu amigo que esperasse o “rato” aparecer e, enquanto isso, ele próprio iria à “oficina” procurar seu “gato”, para resolver a situação, ou seja, “caçar o rato”. A assimilação com o significado da palavra “rato” do português pode, nesse caso, ser influenciada pela ocorrência da palavra “gato” no mesmo contexto. Portanto, algumas vezes, somente o contexto pode não ser suficiente para elucidar a situação, ainda mais se surgir em um texto curto como o que compusemos aqui, que é como freqüentemente esses vocábulos são tratados nos livros didáticos que compõem o *corpus* de análise desse trabalho.

Com base nesses critérios estabelecidos por Fuchs (1996 apud PÉREZ VELASCO, 2004), em sua classificação dos homônimos interlingüísticos entre o espanhol e o francês, é que iremos descrever e classificar as palavras que, tendo o mesmo significante, mas significados diferentes entre o português e espanhol, se caracterizam como homônimos interlingüísticos nesse eixo e não como polissemas interlingüísticos.

Contudo, como na análise que iremos realizar do *corpus* que compõe essa pesquisa se restringe aos critérios etimológico e semântico, não iremos incidir sobre o critério epilingüístico apresentado por Pérez Velasco, mas somente sobre os critérios diacrônico e sincrônico de ordem teórica, que, segundo a classificação de Mattoso Câmara Júnior (2004), dará conta de delimitar a fronteira existente entre os dois fenômenos sobre os quais estamos trabalhando. Além disso, vale recordar que um estudo de caráter epilingüístico, para ter validade científica, deveria ser testado por meio de aplicação de questionários com aprendizes de espanhol, metodologia esta que não compõe nossa pesquisa, portanto, não nos

oferece cientificidade suficiente para defendê-la sem a utilização dos seus instrumentos.

7.2 POLISSEMAS

A palavra polissêmica compartilha duas características com a palavra homônima: a semelhança no significante e a diferença no significado. Entretanto, diverge de maneira extremada no seu surgimento em relação à homônima.

Segundo Ullmann (1987, p. 329, 331, 346) a situação que a partir de Bréal ficou conhecida como polissemia se caracteriza pela capacidade que tem uma mesma palavra de ter dois ou mais significados. Segundo o autor, “a polissemia é um traço fundamental da fala humana”, e esta pode surgir de múltiplas maneiras, dentre as quais Ullmann destaca cinco como principais: 1- Mudanças de aplicação ou de emprego; 2- Especialização num meio social; 3- Linguagem figurada; 4- Homônimos reinterpretados, e; 5- Influência estrangeira. Dentre as cinco, Ullmann considera que as três primeiras são sem dúvida as mais importantes, enquanto as outras duas são mais raras ou não constituem um processo normal na linguagem do dia a dia.

Desta definição, nos interessa ressaltar que a polissemia se refere a uma única palavra com mais de um significado, enquanto a homonímia se refere a duas palavras diferentes como significados também diferentes, mas com significantes iguais.

Ao abordar o assunto dos polissemas, Pérez Velasco (2004, p. 55) explica que esses são diferentes dos homônimos, pois se caracterizam porque “à semelhança formal se adiciona alguma afinidade do ponto de vista do significado. A este grupo pertencem os casos, se não os mais numerosos, pelo menos os que proporcionam maior dificuldade na aprendizagem”, e esclarece que são os “falsos amigos” que correspondem ao que Wandruzca (1980 apud PÉREZ VELASCO, 1995, p. 599) classificou como resultado de polissemias interlingüísticas.

Seguindo os três critérios estabelecidos por Fuchs (1996 apud PÉREZ VELASCO, 2004, p. 56-57) para diferenciar homônimos e polissemas, Pérez

Velasco esclarece que 1- “as diversas significações de um polissema, por mais diferentes que sejam, correspondem a somente uma unidade de origem”, ou seja, possuem a mesma etimologia; 2- “fala-se de polissemia quando podemos representar a afinidade de significados, em termos de elementos de sentidos comuns”; 3- “são tratadas como polissêmicas as expressões nas quais os indivíduos percebem certo parentesco entre os diferentes significados”.

Como exemplo, entre o português e espanhol, de uma palavra que constitui um polissema interlingüístico, podemos citar o par “apelido/*apellido*”. Segundo o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (1986), a palavra “apelido” do português tem origem no latim *appellāre*, que significa “convocar, dar nome a”. A palavra “*apellido*” do espanhol, segundo o *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* (1997), tem origem no latim *appellāre*, que significa “dirigir la palabra, apelar, nombrar, llamar”.

De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio* (2008), versão *online*, o vocábulo “apelido”, significa 1- sobrenome; 2- alcunha; 3- designação especial de alguém ou de alguma coisa. E o vocábulo espanhol “*apellido*”, de acordo com o *Diccionario de la Real Academia Española* (2008), significa: 1- nombre de família con que se distinguen las personas; 2- nombre particular que se da a varias cosas; 3- sobrenombre, mote.

Vemos que essas definições atendem os outros dois critérios estabelecidos por Fuchs, para distinguir homônimos e polissemas. Nesse caso, ao contrário do par “aceite/*aceite*”, que conformam homônimos interlingüísticos, temos aqui, entre “apelido/*apellido*”, um caso de polissemas interlingüísticos, visto que são palavras oriundas da mesma etimologia, que apresentam significantes semelhantes, e dois ou mais significados que apresentam afinidade entre si e que tornam possível a associação de parentesco por parte do aprendiz que se depara com esse par. Da mesma maneira, outros pares de palavras entre o português e o espanhol atendem a esses critérios e formam polissemas interlingüísticos, como, por exemplo, os pares: “aposentar/aposentar”; “borracha/borracha”; “calçada/calzada”.

Ao contrário da homonímia que é considerada uma deficiência das línguas, Ullmann (1987, p. 347) salienta que “uma breve reflexão mostrará que, longe de ser um defeito da língua, a polissemia é uma condição essencial para sua eficiência”, pois representa uma diminuição considerável na sobrecarga que teríamos que acondicionar em nossa memória, já que, se não fosse assim, “teríamos

que possuir termos separados para cada tema concebível sobre o qual quiséssemos falar”.

Segundo Ullmann (1986 apud PÉREZ VELASCO, 2004, p. 57), a polissemia é o fenômeno que ‘permite aproveitar racionalmente as possibilidades expressivas das palavras lhes aderindo vários significados diferentes’. Em outras palavras, “enquanto a homonímia é considerada como uma convergência acidental de formas, como uma anomalia, a polissemia é uma propriedade fundamental da língua, um traço inerente a sua estrutura”, responsável pela chamada economia lingüística.

Um ponto que gostaríamos de ressaltar e que foi abordado por Ullmann (1987, p. 330) ao tratar das fontes de ambigüidade nas línguas é o fato de que “tanto a polissemia como a homonímia podem ser acompanhadas por diferenças sintáticas”, ou seja, tanto polissemas como homônimos podem, segundo o autor, pertencer a diferentes classes de palavras.

Assim como os homônimos, os polissemas também podem ter seus significados depreendidos através da influência do contexto, aliás, esta, segundo Ullmann (1987, p. 330), é a principal garantia de seu funcionamento e, completa o autor, “não interessa o número de significados que uma palavra possa ter no dicionário; não haverá confusão se apenas um deles fizer sentido numa dada situação”.

Entretanto, como estamos analisando aqui os polissemas interlingüísticos e não dos polissemas intralingüísticos, essa situação pode não ser tão simples, pois dependerá em alto grau do nível de conhecimento do aprendiz em relação aos diversos significados que as palavras possuem em sua língua e em língua estrangeira, e, também, considerar as situações de uso efetivo de tais significados, descartando, por exemplo, aqueles que já caíram em desuso ou que são considerados arcaicos em uma ou nas duas línguas em questão.

Para exemplificar a questão do conhecimento dos significados das palavras polissêmicas no tocante à aquisição do espanhol por aprendizes brasileiros, vamos retomar o exemplo dado ao tratarmos dos homônimos interlingüísticos: “*Ayer, fui a la casa de Juan. Cuando llegué, me dijo que le esperara un rato porque necesitaba buscar a su gato que estaba en la oficina*”, como dissemos anteriormente, estamos cientes de que este é um texto curto no qual o contexto não favorece o entendimento. Portanto, acrescentaremos mais uma informação: “*Ayer,*

fui a la casa de Juan. Cuando llegué, me dijo que le esperara un rato porque necesitaba buscar a su gato que estaba en la oficina, pues se le habían vaciado el neumático”.

Nesse texto, temos um caso de homônimo interlingüístico: “rato/rato”; e dois casos de polissemas interlingüísticos: “oficina/oficina” e “gato/gato”. Anteriormente vimos que o texto poderia conduzir o aprendiz iniciante a entender a mensagem como se o amigo lhe pedisse para esperar o rato aparecer enquanto buscava o gato para caçá-lo. Mas, o que tem o pneu a ver com essa história? O rato esvaziou o pneu? O que o gato estaria fazendo na oficina? E, o gato poderia encher o pneu, por isso Juan foi buscá-lo?

Vemos que esses três vocábulos podem realmente causar confusão na cabeça de qualquer aprendiz, mesmo de nível intermediário. Portanto, o contexto, por si só, algumas vezes pode não ser a salvação para o aprendiz de língua estrangeira, sendo condição *sine qua non* que ele tenha conhecimento suficiente de ambas as línguas para poder entender e expressar-se de forma adequada em língua estrangeira, pois, somente sabendo que “rato” em espanhol, significa “momento” em português, que “oficina” significa “escritório” e que “gato”, nessa situação, significa “macaco”, instrumento usado para alçar o carro no momento de trocar o pneu, é que o aprendiz poderia compreender o que o texto disse realmente.

Com base: (i) nas definições dadas sobre os dois fenômenos e na forma de delimitá-los; (ii) nas confusões que o emprego inadequado, tanto de um quanto de outro, podem causar durante a aprendizagem de espanhol como língua estrangeira; (iii) e devido à influência que a falta de conhecimento a respeito dos significados diferentes que os significantes iguais podem apresentar entre as duas línguas, é que decidimos elaborar um glossário de homônimos interlingüísticos e de polissemas interlingüísticos existentes no eixo português-espanhol que evidencie a origem de cada vocábulo e a homonímia e a polissemia. Dessa forma, acreditamos que iremos facilitar o acesso a essas semelhanças e diferenças e comprovar que os “famosos falsos amigos” constituem, na verdade, dois fenômenos lingüísticos que, como quaisquer outros, devem ser analisados, descritos, definidos, conceituados e classificados com o rigor científico que lhe é merecido.

8 GLOSSÁRIOS

Como dissemos na apresentação da metodologia dividimos as palavras analisadas em dois glossários segundo o critério etimológico, ou seja, as palavras que compartilham a mesma etimologia foram classificadas como polissemas interlinguísticos e as que não compartilham como homônimos interlinguísticos.

O glossário de polissemas interlinguísticos é composto por três seções: i) seção **I**: apresenta o étimo de cada palavra seguido dos significados compartilhados pelas duas línguas, ou seja, obedece também ao critério de semelhança semântica; ii) seção **II**: destina-se a apresentar os significados que o vocábulo possui em português e que não são compartilhados por seu par em espanhol, seguidos de exemplos de uso em português com exemplos de usos equivalentes a esses significados em espanhol; iii) seção **III**: apresenta aqueles significados que o vocábulo espanhol possui e que não são compartilhados pelo português, seguidos de exemplos de uso em espanhol com exemplos de usos equivalentes a esses significados em português.

O glossário de homônimos interlinguísticos apresenta apenas a **Seção I**, na qual consta a origem etimológica das palavras em questão, seguida dos significados que apresentam em cada uma das duas línguas.

Os dicionários utilizados para a pesquisa da etimologia dos significados das palavras analisadas em português e espanhol foram: *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, para as palavras em português e *Diccionario de Uso del Español*, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico* e *Diccionario de la Real Academia Española*, *Diccionario de Uso del Español María Moliner* para as palavras do espanhol.

8.1 GLOSSÁRIO DE POLISSEMAS INTERLINGUÍSTICOS

Abonar/Abonar**Seção I****Abonar**

[Do latim *bōnus, bom*: a-² + *bom* + -*ar*².]

1. Declarar bom ou verdadeiro; apresentar como bom.

2. Ficar como fiador de, ou responsável por (dívida, obrigação, compromisso, etc.); afiançar, garantir.

3. Confirmar, aprovar.

Abonar

(Del lat. *bōnus*, bueno).

1. Acreditar o calificar de bueno.

2. Salir por fiador de alguien, responder por él.

3. Dar por cierto y seguro algo.

Seção II

1. Justificar ou relevar (falta no cumprimento do trabalho).

Abonaram-lhe as faltas no trabalho. *Le perdonaron sus faltas.*

2. Adiantar dinheiro.

Abonei-lhe o dinheiro para a viagem. *Le anticipé el dinero para el viaje.*

3. Dar, oferecer.

A lei lhe abona tal direito. *La ley le concede tal derecho.*

4. Gabar-se, orgulhar-se, vangloriar-se.

Seção III

1. Echar en la tierra laborable materias que aumenten su fertilidad.

Poner abono en la tierra.

Por adubo na terra.

2. Pagar. Dar la cantidad que corresponde como pago de cierta cosa.

Abonar el recibo del gas.
Abonar doscientas pesetas por el arreglo del coche.

Pagar a conta do gás.
Pagar duzentos reais pelo conserto do carro.

3. Asentar en una cuenta corriente partidas correspondientes al haber.

Pagar con abono en cuenta corriente.

Pagar com crédito em conta corrente.

4. Inscribir a alguien, mediante pago, para que pueda concurrir a alguna diversión, disfrutar de alguna comodidad o recibir algún servicio periódicamente o determinado número de veces.

Abonar a una revista.

Assinar uma revista.

5. Pagar la cantidad correspondiente a cada uno de los vencimientos de una venta o un préstamo a plazos.

Se realizará el préstamo mediante el abono de cantidades mensuales y *O empréstimo será realizado mediante o pagamento de parcelas*

consecutivas.

mensais e consecutivas.

6. Insistir en un acto que agrada, desear practicalo con reiteración.

Me abonaría a veranear allí.

Me agradaría passar o verão ali.

Abrigar/Abrigar

Seção I

Abrigar

Do Latim *apricāre*.

1. Resguardar do rigor do tempo, de dano ou perigo.
2. Mar. Proteger (embarcação) do mar ou do vento, utilizando-se de porto, acidente da costa, etc.
3. Ter ou trazer consigo, conter(se), guardar(se), encerrar, acolher dentro de si.
4. Proteger, amparar, resguardar.
5. Não expor ou manter em segredo um sentimento, ocultar.

Seção II

1. Ter a capacidade de guardar (seres e objetos), conter, encerrar.

Este salão abriga facilmente 200 pessoas.

Seção III

1. Evitar una cosa que otra se enfríe, cubriéndola, envolviéndola.

Abrigar

Del Latim *apricāre*.

1. Defender, resguardar del frío.
2. Mar. Defender, resguardar la nave del viento o del mar.
3. Tener ideas, voliciones o afectos.
4. Auxiliar, patrocinar, amparar, proteger o cuidar a alguien.
5. Tener estado de ánimo o pensamiento duradero.

Esta sala alberga/acomoda 200 personas con facilidad.

2. Tapar, cubrir una cosa con algo para que no se enfríe.

Nos abrigamos con prendas de lana.

La masa del pan se abriga para que fermente.

Nos vestimos/cobrimos com roupas de lã.

Cobrimos a massa do pão para que fermente.

Aborrecer/Aborrecer

Seção I

Aborrecer

Do Latim *Abhorrēcere*

1. Ter horror ou aversão a ou causar aversão, desagrado, mal-estar; abominar ou provocar abominação.
2. Tornar(se) zangado, apoquentar(se), enraivecer(se), enfurecer(se).

Seção II

1. Causar ou sofrer desgosto ou contrariedade; desgostar.
Discussões estúpidas sempre o aborreciam.

Aborrecer

Del Latim *Abhorrēcere*

1. Tener aversión a alguien o algo.
2. Aburrir, exasperar(se), poner nervioso e impaciente a alguien.

Los debates tontos siempre le causaban disgusto.

2. Causar tédio ou fastio a ou entediar-se, enfadar-se.

Aborreceu-se com a insistência do vendedor.

Se aburrió con la insistencia del vendedor.

Seção III

1. Dejar de querer a una persona.

Si mi novio me ve con gafas es capaz de aborrecerme.

Se meu namorado me vir com óculos é capaz de deixar de me amar.

2. Dicho de algunos animales, y especialmente de las aves: Dejar o abandonar el nido, los huevos o las crías.

Los mamíferos raramente aborrecen a las crías como hacen muchas especies de aves.

Os mamíferos raramente abandonam seus filhotes como fazem muitas espécies de aves.

Acordar/Acordar

Seção I

Acordar¹

[Do latim vulgar *Accordāre*]

1. Fazer desaparecer diferenças, incompatibilidades (entre pessoas e coisas) ou não as apresentar, fazer ficar ou ficar em acordo, em harmonia com; ajustar-se.

2. Decidir, fazendo valer sua vontade, autoridade, etc.; resolver,

Acordar¹

[Del latín *accordāre*]

1. tr. Determinar o resolver de común acuerdo, o por mayoría de votos, después de tratar sobre cierta cosa, a estar conformes y determinar lo que se va a hacer o cómo se va a hacer.

2. tr. Dicho de una sola persona: Determinar o resolver

3. Decidir ou resolver conjuntamente; levar a efeito a decisão assim tomada.

4. Conciliar, acomodar.

5. Convir; concordar; chegar a um acordo.

6. Mús. P. us. Afinar as cordas de um instrumento; harmonizar.

7. Arqut. Estabelecer concordância entre (as partes de uma obra) e entre (estas partes e o todo); ajuntar, equilibrar, harmonizar.

3. tr. Resolver, determinar algo antes de mandarlo.

4. Conciliar, componer.

5. intr. ant. Dicho de una cosa: Concordar, conformar, convenir con otra.

6. tr. Mús. Disponer o templar, según arte, los instrumentos musicales o las voces para que no disuenen entre sí.

7. tr. Pint. Disponer armónicamente los tonos de un dibujo o de una pintura.

Seção I

Acordar²

[Part. Pas. do latim *cordātus, a, um*, 'id' < lat. *cor, cordis* 'coração']

1. Trazer à memória; lembrar (se); recordar (se).

2. Voltar a si; recobrar os sentidos: acordar de um desmaio.

3. Sair do sono; despertar.

Acordar²

[Del latim *cordatus* id., der. de *cor, cordis*, 'corazón']

1. tr. Traer algo a la memoria de otra persona; recordarse; traer a la memoria.

2. intr. ant. Dicho de una persona: Volver en su acuerdo o juicio; hacer a alguien volver a su juicio

3. Despertarse; despertar.

Acreditar/Acreditar

Seção I**Acreditar**

[Derivado de *crédito* e este do latim *credītum*.]

1. Tornar digno de estima e confiança.
2. Conceder reputação a; tornar digno de crédito.
3. Dar ou estabelecer crédito a; afiançar.
4. Dar ou emprestar autoridade a alguém.

Acreditar

[Derivado de *crédito* e este do latim *credītum*.]

1. Hacer digno de crédito algo, probar su certeza o realidad.
2. Afamar, dar crédito o reputación.
3. Dar seguridad de que alguien o algo es lo que representa o parece.
4. Dar testimonio en documento fehaciente de que alguien lleva facultades para desempeñar comisión o encargo diplomático, comercial, etc.

Seção II

1. Admitir, aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de (afirmação, atributo, entidade, fato, etc.); crer; ter como verdadeiro.

João acredita que as notícias são verdadeiras.

Eu acredito em Deus.

Juan cree que la noticias son verdaderas.

Yo creo en Dios.

Adereço/Aderezo**Seção I****Adereço**

[Derivado de *adereçar* e este do latim vulgar *ad-directiāre*, de *directus*]

Aderezo

[Derivado de *aderezar*, e este de *derezar*, do latim *directiāre*, de *directus*]

1. Endereço; ação ou efeito de endereçar.

2. Conjunto de jóias (colar, brincos, broche, pulseira, etc.) que combinam entre si pelo material e/ou pela feitura.

3. Objeto de adorno pessoal; ornamento, enfeite.

4. Arreio, jaez.

1. Acción o efecto de aderezar; guiar, dirigir, encaminhar.

2. m. Juego de joyas que se compone, por lo común, de collar, pendientes y pulseras.

3. m. Aquello con que se adereza alguien o algo.

4. m. Arreos para ornato y manejo del caballo.

Seção II

1. Objeto vistoso, geralmente levado na mão de sambista ou pessoa fantasiada nas escolas de samba, blocos de carnaval, etc., e que compõe a sua indumentária carnavalesca.

Este ano os adereços carnavalescos das escolas de samba obtiveram pontuação máxima.

Este año los adornos carnavalescos de las escuelas de samba han obtenido puntuación máxima.

Seção III

1. m. Condimento, conjunto de ingredientes que se usan para sazonar las comidas.

Si no te gusta la ensalada sin aderezo puedes probarla sólo con limón.

Se você não gosta de salada sem tempero/condimento, pode experimentá-la somente com limão.

Adiantar/Adelantar

Seção I**Adiantar**

[Derivado de *adiante* e este do latim *Inante*.]

1. Mover ou estender para diante.
2. Acelerar, apressar.
3. Trazer vantagem, proveito, lucro, benefício.
4. Pagar adiantadamente parte ou total de.
5. Avançar (o mecanismo do relógio) mais depressa que o normal, marcando a hora com adiantamento.
6. Assumir a dianteira, colocar-se à frente de.
7. Alcançar progresso intelectual; aperfeiçoar-se, aprimorar-se.

Seção II

1. Ter efeito; aproveitar; valer à pena; compensar.

Não adianta, não consigo estudar.

Adelantar

[Derivado de *adelante* e este do latim *de in ante*.]

1. Mover o levar hacia adelante.
2. Acelerar, apresurar.
3. Obtener ventaja con cierta cosa.
4. Anticipar, adelantar la paga.
5. Dicho de un reloj: Andar con más velocidad que la debida y señalar, por lo tanto, tiempo que no ha llegado todavía.
6. Ganar la delantera a alguien o algo.
7. Progresar o mejorar en estudios, robustez, salud, posición social, etc.

No hay manera, no consigo estudiar.

Agasalhar/Agasajar**Seção I****Agasalhar**

[Do gót. *Gasalja*, através do latim *adgasaliāre*]

1. Dar agasalho a; hospedar (se); abrigar (se), albergar (se)
2. Receber com agrado, com afeto; acolher bem.

Seção II

1. Cobrir (se) com agasalho; aquecer (se); abafar (se)

Agasalhou a criança com um cobertor.

Agasalhou-se com uma blusa de lã.

2. Guardar no íntimo; nutrir; alimentar.

Agasalhava no coração a esperança de seu retorno.

3. Recolher em si; conter; abrigar.

O pantanal agasalhava uma fauna variada.

4. Resguardar-se do mau tempo; abrigar-se.

Agasalhou-se da chuva sob uma árvore.

Seção III**Agasajar**

[De *gasajar*, do ant. gót. *Gasalja*]

1. Hospedar(se), aposentar(se).
2. Tratar con atención expresiva y cariñosa.

Abrigó/tapó al niño con una cubierta.

Se abrigó con un jersey.

Nutría/alimentaba en el corazón la esperanza de que volviera.

El pantanal alberga una fauna variada.

Se abrigó de la lluvia bajo un árbol.

1. Halagar o favorecer a alguien con regalos o con otras muestras de afecto o consideración.

Agasajaron a los héroes durante la ceremonia.

Os heróis foram homenageados durante a cerimônia.

Ajuntamento/Ayuntamiento

Seção I

Ajuntamento

[Derivado de *ajuntar* e este de *junto* com origem no latim *juncto*.]

1. Ato ou efeito de ajuntar(-se); ajunta.

Ayuntamiento

[Derivado de *ayuntar* e este do antigo *ayunto* com origem no latim *ayunctus*.]

1. Acción y efecto de ayuntar o ayuntarse.

Seção III

1. Corporación compuesta de un alcalde y varios concejales para la administración de los intereses de un municipio.

El Ayuntamiento de Madrid ha empezado una campaña para ahorro de energía.

A Prefeitura de Madri começou uma campanha para economia de energia.

Ala/Ala

Seção I

Ala

[Do latim *āla*.]

Ala

[Do latim *āla*.]

1. Asa.

2. Parte do edifício que se prolonga de um ou de outro lado do corpo principal; asa.

3. Cada um dos agrupamentos que em qualquer forma de associação tem particulares afinidades.

4. Fila, fileira, renque.

5. Em certos jogos desportivos de competição, como futebol, basquete, futsal, etc., cada um dos lados da linha de ataque.

1. Cada uno de los órganos o apéndices pares que utilizan algunos animales para volar.

2. Cada una de las partes que se extienden a los lados del cuerpo principal de un edificio o en que se considera dividido un espacio o construcción cualesquiera.

3. Cada una de las diversas tendencias de un partido, organización o asamblea, referida, sobre todo, a posiciones extremas.

4. Hilera o fila.

5. En el fútbol y otros deportes, extremo.

Alargar/Alargar

Seção I

Adiantar

[Derivado de *largo* e este do latim *largus*.]

1. Dar maior duração a; prolongar.

Adelantar

[Derivado de *largo* e este do latim *de largus*.]

1. Prolongar algo, hacer que dure más tiempo.

Seção II

1. Tornar largo ou mais largo; larguear.

No Brasil, para alargar os sapatos, costuma-se por bolas de papel molhado dentro deles.

En Brasil, para ensanchar los zapatos, se suele meterles dentro bolas de papel mojado.

Seção III

1. Dar más longitud a algo.

El camino para alargar la vida es cuestión de menos calorías.

O caminho para alongar a vida é questão de menos calorías.

Alça/Alza**Seção I****Alça**

[De *alçar*, do latim *altiāre*, de *altus*]

1. Pedaco de sola que os sapateiros ajustam às fôrmas para torná-las mais altas.

2. Parte do aparelho de pontaria (pequena régua graduada) pela qual se dá à arma a inclinação conveniente a atingir o alvo; alça de mira.

3. Recorte de papel que se cola na folha de aviamento ou debaixo da fôrma ou do clichê, para corrigir a impressão nas partes que saem fracas; calço

Seção II

1. Asa ou argola que se usa para levantar, puxar ou prender alguma coisa.

Eu gosto de bolsas que têm alças compridas.

Alza

[De *alzar*, do latim *altiāre*, *altus*]

1. Pedazo de suela o vaqueta que los zapateros ponen sobre la horma cuando el zapato ha de ser algo más ancho o alto de lo que corresponde al tamaño de ella.

2. Regla graduada fija en la parte posterior del cañón de las armas de fuego, que sirve para precisar la puntería.

3. Pedazo de papel que se pega sobre el tímpano de la prensa o se coloca debajo de los caracteres para igualar la impresión o hacer que sobresalga donde convenga.

Me gustan los bolsos con asas largas.

2. Tira de tecido com que se seguram nos ombros certas peças do vestuário.

Compré una blusa de alças com decote discreto.

Me compré una blusa de tirantes con escote discreto.

Seção III

1. Aumento de valor que toma algo, como la moneda, los fondos públicos, los precios, etc.

El dólar está en alza.

O dólar está em alta.

El arroz se une al alza de precios y desata la alarma mundial

O arroz se une à alta de preços e desata o alarme mundial.

Ampola/Ampolla**Seção I****Ampola**

[Do latim *ampŭlla*]

1. Pequeno tubo de vidro, plástico ou metal, geralmente terminado em ponta, e hermeticamente fechado após a introdução de um fluido.

2. Envoltório de vidro que contém o filamento de uma lâmpada elétrica.

3. Vaso de vidro ou de metal com bojo largo e redondo, âmbula; vaso de vidro globoso e bojudo, de gargalo comprido.

Ampolla

[Do latim *ampŭlla*]

1. Pequeño recipiente de vidrio cerrado herméticamente, que contiene por lo común una dosis de líquido inyectable.

2. En una lámpara eléctrica, parte de cristal que contiene el filamento o los electrodos.

3. Vasija de vidrio o de cristal, de cuello largo y estrecho, y de cuerpo ancho y redondo en la parte inferior.

Seção III

1. Elevación local de la epidermis por acumulación de fluido, que se forma a veces por una quemadura o un roce continuado.
2. Masa de aire u otro gas envuelta en una película de agua u otro líquido, que se forma en la superficie de éste.
3. Formación semejante en otras cosas, por ejemplo en el asfalto del piso.

As bolhas nos pés são uma reação

Las ampollas en los pies son una reacción natural de la piel ante una fricción excesiva.

natural da pele diante de uma fricção excessiva.

Aniversário/Aniversario**Seção I****Aniversário**

[Do Latim *anniversārius*.]

1. Diz-se do dia em que se faz um ano, ou mais, que se deu certo acontecimento.

Seção II

1. Diz-se do dia em que se completa um ano, ou mais de idade.

Hoje é aniversário do meu pai.

2. Festa comemorativa de aniversário.

Aniversario

[Do Latim *anniversārius*.]

1. Día en que se cumplen años de algún suceso.

Hoy es el cumpleaños de mi padre.

Seção III

1. Oficio y misa que se celebran en sufragio de un difunto el día en que se cumple el año de su fallecimiento.

Hoje iremos al aniversario de mi abuelo, será en la iglesia de San Nicolás.

Hoje iremos à missa (de sétimo dia) do meu avô, será na igreja de São Nicolau.

2. Si no se especifica otra cosa, se entiende aniversario de muerte de alguien.

Hoy es el aniversario de mi padre.

Hoje é o aniversario de morte do meu pai.

Apartado/Apartado**Seção I****Apartado**

[Der. de *apartar*, que der. de *parte*, e este do latim *pars, partīs*.]

1. Longínquo, remoto.

2. Posto à parte.

3. Que vive retirado, solitário.

4. Caixa postal.

Apartado

[Der. de *apartar*, que der. de *parte*, e este do latim *pars, partīs*.]

1. Retirado, distante, remoto.

2. Retirado, separado.

3. Aislado, retirado, solitario.

4. Apartado de correos, departamento en las oficinas donde se deposita por separado la

correspondencia de las personas que van a recogerla allí por sí mismas

Apelido/Apellido

Seção I

Apelido

[Der. de *apelidar*, e este do latim *appellītāre*, freqüentativo de *appellāre*.]

1. Sobrenome.
2. Alcunha.
3. Designação especial de alguém ou de alguma coisa.
4. Ato ou efeito de convocar, chamamento.

Apellido

[Der. de *apellidar*, e este do latim *appellītāre*, freqüentativo de *appellāre*.]

1. Nombre de familia con que se distinguen las personas.
2. Sobrenombre o mote.
3. Nombre particular que se da a varias cosas.
4. Convocación, llamamiento de guerra.

Apenas/Apenas

Seção I

Apenas

[De *a* + *penas*.]

1. À custo; dificilmente, mal.
2. Só, somente, unicamente.

Apenas

[De *a* + *penas*.]

1. Dificilmente, casi no.
2. Escasamente, sólo.

3. Logo que; assim que; mal.

3. En cuanto, al punto que.

Aperrear/Aperrear

Seção I

Aperrear

[Derivado de *perro* e este do espanhol *perro*.]

1. Fazer perseguir por cães ou perros.

Seção II

1. Apoquentar.

Estas brigas me aperreiam.

Aperrear

[Derivado de *perro*.]

1. Echar perros a alguien para que lo maten y despedacen. Era un género de suplicio.

Estas peleas me molestan.

Aposentar/Aposentar

Seção I

Aposentar

[Der. de *pousar*, do latim *pausāre*.]

1. Dar aposento, pousada, a; alojar, hospedar.
2. Tomar aposento; alojar(se), hospedar(se).

Aposentar

[Der. de *posar*, do latim *pausāre*.]

1. Dar habitación y hospedaje.
2. Tomar casa, alojarse.

Seção II

1. Reformar; jubilar. Conceder reforma ou dispensa de serviço com

soldo ou ordenado por inteiro, ou parte dele; conceder aposentadoria

Apurar/Apurar

Seção I

Apurar

[Der. de *puro*, do latim *pūrus*.]

1. Tornar(se) puro, purificar(se), livrar(se) de impurezas.

2. Perder a calma; irritar-se.

3. Conhecer ao certo; averiguar, indagar.

4. Caminhar apressadamente; apressar-se; acelerar a marcha de.

5. Examinar minuciosamente.

6. Conhecer, desvendar, investigar, averiguar até limite possível.

Seção II

1. Ver-se em apuros, em dificuldades, especialmente

Apurar

[Der. de *puro*, do latim *pūrus*.]

1. Purificar o reduzir algo al estado de pureza separando lo impuro o extraño. En lo referente a la moral, purificar, santificar.

2. Molestar a alguien de modo que se enfade o pierda la paciencia.

3. Averiguar o desentrañar la verdad ahincadamente o exponerla sin omisión.

4. Apremiar, dar prisa; apresurar.

5. Examinar atentamente.

6. Llegar hasta el último extremo en distintos aspectos de las cosas; conocer al cierto, acabar o agotar.

2. Contar votos, de assembléia, eleição, etc.

Os votos foram apurados após o término da eleição.

3. Reduzir, concentrar por meio de ebulição demorada.

Para que adquira mais consistência, deixe apurar o caldo por dez minutos.

4. Aguçar, afinar, aplicar.

Apurou os ouvidos para entender melhor a explicação.

Se contó los votos tras el término de la elección.

Para que adquiriera más consistencia, deja concentrar el caldo por diez minutos.

Aguzó los oídos para mejor entender la explicación.

Seção III

1. Afligirse, acongojarse, preocuparse.

Me apuraría verme enfermo lejos de mi casa.

Me apuro viendo tantos papeles encima de la mesa.

Me afligiria se eu ficasse doente longe de casa.

Me preocupo vendo tantos papéis em cima da mesa.

Aranha/Araña**Arrojar/Arrojar****Seção I****Aranha**[Do latim *arānĕa*.]

1. Designação comum a todas as espécies de artrópodes arácnidos, da ordem dos araneidos, de aspecto e proporções variadas, várias espécies dispõem de glândulas na extremidade posterior do abdome que produzem seda para construção de teias.

2. Conjunto de cabos finos que irradiam do centro, como as pernas de uma aranha, e se fixam na cabeceira de uma maca, no espinhaço de um toldo, no terço de uma vela redonda, etc.

3. Carruagem leve, de duas rodas, puxada por um cavalo

4. Nome de algumas plantas.

5. Espécie de rede usada para caçar pássaros e peixes.

Seção III

1. Especie de candelabro sin pie y con varios brazos, que se cuelga del techo o de un pescante.

Me compré una araña de cristal y bronce con 22 luces.

Araña[Do latim *arānĕa*.]

1. Nombre aplicado corrientemente a distintas especies de arácnidos que tienen el abdomen abultado y separado del cefalotórax por un estrechamiento, que segregan una sustancia en forma de hilo del que se pueden colgar y con el que fabrican lo que se llama tela de araña.

2. Conjunto de cabos delgados que desde un punto común se separan para afianzarse convenientemente, pasando a veces por los agujeros de una telera.

3. Carruaje pequeño y ligero, de dos ruedas y abierto, parecido al bombé.

4. Nombre que se le dan a algunas plantas.

5. Red para cazar pájaros.

Compré un lustre de cristal e bronce con 22 luces.

Seção I**Arrojar**[Do espanhol *arrojar*, der. do latim *rotulāre*.]

1. Lançar com ímpeto ou força; atirar, arremessar.

2. Precipitar-se de uma grande altura; despenhar-se; abismar-se.

3. Atirar-se a algo com precipitação, sem considerar as conseqüências.

4. Vomitar; expelir o refluxo da alimentação.

Seção II

1. Atirar-se a uma tarefa com ousadia; atrever-se; aventurar-se.

Pedro arrojou-se ao trabalho com determinação.

2. Rebaixar a si mesmo; aviltar-se; humilhar-se.

Arrojava-se aos pés de qualquer poderoso.

3. Andar de rojo, de rastos; arrastar-se; Levar ou trazer de rojo ou de rastos; arrastar.

Tentava arrojar o ferido que jazia inerte.

Arrojar[Do latim *rotulāre*.]

1. Impeler con violencia algo, de modo que recorra una distancia, movida del impulso que ha recibido.

2. Dejarse ir con violencia de lo alto a lo bajo.

3. Resolverse a emprender o hacer algo sin reparar en sus dificultades o riesgos.

4. Vomitar lo contenido en el estómago.

Pedro se lanzó al trabajo con determinación.

Se rebajaba a los pies de cualquier poderoso.

Intentaba arrastrar al herido que yacía inerte.

Seção III

1. violentamente hacia alguien o algo hasta llegar a él o ello.

Se arrojó a Pedro para matarle.

Atirou-se contra Pedro para matar-lhe.

2. Usado en algunas situaciones con el sentido de “echar”.

Le arrojé como a un perro.

Expulsei-lhe como se fosse um cachorro.

Le arrojaron de su empleo.

Despediram-lhe de seu emprego.

Lo arrojó por la ventana.

Jogou-o pela janela.

La arrojó al basurero.

Jogou-a no lixo.

3. Dar una cuenta, un cálculo, un inventario o cosa semejante, cierto resultado.

La liquidación del año arroja un saldo negativo.

A liquidação do ano apresenta um saldo negativo.

Aspas/Aspas**Seção I****Aspas**

[Do gótico *haspa*.]

1. Instrumento de suplicio, em forma de X.

Aspas

[Do gótico *haspa*.]

1. Conjunto de dos maderos o palos atravesados el uno sobre el otro de modo que formen la figura de una X.

Seção II

1. Plural de aspa. Sinais de pontuação que em geral se grafam alceados, com que se abre e fecha uma citação; comas, vírgulas dobradas.

As citações diretas devem vir entre aspas.

Las citas directas deben venir entre comillas.

Seção III

1. Aparato exterior del molino de viento, que parece una cruz o aspa, en cuyos brazos se ponen unos lienzos a manera de velas, y el cual, girando a impulso del viento, mueve el molino.

Juan, me gustaría saber cómo hacer las aspas del molino.

João, eu gostaria de saber como faço as pás do moinho.

Assegurar/Asegurar**Seção I****Assegurar**

[Do latim vulgar *assecurare*.]

1. Afirmar com segurança ou certeza; asseverar.

2. Tornar certo ou seguro; garantir.

3. Garantir formalmente a concessão ou outorga de.

Asegurar

[De *seguro* e este do latim *secūrs*.]

1. Afirmar la certeza de lo que se refiere.

2. Dejar seguro de la realidad o certeza de algo.

3. Preservar o resguardar de daño a alguien o algo; defenderlo e impedir que pase a poder de otra persona.

Seção III

1. Dejar firme y seguro; establecer, fijar sólidamente.

Asegurar el clavo en la pared.

2. Poner a alguien en condiciones que le imposibiliten la huida o la defensa.

Le aseguró para que no huyera.

Segurar o prego na parede.

Segurou-lhe para que não fugisse.

Assinar/Asignar**Seção I****Assinar**

[Do latim *assignare*.]

1. Marcar com sinal; pôr sinal em; assinalar.

Seção II

1. Firmar com seu nome ou sinal (carta, documento, obra, etc.); firmar.

Assinou a carta com seu nome de solteira.

2. Tomar assinatura (4) de (publicação periódica, transmissão de televisão, série de espetáculos, etc.).

Não assino nenhum jornal.

Asignar

[Do latim *assignare*.]

1. Señalar lo que corresponde a alguien o algo; fijar.

Firmó la carta con su nombre de soltera.

No subscribo ningún periódico.

Assinatura/Asignatura**Seção I****Assinatura**

[Do latim *assignatios*.]

Seção II

1. Ato ou efeito de assinar.

A assinatura estava no documento. La firma estaba en el documento.

2. Ajuste pelo qual se adquire, mediante o pagamento de certa quantia, o direito de receber, durante um tempo determinado, publicação periódica ou volumes de uma obra, de assistir a certo número de espetáculos, de utilizar serviço de telefonia ou de tevê, de viajar de trem ou outro veículo, etc.

Como faço a assinatura do jornal impresso?

¿Cómo tomo la subscripción del periódico impreso?

Seção III

1. Cada una de las materias que se enseñan en un centro docente o forman un plan académico de estudios.

En este curso tendremos ocho asignaturas.

Este ano teremos oito disciplinas.

Assistir/Asistir**Atender/Atender****Seção I****Assistir**[Do latim *Ad-sistĕre* ou *assistĕre*.]

1. Estar presente; comparecer. Estar presente a determinado acontecimento, fato, ocorrência, acompanhando seu desenrolar; presenciar; testemunhar.

2. Acompanhar, principalmente em ato público, na qualidade de ajudante, assistente ou assessor.

3. Auxiliar, ajudar; socorrer. Prestar auxílio.

4. Acompanhar (enfermo, moribundo, parturiente, etc.) para prestar-lhe conforto moral ou material.

5. Residir, morar; habitar.

6. Ser da competência ou atribuição de alguém; caber; competir; pertencer.

Seção III

1. Servir o atender a alguien, especialmente de un modo eventual o desempeñando tareas específicas. Servir interinamente.

Estoy ahora sin criada, y me asiste Martina.

Asistir[Do latim ou *assistĕre*.]

1. Estar o hallarse presente. Acudir a cierto sitio y estar en él.

2. Acompañar a alguien en un acto público.

3. Socorrer, favorecer, ayudar. Contribuir con los propios medios o esfuerzos a que alguien salga de un apuro o mal situación.

4. Cuidar enfermos y procurar su curación.

5. Vivir, habitar.

6. Dicho de la razón, del derecho, etc.: Estar de parte de alguien.

Agora estou sem empregada e Marina me ajuda.

Seção I**Atender**[Do latim *attĕndĕre*.]

1. Tomar em consideração; levar em conta; ter em vista; considerar.

2. Dar ou prestar atenção; atentar; observar.

3. Ficar ou estar atento; aguardar, esperar.

4. Dar despacho favorável a; deferir.

5. Acolher, receber com atenção ou cortesia.

6. Dar atenção a (freguês, cliente, etc.), prestando-lhe serviço; servir, aviar.

7. Dar atenção a; seguir, acatar. Cumprir ordem; seguir conselho; obedecer.

8. Prestar auxílio; prestar socorro; acudir.

9. Atender por; chamar-se (algunhas, apelidos), também empregado a animais.

Atender[Do latim *attĕndĕre*.]

1. Tener en cuenta o en consideración algo.

2. Disponer los sentidos y la mente para enterarse de algo que se dice, se hace u ocurre en su presencia.

3. Esperar o aguardar.

4. Satisfacer las peticiones, quejas, etc. de alguien.

5. Preocuparse de otras personas en una fiesta para que lo pasen bien.

6. Enterarse un dependiente de comercio u otra persona encargada de un despacho u oficina de lo que quiere un cliente o persona del público, y servirle.

7. Permitir alguien que influya en su manera de obrar una opinión, un deseo, un consejo, etc., de otra persona.

8. Mirar por alguien o algo, o cuidar de él o de ello.

9. Referido especialmente a animales, llamarse, atender por.

Seção II

1. Responder. Atender a um chamado. Atender a um telefonema.

Atender ao telefone.

Ponerse al teléfono.

Aula/Aula**Seção I****Aula**

[Do latim *aula*.]

1. Sala em que se leciona; sala de aula, classe, sala.
2. Corte (ô) e/ou cortesãos; palácio soberano.

Aula

[Do latim *aula*.]

1. Sala donde se celebran las clases en los centros docentes.
2. Palacio de un príncipe soberano.

Seção I

1. Lição ou exercício ministrado pelo professor num determinado espaço de tempo. Explicação proferida por professor ou por autoridade competente perante um grupo de alunos ou um auditório.

A primeira aula de hoje será de matemática.

La primera clase de hoy será de Matemáticas.

Azar/Azar**Seção I****Azar**

[Do árabe hispânico *az-zahar* ou *az-zahr*.]

Azar

[Do árabe *azzahr*.]

1. Revés, fatalidade, desgraça, infortúnio.

2. Casualidade, acaso.

Seção II

1. Má sorte; fortuna adversa; caiporismo.

Que azar!

1. Desgracia imprevista.

2. Casualidad, caso fortuito.

¡Qué mala suerte!

Bacharel/Bachiller**Seção I****Bacharel**

[Do francês *bachelier*.]

1. Aquele que concluiu o curso de ensino médio.

2. Indivíduo que concluiu o primeiro grau universitário.

3. Tagarela, palrador.

Bachiller

[Do francês *bachelier*.]

1. Persona que ha cursado o está cursando los estudios de enseñanza secundaria.

2. Persona que ha recibido el primer grado académico que se otorgaba a los estudiantes de facultad.

3. Persona que habla mucho e impertinentemente.

Seção II**Bacharelado**

[Der. de *bacharel*.]

1. O grau de bacharel. O curso para obtenção desse grau.

Concluí o bacharelado em 2002.

Concluí la facultad en 2002.

Seção III**Bachillerato**[Der. de *bachiller*.]

1. Estudios de enseñanza secundaria que preceden a los superiores. Grado o título académico que se obtiene al concluir dichos estudios.

Concluí el bachillerato en 2002.

Concluí o ensino médio em 2002.

3. Aeróstato cheio de um gás mais leve do que o ar, e que não precisa de aparelho de propulsão para se elevar na atmosfera.

Este balão mede 30 metros de altura.

El globo este mide 30 metros de altura.

Balão/Balón**Seção I****Balão**[Do francês *ballon*.]

1. Frasco esférico, de colo mais ou menos longo, usado para a realização de várias operações químicas.
2. Frasco esférico para conter gases.

Seção II

1. Esfera de borracha ou de plástico, de paredes muito finas, cheia de ar ou de gás mais leve do que este; bexiga.

Cada criança recebeu um balão durante a festa.

2. Nas histórias em quadrinhos e fotonovelas, espaço em forma de balão contornado por um traço que

Balón[Aumentativo de *bala* e este do francês *balle*.]

1. Recipiente esférico de vidro con cuello prolongado.
2. Recipiente para contener gases.

Cada niño recibió un globo durante la fiesta.

Seção III

1. Pelota grande, usada en juegos o con fines terapéuticos.

Entre las características del balón del Torneo Mundial de Fútbol están una gran flexibilidad y una muy buena durabilidad.

Entre as características da bola da Copa Mundial de Futebol estão uma grande flexibilidade e uma excelente durabilidade.

Balcão/Balcón**Seção I****Balcão**[Do italiano *balcone*.]

1. Varanda ou sacada, guarnecida, em geral, de grade e peitoril, e apoiada em mísulas e cachorros, à qual se assoma por uma ou mais portas de pavimentos acima do térreo, típica da arquitetura

Balcón[Do italiano *balcone*.]

1. Hueco abierto al exterior desde el suelo de la habitación, con barandilla por lo común saliente.

domiciliar italiana, espanhola e portuguesa, e de largo emprego na América Latina.

Seção II

1. Móvel, da altura de uma mesa ou pouco mais alto, empregado em lojas, repartições ou outros estabelecimentos, para atendimento do público ou da clientela, e que eventualmente serve para expor mercadorias.

Já colocaram as mercadorias no balcão?

¿Han puesto ya las mercancías en el mostrador?

Barraca/Barraca

Seção I

Barraca

[Do catalão *barraca*, possivelmente de origem pré-romana.]

1. Casa comercial especializada em couros, lãs e outros produtos industriais de origem pastoril.

2. Construção ligeira, de remoção fácil, comumente feita de madeira e lona, e usada em feiras.

Seção II

1. Abrigo de lona, náilon, etc., usado por soldados em campanha, por excursionistas, etc.; tenda.

Barraca

[Do catalão *barraca*, possivelmente de origem pré-romana.]

1. Edifício em que se depositam cueros, lanas, maderas, cereales u otros efectos destinados al comercio.

2. Construcción hecha con materiales ligeros, generalmente en carácter provisional; por ejemplo, para albergar tropas circunstancialmente, para puestos de feria, etc.

Seção III

1. Caseta o albergue construido toscamente y con materiales ligeros. Vivienda muy pobre, hecha con materiales de desecho, como latas y tablas.

Hay muchas personas viviendo en barracas en el suburbio.

Há muitas pessoas morando em barracos no subúrbio.

2. Edificio en que se depositan cueros, lanas, cereales u otras mercancías; depósito.

Hoy en día casi no hay barracas de cereales en las grandes ciudades.

Hoje em dia, quase não existem galpões de cereais nas grandes cidades.

Batata/Batata

Seção I

Batata

[Do castelhano e este der. do taino *batata*.]

1. Designação comum às plantas que têm tubérculos ou raízes tuberosas. Tubérculos comestíveis de certos vegetais. Qualquer tubérculo, comestível ou não.

Batata

[Do taíno *batata*.]

1. Planta de tallos rastreros, hojas acorazonadas, flores en forma de campana y raíces con tubérculos comestibles llamados del mismo modo, blancos o amarillentos por dentro.

Seção II

1. Planta herbácea da família das solanáceas, *Solanum Tuberosum*.

Comemos batatas no almoço.

Hemos comido patatas/papas en el almuerzo.

Seção III

1. Nombre común de diversas plantas herbáceas de la familia convolvuláceas, género *Ipomoea batatas*.

Hemos comido batata en el almuerzo.

Beca/Beca**Seção I****Beca**

[De origem desconhecida.]

1. Veste talar, geralmente preta, que se usam, à maneira de capa, os magistrados judiciais, os membros do Ministério Público, os advogados e os catedráticos, no exercício de suas funções ou quando vestidos de gala, assim como os alunos de alguns seminários, os participantes de algumas confrarias e os formandos de grau superior na festa de formatura.

Beca

[De origem desconhecida.]

1. Banda de tela que, como distintivo colegial, llevaban los estudiantes plegada sobre el pecho y con los extremos colgando por la espalda. Hoy solo se usa en ciertos actos. Especie de chía de seda o paño que colgaba del cuello hasta cerca de los pies, y que usaban sobre sus lomas los clérigos constituidos en dignidad. Toga.

Seção III

1. Pensión que percibe un

Benjamim/Benjamín**Seção I****Benjamim**

[Por alusão à *Benjamim*, filho mais novo e predileto de Jacó.]

1. O filho mais jovem de uma família; o filho preferido dos pais.
2. Membro mais jovem de um grupo

Benjamín

[Por alusão à *Benjamín*, filho mais novo e predileto de Jacó.]

1. Hijo menor y por lo común el predilecto de sus padres.
2. Miembro más joven de un grupo.

Seção II

1. Plugue ou extensão com três ou mais tomadas em que se ligam três ou mais plugues de lâmpadas ou aparelhos elétricos.

Os benjamins podem ser muito perigosos, principalmente para as crianças pequenas.

Los enchufes múltiples pueden ser muy peligrosos, principalmente para los niños pequeños.

Bilhão/Billón**Seção I****Bilhão**

[Do francês *billion*.]

Billón

[Do francês *billion*.]

Seção II

1. Mil milhões; 10^9 .

O governo arrecadou um bilhão de reais no último ano. *El gobierno ha arrecadado mil millones en el último año.*

Seção III

1. Un millón de millones, que se expresa por la unidad seguida de doce ceros.

El gobierno ha arrecadado un billón en el último año. *O governo arrecadou um trilhão de reais no último ano.*

Bolsa/Bolsa**Seção I****Bolsa**

[Do latim *bursa*.]

1. Saquinho de couro, pano, etc., para portar dinheiro em moedas.
2. O dinheiro nele contido. Recursos Financeiros, dinheiro.
3. Recipiente feito de couro, pano, plástico ou metal, com ou sem alça, no formato de saco, sacola ou maleta, etc., para guardar, portar ou transportar objetos diversos.
4. Cavidade que contém secreção, ou outro fluido.
5. Instituição, pública em alguns países, privada em outros, destinada a operar em fundos públicos, ações e obrigações de

Bolsa

[Do latim *bursa*.]

1. Saco pequeño de cuero en que se echa dinero, y que se ata o cierra.
2. Caudal o dinero de una persona.
3. Recipiente de material resistente para guardar, en viajes o traslados, ropa u otras cosas, y que se puede llevar a mano o colgado del hombro.
4. Acumulación de un fluido en un determinado lugar.
5. Lugar en que se reúnen los que compran y venden acciones, títulos de la deuda del Estado y otros valores semejantes, para realizar

Seção II

1. Qualquer de vários tipos de saco com alça ou sem ela, de tamanho adaptado ao seu uso, e feitos diversos, ou de carteira (1 e 2), em geral com fecho, us. para guardar dinheiro, documentos, lenço, objetos de toalete, etc., e que podem ser feitos de couro, tecido, metal, plástico, etc.

Temos diversos tipos de bolsas para senhoras e bolsas para viagem.

2. Pensão gratuita concedida a estudantes ou pesquisadores para estudos ou viagem cultural; bolsa de estudo.

Recebi uma bolsa de estudos para estudar na Espanha.

Seção III

1. Especie de talega o saco de tela u otro material, que sirve para llevar o guardar algo.

La bolsa de plástico es un objeto cotidiano utilizado para transportar pequeñas cantidades de mercancías.

Tenemos diversos tipos de bolsos para señoras y bolsas para viajes.

He recibido una beca para estudiar en España.

A sacola de plástico é um objeto utilizado diariamente para transportar pequenas quantidades de mercadorias.

Bolso/Bolso**Seção I****Bolso**[Der. de *bolsa*.]

1. *Mar.* Pequena superfície de pano que fica sujeita à ação do vento depois de carregada, mas não ferrada, a vela.

Bolso[Der. de *bolsa*.]

1. *Mar.* Seno que por la acción del viento se forma en las velas cuando se efectúan en ellas ciertas maniobras, como las de cargar o arrizar.

Seção II

1. Pequeno saco de pano cosido interna ou externamente à roupa, e que serve para guardar objetos pessoais, ou como enfeite; algibeira.

Eu gosto de calças com bolsos externos.

Me gustan los pantalones con bolsillos externos.

Seção III

1. Bolsa de mano generalmente pequeña, de cuero, tela u otras materias, provista de cierre y frecuentemente de asa, usada especialmente por las mujeres para llevar dinero, documentos, objetos de uso personal, etc.

Están de moda los bolsos deportivos por lo prácticos que son.

Estão na moda as bolsas esportivas devido a sua praticidade.

Bombilha/Bombilla**Seção I****Bombilha**[Do espanhol *bombilla*.]

1. Canudo de metal ou madeira, usado para sugar da cuia o mate, achatado numa extremidade e provido de um ralo esférico na outra, evitando, assim, que o pó da erva seja sorvido.

Bombilla[Der. de *bomba* do latim *bombus*.]

1. Caña delgada que se usa para sorber el mate en América. Tiene unos 20 cm de longitud y medio de diámetro, y por la parte que se introduce en el líquido termina en forma de una almendra llena de agujeritos, para que pase la infusión y no la hierba del mate. También las hay de metal.

Seção III

1. Globo de cristal en el que se ha hecho el vacío y dentro del cual va colocado un hilo de platino, carbón, tungsteno, etc., que al paso de una corriente eléctrica se pone incandescente y sirve para alumbrar.

El mercado ofrece una gran variedad de bombillas para el hogar o la oficina.

O mercado oferece uma grande variedade de lâmpadas para a casa ou escritório.

Borracha/Borracha**Seção I****Borracha**[Do espanhol *borracha*.]**Borracha**

[De origem incerta, talvez do cruzamento do árabe *morratxa* com o espanhol *botella*.]

1. Odre de couro bojudo, com bocal, para conter líquido.

1. Bota para el vino

Borrar/Borrar

Seção II

1. Substância elástica feita do látex coagulado de várias plantas, como, p. ex., a seringueira, o caucho, a goma-elástica, etc., ou obtida por processos químico-industriais. Esse látex beneficiado, para a indústria.

A reciclagem da borracha dos pneus tem um balanço energético muito positivo.

El reciclaje de la goma de los neumáticos tiene un balance energético muy positivo.

2. Pedaco de borracha apropriado para apagar traços do desenho e da escrita.

Levava tudo que necessitava em seu estojo: lápis, canetas, borracha e apontador.

Llevaba todo lo necesario en su estuche: lápices, bolígrafos, goma y sacapuntas.

Seção III

1. Que se embriaga habitualmente.

María estaba siempre borracha, era un peligro, atropelló a varios peatones, ahora está en la cárcel.

Maria estava sempre bêbada, era um perigo, atropelou vários pedestres, agora está na prisão.

2. Vivamente poseído o dominado de alguna pasión, y especialmente de la ira.

A pesar de tu desprecio, sigo borracho de amor por ti.

A pesar de seu desprezo, sigo embriagado de amor por você.

Seção I

Borrar

[Der. de *borra*, do latim *burra*.]

1. Riscar sobre o que se escreveu para torná-lo ininteligível, de modo que não possa mais ser lido; rabiscar.

2. Apagar, obscurecer.

Seção II

1. Sujar(se) com borra ou borrão; manchar(se).

As crianças borraram seus cadernos com tinta.

Borrar

[Der. de *borra*, do latim *burra*.]

1. Hacer rayas horizontales o transversales sobre lo escrito, para que no pueda leerse o para dar a entender que no sirve.

2. Desvanecer, quitar, hacer que desaparezca algo

Los niños mancharon sus cuadernos con tinta.

Seção III

1. Hacer desaparecer por cualquier medio lo representado con tiza, tinta, lápiz, etc.

Para borrar a tiza de la pizarra hay que usar un borrador.

Para apagar o giz do quadro-negro é necessário usar o apagador.

2. Olvidar, dejar de tener en la memoria.

Ha borrado de la memoria todo el dolor de su pérdida.

Apagou da memória toda a dor de sua perda.

Botar/Botar**Seção I****Botar**[Do francês *boter*.]

1. Deitar, atirar, lançar fora; expelir; expulsar.

Seção II

1. Vestir, calçar, pôr.

Ele quis botar os sapatos para ir brincar no pátio, mas não os encontrava em nenhum lugar.

2. Preparar, arranjar; pôr.

Botamos a mesa e jantamos.

3. Pôr, colocar.

Botou o livro na estante.

4. Guardar, depositar; pôr.

Botou as economias no banco.

5. Aplicar, investir.

Ricardo botou trinta mil na casa e, agora, pretende vendê-la.

6. Pôr ovos.

A galinha bota um ovo por dia.

Botar[Do francês *boter*.]

1. Arrojar, tirar, echar fuera a alguien o algo.

Se quiso poner los zapatos para ir a jugar al patio, pero no los encontraba por ningún lado.

Preparamos la mesa y cenamos.

Puso el libro en la estantería.

Depositó las economías en el banco.

Ricardo aplicó treinta mil en la casa y, ahora, pretende venderla.

La gallina pone un huevo por día.

Seção III

1. Lanzar contra una superficie dura una pelota u otro cuerpo elástico para que retroceda con impulso.

En el baloncesto no se pueden dar tres pasos sin botar la pelota.

No basquete não pode dar três passos sem quicar a bola.

Botequim/Botiquín**Seção I****Botequim**[Diminutivo de *botica*, do grego *apothéke*.]**Botiquín**[Diminutivo de *botica*, do grego *apothéke*.]**Seção II**

1. Estabelecimento comercial onde se servem bebidas em geral (bebidas alcoólicas, refrigerantes, café, etc.) e pequenos lanches; bar.

Neste botequim há vários tipos de bebidas.

En este bar hay varios tipos de bebidas.

Seção III

1. Mueble, caja o maleta para guardar medicinas o transportarlas a donde convenga.

Tráigame el botiquín que está en mi habitación.

Traga-me a caixa de remédios que está no meu quarto.

Botões/Botones**Seção I****Botões**[Plural de *botão*, do francês *boton*.]

1. Gema.
2. A flor antes de desabrochar.
3. Pequena peça, quase sempre arredondada, que se usa para fechar o vestuário, fazendo-a entrar numa casa ou presilha, e também como ornato.
4. Maçaneta ou puxador de portas, gavetas, etc., arredondado.
5. Nas campainhas, pequena peça que se comprime para fazê-las soar.

Seção III

1. Muchacho que sirve en hoteles y otros establecimientos para llevar los recados u otras comisiones que se le encargan. (Usado en plural).

Importante empresa del sector turístico precisa incorporar a un botones para el hotel en Madrid.

Botones[Plural de *botón*, do Francês *boton*.]

1. Yema; brote embrionario.
2. Flor cerrada y cubierta de las hojas que unidas la defienden, hasta que se abre y extiende.
3. Pieza pequeña de metal, hueso, nácar u otra materia, forrada de tela o sin forrar, que se pone en los vestidos para que, entrando en el ojal, los abroche y asegure. También se pone por adorno.
4. Resalto de forma cilíndrica o esférica que se atornilla en algún objeto, para que sirva de tirador, asidero, tope, etc., según los casos.
5. En el timbre eléctrico, pieza en forma de botón que, al oprimirla, cierra el circuito de la corriente y hace que suene aquel.

Importante empresa do setor turístico precisa contratar um mensageiro para seu hotel em Madri.

Braga/Braga**Seção I****Braga**[Do latim *brāca*.]

1. Espécie de calças ou calções, largos ou justos, apertados por baixo ou não, de uso entre alguns povos da antigüidade e, no campo, até a Idade Média; modernamente, vestem-nos alguns muçulmanos.

Seção III

1. Prenda interior de la vestimenta de las mujeres y los niños, que cubre desde la cintura hasta el principio del muslo, con agujeros por donde pasan las piernas.

Las bragas altas y lisas vuelven a estar de moda en 2009.

Braga[Do latim *brāca*.]

1. Calzón de hombre. Especie de calzones anchos, ceñidos en las rodillas.

As calcinhas altas e lisas voltam a entrar na moda em 2009.

Branco/Blanco**Seção I****Branco**[Do germânico *blanck*.]

1. Diz-se da impressão produzida no órgão visual pelos raios da luz não decomposta.
2. Da cor da neve, do leite, da cal; alvo, cândido.

Blanco[Do germânico *blanck*.]

1. Es el color de la luz solar, no descompuesta en los varios colores del espectro.
2. Del color que tienen la nieve o la leche.

3. Diz-se das coisas que, não sendo brancas, têm cor mais clara do que outras da mesma espécie.

4. Diz-se de indivíduo de pele clara, que pertence à raça branca.

5. Espaço entre linhas escritas ou impressas. Qualquer claro maior do que os espaços ordinários; buraco.

3. Dicho de una cosa que sin ser blanca tiene color más claro que otras de la misma especie

4. Se dice del color de la raza europea o caucásica, a diferencia del de las demás.

5. Hueco o intermedio entre dos cosas. Espacio que en los escritos se deja sin llenar.

Seção III

1. Objeto situado lejos para ejercitarse en el tiro y puntería, o bien para adiestrar la vista en medir distancias, y a veces para graduar el alcance de las armas.

El tiro al blanco es un juego en el que has de demostrar tu puntería.

O tiro ao alvo é um jogo no qual você deve demonstrar sua pontaria.

Brincar/Brincar

Seção I

Brincar

[De *brinco* e este do latim *vinculu*.]

Brincar

[De *brinco* e este do latim *vincŭlum*.]

Seção II

1. Divertir-se infantilmente; entreter-se em jogos de crianças.

Brincava com seus filhos como se

Jugaba con sus hijos como si fuera

2. Divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar.

João tem muito bom humor, brinca sobre tudo.

Juan tiene muy buen humor, de todo hace bromas.

3. Dizer ou fazer algo por brincadeira; zombar, gracejar.

Não me leve a sério, estou brincando.

No me tomes en serio, te estoy bromeando.

4. Gracejar, zombar, mexer.

Se você brincar com ele, vai acabar se arrependendo.

Si le tomas el pelo, te arrepentirás.

Seção III

1. Dar brincos o saltos.

Brincaba como si fuera un niño.

Pulava como se fosse uma criança.

El niño se levanta dando un brinco desde la cama y empieza a jugar a la pelota.

O menino se levanta dando um salto da cama e começa a jogar bola.

2. Salir disparado bruscamente hacia arriba y volver a caer, en general repetidamente.

La bolita brinca en la ruleta.

A bolinha pula/quica na roleta.

3. Alterarse a causa de alguna emoción.

La noticia la hizo brincar de alegría.

A noticia a fez pular de alegria.

Brinco/Brinco**Seção I****Brinco**[Do latim *vinculum*.]

1. Jóia ou bijuteria usada nas orelhas, às vezes com movimento pendente.

Brinco[Do latim *vinculum*.]

1. Joyel pequeño que usaron las mujeres colgado de las tocas.

Seção III

1. Movimiento que se hace levantando los pies del suelo con ligereza.

Con un brinco fue de la cama a la ventana.

2. Sobresalto, alteración.

Juan le dio un brinco a María.

Com um salto foi da cama à janela.

João deu um susto em Maria.

Cacho/Cacho**Seção I****Cacho**[Do latim vulgar *caccŭlus*, e este do latim clássico *caccăbus*.]**Seção II**

1. Inflorescência formada de uma haste de crescimento indefinido, e que tem, aos lados, pedúnculos florais dispostos alternadamente. Conjunto de flores ou frutos

Cacho[Do latim vulgar *caccŭlus*, e este do latim clássico *caccăbus*.]

2. Anel ou canudo de cabelo.

O que você fez no cabelo para conseguir cachos tão perfeitos? *¿Qué has hecho en el pelo para conseguir rizos tan perfectos?*

Seção III

1. Pedazo o trozo de algo.

Me he comido un cacho de bollo que estaba muy exquisito. *Comi um pedaço de bolo que estava muito gostoso.*

Cachorro/Cachorro**Seção I****Cachorro**[Do latim vulgar *cattŭlus*.]

1. Cão novo e pequeno.

2. Filhote, cria de qualquer quadrúpede. Filhote de animais como leão, onça, lobo, hiena, etc.

Seção II

1. Qualquer cão.

O cachorro pulava de felicidade sempre que via seu filhote.

Cachorro[Do latim vulgar *cattŭlus*.]

1. Perro de poco tiempo.

2. Hijo pequeño de otros mamíferos, como el león, el tigre, el lobo, el oso, etc.

El perro brincaba de felicidad siempre que vía a su cachorro.

Cadeira/Cadera

Seção I

Cadeira

[Do grego *kathédra*, pelo latim *Cathédra*.]

1. Anca, quadril.

Cadera

[Do grego *kathédra*, pelo latim *Cathédra*.]

1. Cada una de las dos partes salientes formadas a los lados del cuerpo por los huesos superiores de la pelvis.

Seção II

1. Peça de mobiliário que consiste num assento com costas, e, às vezes, com braços, dobrável ou não, para uma pessoa.

Na sala havia seis cadeiras e uma mesa.

2. Disciplina ministrada em estabelecimento escolar; matéria, cátedra. Funções de professor.

João conseguiu a cadeira de matemática na Universidade de São Paulo.

3. Lugar ocupado por membro de corporação política, científica ou literária.

Após a eleição, Marta finalmente conseguiu uma cadeira no senado.

4. Cada um dos lugares individuais de determinada parte de uma casa de espetáculos, estádio, ginásio,

En el salón había seis sillas y una mesa.

Juan ha logrado la cátedra de matemáticas en la Universidad de São Paulo.

Tras la elección Marta finalmente ha logrado una silla en el senado.

Caixão/Cajón

Seção I

Caixão

[Do latim *capsa*, pelo castelhano *caixa*.]

1. Caixa grande.
2. Parte oca ou vazia de um móvel.

Cajón

[D latim *capsa*.]

1. Caja, recipiente para guardar o transportar algo.
2. En los estantes de libros y papeles, espacio que media entre tabla y tabla.

Seção II

1. Caixa comprida, geralmente de tampa abaulada, para depositar o corpo dos mortos e conduzi-los à sepultura; caixão de defunto, féretro, ataúde, esquife, tumba, urna funerária.

A escolha do caixão é um momento difícil para a família enlutada.

La elección del ataúd es un momento difícil para la familia enlutada.

Seção III

1. Receptáculo que se puede sacar y meter en un hueco determinado, al cual se ajusta, de un armario, una

mesa, una cómoda u otro mueble.

Se vende uma estanteria estile
2. Caja tosca, generalmente de madera, sin tapa, o con ella clavada en vez de movable.

Vende-se uma estante em estile

¿Aquel cajón antiguo todavía está en el sótano?

Aquele caixote antigo ainda está no porão?

2. Casilla o garita de madera que sirve de tienda o de obrador.

Compro un cajón tienda ambulante para charcutería

Compro uma guarita ambulante para charcutaria.

Calçada/Calzada

Seção I

Calçada

[Do latim vulgar *calciāta*.]

1. Caminho ou rua revestida de pedras.

Calzada

[Do latim vulgar *calciāta*.]

1. Camino pavimentado y ancho.

Seção II

1. Caminho pavimentado para pedestres, quase sempre mais alto que a parte da rua destinada aos veículos, e geralmente limitado pelo meio-fio; passeio.

A calçada é a parte da rua destinada aos pedestres.

La acera es la parte de la calle destinada a los peatones.

Seção III

1. Parte de la calle comprendida entre dos aceras.

Atropellados tres peatones cuando cruzaban la calzada por el paso de cebrá.

Três pedestres foram atropelados quando atravessavam a rua na faixa para pedestres.

2. En las carreteras, parte central dispuesta para la circulación de vehículos.

La nieve caída esta mañana ha propiciado la caída de un árbol en la calzada de la carretera N-403.

A neve que caiu esta manhã propiciou a caída de uma árvore na pista da estrada N-403.

Calçãozinho/Calzoncillo

Seção I

Calçãozinho

[Diminutivo de *calção*, derivado de *calça* do latim vulgar *calcĕa*, e este do latim clássico *calcĕus*, que significa *sapato*.]

Calzoncillo

[Diminutivo de *cazón*, derivado de *calza* do latim vulgar *calcĕa*, e este do latim clássico *calcĕus*, que significa *zapato*.]

Seção II

1. Calça de bocas mais ou menos largas, cujo comprimento atinge, em média, o meio das coxas, e que pode ser presa à cintura por meio de um cadarço.

O uniforme da seleção brasileira é composto por camiseta amarela e calção azul.

El uniforme de la selección brasileña se compone por camiseta amarilla y pantalón corto azul.

Seção III

1. Prenda interior de hombre que, según los modelos, cubre desde la cintura hasta las ingles o parte de los muslos, cuyas las perneras pueden ser de longitud variable.

Juan se ha comprado dos pantalones vaquero, tres calzoncillos y una camisa. *João comprou duas calças jeans, três cuecas e uma camisa.*

Carniceiro/Carnicero**Seção I****Carniceiro**

[Derivado de *carniça* e este do latim vulgar *carnitia*.]

1. Sanguinário, feroz, cruel.
2. Que esquarteja a carne para vendê-la a retalhos; *açougueiro*
3. Que se alimenta de carne; carnívoro.

Carnicero

[Derivado de *carniza* e este do latim vulgar *carnitia*.]

1. Cruel, sanguinario, inhumano.
2. Persona que vende carne.
3. Que come mucha carne.

Carro/Carro**Seção I****Carro**

[Do latim *carrus*.]

1. Parte da máquina de escrever onde é introduzida e fixada a folha de papel, e que se movimenta, ou

Carro

[Do latim *carrus*.]

1. Aparato compuesto de un tablero de hierro en que se coloca la forma que se va a imprimir, y que, por

Seção II

1. Veículo de rodas para transporte de pessoas ou carga. Esse veículo, em geral de quatro rodas, quando apresenta as características necessárias para comportar reduzido número de passageiros.

Quero trocar de carro, qual você me recomendaria?

Me quiero cambiar de coche, ¿cuál me recomendarías?

Seção III

1. Carruaje de dos ruedas, con lanza o varas para enganchar el tiro, y cuya armazón consiste en un bastidor con listones o cuerdas para sostener la carga, y varales o tablas en los costados, y a veces en los frentes, para sujetarla.

Llegó en un carro tirado por cinco caballos.

Chegou em uma carruagem puxada por cinco cavalos.

2. Vehículo o armazón con ruedas que se emplea para transportar objetos diversos, como el cesto de la compra, libros, comida, equipaje, etc.

Le sirvió el desayuno en un carro adornado con flores riquísimas.

Serviu-lhe o café da manhã em um carrinho enfeitado com flores lindíssimas.

3. Cantidad grande de algo.

Un carro de preocupaciones.

Tengo un carro de asuntos sin resolver.

Um caminhão/bonde de preocupações.

Tenho um caminhão/bonde de assuntos sem resolver.

Cenário/Escenario

Seção I

Cenário

[Do latim *scaenarium*.]

Escenario

[Do latim *scaenarium*.]

Seção II

1. Conjunto dos diversos materiais e efeitos cênicos que serve para criar a realidade visual ou a atmosfera dos locais onde decorre a ação dramática.

Este cenário representa o século XVIII.

Esta escenografia representa el siglo XVIII.

Seção III

1. Parte del teatro construida y dispuesta convenientemente para que en ella se puedan colocar las decoraciones y representar las obras dramáticas o cualquier otro espectáculo teatral.

Volvieron al escenario y agradecieron al público.

Voltaram ao palco e agradeceram ao público.

Cenografia/Escenografia

Seção I

Cenografia

[Do grego *skenographía* através do latim *skenographía*.]

1. Arte e técnica de projetar e dirigir a execução de cenários; cenoplastia.
2. Cenário.

Escenografía

[Do grego *skenographía* através do latim *skenographía*.]

1. Arte de proyectar o realizar decoraciones escénicas.
2. Conjunto de decorados en la representación escénica.

Charlatão/Charlatán

Seção I

Charlatão

[Do italiano *ciarlatano*.]

1. Vendedor público de drogas, cujas virtudes apregoa com exagero.

2. Impostor, embusteiro, trapaceiro. Explorador da boa-fé do público.

Charlatán

[Do italiano *ciarlatano*.]

1. Vendedor callejero que hace la propaganda de su mercancía, hablando mucho y a voces, particularmente, el que ofrece en esa forma remedios o soluciones.

2. Embaucador o engañador. Persona que engaña con palabras, ofreciendo o prometiendo cosas irrealizables o que no ha de cumplir.

Seção III

1. Que habla mucho y sin sustancia. Hablador indiscreto.

Él no se dice charlatán, sino una persona que habla sólo lo necesario.

Ele diz não ser um tagarela, mas sim uma pessoa que fala somente o necessário.

Chatear/Chatear**Seção I****Chatear**

[Derivado de *chato* e este do latim *plattus*.]

Chatear

[Derivado de *chato* e este do latim *plattus*.]

Seção II

1. Aborrecer, molestar, irritar alguém.

João, com frequência, me chateia.

Juan, a menudo, me aburre.

Seção III

1. Beber chatos de vino.

Mientras chateaba, charlaba con sus amigos.

Enquanto bebia um copo de vinho, conversava com seus amigos.

Chato/Chato**Seção I****Chato**

[Do latim *plattus*.]

1. Sem relevo; liso, plano.

Chato

[Do latim *plattus*.]

1. Que tiene menos relieve, longitud o elevación de lo normal.

Seção II

1. Maçante.

Esse assunto é muito chato.

Ese asunto es muy aburrido.

Seção III

2. En las tabernas, vaso bajo y

Chouriço/Chorizo**Seção I****Chouriço**

[De origem incerta; do latim *salsiciuru*, do castelhano *chorizo*.]

Chorizo

[Do latim *salsiciūm*.]

Seção II

1. Enchido de porco, cujo recheio é misturado com sangue e curado ao fumo.

Compramos 2 quilos de chouriço para o jantar.

Hemos comprado 2 kilos de morcilla para la cena.

Seção III

1. Pedazo corto de tripa lleno de carne, regularmente de puerco, picada y adobada, el cual se cura al humo.

Hemos comprado 2 kilos de chorizo para la cena.

Compramos 2 quilos de lingüiça para o jantar.

Cigarro/Cigarro**Seção I**

Cigarro[Do castellano *cigarro*.]

1. Fino rolo de tabaco picado, geralmente enrolado em papel fino (mortalha), e que se destina a ser fumado.

Cigarro[Do maia *siyar*.]

1. Objeto hecho con una hoja de tabaco preparada en cierta forma y arrollada, que se fuma así.

Cimento/Cimiento**Seção I****Cimento**[Do latim *caementum*.]**Seção II**

1. Substância em pó, utilizada como aglomerante ou para ligar certos materiais, e que, umedecida, se usa em estado plástico, endurecendo, depois, pela perda da água.

Na construção de edificios se usa cimento.

Seção III

1. Parte del edificio que está debajo de tierra y sobre la que estriba toda la fábrica.

El cimiento es el que sostiene cualquier edificio.

Cimiento[Do latim *caementum*.]

En la construcción de edificios se usa cemento.

O alicerce é o que sustenta qualquer edificio.

Cinta/Cinta**Seção I****Cinta**[Do latim *cincta*.]

1. Faixa para apertar na cintura; tira de pano ou de couro para cingir.

Seção III

1. Tira de papel, talco, celuloide u otra materia flexible.

La cinta magnética es un tipo de medio o soporte de almacenamiento de información.

Cinta[Do latim *cincta*.]

1. Tejido largo y estrecho de seda, hilo u otra fibra, y de uno o más colores, que sirve para atar, ceñir o adornar.

A fita magnética é um tipo de meio ou suporte de armazenamento de informação.

Cita/Cita**Seção I****Cita**[Derivado de *citar* e este do latim *citāre*.]

1. Referência a um trecho ou a uma opinião autorizada; citação.

Seção III

1. Señalamiento, asignación de día, hora y lugar para verse y hablarse dos o más personas; reunión o encuentro entre dos o más personas, previamente acordado.

Trabajaron mucho en su primera cita.

Cita[Derivado de *citar* e este do latim *citāre*.]

1. Nota de ley, doctrina, autoridad o cualquier otro texto que se alega para prueba de lo que se dice o refiere.

Trabalharam muito na sua primeira reunião/ no seu primeiro encontro.

Classe/Clase**Seção I****Classe**[Do latim *classis*.]

1. Numa série ou num conjunto, grupo ou divisão que apresenta características semelhantes; categoria; ordem.
2. Categoria de coisas baseada na qualidade, no valor ou no preço.
3. Categoria de cidadãos baseada nas distinções de ordem social ou jurídica.
4. O conjunto de aulas em que se ensina certa matéria.
5. Os estudantes que as freqüentam.
6. O local onde se ministram as aulas; sala.

Clase[Do latim *classis*.]

1. Cada grupo o división que resulta de repartir o suponer repartidas las cosas de un conjunto poniendo juntas las que tiene el mismo valor o ciertas características comunes.
2. Calidad, manera de ser de una cosa, buena o mala, mejor o peor o especificada de cualquier manera, que es común a esa cosa y a otras.
3. Clase social, distinción, categoría.
4. Enseñanza dada por un profesor de una materia determinada.
5. En un colegio, academia, etc., cada grupo de alumnos clasificados por su grado de adelanto en la enseñanza de que se trate.
6. Local donde se dan las clases.

Clausura/Clausura**Seção I****Clausura**[Do latim *clausura*.]

1. Nos conventos, recinto destinado aos frades ou às freiras, e onde não podem entrar estranhos.
2. A vida religiosa em clausura.
3. Recinto fechado.

Seção III

1. Acto solemne con que se terminan o suspenden las deliberaciones de un congreso, un tribunal, etc.

La clausura del Congreso Internacional de Leguas Extranjeras será el 20 de abril.

Clausura[Do latim *clausura*.]

1. En los conventos de religiosos, recinto interior donde no pueden entrar mujeres; en los conventos de religiosas, aquel donde no pueden entrar hombres ni mujeres.
2. Obligación que tienen las personas religiosas de no salir de cierto recinto, y prohibición a las seglares de entrar en él.
3. Sitio cercado o corral.

O encerramento do Congresso Internacional de Línguas Estrangeiras será dia 20 de abril.

Coberto/Cubierto**Seção I****Coberto**[Particípio do verbo *cobrir* do latim *coopertus*.]

1. Qualquer espaço coberto; alpendre, telheiro; protegido de agentes atmosféricos. Tapado, resguardado.

Cubierto[Particípio do verbo *cobrir* do latim *coopertus*.]

1. Techumbre de una casa u otro sitio, que cubre y defiende de las inclemencias del tiempo.

- | | |
|--|---|
| 2. Que não está visível, oculto. (Céu coberto de nuvens) | 2. Aplicado al cielo; también al día (nublado) |
| 3. Vestido, agasalhado. | 3. Vestido. |
| 4. Cheio, repleto, referto. | 4. Con mucho o muchas cosas de las que se dicen, en cima. |

Seção II

1. Liquidado, pago.

O empréstimo já está coberto.

El préstamo ya está liquidado.

Seção III

1. Servicio de mesa que se pone a cada uno de los que han de comer, compuesto de plato, cuchillo, tenedor y cuchara, pan y servilleta. Juego compuesto de cuchara, tenedor y cuchillo.

Ofreció una cena de cincuenta cubiertos.

Ofereceu um jantar de cinquenta talheres.

2. Plato o bandeja con una servilleta encima, en que se sirve el pan, los bizcochos, etc., en una reunión o cóctel.

El camarero llevaba el cubierto con mucha habilidad.

O garçom levava a bandeja com muita habilidade.

4. Comida que en los restaurantes y establecimientos análogos se da por un precio fijo y que consiste en determinados platos.

El cubierto oscila entre los 18,00 y los 30,00 euros el menú

O prato oscila entre 18,00 e 30,00

Coche/Coche**Seção I****Coche**

[Do francês ou castelhano *coche*, possivelmente de origem tcheca.]

1. Carruagem antiga e suntuosa.

Coche

[Do húngaro *kocsi*.]

1. Carruaje de cuatro ruedas de tracción animal, con una caja, dentro de la cual hay asiento para dos o más personas.

Seção III

1. Vehículo automóvil de tamaño pequeño o mediano, destinado al transporte de personas y con capacidad no superior a nueve plazas.

He dejado mi coche en el aparcamiento.

Deixei meu carro no estacionamento.

Comedor/Comedor**Seção I****Comedor**

[Derivado de *comer* e este do latim *comēdere*.]

1. Que come muito; comilão, glutão.

Comedor

[Derivado de *comer* e este do latim *comēdere*.]

1. Que come mucho.

2. Sala de jantar.

2. Habitación donde se come en las casas.

Seção III

1. Establecimiento destinado para servir comidas a personas determinadas y a veces al público.

Para hacer uso del Comedor Universitario, es necesario adquirir el ticket de almuerzo con una semana de anticipación.

Para fazer uso do restaurante universitário é necessário adquirir o ticket do almoço com uma semana de antecedência.

Cometa/Cometa

Seção I

Cometa

[Do grego *kométes* através do latim *cometa*.]

1. Astro de luminosidade fraca, formado por um grupo de pequenas partículas sólidas, com envoltório gasoso, e que gira em torno do Sol em órbitas elípticas muito alongadas, algumas das quais praticamente parabólicas, e nalguns casos aparentemente hiperbólicas. Na proximidade do Sol, por efeito da pressão de radiação, forma-se em grande número de cometas uma longa cauda, que se estende a milhões de quilômetros.

Cometa

[Do grego *kométes* através do latim *cometa*.]

1. Astro generalmente formado por un núcleo poco denso y una atmósfera luminosa que le precede, le envuelve o le sigue, según su posición respecto del Sol, y que describe una órbita muy excéntrica.

Seção III

1. Armazón plana y muy ligera, por lo común de cañas, sobre la cual se extiende y pega papel o tela. En la parte inferior se le pone una especie de cola formada con cintas o trozos de papel, y, sujeta hacia el medio a un hilo o bramante muy largo, se arroja al aire, que la va elevando, y sirve de diversión a los muchachos.

Hoy los niños fueron a jugar con sus cometas.

Hoje as crianças foram brincar com suas pipas.

Competência/Competencia

Seção I

Competência

[Derivado do latim *competentia*.]

1. Qualidade legítima de jurisdição ou autoridade, conferidas a um juiz ou a um tribunal, para conhecer e julgar certo feito submetido à sua deliberação dentro de determinada circunscrição judiciária.
2. Capacidade que um indivíduo possui de expressar um juízo de valor sobre algo a respeito de que é versado; idoneidade.
3. Atribuição; alçada; conta.
4. Poder detido por um indivíduo, em razão de seu cargo ou função, de praticar atos próprios deste ou desta.

Competencia

[Derivado do latim *competentia*.]

1. Atribución legítima a un juez u otra autoridad para el conocimiento o resolución de un asunto.
2. Pericia, aptitud, idoneidad para hacer algo o intervenir en un asunto determinado.
3. Incumbencia.
4. Circunstancia de ser una persona, empleado o autoridad la competente en cierto asunto.

5. Pretensão de mais de um indivíduo à mesma coisa; concorrência, disputa, competição; luta, conflito, discussão.

5. Disputa o contienda entre dos o más personas sobre algo; oposición o rivalidad entre dos o más que aspiran a obtener la misma cosa; situación de empresas que rivalizan en un mercado ofreciendo o demandando un mismo producto o servicio.

Contestar/Contestar

Seção I

Contestar

[Derivado do latim *contestare* por *contestāri*.]

1. Não aceitar como válido, impugnar.
2. Responder, replicar.
3. Provar com o testemunho de outrem; confirmar; atestar.
4. Asseverar ou confirmar alegando razões.
5. Mostrar oposição ou contrariedade; questionar, discutir, alterar; opor-se, resistir, protestar.

Contestar

[Derivado do latim *contestāri*.]

1. Impugnar, replicar.
2. Responder a lo que se pregunta, se habla o se escribe; responder a una llamada.
3. Declarar y atestiguar lo mismo que otros han dicho, conformándose en todo con ellos en su deposición o declaración.
4. Comprobar o confirmar.
5. Adoptar actitud polémica y a veces de oposición o protesta violenta contra lo establecido, ya sean las autoridades y sus actos, ya formas de vida, posiciones ideológicas, etc.

Copa/Copa

Seção I

Copa

[Do latim vulgar *cuppa*.]

1. Vaso covo; taça, copo.
2. Ramagem superior de uma árvore, que forma uma superfície convexa.
3. A parte superior do chapéu.
4. Torneio desportivo em que se disputa uma copa ou taça
5. Cada uma das chapas redondas e convexas, de prata, postas nas extremidades do bocal do freio campeiro.
6. Naipes de cartas de baralho em que cada ponto é representado por um coração vermelho.

Seção II

1. Compartimento da casa onde se lavam e se guardam as louças e talheres de uso diário, certos gêneros alimentícios, etc. e onde, em geral, há mesa de refeições.

O jantar será servido na copa.

Copa

[Do latim vulgar *cuppa*.]

1. Vaso con pie para beber.
2. Conjunto de ramas y hojas que forma la parte superior de un árbol.
3. Parte hueca del sombrero, en que entra la cabeza.
4. Premio que se concede en algunos certámenes deportivos; competición deportiva para lograr este premio.
5. Braserero que tiene la forma de copa, y se hace de azófar, cobre, barro o plata, con dos asas para llevarlo de una parte a otra.
6. En la baraja, cada una de las cartas del palo de copas en los naipes.

Se servirá la cena en el comedor.

Seção III

1. Líquido que cabe en una copa.

Una copa de vino

Um cálice de vino.

Copo/Copo

Seção I

Copo

[Derivado de *copa*.]

Copo

[Derivado de *copa*.]

Seção II

1. Vaso em geral cilíndrico, sem tampa, pelo qual se bebe, e para outros usos; taça. O conteúdo de um copo. Qualquer objeto semelhante a um copo.

Serviu-se de um copo de água e depois saiu.

Se sirvió de un vaso de agua y luego salió.

Seção III

1. Mechón o porción de cáñamo, lana, lino, algodón u otra materia que está en disposición de hilarse.

Mi perro es muy blanquito, como un copo de algodón.

Meu cachorro é muito branquinho, como um floco de algodão.

2. Cada una de las porciones de nieve trabada que caen cuando nieva.

Desde la ventana, veía a los copos de nieve cayendo desde el cielo.

Da janela, via os flocos de neve caindo do céu.

Corredor/Corredor

Seção I

Corredor

[Derivado de *correr* e este do latim *Currēre*.]

1. Que corre, ou corre muito.

2. Que participa profissional ou amadoristicamente de corridas.

3. Passagem, em geral estreita e longa, no interior de uma edificação, para comunicar dois ou mais compartimentos.

Corredor

[Derivado de *correr* e este do latim *Currēre*.]

1. Que corre mucho.

2. Persona que practica la carrera en competiciones deportivas.

3. Pasillo, pieza de paso de un edificio.

Criança/Crianza

Seção I

Criança

[Do baixo latim *creantia, criantia*.]

1. Criação, educação.

Crianza

[Do latim *criantia*.]

1. Urbanidad, atención, cortesía. Buena o mala crianza.

Seção II

1. Ser humano de pouca idade, menino ou menina.

A criança brincava com a bola.

El niño jugaba a la pelota.

Seção III

1. Acción y efecto de criar, especialmente las madres o nodrizas mientras dura la lactancia.

Los padres deben preocuparse por la crianza de sus hijos.

Os pais devem se preocupar com a criação de seus filhos.

2. Proceso de elaboración de los vinos.

La crianza de vinos requiere conocimientos especiales.

A produção de vinhos requer conhecimentos especiais.

Criar/Crear

Seção I

Criar

[Do latim *creāre*.]

1. Dar existência a; gerar; dar origem a; formar.

2. Establecer, fundar, instituir.

3. Dar principio a; produzir, inventar, imaginar

Seção II

1. Alimentar, sustentar.

A mãe criou os filhos com alimentos saudáveis.

2. Promover a procriação de.

Ele cria aves em seu sítio.

3. Instruir, educar.

A mãe cria seus filhos com dignidade.

Crear

[Do latim *creāre*.]

1. Producir algo de la nada.

2. Establecer, fundar, introducir por vez primera algo; hacerlo nacer o darle vida, en sentido figurado.

3. Instituir un nuevo empleo o dignidad.

La madre crió a sus hijos con alimentos saludables.

Él crea aves en su finca.

La madre crea a sus hijos con dignidad.

Criar/Criar

Seção I

Criar

[Do latim *creāre*.]

1. Dar existência a; gerar; dar origem a; formar.

2. Formar, produzir.

3. Alimentar, sustentar.

4. Promover a procriação de.

5. Instruir, educar.

6. Formar-se, crescer, desenvolver-se; educar-se

7. Establecer, fundar, instituir.

Criar

[Do latim *creāre*.]

1. Producir algo de nada, dar ser a lo que antes no lo tenía, lo cual solo es propio de Dios.

2. Dicho de una cosa o de un ser vivo: Originar, producir algo.

3. Dicho de una madre o de una nodriza: Nutrir y alimentar al niño con la leche de sus pechos, o con biberón.

4. Alimentar, cuidar y cebar aves u otros animales.

5. Instruir, educar y dirigir.

6. Dicho de un ser vivo: Desarrollarse, crecer.

7. Establecer por vez primera o fundar algo.

Cura/Cura

Seção I

Cura[Do latim *cura*.]

1. Ato ou efeito de curar(-se); restabelecimento da saúde.
2. Meio de debelar uma doença; tratamento.
3. Vigário de aldeia ou povoação.

Cura[Do latim *cura*.]

1. Curación; acción o efecto de curar o curarse.
2. Procedimiento para curar o curarse.
3. En la Iglesia católica, sacerdote encargado, en virtud del oficio que tiene, del cuidado, instrucción y doctrina espiritual de una feligresía.

Dado/Dado**Seção I****Dado**[Do latim *datus*.]

1. Que se deu; oferecido, presenteado; gratuito.
2. Habitado, acostumado, afeito. Que se dá bem com os outros; afável, lhano, tratável.
3. Condição ou exigência estabelecida.

Dado[Do latim *datus*.]

1. Donación.
2. Inclinado, que tiene tendencia a algo.
3. Concreto, determinado, establecido.

Seção II

1. Elemento ou quantidade conhecida, que serve de base à resolução de um problema. Princípio em que assenta uma discussão. Elemento ou base para a formação dum juízo.

*Os novos dados apresentados**Los nuevos datos presentados***Delgado/Delgado****Seção I****Delgado**[Do latim *delicātus*.]

1. De pouca espessura; fino.
2. De corpulência escassa; magro, fino.
3. Sutil, fino, arguto.

Delgado[Do latim *delicātus*.]

1. Tenue, de poco espesor.
2. Flaco, cenceño, de pocas carnes.
3. Agudo, sutil, ingenioso.

Desabrochar/Desabrochar**Seção I****Desabrochar**[Derivado de *broche* e este do francês *broche*.]

1. Desapertar, abrir (o que estava preso com broche ou outro fecho).
2. Abrir; mostrar.
3. Desvendar, revelar.

Desabrochar[Derivado de *broche* e este do francês *broche*.]

1. Desasir los broches, corchetes, botones u otra cosa con que se ajusta la ropa.
2. Abrir, extender lo que estaba encogido.
3. Manifiestar en confianza un secreto, suceso o sentimiento.

Seção II

1. Princípiar a abrir, abrir-se (a flor); desabotoar(-se), desabrolhar, desabrochar-se, desbrochar.

As rosas desabrocham na primavera.

2. Desenvolver-se; crescer; desabrolhar, desabrochar-se.

A inteligência de algumas pessoas desabrocha na adolescência.

3. Princípio, começo.

O desabrochar na vida é na juventude.

Las rosas florecen en la primavera.

La inteligencia de algunas personas despunta en la adolescencia.

El comienzo de la vida es en la juventud.

Desenvolver/Desenvolver

Seção I

Desenvolver

[Derivado de *envolver* e este do latim *involvĕre*.]

1. Tirar o que envolve ou cobre; desembrulhar.

2. Fazer que progrida, aumente, melhore, se adiante; tornar-se maior ou mais forte; crescer

3. Expor extensamente, ou com minúcia.

Desenvolver

[Derivado de *envolver* e este do latim *involvĕre*.]

1. Quitar la envoltura; sacar una cosa de su envoltura; desenrollar(se).

2. Desarrollarse, crecer, progresar o prosperar una cosa o una persona.

3. Desarrollar; exponer; aclarar o explicar ampliamente un tema, una lección, etc.

4. Aumentar, progredir.

5. Tirar o acanhamento, a timidez.

4. Ampliar, desarrollar, incrementar.

5. Perder el encogimiento; desempachar.

Despejar/Despejar

Seção I

Despejar

[Derivado de *pejar* e este de origem obscura.]

1. Livrar de estorvo ou obstáculo; desobstruir, desembaraçar, desocupar.

2. Tirar o pejo, a vergonha, os sentimentos de brio a; perder o pejo, o acanhamento.

3. Deixar de ocupar; desocupar, evacuar. Sair da casa onde habita. Diligenciar o despejo de; fazer sair.

Despejar

[Do português *despejar*.]

1. Desembarazar o desocupar un sitio o espacio.

2. Adquirir o mostrar soltura y esparcimiento en el trato.

3. Marcharse de un sitio los que están en él; se emplea particularmente cuando obliga a ello la fuerza pública.

Seção II

1. Vazar, derramar, entornar, esvaziar o conteúdo de.

Despeje a água na panela e deixe ferver.

Vierta el agua en la olla y déjela hervir.

Seção III

1. Aclarar, disipar lo que ofusca la claridad.

Despejada las dudas, volvieron al tema central.

Esclarecidas as dúvidas, voltaram ao tema central.

2. Dicho del día, del tiempo, del cielo, etc.: Quedar libre de nubes.

Tras la tormenta, el cielo se despejó rápidamente.

3. Dicho de un enfermo: Recuperarse de la fiebre.

Toma esta aspirina que te despejarás la fiebre.

Depois da tempestade, o céu limpou rapidamente.

Tome esta aspirina que lhe aliviará a febre.

Despertar/Despertar

Seção I

Despertar

[Derivado de *espertar* e este do latim *expertus*.]

1. Tirar do sono; acordar; espertar; sair do sono; acordar, espertar

2. Fazer nascer; dar origem a; excitar, estimular; dar ocasião a; provocar.

3. Sair do estado de torpor ou de inércia; readquirir força ou atividade.

Despertar

[Derivado de *despierto* e este do latim *expertus*.]

1. Cortar, interrumpir el sueño a quien está durmiendo; dejar de dormir.

2. Renovar o traer a la memoria algo ya olvidado; mover, excitar.

3. Hacer que alguien vuelva sobre sí o recapacite.

Desquitar/Desquitar

Seção I

Desquitar

[Derivado de *quitar* e este do latim *quitare*.]

Desquitar

[Derivado de *quitar* e este do latim *quitare*.]

1. Desferrar-se, vingar-se.

Seção II

1. Separar (os cônjuges) por desquite.

Desquitou-se da esposa após 10 anos de casamento.

1. Tomar satisfacción, vengar una ofensa, daño o derrota.

Se separó de la mujer tras 10 años de matrimonio.

Distinto/Distinto

Seção I

Distinto

[Do latim *distinctus*.]

1. Que não se confunde; diverso, diferente.

2. Que não é igual; diferente.

3. Que se pode distinguir bem; nítido, marcante.

Distinto

[Do latim *distinctus*.]

1. Que no es lo mismo, que tiene realidad o existencia diferente de aquello otro de que se trata.

2. Que no es parecido, que tiene diferentes cualidades.

3. Inteligible, claro, sin confusión.

Seção II

1. Que sobressai; notável, ilustre, eminente, preeminente.

É um orador distinto.

2. Que tem distinção de porte e/ou de maneiras.

Maria é uma senhora muito distinta.

Es un orador distinguido.

María es una señora muy distinguida.

3. Que teve classificação superior a bom em provas ou exames. Em cujas provas ou exames se obteve classificação superior a bom.

João é um aluno distinto. Juan es un alumno notable.

Embaraçada/Embarazada

Seção I

Embaraçada

[Participio de *embaraço* e este do árabe *marasa*, pelo antigo *baraça*.]

1. Impedimento, obstáculo, estorvo, dificuldade.
2. Gravidez.
3. Perturbação, atrapalhação.
4. Causar ou sentir confusão; perturbar(se); vexar(se).

Embarazada

[Participio de *embarazo*, e este de *baraça*.]

1. Impedimento, dificultad, obstáculo.
2. Estado en que se halla la hembra gestante.
3. Encogimiento, falta de soltura en los modales o en la acción.
4. Apuro, cohibimiento, vergüenza o turbación que quitan a alguien desenvoltura para hablar, comportarse, etc.

Emparedado/Emparedado

Seção I

Emparedado

[Participio de *emparedar* com origem no substantivo *pared* este do latim *pariētis*]

1. Encerrado entre quatro paredes; preso, enclausurado.

Emparedado

[Participio de *emparedar* com origem no substantivo *pared* este do latim *pariētis*.]

1. Recluso por castigo, penitencia o propia voluntad.

Seção III

1. Porción pequeña de jamón u otra vianda, entre dos rebanadas de pan de molde.

Hoy he comido sólo un emparedado de jamón y queso. Hoje comi somente um sanduiche de presunto com queijo.

Encaixe/Encaje

Seção I

Encaixe

[Derivado de *encaixar* e este de *caixa*, com origem no latim *capsa*.]

1. Ato ou efeito de encaixar(-se).
2. Cavidade ou vão destinado a uma peça saliente.
3. Juntura, união.

Encaje

[Derivado de *encajar* e este de *caja*, com origem no latim *capsa*.]

1. Acción de encajar algo en otra cosa.
2. Sitio o hueco en que se mete o encaja algo.
3. Ajuste de dos piezas que cierran o se adaptan entre sí.

Seção III

1. Tejido de mallas, lazadas o calados, con flores, figuras u otras labores, que se hace con bolillos, aguja de coser o de gancho, etc., o bien a máquina.

Las bragas de encaje negro están siempre de moda. As calcinhas de renda preta estão sempre na moda.

Encargo/Encargo

Seção I**Encargo**

[Derivado de *encarregar* e este de *carregar*, com origem no latim *carricāre*.]

1. Ocupação, cargo.
2. Responsabilidade, incumbência, obrigação.
3. Condição onerosa, ou restritiva de vantagem; peso, fardo.

Encargo

[Derivado de *encargar* e este de *cargar*, com origem no latim *carricāre*.]

1. Cargo; empleo.
2. Acción y efecto de encargar: poner algo al cuidado de alguien.
3. Cosa que alguien tiene que hacer, aunque no sea encargada por otro.

Seção III

1. Pedido de mercancías hecho a un proveedor.

Si confirmas el encargo antes de mañana, llegaría a finales de este mes.

Se confirmar o pedido antes de amanhã, chegará até o final do mês.

Endereçar/Enderezar**Seção I****Endereçar**

[Derivado de *adereçar* e este do latim *directiare*.]

1. Pôr endereço em; sobrescritar; enviar ou encaminhar.
2. Dirigir-se, encaminhar-se.

Enderezar

[Derivado de *aderezar* e este do latim *directiare*.]

1. Remitir, dedicar; dirigir o destinar una carta u otro escrito a alguien.
2. Encaminarse derechamente a un lugar o a una persona.

Seção III

1. Poner derecho lo que está torcido.

Enderezó el cuadro en la pared.

2. Enmendar, corregir, castigar.; corregir los vicios o malas costumbres de alguien.

Te voy a enderezar aunque no quieras.

3. Gobernar bien, poner en buen estado algo; arreglar la marcha de algo que no va bien.

Tiene bastante trabajo con enderezar sus propios asuntos.

Endireitou o quadro na parede.

Vou te endireitar ainda que você não queira.

Ele tem bastante trabalho por cuidar de seus próprios assuntos.

Enojado/Enojado**Seção I****Enojado**

[Derivado de *enojar* e este do latim vulgar *inodiāre*.]

1. Causar enfado, tédio, a; molestar, incomodar.
2. Ofender, injuriar, molestar.

Enojado

[Derivado de *enojar* e este do latim vulgar *inodiāre*.]

1. Causar enojo: enfado, moléstia, trabalho, pesar.
2. Molestar, desazonar.

Seção II

1. Enjoar-se, nausear-se.

Aquela comida o deixou enjoado. *Aquella comida le dejó asqueado.*

Escova/Escoba

Seção I

Escova

[Do latim *scōpa*.]

Escoba

[Do latim *scōpa*.]

Seção II

1. Utensílio para limpar, lustrar, alisar, etc., que consta de uma placa onde são inseridos, muito próximos, filamentos flexíveis de cerda, fio sintético, metal, etc.

Onde está minha escova de dentes? *¿Dónde está mi cepillo de dientes?*

Seção III

1. Utensilio compuesto por un haz de ramas flexibles o de filamentos de otro material sujetos normalmente al extremo de un palo o de un mango largo, que sirve para limpiar el suelo.

Saqué el polvo que estaba en el suelo con la escoba.

2. Juego de naipes entre dos o cuatro personas, consistente en alcanzar quince puntos, cumpliendo ciertas reglas.

Tirei o pó que estava no chão com a vassoura.

Escritório/Escritorio

Seção I

Escritório

[Do latim *scriptorium*.]

1. Compartimento de uma casa destinado à leitura e à escrita, ao trabalho intelectual; gabinete. Lugar onde se faz o expediente relativo a qualquer administração, obra, etc., se tratam negócios, se recebem clientes, etc.
2. Mesa apropriada para compor o mobiliário deste compartimento ou cômodo; escrivaninha

Escritorio

[Do latim *scriptorium*.]

1. Aposento donde tienen su despacho los hombres de negocios; como los banqueros, los notarios, los comerciantes, etc.; despacho, oficina.
2. Mueble cerrado, con divisiones en su parte interior para guardar papeles y, a veces, con un tablero sobre el cual se escribe.

Esperto/Experto

Seção I

Experto

[Do latim *expertus*.]

Experto

[Do latim *expertus*.]

Seção II

1. Inteligente, fino, arguto.

Aprende rápido, é um menino muito esperto.

Aprende rápido, es un chico muy listo.

2. Enérgico, vigoroso.

Ele se movimenta de maneira muito esperta.

Él se mueve de manera muy vigorosa.

3. Espertalhão.

Joaõ se acha esperto.

Juan se cree ladino.

Seção III

1. Prático, hábil, experimentado.

Sus años de experiencia lo han vuelto experto en su labor.

Seus anos de experiência o tornaram hábil em seu trabalho.

2. Perito.

Hemos llamado un experto para orientarnos.

Chamamos um perito para nos orientar.

Esposa/Esposa

Seção I

Esposa

[Do latim *sponsus- sa.*]

1. Mulher casada em relação ao marido.

2. Algemas.

Esposa

[Do latim *sponsus- sa.*]

1. Persona casada.

2. Pareja de manillas unidas entre sí con las que se aprisionan las muñecas de alguien.

Esquisito/Exquisito

Seção I

Esquisito

[Do latim *exquīsītus.*]

1. Que denota requinte; excelente, delicioso, requintado, refinado.

2. Raro, precioso, invulgar; delicado, apurado.

Exquisito

[Do latim *exquīsītus.*]

1. Delicado, distinguido, elegante, refinado, selecto.

2. De singular y extraordinaria calidad, primor o gusto en su especie.

Seção II

1. Que não é igual à maioria; diferente, anormal, excêntrico.

João é um indivíduo esquisito.

Juan es un individuo excéntrico.

2. Difícil de explicar; estranho, inexplicável; desconhecido, exótico.

Ontem me aconteceu um fato esquisito.

Ayer se me ocurrió un hecho muy extraño.

3. Que tem um aspecto feio ou desagradável.

Que animal esquisito!

¡Qué animal tan raro!

Estafa/Estafa

Seção I

Estafa

[Do italiano *staffare.*]

1. Roubo feito com astúcia; logro.

Estafa

[Do italiano *staffare.*]

1. Delito consistente en provocar un perjuicio patrimonial a alguien mediante engaño y con ánimo de lucro.

Seção II

1. Cansaço, canseira, fadiga; trabalho fatigante; esforço.

A estafa é conseqüência do trabalho excessivo. *La fatiga es consecuencia de trabajo excesivo.*

Estranhar/Extrañar**Seção I****Estranhar**

[Do latim *extraneāre*.]

1. Achar extraordinário, oposto aos costumes, ao hábito; achar estranho.
2. Causar espanto, admiração, a; surpreender.
3. Achar censurável; censurar, repreender.
4. Não se conformar com; não se familiarizar com.
5. Esquivar-se; afastar-se.
6. Esquivar-se de (pessoa desconhecida); chorar, ou manifestar timidez em presença de, ou repulsão a.

Extrañar

[Do latim *extraneāre*.]

1. Ver u oír con admiración o extrañeza algo.
2. Producir extrañeza.
3. Afear, reprender.
4. Sentir la novedad de algo que usamos, echando de menos lo que nos es habitual.
5. Apartar, privar a alguien del trato y comunicación que se tenía con él.
6. Encontrar extraña una cosa o alguien, se dice mucho de los niños pequeños

Seção III

1. Echar de menos a alguien o algo, sentir su falta.

Êxito/Éxito**Seção I****Êxito**

[Derivado de *estrela* e este do latim *stella*.]

1. Resultado, conseqüência, efeito.
2. Resultado feliz; bom sucesso; bom êxito.

Éxito

[Derivado de *estallar* e este do latim *taleare*.]

1. Resultado bueno o malo de una empresa, una acción, o un suceso.
2. Resultado feliz de un negocio, actuación, etc.

Expediente/Expediente**Seção I****Expediente**

[Do latim *expediēns*.]

1. Meios que se usam para eliminar dificultades, embaraços, etc., ou para alcançar determinados fins.
2. Desenvoltura ou desembaraço na maneira de agir, de se expressar; desenvoltura, presteza.
3. A correspondência, requerimentos, ofícios, etc., duma repartição; serviço de rotina diária

Expediente

[Do latim *expediēns*.]

1. Medio, arbitrio o recurso que se emplea para dar salida a una duda o dificultad, o salvar los inconvenientes que presenta la decisión o curso de un asunto.
2. Facilidad, desembarazo y prontitud en la decisión o manejo de los negocios u otras cosas.
3. Conjunto de todos los papeles correspondientes a un asunto o negocio. Se usa señaladamente hablando de la serie ordenada de actuaciones administrativas, y también de las judiciales en los

actos de jurisdicción voluntaria.

4. Despacho ordinário de negócios.

4. Despacho, curso en los negocios y causas.

Seção II

1. Horário de funcionamento das repartições públicas e, p. ext., de estabelecimentos comerciais, escritórios, fábricas, etc.

Que tal uma cerveja depois do expediente?

¿Te apetece una cerveza después del trabajo?

Explorar/Explorar

Seção I

Explorar

[Do latim *explorāre*.]

1. Procurar, descobrir; percorrer estudando, procurando; pesquisar, observar, estudar, especular.
2. Examinar ou acompanhar o andamento de (doença).

Seção II

1. Tirar partido ou proveito de; fazer produzir; desenvolver (um negócio ou indústria); empreender, cultivar.

A exploração do trabalho infantil é crime.

José trabalha na exploração de

Explorar

[Do latim *explorāre*.]

1. Reconocer, registrar, inquirir o averiguar con diligencia una cosa o un lugar.
2. Examinar o reconocer a un paciente con fines diagnósticos.

La explotación del trabajo infantil es crimen.

José trabaja en la explotación de minas de hierro.

Exprimir/Exprimir

Seção I

Exprimir

[Do latim *exprimĕre*.]

1. Dar a entender; manifestar, demonstrar;

Seção III

1. Extraer el zumo o líquido de una cosa, apretándola o retorciéndola.

Exprimió el limón e hizo un jugo muy exquisito.

2. Sacar de alguien o algo todo el partido posible.

María exprimió el máximo que pudo el viaje.

3. Explotar a alguien, abusar de él.

¡Estoy cansada! Mis hijos me exprimen muchísimo.

Exprimir

[Do latim *exprimĕre*.]

1. Expresar, manifestar.

Espremeu o limão e fez um suco delicioso.

Maria aproveitou o máximo que pode a viagem.

Estou cansada! Meus filhos me exploram mutio.

Fantasia/Fantasia

Seção I

Fantasia[Do grego *phantasia*.]

1. Aquilo que não corresponde à realidade, mas que é fruto da imaginação.

2. Capricho da imaginação; devaneio, sonho.

3. Obra literária, pictórica, etc., que não segue regras ou modelos fixos.

4. Peça instrumental de criação livre, com variações e outros recursos, não raro parafraseando outra composição.

Seção II

1. Vestimenta usada no carnaval e em outros festejos e que imita a de palhaços, tipos populares, figuras mitológicas, etc.

Comprei minha fantasia de carnaval. He comprado mi traje de carnaval.

Irei à festa fantasiado de múmia. Iré a la fiesta disfrazado de momia.

Fantasia[Do grego *phantasia*.]

1. Facultad que tiene el ánimo de reproducir por medio de imágenes las cosas pasadas o lejanas, de representar las ideales en forma sensible o de idealizar las reales.

2. Grado superior de la imaginación; la imaginación en cuanto inventa o produce.

3. Ficción, cuento, novela o pensamiento elevado e ingenioso.

4. Composición instrumental de forma libre o formada sobre motivos de una ópera.

Festivo/Festivo**Seção I****Festivo**[Do latim *festivus*.]**Festivo**[Do latim *festivus*.]

1. Alegre, divertido.

2. De, ou relativo a, ou próprio de festa; festival.

1. Chistoso, agudo; alegre, regocijado y gozoso.

2. Solemne, digno de celebrarse.

Firma/Firma**Seção I****Firma**[Derivado de *firmar* e este do latim *firmāre*.]

1. Assinatura por extenso ou rubrica, manuscrita ou gravada.

2. Razão social; estabelecimento que se dedica a atividade com fim lucrativo.

Firma[Derivado de *firmar* e este do latim *firmāre*.]

1. Nombre y apellido, o título, que una persona escribe de su propia mano en un documento, para darle autenticidad o para expresar que aprueba su contenido.

2. Razón social o empresa.

Firmar/Firmar**Seção I****Firmar**[Do latim *firmāre*.]

1. Tornar firme, ou mais firme; confirmar; corroborar, ratificar.

2. Pôr firma ou assinatura em; assinar.

Firmar[Do latim *firmāre*.]

1. Afirmar, dar firmeza y seguridad a algo.

2. Dicho de una persona: Poner su firma.

Seção II

1. Tornar firme, seguro, fixo; fixar.

É necessário firmar o alicerce antes de construir.
2. Sustener, escorar, amparar.

A mãe firmou o filho que escorregara.
3. Estabelecer, instituir, fixar.

A lei firma o direito de viver.
4. Ficar (o tempo) firme.

Depois da chuva o tempo firmou.

Es necesario afirmar la base antes de construir.

La madre afirmó el hijo que había resbalado.

La ley establece el derecho de vivir.

Tras la lluvia el tiempo estabilizó.

Fraco/Flaco

Seção I

Fraco

[Do latim *flaccus*.]

1. Que não tem força física, vigor; sem força.
2. Que cede facilmente à vontade de outrem.
3. Sem importância; de pouco peso; inexpressivo.
4. Pendor ou inclinação irresistível.
5. Que cede às tentações, sujeito a pecar.

Flaco

[Do latim *flaccus*.]

1. Flojo, sin fuerzas, sin vigor para resistir.
2. Dicho del espíritu: Falto de vigor y resistencia, fácil de ser movido a cualquier opinión.
3. Endeble, sin fuerza. *Argumento, fundamento flaco.*
4. Defecto moral o afición predominante de una persona.
5. Se aplica a la persona que tiene o muestra falta de entereza o poca resistencia a las tentaciones. *La carne es flaca.*

6. Gosto, inclinação, vício, paixão.

6. Vicio o afición muy fuerte. *Su flaco es la bebida.*

Seção III

1. De pocas carnes.

Ana es una chica muy flaca.

Ana é uma menina muito magra.

Fralda/Falda

Seção I

Falda

[Do gótico *falthan*.]

Falda

[Do gótico *falthan*.]

Seção II

1. Retângulo de pano macio, ou de material equivalente, que se usa dobrado, de modo que se adapte às entrepernas e nádegas do bebê, a fim de absorver os excrementos.

As fraldas muito apertadas podem causar dermatite.

Los pañales demasiado apretados pueden causar dermatitis.

Seção III

1. Prenda de vestir o parte del vestido de mujer que cae desde la cintura.

Las faldas cortas han pasado de moda.

As saias curtas saíram de moda.

Frente/Frente

Seção I**Frente**[Do espanhol *frente*.]

1. Parte anterior de qualquer coisa; lado dianteiro; face.
2. Frontaria de edifício; fachada.
3. Rosto, face.
4. Testa, fronte.
5. Conjunto dos partidos políticos e/ou forças da sociedade civil que, unidos geralmente em torno de um programa e/ou de uma liderança, atuam politicamente em oposição a outros partidos e/ou forças.
6. Em uma folha escrita ou impressa, a página cuja leitura deve anteceder a da outra.
7. Superfície frontal; linha de interseção da superfície frontal com o solo ou com outra superfície.
8. Local mais próximo das forças inimigas, lugar onde se travam os combates.
9. Linha avançada de um exército.

Frente[Do latim *frontis*.]

1. Parte delantera de una cosa, a diferencia de sus lados.
2. Fachada o parte primera que se ofrece a la vista en un edificio u otra cosa.
3. Semblante, cara.
4. Parte superior de la cara, comprendida entre una y otra sien, y desde encima de los ojos hasta que empieza la vuelta del cráneo.
5. Coalición de partidos políticos, organizaciones, etc.
6. En una carta u otro documento, blanco que se deja al principio.
7. Zona de contacto de dos masas de aire de distinta temperatura y humedad, que se desplaza dando lugar a cambios meteorológicos.
8. Extensión o línea de territorio continuo en que se enfrentan los ejércitos con cierta permanencia o duración.
9. Primera fila de la tropa formada o acampada.

Ganância/Ganancia**Seção I****Ganância**

[De origem tupi, mas de étimo obscuro.]

1. Ganho

Seção II

1. Ambição de ganho; ambição desmedida.

A ganância de alguns prejudica os outros.

Seção III

1. Utilidad que resulta del trato, del comercio o de otra acción.

La ganancia de este mes será entorno al 80%.

Ganancia[Derivado de *ganar* e este, talvez, com origem no gótico *ganan*.]

1. Acción y efecto de ganar.

La ambición de algunos perjudica a los demás.

O lucro deste mês será por volta de 80%.

Garrafa/Garrafa**Seção I****Garrafa**[Do árabe *garrāf*.]**Seção II**

1. Vaso, comumente de vidro, com gargalo estreito, e destinado a conter líquidos.

Garrafa[De origem incerta, talvez, através do português e este do árabe *garrāf*.]

Trouxemos cinco garrafas de água. Hemos traído cinco botellas de

2. Porção de líquido que a garrafa contém.

Ele já bebeu uma garrafa de vinho. Él ha bebido ya una botella de vino.

Seção III

1. Vasija grande, semelhante a una botella redondeada, muy abultada y con cuello largo, encerrada a veces en un revestimiento de corcho mimbres o esparto.

Se venden garrafas de cinco litros de aceite de oliva extra virgen.

Vendem-se galões de cinco litros de azeite de oliva extra virgem.

Gato/Gato

Seção I

Gato

[Do latim *cattus*.]

1. Animal mamífero, carnívoro, felídeo (*Felis cattus domesticus*), digitígrado, de unhas retráteis, domesticado pelo homem desde tempos remotos, e usado comumente para combate aos ratos.

2. Ladrão, gatuno, larápio.

Gato

[Do latim *cattus*.]

1. Mamífero carnívoro de la familia de los Félidos, digitígrado, doméstico, de unos cinco decímetros de largo desde la cabeza hasta el arranque de la cola, que por sí sola mide dos decímetros aproximadamente. Es muy útil en las casas como cazador de ratones.

2. Ladrón, ratero que hurta con astucia y engaño.

Seção III

1. Máquina compuesta de un engranaje de piñón y cremallera, con un trinquete de seguridad, que sirve para levantar grandes pesos a poca altura. También se hace con una tuerca y un husillo.

Tráeme el gato para cambiar el neumático.

2. Trampa para coger ratones.

He puesto unos gatos bajo los muebles a ver si cojo los ratones.

Traga-me o macaco para trocar o pneu.

Coloquei umas ratoeiras embaixo dos móveis para ver se pego os ratos.

Gelado/Helado

Seção I

Gelado

[Do latim *gelatu*.]

1. Muito frio; glacial, frigidíssimo.

2. Sorvete.

3. Qualquer bebida gelada.

Helado

[Do latim *gelatu*.]

1. Muy frío; de temperatura muy inferior a la ordinaria del ambiente)

2. Refresco o sorbete de zumo de fruta, huevo, etc., en cierto grado de congelación.

3. Bebida o alimento helado.

General/General

Seção I

General[Do latim *generālis*.]

1. Que implica um conjunto; geral.
2. Na Hierarquia militar do Exército, denominação comum a general-de-exército, general-de-divisão e general-de-brigada, os três mais altos postos logo abaixo de marechal.

General[Do latim *generālis*.]

1. Común a todos los individuos que constituyen un todo, o a muchos objetos, aunque sean de naturaleza diferente.
2. Oficial general del Ejército con la graduación de capitán general, teniente general, general de división o general de brigada, y los correspondientes en la Armada en los cuerpos distintos del cuerpo general.

Gira/Gira**Seção I****Gira**[Derivado de *girar* e este do latim *gyāre*.]

1. Ato de girar.

Gira[Derivado de *girar* e este do latim *gyāre*.]

1. Acción o efecto de girar.

Seção III

1. Excursión o viaje de una o varias personas por distintos lugares, con vuelta al punto de partida.

Hoy hemos hecho una gira por Madrid.

2. Serie de actuaciones sucesivas de una compañía teatral o de un artista en diferentes localidades.

*Este año el grupo Flamenco ha**Hoje fizemos um passeio por Madri.**Este ano o grupo Flamenco fez uma***Globo/Globo****Seção I****Globo**[Do latim *globus*.]

1. Corpo esférico, redondo.
2. O globo terrestre, a Terra.

Globo[Do latim *globus*.]

1. Esfera, sólido de superficie curva cuyos puntos equidistan del centro.
2. Tierra.

Seção III

1. Receptáculo de materia flexible lleno de gas, que sirve de juguete para los niños, como decoración en fiestas, etc.

Cada niño recibió un globo durante la fiesta.

2. En tebeos, caricaturas y chistes gráficos.

*Cada globo representa el habla de un personaje.**Cada criança recebeu um balão durante a festa.**Cada balão representa a fala de um personagem.***Goma/Goma****Seção I****Goma****Goma**

[Do latim vulgar *gūmma*.]

1. Designação genérica de resinas translúcidas e viscosas de alguns vegetais.

2. Formação mole, semelhante a tecido de granulação, que ocorre em algumas inflamações, sendo característica da fase terciária da sífilis.

3. Chiclete.

Seção III

1. Tira o banda elástica.

¿Sabes dónde está mi goma de borrar?

[Do latim vulgar *gūmma*.]

1. Sustancia viscosa e incristalizable que naturalmente, o mediante incisiones, fluye de diversos vegetales y después de seca es soluble en agua e insoluble en el alcohol y el éter. Disuelta en agua, sirve para pegar o adherir cosas.

2. Tumor esférico o globuloso que se desarrolla en los huesos o en el espesor de ciertos órganos, como el cerebro, el hígado, etc., y es de origen sífilítico.

3. Chicle.

Você sabe onde está minha borracha?

Gracioso/Gracioso

Seção I

Gracioso

[Do latim *gratiōsus*.]

1. Que tem, ou em que há graça.

2. Gracejador.

Gracioso

[Do latim *gratiōsus*.]

1. Que resulta agradable o atractivo a la vista.

2. Chistoso, agudo, lleno de donaire.

3. Dado ou feito de graça; que envolve generosidade, liberalidade; gratuito.

4. Personagem cômica típica do teatro do Século de Ouro espanhol.

3. Que se da gratuitamente.

4. En la comedia clásica española, personaje típico, generalmente un criado, que se caracteriza por su ingenio y socarronería.

Granada/Granada

Seção I

Granada

[Do latim *granātum*.]

1. Artefato bélico com uma câmara interna que leva uma carga de arrebetamento, o qual em geral se lança com a mão ou com arma de fogo.

2. Projétil com a forma de romã, que se enchia de pólvora, à qual se lançava fogo.

Granada

[Do latim *granātum*.]

1. Proyectil hueco de metal, que contiene un explosivo y se dispara con obús u otra pieza de artillería.

2. Globo o bola de cartón, vidrio, bronce o hierro, casi del tamaño de una granada natural, llena de pólvora, con una espoleta atacada con un mixto inflamable, que llevaban los granaderos para arrojarla encendida a los enemigos.

Seção III

1. Fruto del granado, de forma globosa, con diámetro de unos diez centímetros, y coronado por un tubo corto y con dientecitos, resto de los sépalos del cáliz; corteza de color amarillento rojizo, delgada y correosa, que cubre multitud de granos encarnados, jugosos, dulces unas veces, agridulces otras,

separados en varios grupos por tabiques membranosos, y cada uno con una petite blague...

Guitarra/Guitarra

Seção I

Guitarra

[Do árabe *qīṭārah* e este do grego *κιθάρα*.]

1. Instrumento de cordas pinçadas, com forma característica e dimensões variáveis, do gênero alaúde, mas com o fundo geralmente plano, fixado à caixa de ressonância por meio de costilhas.

Guitarra

[Do árabe *qīṭārah* e este do grego *κιθάρα*.]

1. Instrumento musical de cuerda compuesto por una caja de resonancia en forma de ocho, un mástil largo con trastes, y cuerdas, generalmente seis, que se hacen sonar con los dedos.

Habitação/Habitación

Seção I

Habitação

[Derivado de *habitar* e este do latim *habitāre*.]

Habitación

[Derivado de *habitar* e este do latim *habitāre*.]

1. Ato ou efeito de habitar.

2. Lugar ou casa onde se habita; morada; vivenda, residência.

3. Direito real que tem uma pessoa e sua família de habitar gratuitamente casa alheia.

1. Acción y efecto de habitar.

2. Lugar destinado a vivienda.

3. Servidumbre personal cuyo poseedor tiene facultad de ocupar en casa ajena las piezas necesarias para sí y para su familia, sin poder arrendar ni traspasar por ningún título este derecho.

Seção III

1. En una vivienda, cada uno de los espacios entre tabiques destinados a dormir, comer, etc.

Vendo casa con ocho habitaciones y dos baños.

2. Dormitorio.

Estaba en mi habitación cuando me llamaste.

Vendo casa com oito cômodos e dois banheiros.

Estava no meu quarto quando você me ligou.

Hediondo/Hediondo

Seção I

Hediondo

[Do latim vulgar *foetibundus*, através do espanhol *hediondo*.]

1. Que cheira mal; fedorento.

2. Depravado, vicioso, sórdido, imundo.

Hediondo

[Do latim vulgar *foetibundus*.]

1. Que despide hedor.

2. Sucio, repugnante y obsceno.

3. Repelente, repulsivo; horrendo; que apresenta deformidade.

3. Molesto, enfadoso e insufrible.

Seção II

1. Sinistro, pavoroso, medonho.

Tomara que o prendam, porque cometeu um crime hediondo.

Ojalá lo arresten, porque cometió un crimen siniestro.

Imprensa/Imprensa

Seção I

Imprensa

[Do catalão *impremta* pelo espanhol *emprensa*.]

Imprensa

[De *emprenta* e este do francês *empreinte*.]

Seção II

1. Conjunto de informações identificando a casa editora, sua localização (cidade) e a data de edição de um livro (ano); deve ser impresso no pé da frente da folha de rosto.

Os dados que você precisa sobre o livro estão na imprensa.

Los datos que necesitas sobre el libro están en los créditos.

Seção III

1. Arte o actividad de imprimir.

La imprenta dicta las leyes de publicación.

A imprenta dita as regras de publicação.

2. Taller o lugar donde se imprime.

El libro está en la imprenta,

O livro ainda está na

Interesse/Interés

Seção I

Interesse

[Do latim *īnterēsse*.]

1. Aquilo que é importante, útil ou vantajoso, moral, social ou materialmente.

2. Estado de espírito que se tem para com aquilo que se acha digno de atenção, que desperta a curiosidade, que se julga importante.

3. Sentimento de zelo, simpatia, preocupação ou curiosidade por alguém ou alguma coisa

4. .Parte ou participação que alguém tem nalguma coisa.

5. Vantagem, proveito; benefício.

6. Lucro material ou pecuniário; ganho.

Seção III

1. Cantidad que producen anualmente cada cien unidades de un capital invertido o prestado. Cantidad producida por un capital

Interés

[Do latim *īnterēsse*.]

1. Circunstancia de una cosa por la que tiene importancia o valor, para alguien o algo determinado o en general.

2. Actitud o estado de ánimo de alguien a quien le importa cierta cosa, siente curiosidad por ella o dirige la atención hacia ella.

3. Sentimiento amoroso incipiente hacia alguien. . Atención y esfuerzo que se dedica a lo que se hace.

4. Propiedades y dinero que posee alguien.

5. Provecho, utilidad, ganancia.

6. Lucro producido por el capital.

invertido o prestado.

Interão de três por cento ao ano

Luço de três por cento ao ano

Inverter/Invertir

Seção I

Inverter

[Do latim *invertĕre*.]

1. Voltar ou virar em sentido contrário ao natural; colocar às avessas; contraverter, interverter.
2. Trocar a ordem em que estão colocados (termos de fração, etc.).

Seção III

1. Emplear, gastar, colocar un caudal.

Invirtió sus ahorros en la compra de una casa.

2. Emplear u ocupar el tiempo.

Ana invierte su tiempo libre en obras de caridad.

Invertir

[Do latim *invertĕre*.]

1. Cambiar, sustituyéndolos por sus contrarios, la posición, el orden o el sentido de las cosas.
2. En una razón, intercambiar numerador y denominador.

Investiu suas economias na compra de uma casa.

Ana investe seu tempo livre em obras de caridade.

Jaula/Jaula

Seção I

Jaula

[Do francês antigo *jaole*.]

Jaula

[Do francês antigo *jaole*.]

1. Prisão guarnecida de barras de ferro, especialmente para feras.

2. Qualquer prisão ou cárcere.

1. Armazón, cerrado o no según los casos, hecho con barras o listones y destinado a encerrar animales.

2. Prisión; cárcel.

Seção III

1. Embalaje consistente en una caja cuyas paredes están formadas por tablas o listones separados entre sí.

Es muy triste ver pájaros en jaulas.

É muito triste ver pássaros em gaiolas.

Jogar/Jugar

Seção I

Jogar

[Do latim *iocāre*.]

1. Entregar-se ao, ou tomar parte no jogo de; executar as diversas combinações de (um jogo).

2. Entregar-se ao jogo; ter hábito ou vício do jogo.

Seção II

1. Lançar em alguma direção; arremessar, atirar.

Jogou a bola contra a parede.

Jugar

[Do latim *iocāre*.]

1. Entretenerse, divertirse tomando parte en uno de los juegos sometidos a reglas, medie o no en él interés.

2. Tomar parte en uno de los juegos sometidos a reglas, no para divertirse, sino por vicio o con el solo fin de ganar dinero.

Arremesó el balón en contra la pared.

Seção III

1. Moverse alegremente, persiguiéndose, gastándose bromas

o haciéndose cosas unos a otros.

A los niños les gusta jugar

As crianças gostam de brincar

Jubilação/Jubilación

Seção I

Jubilação

[Do latim *iubilatio*, -ōnis.]

1. Ato ou efeito de jubilar ou jubilar-se, de encher(-se) de júbilo; grande alegria; contentamento
2. Aposentadoria.

Jubilación

[Do latim *iubilatio*, -ōnis.]

1. Acción y efecto de jubilar o jubilarse. Viva alegría, júbilo.
2. Pensión que recibe quien se ha jubilado.

Seção II

1. Desligamento ou afastamento de aluno de um curso, esp. superior, por descumprimento de normas curriculares, como, p. ex., ter ultrapassado o prazo máximo permitido para a conclusão do curso, ter sido reprovado sucessivas vezes numa mesma disciplina, etc.

João reprovou tantas vezes que jubilou no curso de direito.

Juan ha reprobado tantas veces que lo expulsaron de la carrera de derecho.

Ladrillo/Ladrillo

Seção I

Ladrilho

[Do espanhol *ladrillo*.]

1. Doce em pasta, bastante sólido, e que se apresenta em pequenos blocos regulares.

Seção II

1. Peça, em geral quadrada ou retangular, de cerâmica, de barro cozido ou de cimento, empregada no revestimento de paredes ou de pavimentos.

Sebastião colocou ladrilhos verdes na parede da cozinha.

Ladrillo

[Diminutivo do antigo *ladre*, do latim *later*, -ēris.]

1. Se aplica a las piezas de chocolate de forma de tabla, y puede aplicarse a otras cosas hechas de forma semejante a un ladrillo.

Sebastián puso azulejos verdes en la pared de la cocina.

Seção III

1. Masa de barro, en forma de paralelepípedo rectangular, que, después de cocida, sirve para construir muros, solar habitaciones, etc.

Casa de ladrillo.

Casa de tijolo.

Lâmpada/Lámpara

Seção I

Lâmpada

[Do grego *lampás* pelo latim tardio *lampada*.]

Lámpara

[Do grego *lampás* pelo latim tardio *lampada*.]

1. Recipiente com líquido combustível e um pavio por onde é alimentada a chama que serve para iluminar.

2. Conjunto formado pelo suporte, o abajur ou o refletor e a fonte luminosa.

1. Utensilio para dar luz, que consta de uno o varios mecheros con un depósito para la materia combustible, cuando es líquida, o de una boquilla en que se quema un gas.

2. Utensilio o aparato que, colgado o sostenido sobre un pie, sirve de soporte a una o varias luces artificiales.

Largo/Largo

Seção I

Largo
[Do latim *largus*.]

1. Copioso, abundante.
2. Longo, demorado.
3. Generoso, dadivoso; liberal

Largo
[Do latim *largus*.]

1. Copioso, abundante, excesivo.
2. Dicho de un período de tiempo: Subjetivamente prolongado.
3. Liberal, dadivoso.

Seção II

1. Que tem grande extensão transversal.

Esta rua é muito larga.

2. Que não é estreito ou apertado; folgado.

Vestido largo.

Esta calle es muy ancha.

Vestido ancho.

Seção III

1. Que tiene mucha longitud.

Esta avenida es muy larga.

Esta avenida é muito longa.

Latir/Latir

Seção I

Latir
[Do latim *glattire*.]

1. Dar ou soltar latidos; ladrar.
2. Dilatar-se e contrair-se ritmicamente; latejar, pulsar, palpitar.

Latir
[Do latim *glattire*.]

1. Dicho de un perro: Dar latidos.
2. Dicho del corazón, de una arteria, de una vena o de un vaso capilar: Dar latidos.

Legenda/Leyenda

Seção I

Legenda
[Do grego *lampás* pelo latim tardio *lampada*.]

1. Relato da vida dos santos.
2. Lenda.
3. Texto explicativo que acompanha uma ilustração, uma gravura, numa reprodução de obra de arte, em um mapa, etc., e compreende título, explicações, dísticos, etc.

Leyenda
[Diminutivo de *lente* e este do latim *lentis*.]

1. Historia o relación de la vida de uno o más santos.
2. Relación de sucesos que tienen más de tradicionales o maravillosos que de históricos o verdaderos.
3. Texto que acompaña a un plano, a un grabado, a un cuadro, etc.

Lenço/Lienzo**Seção I****Lenço**[Do latim *lintheum*.]

1. Antigo tecido de linho e algodão.

Seção II

1. Pedaco quadrado de tecido que serve para uma pessoa se assoar, ou para ornar e resguardar a cabeça ou o pescoço.

Ela usava um lenço vermelho no pescoço.

Seção III

1. Tela preparada para pintar sobre ella.

Ana compra en Madrid los lienzos que usa en sus pinturas.

2. Pintura que está sobre lienzo.

He adquirido un lienzo renacentista. Comprei uma pintura renascentista.

Lienzo[Do latim *lintheum*.]

1. Tela que se fabrica de lino, cânhamo o algodón.

Ella llevaba un pañuelo rojo en el cuello.

Ana compra em Madri as telas que usa em suas pinturas.

Ligar/Ligar**Seção I****Ligar**[Do latim *ligāre*.]

1. Apertar, prender, atar com laço ou ligadura; fazer nó ou laço em; prender, fixar; liar.

2. Unir-se por vínculos morais, afetivos ou carnaís; liar-se.

3. Associar estreitamente, aproximar, reunir por uma relação lógica ou necessária, por uma relação de semelhança, de continuidade, de dependência.

4. Unir-se em combinação química; combinar-se.

5. Assegurar a coesão de mistura ou preparado; tornar consistente e homogêneo.

6. Encadear a última consoante de uma palavra com a vogal que inicia a palavra seguinte, formando sílaba com esta.

Seção II

1. Pôr em funcionamento (sistema elétrico); abrir. Acionar o motor de (veículo), para que se ponha em marcha.

Ligou a televisão.

Ligou o carro.

2. Fazer girar o disco de (o telefone), para estabelecer ligação, discar. Comunicar-se, ou tentar comunicar-se, por telefone; telefonar, tocar.

Ligar[Do latim *ligāre*.]

1. Sujetar una cosa con otra con cuerdas o ataduras; amarrar, atar.

2. Sujetarse con trabas morales.

3. Sujetar una cosa o persona con otra de modo que actúen unidas o de acuerdo. Comprometer u obligarse a algo. Unir alguien su suerte a la de otro.

4. Unir el oro o la plata con cierta cantidad de otro metal para fabricar monedas u otra cosa.

5. Unir(se) varias sustancias para formar una masa homogénea.

6. Pronunciar en la misma sílaba la letra final de una palabra y la inicial de la siguiente.

Prendió el televisor.

Puso el coche en marcha.

Enquanto ligo a casa com a irmã

Mientras marca los números

Seção III

1. Establar relaciones amorosas o sexuales pasajeras.

Juan se liga a todas las chicas guapas.

João paquera/conquista todas as meninas bonitas.

Me ligué con mi novio y ahora estoy embarazada.

Transei com meu namorado e agora estou grávida.

Ligeiro/Ligero

Seção I

Ligeiro

[Do latim *leviarius* pelo francês *léger*.]

1. Leve.

2. Rápido, veloz.

Ligero

[Do latim *leviarius* pelo francês *léger*.]

1. Que pesa pouco.

2. Ágil, veloz, pronto.

Logo/Luego

Seção I

Logo

Luego

1. Sem tardança; imediatamente.

2. Mais tarde; em tempo imediatamente seguinte a outro, numa série; em seguida; após.

3. Portanto, por conseguinte.

1. Prontamente, sin dilación.

2. Después, más tarde.

3. Por consiguiente, por lo tanto.

Lograr/Lograr

Seção I

Lograr

[Do latim *lucrāri*.]

1. Gozar; obter; fruir, desfrutar, desfruir. Conseguir, alcançar.

2. Aproveitar-se, gozar.

3. Fazer o seu efeito; produzir o resultado que se esperava

Lograr

[Do latim *lucrāri*.]

1. . Conseguir o alcanzar lo que se intenta o desea.

2. Gozar o disfrutar algo.

3. Dicho de una cosa: Llegar a su perfección.

Seção II

1. Enganar com astúcia; burlar, intrujar, defraudar.

Logrou sua mãe e com o dinheiro comprou uma bola.

Engañó a su madre y con el dinero compró la pelota.

Lunar/Lunar**Seção I****Lunar**[Do latim *lunare*.]

1. Sinal congênito na pele, atribuído ao influxo lunar.
2. Relativo à Lua; selênico.

Lunar[Derivado de *luna* e este do latim *lunare*.]

1. Pequeña mancha en el rostro u otra parte del cuerpo, producida por una acumulación de pigmento en la piel.
2. Pertenciente o relativo a la luna.

Seção III

1. Cada uno de los dibujos de forma redondeada en telas, papel o en otras superficies.

*Miguel se ha comprado una corbata de lunares.**Miguel comprou uma gravata de bolinhas.***Lustre/Lustre****Seção I****Lustre**[Do italiano *lustro* e este do latim *lustrare*.]

1. Brilho ou polimento que se dá a um objeto ou que ele reflete naturalmente.
2. Brilhantismo, esplendor, magnificência; Honra, glória, fama.

Seção II**Lustre**[Do italiano *lustro* e este do latim *lustrare*.]

1. Brillo de las cosas tersas o bruñidas.
2. Esplendor, gloria.

1. Luminária de vários braços, suspensa do teto.

*Comprei um lustre de cristal e bronze com 22 luzes.**Me compré una araña de cristal y bronce con 22 luces.***Manteiga/Manteca****Seção I****Manteiga**

[De origem incerta.]

1. Substância gorda e alimentícia, que se extrai da nata do leite.
2. Substância gordurosa dalgumas plantas.

Seção III

1. Gordura de los animales, especialmente la del cerdo; gordura del cuerpo humano.

Hice el pan con manteca de cerdo.

2. Nata de la leche.

*Hay mucha manteca en la leche.***Manteca**

[De origem incerta.]

1. Producto obtenido por el batido, amasado y posterior maduración de la crema extraída de la leche de vaca o de otros animales.
2. Grasa consistente de algunos frutos, como la del cacao.

*Fiz o pão com banha de porco.**Tem muita nata no leite.***Marco/Marco****Seção I****Marco****Marco**

[De germânico *mark*.]

1. Qualquer acontecimento que, por sua importância, marca época numa história individual ou na história de uma atividade humana ou na história em geral.
2. Unidade monetária.
3. Antiga unidade de medida de peso, equivalente a 8 onças, ou seja, 230g aproximadamente.

Seção II

1. Sinal de demarcação, ordinariamente de pedra ou de granito oblongo, que se põe nos limites territoriais.

Este marco assinala o início desta rodovia.

2. Coluna, pirâmide, cilindro, etc., de granito ou mármore, para assinalar um local ou acontecimento

Neste marco se deu a independência do Brasil.

Seção III

1. Peça que rodea, ciñe o garante algumas coisas, y aquella en donde se encaja una puerta, ventana, pintura, etc.

Cristina hace marcos para cuadros.

[De germânico *mark*.]

1. Límites en que se encuadra un problema, cuestión, etapa histórica, etc.
2. Unidad monetaria de algunos países.
3. Peso de media libra, o 230 g, que se usaba para el oro y la plata. El del oro se dividía en 50 castellanos, y el de la plata en 8 onzas.

Este hito señala el inicio de esta autopista.

En este hito se dio la independencia de Brasil.

Cristina faz molduras para quadros.

2. Paisaje o ambiente físico que rodea algo.

El paisaje prestaba un marco encantador a la fiesta.

A paisagem oferecia um ambiente encantador à festa.

Matrimônio/Matrimonio

Seção I

Matrimônio

[Do latim *matrimonium*.]

1. União legítima de homem com mulher; casamento.

Matrimonio

[Do latim *matrimonium*.]

1. Unión de hombre y mujer concertada mediante determinados ritos o formalidades legales; en el catolicismo, sacramento por el cual el hombre y la mujer se ligan perpetuamente con arreglo a las prescripciones de la Iglesia.

Seção III

1. Marido y mujer.

En esta vivienda vive un sólo matrimonio.

Nesta casa vive somente um casal.

Medicina/Medicina

Seção I

Medicina

[Do latim *medicīna*.]

1. Arte e ciência de evitar ou curar doença, ou de paliar seu(s) efeito(s).

Medicina

[Do latim *medicīna*.]

1. Ciencia y arte de precaver y curar las enfermedades del cuerpo

humano.

2. Corpo médico, os médicos em geral; profissão de médico.
4. Forma de tratamento.

2. Conjunto de los médicos y sus actividades.
3. Procedimiento con que se cura o alivia algo.

Seção III

1. Sustancia de las empleadas para tratar una enfermedad o dolencia.

Tengo jaqueca, así que me llevo las medicinas a todos los sitios.

Tenho enxaqueca, então, levo meus remédios comigo a todos os lugares.

Mercearia/Mercería

Seção I

Mercearia

[Do italiano *merceria*.]

Mercería

[Do italiano *merceria*.]

Seção II

1. Loja onde se vendem a retalho gêneros alimentícios; loja de secos e molhados; armazém, venda; gêneros alimentícios, víveres, mercearias; comércio de pouco valor; loja onde se faz esse comércio.

Vou à mercearia comprar óleo.

Voy al almacén comprar aceite.

Seção III

1. Trato y comercio de cosas menudas y de poco valor o entidad,

Merenda/Merienda

Seção I

Merenda

[Do latim *merenda*.]

1. Refeição leve, entre o almoço e o jantar.

Merienda

[Do latim *merenda*.]

1. Comida ligera que se hace por la tarde antes de la cena.

Seção II

1. O que se leva em farnel para comer no campo ou em viagem; o que as crianças levam para comer na escola, em geral durante o recreio.

As crianças repartiram a merenda para que todos pudessem comer.

Los niños repartieron el lunch para que todos pudieran comer.

Mirar/Mirar

Seção I

Mirar

[Do latim *mirāri*.]

1. Cravar a vista em; fitar os olhos em; fitar, encarar.

Mirar

[Do latim *mirāri*.]

1. Dirigir la vista a un objeto.

2. Olhar longamente à distância; observar, espreitar.

3. Estar voltado para; dar, olhar.

4. Ter em vista, aspirar a; visar, pretender, desejar.

Seção II

1. Tomar por alvo do tiro; dirigir a pontaria; apontar.

Você deve mirar antes de arremessar.

Seção III

1. Pensar acerca de lo que va a hacer o hacerlo con cuidado.

Mira bien antes de decidirse.

2. Mostrar estimación a una persona o tener atenciones con ella.

En esta escuela todos se miran mucho.

3. Cuidar, atender, proteger, amparar o defender a alguien o algo.

La madre mira por sus hijos con mucho desvelo.

2. Observar las acciones de alguien.

3. Dicho de una cosa, especialmente de un edificio: Estar situado, puesto o colocado enfrente de otro.

4. Tener un objetivo o un fin al ejecutar algo.

Hay que hacer blanco/apuntar antes de lanzar.

Pense bem antes de se decidir.

Nesta escola todos se gostam muito.

A mãe protege/cuida seus filhos com muito desvelo.

Moço/Mozo

Seção I

Moço

[Do espanhol *mozo*.]

1. Novo em idade; jovem.

2. Relativo à, ou próprio da mocidade, da juventude.

3. Criado, serviçal.

Seção III

1. Hombre que sirve en las casas o al público en oficios humildes.

Mozo, tráigame el menú de vinos, por favor.

Mozo

[De origem incerta.]

1. Joven, de pouca edad.

2. De la juventud.

3. Sirvienta doméstica.

Garçom, traga-me o menu de vinhos, por favor.

Moléstia/Molestia

Seção I

Moléstia

[Do latim *mōlēstīa*.]

1. Incômodo ou sofrimento moral; aborrecimento, inquietação, mal.

2. Incômodo ou sofrimento físico; doença, achaque, mal.

Molestia

[Do latim *mōlēstīa*.]

1. Enfado, fastidio, desazón o inquietud del ánimo.

2. Desazón originada de leve daño físico o falta de salud.

Seção III

1. Doença.

A moléstia atingiu todos que moravam na região.

La enfermedad afectó todos que vivían en la región.

Seção III

1. Fatiga, perturbación, extorsión.

Si estás ocupado no se tome la molestia de venir aquí.

Se você está ocupado, não se dê ao trabalho de vir aqui.

Mostrador/Mostrador**Seção I****Mostrador**

[Do latim *mōnstrātor*.]

1. Que mostra.
2. Parte de aparelho, utensílio, mecanismo, etc., em que estão indicados os valores assumidos por uma variável:
3. A parte do relógio onde estão indicadas as horas e os minutos.
4. Mesa, balcão, vitrina ou qualquer outra parte de um estabelecimento comercial em que se possam expor mercadorias à venda; mostruário.

Mostrador

[Do latim *mōnstrātor*.]

1. Que muestra.
2. Dispositivo destinado a hacer visible la información que da un aparato de medida.
3. Esfera de reloj.
4. Especie de mesa, cerrada en su parte exterior, que en los bares, cafeterías y otros establecimientos análogos se utiliza para poner sobre ella lo que piden los clientes.

Motorista/Motorista**Seção I****Motorista**

[Derivado de *motor* e este do latim *motor*.]

Motorista

[Derivado de *motor* e este do latim *motor*.]

1. Que ou quem conduz qualquer veículo motorizado.

1. Persona que guía un vehículo automóvil y cuida del motor.

Seção III

1. Persona que conduce una motocicleta.

¿Has visto el cartel de la película Motorista Fantasma?

Você viu o cartaz do filme Motoqueiro Fantasma?

Munheca/Muñeca**Seção I****Munheca**

[Do espanhol *muñeca*.]

1. A parte da mão em que ela se liga ao braço; pulso.

Muñeca

[Voz de origem pré-romana *moño*.]

1. Parte del cuerpo humano en donde se articula la mano con el antebrazo.

Seção III

1. Figura de mujer que sirve de juguete.

A las niñas les gustan las muñecas Barbie.

As meninas gostam das bonecas Barbie.

2. Maniquí para trajes y vestidos de mujer.

Me gustaría probarme aquel vestido que está en la muñeca.

Eu gostaria de provar aquele vestido que está no manequim.

Noivo/Novio

Seção I**Noivo**[Do latim *novíus*.]

1. Indivíduo recém-casado.

2. Aquele que vai casar, que fez promessa solene de casamento.

Novio[Do latim *novíus*.]

1. Persona que acaba de casarse.

2. Persona que mantiene relaciones amorosas con fines matrimoniales.

Seção III

1. Persona que mantiene una relación amorosa con otra sin intención de casarse y sin convivir con ella.

*Mi novio y yo iremos a Barcelona este año.**Eu e meu namorado iremos para Barcelona este ano.***Oficina/Oficina****Seção I****Oficina**[Do latim *officīna*.]

1. Lugar onde se exerce um ofício.

Oficina[Do latim *officīna*.]

1. Local donde se hace, se ordena o trabaja algo.

Seção II

1. Lugar onde se fazem consertos em veículos automóveis.

*Deixei o carro na oficina hoje de manhã.**Dejé el coche en el taller hoy por la mañana.***Seção III**

1. Departamento donde trabajan los empleados públicos o particulares.

Padre/Padre**Seção I****Padre**[Do latim *pater*.]

1. Aquele que já recebeu ordenação sacerdotal; sacerdote secular ou regular; presbítero, reverendo.

Padre[Do latim *pater*.]

1. Usado para referirse a ciertos religiosos y a los sacerdotes.

Seção III

1. Varón o macho que ha engendrado; varón o macho, respecto de sus hijos; cabeza de una descendencia, familia o pueblo; primera persona de la Santísima Trinidad.

*A mi padre le gustan los colores oscuros.**Meu pai gosta de cores escuras.***Palanca/Palanca****Seção I****Palanca**[Do latim *palanga*.]

1. Estacaria, cubierta de terra, construída para defesa e us. em manobras militares; palanque.

Palanca[Do latim *palanga*.]

1. Fortín construído de estacas y tierra. Por lo regular es obra exterior, que sirve para defender la campaña.

Seção III

1. Barra inflexible, recta, angular o curva, que se apoya y puede girar sobre un punto, y sirve para transmitir una fuerza.

Con una buena palanca es posible mover los más grandes pesos.

Com uma boa alavanca é possível mover grandes pesos.

Palco/Palco**Seção I****Palco**

[Do longobardo *palko* através do italiano *balco/palco*.]

Palco

[Do longobardo *palko* através do italiano *balco/palco*.]

Seção II

1. Tablado ou estrado destinado às representações, em geral construído de madeira, e que pode ser fixo, giratório ou transportável, bem como tomar várias formas e localizações em função da platéia, que pode situar-se à frente dele ou circundá-lo por dois ou mais lados.

O palco estava cheio de atores.

El escenario estaba lleno de actores.

Seção III

1. En los teatros y otros lugares de recreo, espacio con varios asientos y en forma de balcón.

Reservé un palco de ocho lugares en el teatro.

Reservei um camarote de oito lugares no teatro.

Pantalha/Pantalla**Seção I****Pantalha**

[Do espanhol *pantalla*.]

1. Abajur.

Pantalla

[Talvez do catalão *pantalla*.]

1. Lâmina que se sujeta delante o alrededor de la luz artificial, para que no moleste a los ojos o para dirigirla hacia donde se quiera.

Seção III

1. Telón sobre el que se proyectan las imágenes del cinematógrafo u otro aparato de proyecciones.

Hay un problema en la pantalla de la televisión.

Há um problema na tela da televisão.

2. Mundo que rodea a la televisión o al cine.

Los astros de la gran pantalla estarán hoy en la fiesta.

Os astros do cinema estarão hoje na festa.

Pareja/Pareja**Seção I****Pareja**

[Do latim *paricŭlus*.]

1. Pessoa ou coisa que emparelha com outra, que lhe é muito

Pareja

[Do latim *paricŭlus*.]

1. Conjunto de dos personas, animales o cosas que tienen entre sí

semelhante.

alguna correlación o semejanza,

2. Par de alguns animais, em especial muares e cavalares.

2. Cada una de estas personas, animales o cosas considerada en relación con la otra.

3. Número igual de pontos, no jogo dos dados.

3. En el juego de dados, los dos números o puntos iguales que salen de una tirada, como seises, cincos, etc.

Seção III

1. Conjunto de dos personas, animales o cosas que tienen entre sí alguna correlación o semejanza, y especialmente el formado por hombre y mujer.

Ana y Miguel forman una pareja muy responsable.

2. Compañero o compañera en los bailes.

Juan fue mi pareja en el baile.

Ana e Miguel formal uma casal/um par muito responsável.

João foi o meu par no baile.

Parra/Parra

Seção I

Parra

[De origem obscura.]

1. Ramo de videira; pâmpano.

Parra

[Talvez do gótico *parra*.]

1. Vid*, y en especial la que está levantada artificialmente y extiende mucho sus vástagos. (*Planta vivaz y trepadora de la familia de las Vitáceas, con tronco retorcido, vástagos muy largos, flexibles y

Partida/Partida

Seção I

Partida

[Derivado de *partir* e este do latim *partire*.]

1. Ato de partir; saída.

2. Em certos jogos, número de lanços ou de mãos necessários para que um parceiro ganhe.

3. Quantidade de mercadorias destinadas ao comércio; remessa de mercadorias.

4. Grupo de gente armada ou desordeira; bando, quadrilha, súcia.

Partida

[Derivado de *partir* e este do latim *partire*.]

1. Acción de partir o salir de un punto.

2. Cada conjunto de jugadas en un juego de suerte o destreza, en que se pierde o gana la puesta.

3. Cierta cantidad de una mercancía que se entrega o envía de una vez.

4. Conjunto de gente armada que lucha en rebeldía o se dedica a cometer fechorías.

Seção II

1. Prélio esportivo.

Hoje haverá uma partida de futebol.

Hoy habrá un partido de fútbol.

Seção III

1. Asiento o registro correspondiente a un nacimiento, bautismo, matrimonio, defunción, etc.

¿Cuál es la fecha que está en la partida de defunción?

Qual é a data que está na certidão de óbito?

Partido/Partido

Seção I

Partido

[Derivado de *partir* e este do latim *partire*.]

1. Dividido em partes.
2. Organização cujos membros programam e realizam uma ação comum com fins políticos e sociais; facção.
3. Associação de pessoas unidas pelos mesmos interesses, ideais, objetivos; liga.
4. Resolução, decisão; expediente.
5. Utilidade, proveito, vantagem, ganho

Seção III

1. Competición deportiva.

Hoy habrá un partido internacional de fútbol.

Partido

[Derivado de *partir* e este do latim *partire*.]

1. Dividido en dos o más partes.
2. Cada uno de los grupos en que se divide una comunidad, en oposición de ideas o tendencias con otros.
3. Conjunto o agregado de personas que siguen y defienden una misma opinión o causa.
4. Decisión que se toma en un asunto.
5. Influencia o medios para conseguir una cosa por el favor.

Hoje haverá uma partida internacional de futebol.

Pasta/Pasta

Seção I

Pasta

[Do latim *pasta*.]

1. Porção de matéria sólida pulverulenta (farinha, amido, gesso, cimento, barro, etc.) ligada ou amassada com líquido ou gordura, e que se caracteriza por sua plasticidade.
2. Cada um dos dois retângulos de cartão que formam a capa do livro encadernado; cada uma das duas partes dessa capa; plano.

Seção II

1. Espécie de bolsa chata de couro ou de plástico, com divisões ou sem elas, destinada a transportar livros, documentos, etc.

Comprei uma pasta vermelha para carregar esses papéis.

2. Cargo de ministro de Estado.

Carlos tem uma pasta no Ministério das Relações Exteriores.

Seção III

1. Masa preparada con harina, con la que se hacen los fideos, tallarines, macarrones, canelones, raviolis, etc.

Me gustan muchísimo las pastas italianas.

Pasta

[Do latim *pasta*.]

1. Masa hecha de una o diversas sustancias machacadas; masa trabajada con manteca o aceite y otros ingredientes, que sirve para hacer pasteles, hojaldres, empanadas, etc.
2. Encuadernación de los libros que se hace de cartones cubiertos con pieles bruñidas y por lo común jaspeadas.

He comprado una carpeta roja para llevar esos papeles.

Carlos tiene una cartera en el Ministerio de Relaciones Exteriores.

Eu gosto muito das massas/macarronadas italianas.

Pastel/Pastel**Seção I****Pastel**[Do francês *pastel*.]**Pastel**[Do francês *pastel*.]**Seção II**

1. Iguaria feita com massa de farinha de trigo, estendida com rolo e cortada em pequenas porções, que são dobradas sobre um recheio salgado ou doce, depois fritas, cozidas ou assadas ao forno.

Hoje comi apenas um pastel no almoço.

Hoy he comido sólo una empanada de hojaldre frita en el almuerzo.

Seção III

1. Masa de harina y manteca, cocida al horno, en que ordinariamente se envuelve crema o dulce, y a veces carne, fruta o pescado.

Hizo un pastel muy exquisito.

Fiz uma torta/empadão muito gostosa(o).

Pata/Pata**Seção I****Pata**[Da mesma origem incerta que o espanhol *pata*.]**Pata**

[De origem incerta.]

1. Pé de animal.

1. Pie y pierna de los animales.

Seção III

2. Pie de un mueble.

Quiero comprar una mesilla de tres patas.

Quero comprar uma mesinha de três pernas.

Peixeira/Pecera**Seção I****Peixeira**[Derivado de *peixe* e este do latim *piscis*.]**Pecera**[Derivado de *peixe* e este do latim *piscis*.]**Seção II**

1. Vendedora de peixe.

Qual é o nome daquela peixeira?

¿Cuál es el nombre de aquella pescadera?

2. Faca empregada para cortar peixe.

Antigamente os camponeses usavam peixeiras para lutar.

Antiguamente los campesinos usaban facones para luchar.

Seção III

1. Vasija o globo de cristal, que se llena de agua y sirve para tener a la vista uno o varios peces.

Mira cuántos peces hay en la pecera.

Veja quantos peixes tem no aquário.

Pegar/Pegar

Seção I

Pegar

[Do latim *picāre*.]

1. Fazer aderir; colar, grudar:
2. Ficar aderente; colar-se, grudar-se.
3. Adquirir (enfermidade) por contágio, por debilidade orgânica, etc. Adquirir, contrair, criar. Transmitir, comunicar, por influência.
4. Lançar ou criar raízes (uma planta).
5. Ser ou estar contíguo; confinar; convizinhar:
6. Generalizar-se, difundir-se (por ex. moda)
7. Ser atingido por; receber. (por ex. chuva, sol)
8. Inflamar-se; acender. (fogo).

Seção II

1. Agarrar, prender, segurar

Pegar

[Do latim *picāre*.]

1. Adherir una cosa con otra.
2. Arrimar o aplicar una cosa a otra, de modo que entre las dos no quede espacio alguno.
3. Dicho de una persona: Comunicar a otra algo por el contacto, por el trato, etc., y especialmente vicios o enfermedades contagiosas.
4. Dicho de una planta: arraigar.
5. Dicho de una cosa: Estar próxima o contigua a otra.
6. Despertar gusto o afición una cosa en alguien.
7. Dicho de la luz o del sol: Incidir intensamente en una superficie.
8. Comunicar fuego a una cosa.

2. Subir ou instalar-se em (uma viatura qualquer), para nela viajar; tomar.

Pegou o trem às três da tarde.

Cogió el tren a las tres de la tarde.

3. Seguir por (determinada direção).

Dobre à direita e pegue a Avenida Rio Branco.

Dobla a la derecha y coge la Avenida Rio Branco.

4. Apanhar de improviso; surpreender.

Pegou o ladrão em pleno furto.

Sorprendió al ladrón durante el hurto.

Seção III

1. Unir o juntar una cosa con otra, atándola, cosiéndola o encadenándola con ella.

Pegar un botón.

Pregar um botão.

2. Castigar o maltratar a alguien con golpes.

Ahora no se pega a los niños en la escuela.

Agora já não se bate mais nas crianças na escola.

3. Dar un determinado golpe.

Pegar un bofetón, un tiro.

Deu um bofetão, um tiro.

4. Dicho de una cosa: Armonizar con otra.

Azul pega con blanco.

5. Dicho de un verso: Rimar con otro.

Amor pega con flor.

6. Dicho de dos o más personas: Reñir, enredarse a golpes o en pelea.

Dos chicos se han pegado en la escuela.

Azul combina com branco.

Amor rima com flor.

Dois meninos brigaram/lutaram na escola.

Pelado/Pelado

Seção I

Pelado

[Derivado de *pelar* e este de *pele* ou *pêlo*.]

1. Que não tem pêlo; a que se tirou a pele; a que se tirou a casa; calvo careca.

2. Indivíduo pobre, sem dinheiro.

Pelado

[Derivado de *pelar* e este de *pelo*¹⁵.]

1. Se aplica a lo que no tiene algo que otras cosas del mismo género tienen cubriéndolas o brotando de ellas¹⁶.

2. Dicho de una persona: Pobre o sin dinero.

Seção II

1. Nu, desnudo, despido.

O homem caminhava pelado pela praia.

El hombre paseaba desnudo por la playa.

Seção III

1. Se aplica a los números que constan de decenas, centenas, millares, etc., justos.

Sacó un cinco pelado en el examen.

Tirou cinco redondo/raso na prova.

Pelar/Pelar

Seção I

Pelar

[Do latim *pilāre*.]

1. Tirar o pêlo a; ficar sem pêlo.

2. Tirar a pele ou casca de.

4. Tirar os pertences de alguém de modo ilícito; depenar, furtar.

Pelar

[Do latim *pilāre*.]

1. Cortar, arrancar, quitar o raer el pelo.

2. Despellejar, quitar la piel a un animal; Mondar o quitar la piel, la película o la corteza a algo.

3. Quitar con engaño, arte o violencia los bienes a alguien.

Seção II

1. Atingir temperatura elevadíssima, capaz de, ou quase capaz de, ao simples contacto, tirar a pele.

Esta água está pelando.

Este agua está muy caliente.

Seção III

1. Cortar el pelo de la cabeza a una persona.

¿Te vas a pelar la cabeza?

Você vai rapar a cabeça?

Pêlo/Pelo

Seção I

Pêlo

[Do latim *pilus*.]

1. Elemento filamentosos, rico em ceratina, que faz parte dos anexos da pele e se distribui por quase toda a superfície do corpo. Conjunto de pêlos de um mamífero.

2. Penugem.

3. Filamento, em geral curto ou muito curto, que recobre variadas partes de numerosas plantas, e é um prolongamento externo da parede das células epidérmicas.

3. Cabelo.

Pelo

[Do latim *pilus*.]

1. Filamento cilíndrico, sutil, de naturaleza córnea, que nace y crece entre los poros de la piel de casi todos los mamíferos y de algunos otros animales de distinta clase. Conjunto de estos filamentos.

2. Pluma fina de las aves debajo del plumaje exterior.

3. Vello que tienen algunas frutas, como los melocotones, en la cáscara o pellejo, y algunas plantas en hojas y tallos.

3. Cabello de la cabeza humana.

Pelota/Pelota

Seção I

Pelota

[Do latim *pīla*.]

Pelota

[Do latim *pīla*.]

1. Bolota de barro endurecido usada como projétil para o bodoque.

1. Bola de materia blanda, como la nieve, el barro, etc., que se amasa fácilmente.

Seção III

1. Bola de materia elástica que le permite botar, y que se usa en diversos juegos y deportes.

Los jugadores disputaban la pelota con mucha destreza.

2. Juego que se hace con la pelota.

Os jogadores disputavam a bola com muita habilidade.

¿Vamos jugar a la pelota?

Vamos jogar bola?

Pico/Pico

Seção I

Pico

[Do latim *pīccus*.]

1. Cume agudo de monte; picada, picoto.

Pico

[Do celta *beccus* através do latim *pīccus*.]

1. Cúspide aguda de una montaña.

Seção III

1. Parte saliente de la cabeza de las aves, compuesta de dos piezas córneas, una superior y otra inferior, que terminan generalmente en punta y les sirven para tomar el alimento.

Los pájaros usan el pico como herramienta para alimentarse.

2. Parte puntiaguda que sobresale en la superficie o en el borde o límite

Os pássaros usam o bico como ferramenta para se alimentarem.

de alguna cosa.

Sembrara de três picos
3. Punta acanalada que tienen en el borde algunas vasijas, para que se vierta con facilidad el líquido que contengan, y en los candiles y velones, para que la mecha no arda más de lo necesario.

¿Te gusta tomar cerveza del pico de la botella?

4. Boca de una persona.

¡Cierra el pico!

5. Facundia, expedición y facilidad en el decir.

Tendrás que usar su pico para conseguir algo de esta chica.

6. Parte pequeña en que una cantidad excede a un número redondo.

Estos pantalones cuestan diez reales y pico.

Chanfú de três pontas

Você gosta de tomar cerveja no bico/boca da garrafa?

Fecha a boca!

Você terá que usar sua lábia pra conseguir algo desta menina.

Estas calças custam dez reais e pouco.

Pimentão/Pimentón

Seção I

Pimentão

[Do latim *pigmentum*.]

Pimentón

[Do latim *pigmentum*.]

Seção II

1. Erva alta, da família das

Seção III

1. Polvo que se obtiene moliendo pimientos encarnados secos.

A Maria le gusta poner pimentón en los platos que prepara.

Maria gosta de colocar páprica nos pratos que prepara.

Pinha/Piña

Seção I

Pinha

[Do latim *pinëa*.]

1. O fruto, geralmente cônico, do pinheiro e doutras coníferas.

2. Cacho ou magote de coisas ou pessoas

3. Entrelaçamento feito no chicote de um cabo com as extremidades dos cordões, para enfeite ou para impedir que o chicote escape de um

Piña

[Do latim *pinëa*.]

1. Fruto del pino y de otros árboles.

2. Conjunto de personas o cosas unidas o agregadas estrechamente.

3. Especie de nudo, generalmente redondeado, que se teje con los chicotes descolchados de un cabo.

olhal ou de um gorne de poleame.

Seção III

1. Ananás.

Por favor, un helado de piña.

Por favor, um sorvete de abacaxi.

Pintura/Pintura

Seção I

Pintura

[Do latim *pinctura*.]

1. Ato ou efeito de pintar.

2. Quadro.

3. Descrição minuciosa e evocativa, escrita ou verbal.

Pintura

[Do latim *pinctura*.]

1. Acción de pintar.

2. Obra pintada.

3. Descripción o representación viva y animada de personas o cosas por medio de la palabra.

Seção III

1. Color preparado para pintar.

Juan compró diez litros de pintura verde.

João comprou dez litros de tinta verde.

Pipa/Pipa

Seção I

Pipa

1. Vasilha bojuda, de madeira, para vinho e outros líquidos.

1. Tonel o candiota que sirve para transportar o guardar vino u otros licores.

Seção II

1. Papagaio.

Corria feliz enquanto brincava com a pipa.

Corría feliz mientras jugaba con la cometa.

Seção III

1. Utensilio para fumar, consistente en un tubo terminado en un recipiente, en que se coloca y enciende el tabaco picado u otra sustancia, cuyo humo se aspira por el extremo de la boquilla del tubo.

Con la pipa en la boca, tristemente pensaba en vida.

Com o cachimbo na boca, tristemente pensava na vida.

Piso/Piso

Seção I

Piso

[Derivado de *pisar* e este do latim *pinsāre*.]

1. Modo de andar, caminhar.

2. . Revestimento, com material apropriado, do solo (ou parte de uma construção) onde se pisa; chão, pavimento, pavimentação: Terreno ou superfície onde se anda.

Piso

[Derivado de *pisar* e este do latim *pinsāre*.]

1. Acción y efecto de pisar.

2. Pavimento natural o artificial de las habitaciones, calles, caminos, etc. Suelo allanado o pavimentado para poder andar fácilmente por él.

3. Andar de um edifício, pavimento.

3. Cada una de las diferentes plantas que superpuestas constituyen un edificio.

Seção III

1. Conjunto de habitaciones que constituyen vivienda independiente en una casa de varias alturas.

Mi piso tiene tres habitaciones.

Meu apartamento tem três quartos.

2. Suela del calzado.

Mis zapatos tienen piso de goma.

Meus sapatos têm sola de borracha.

3. Cada una de las partes superpuestas que en su conjunto forman una unidad.

Una tarta de cuatro pisos.

Uma torta de quatro camadas.

Plano/Plan

Seção I

Plano

[Do latim *plānus*.]

- 1. Qualquer superfície plana limitada, tomada isoladamente ou em relação a outras.
- 2. Projeto.

3. Projeto ou empreendimento com fim determinado

Plan

[Derivado de *plano* e este do latim *plānus*.]

- 1. Altitud o nivel.
- 2. Intención, proyecto.
- 3. Modelo sistemático de una actuación pública o privada, que se elabora anticipadamente para

4. Arranjo ou disposição de uma obra.

4. Escrito en que sumariamente se precisan los detalles para realizar una obra.

Seção II

1. Liso, sem desigualdades; que tem a superfície plana.

Esta mesa tem a superfície plana.

Esta mesa tiene la superficie plana.

Plano/Plano

Seção I

Plano

[Do latim *plānus*.]

- 1. Liso, sem desigualdades; que tem a superfície plana.
- 2. Representação gráfica, numa dada escala, da estrutura ou da organização de algo em três dimensões; planta

Plano

[Do latim *plānus*.]

- 1. Llano, liso, sin relieves.
- 2. Representación esquemática, en dos dimensiones y a determinada escala, de un terreno, una población, una máquina, una construcción, etc

Seção II

1. Projeto.

Fizemos o plano de acordo com o solicitado.

Hicimos el plan según lo solicitado.

Planta/Planta

Seção I

Planta[Do latim *planta*.]

1. Parte do pé que assenta no chão.
2. Ser vivo que pertence ao Reino *plantae* (q. v.) e que, na maioria das classificações, é qualquer dos organismos vegetais verdes, *i. e.*, que contêm clorofila.
3. Desenho da projeção horizontal de um objeto, terreno, de parte de uma construção, etc.

Seção III

1. Cada uno de los pisos o altos de un edificio.

Yo vivo en la última planta de aquel edificio.

Planta[Do latim *planta*.]

1. Parte inferior del pie.
2. Vegetal, ser orgánico que crece y vive, pero no muda de lugar por impulso voluntario
3. Diseño en que se da idea para la fábrica o formación de algo.

Eu moro no último andar daquele edificio.

Plátano/Plátano**Seção I****Plátano**[Do latim *platānus*.]

1. O gênero-tipo da família das platanáceas, que reúne grandes árvores nativas da América do Norte, da Europa Oriental e da Ásia, e que se caracterizam pelo córtex descamante; são dotados de grandes folhas decíduas, ger. palmatilobadas, de flores em capítulos, e sementes globulares.

Plátano[Do latim *platānus*.]

1. Árbol de la familia de las Platanáceas, con una altura de 15 a 20 o más metros y amplia copa, tronco cilíndrico, de corteza lisa de tono claro, verde grisáceo, que se renueva anualmente, desprendiéndose en placas irregulares, hojas caedizas y alternas, de limbo amplio, palmeado-lobuladas, con peciolo ensanchado en su base, que recubre la yema subsiguiente. Es árbol de sombra, muy apreciado para plantaciones

Seção III

1. Planta herbácea de grandes dimensiones, que en algunos países llaman banano. Pertenece a la familia de las Musáceas. Alcanza una altura de 2 a 3 m y un fuste de unos 20 cm de diámetro, formado por las vainas de las hojas, enrolladas apretadamente unas sobre otras y terminadas en un amplio limbo, de unos 2 m de longitud y unos 30 cm de anchura, redondeadas en su ápice. El conjunto de estas hojas forma el penacho o copa de la planta.

El plátano es una de las plantas más comunes en Brasil.

2. Fruto comestible de esta planta. Es una baya alargada, de diez a quince centímetros de longitud, algo encorvada y de corteza lisa y amarilla.

No sabes lo dulce que está este plátano.

A bananeira é uma das plantas mais comuns no Brasil.

Você não sabe como essa banana está doce.

Poder/Poder**Seção I
Poder****Poder**

[Do latim vulgar *pōtēre*.]

1. Ter a faculdade de.
2. Ter ocasião, ter oportunidade, meio de; conseguir.
3. Ter grande influência ou força física sobre
4. Ter possibilidade de, ou autorização para.
5. Direito de deliberar, agir e mandar.
6. Autoridade, soberania, império; o governo de um Estado
7. Posse, jurisdição.
8. Ter força para; ter força de ânimo, energia de vontade, para.

Seção III

1. Acto o instrumento en que consta la facultad que alguien da a otra persona para que en lugar suyo y representándole pueda ejecutar algo.

Marcos me dio el poder para actuar en su nombre.

[Do latim vulgar *pōtēre*.]

1. Tener expedita la facultad o potencia de hacer algo.
2. Tener facilidad, tiempo o lugar de hacer algo.
3. Tener más fuerza que alguien, vencerle luchando cuerpo a cuerpo.
4. Ser contingente o posible que suceda algo.
5. Dominio, imperio, facultad y jurisdicción que alguien tiene para mandar o ejecutar algo.
6. Gobierno de un país.
7. Posesión actual o tenencia de algo.
8. Fuerza, vigor, capacidad, posibilidad, poderío.

Marcos me deu a procuração para agir em seu nome.

Porteiro/Portero

Seção I

Porteiro

[Do latim *portārius*.]

1. Homem que guarda porta ou portaria; guarda-portão

Seção III

1. Jugador que en algunos deportes defiende la portería de su bando.

El portero ha jugado muy bien hoy.

2. Funcionario subalterno encargado de la vigilancia, limpieza, servicios auxiliares, etc., en oficinas públicas.

El portero cuida de la limpieza del edificio.

Portero

[Do latim *portārius*.]

1. Persona que, en las casas de vecinos, tiene a su cargo el guardar, cerrar y abrir el portal y vigilar la entrada y salida de personas, limpiar la entrada, escalera, etc.; persona encargada de funciones análogas en edificios privados.

O goleiro jogou muito bem hoje.

O zelador cuida da limpeza do edificio.

Prancha/Plancha

Seção I

Prancha

[Alteração de *planca* e este do francês *planche*.]

Plancha

[Do francês *planche*.]

Seção II

1. Peça chata e alongada, originalmente feita de madeira e, atualmente, de material sintético, de feito arredondado numa das

extremidades e pontudo na outra, e que se destina à prática do surfe.

Seção III

1. Lámina o pedazo de metal llano y delgado respecto de su tamaño.

Necesitamos una plancha de un metro para terminar el trabajo.

2. Utensilio de hierro, ordinariamente triangular y muy liso y acerado por su cara inferior, que en la superior tiene un asa por donde se coge para planchar. En la actualidad, el calor de la plancha procede generalmente de la energía eléctrica.

¿Dónde está la plancha?

3. Acción y efecto de planchar la ropa.

Mañana es día de plancha.

4. Placa de hierro que se usa para asar o tostar alimentos.

¿Puedes poner la carne en la plancha?

Precisamos de una chapa de um metro para terminar o trabalho.

Onde está o ferro de passar roupa?

Amanhã é dia de passar roupa.

Você pode por a carne na chapa?

Prejuízo/Prejuicio

Seção I

Prejuízo

[Do latim *prae-iudicium*.]

1. Opinião ou juízo apressado, não refletido, sem levar em conta argumentos contrários.
2. Preconceito.

Seção II

1. Ato ou efeito de prejudicar; dano.

Nosso prejuízo foi maior do que imaginávamos.

Prejuicio

[De *pré+juicio* e este do latim *iudicium*.]

1. Opinión previa y tenaz, por lo general desfavorable, acerca de algo que se conoce mal.
2. Acción y efecto de juzgar.

Nuestro perjuicio fue más grande de lo que suponíamos.

Prensa/Prensa

Seção I

Prensa

[Do latim *prēmēre*.]

1. Instrumento manual ou mecânico destinado a comprimir ou achatar uma coisa entre as suas duas placas ou outras peças apropriadas.

Prensa

[Do latim *prēmēre*.]

1. Máquina que sirve para comprimir, cuya forma varía según los usos a que se aplica.

Seção III

1. Taller donde se imprime, imprenta.

El libro todavía está en la prensa.

O livro ainda está na gráfica/tipografia.

2. Conjunto o generalidad de las publicaciones periódicas y

especialmente las diarias.

La prensa es la que hay de más.
3. Conjunto de personas dedicadas al periodismo.

Toda la prensa estuvo en la fiesta de apertura.

A imprensa é a que há de mais.

Toda a imprensa esteve na festa de abertura.

Pressuposto/Presupuesto

Seção I

Pressuposto

[Participio passado de *pressupor* e este do latim *praessupōnēre*]

1. Aquilo que se supõe antecipadamente; pressuposição, conjectura, suposição.
2. Motivo alegado para encobrir a causa real de uma ação ou omissão; desculpa, pretexto.

Seção III

1. Cômputo anticipado del coste de una obra o de los gastos y rentas de una corporación. Cantidad de dinero calculado para hacer frente a los gastos generales de la vida cotidiana, de un viaje, etc.

Descubre cómo hacer tu presupuesto mensual.

Presupuesto

[Participio passado de *presuponer* e este do latim *praessupōnēre*.]

1. Supuesto o suposición.
2. . Motivo, causa o pretexto con que se ejecuta algo.

Descubra como fazer seu orçamento mensal.

Pronto/Pronto

Seção I

Pronto

[Do latim *prōmptus*.]

1. Inteiramente feito ou construído, em condições de ser utilizado, terminado.
2. Com energia e vontade para (algo); disposto, animado.
3. Que não tarda; imediato, instantâneo; ligeiro, breve, rápido.

Pronto

[Do latim *prōmptus*.]

1. Aplicado a cosas, en estado de ser utilizado, de poder hacer cierta cosa o de servir para la cosa a que se destina.
2. Dispuesto, aparejado para la ejecución de algo.
3. Veloz, acelerado, ligero.

Querer/Querer

Seção I

Querer

[Do latim *quaerere*.]

1. Ter vontade de; desejar.
2. Amar-se mutuamente; ter afeição; gostar; estimar.
3. Ter ou manifestar vontade firme e decidida; Ter a intenção de; projetar, tencionar, desejar
4. Ordenar, exigir; determinar.
5. Pretender; solicitar

Querer

[Do latim *quaerere*.]

1. Desear o apetecer.
2. Amar, tener cariño, voluntad o inclinación a alguien o algo.
3. Tener voluntad o determinación de ejecutar algo.
4. Resolver, determinar.
5. Pretender, intentar o procurar.

Quitar/Quitar**Seção I****Quitar**[Do latim *quitāre*.]

1. Remitir a dívida a; tornar quite; desobrigar do que devia dar ou fazer, ou de pena ou satisfação.
2. Apoderar-se de; usurpar.

3. Impedir, tolher, vedar.

4. Desembaraçar-se, livrar-se.

5. Fazer sair; demitir, tirar.

Quitar[Do latim *quitāre*.]

1. Desempeñar lo que estaba en prenda o garantía.
2. Tomar o coger algo ajeno, hurtar.
3. Prohibir o vedar.
4. Libertar o desembarazar a alguen de una obligación.
5. Suprimir un empleo u oficio.

Seção III

1. Tomar algo separándolo y apartándolo de otras cosas, o del lugar o sitio en que estaba.

*Quitarse la ropa.**Tirar a roupa.**Quitar la piel a una manzana.**Tirar a casca da maçã.**Quitar los libros de encima de la mesa.**Tirar os livros de cima da mesa.*

2. Despojar o privar de algo.

*Quitar la vida.**Tirar a vida.***Rabanada/Rebanada****Seção I****Rabanada**[Derivado de *rábano* e este do latim *raphānus*.]**Seção II**

1. Fatia de pão embebida em leite, passada no ovo, frita e servida com açúcar e canela.

*Esta rabanada está uma delícia!***Rebanada**[Derivado de *rábano* e este do latim *raphānus*.]*¡Esta torreja está muy exquisita!***Seção III**

1. Porción delgada, ancha y larga que se saca de una cosa, y especialmente del pan, cortando de un extremo al otro.

*¿Le apetece una rebanada de pastel de pescado?**O senhor aceita uma fatia de torta de peixe?***Ração/Ração****Seção I****Ração**[Do latim *ratīōnis*.]

1. Quantidade de alimento calculada para o consumo diário ou para refeição de um indivíduo; porção de alimento que se dá a um animal diariamente.

Ración[Do latim *ratīōnis*.]

1. Parte o porción que se da para alimento en cada comida, tanto a personas como a animales.

Rapaz/Rapaz**Seção I****Rapaz**[Do latim *rapax*.]

1. Que ou quem rouba.
2. Homem na fase da adolescência; jovem, moço; homem adulto, mas ainda jovem.

Rapaz[Do latim *rapax*.]

1. Inclinado o dado al robo, hurto o rapiña.
2. Muchacho de corta edad.

Seção III

1. Ave de rapiña.

*Las rapaces tienen garras firmes.**As aves de rapina têm garras firmes.***Raro/Raro****Seção I****Raro**[Do latim *rārus*.]

1. Que ocorre de forma infreqüente.
2. Em pequeno número; pouco numeroso.
3. De que poucos indivíduos são dotados; admirável, extraordinário.
4. Pouco denso, pouco espesso.

Raro[Do latim *rārus*.]

1. Extraordinario, poco común o frecuente.
2. Escaso en su clase o especie.
3. Insigne, sobresaliente o excelente en su línea.
4. Dicho principalmente de un gas enrarecido: Que tiene poca densidad y consistencia.

Seção III

1. Que se comporta de un modo inhabitual.

*Es un chico muy raro.**É um menino muito estranho.***Rasgo/Rasgo****Seção I****Rasgo**[Derivado de *rasgar* e este do latim *rasicāre*.]

1. Traço de pena, pincel, etc.
2. Ação nobre, magnánima, heróica.
3. Manifestação extraordinária.

Rasgo[Derivado de *rasgar* e este do latim *rasicāre*.]

1. Línea o trazo que se hace al escribir las letras.
2. Acción noble y digna de alabanza.
3. Expresión viva y oportuna.

Seção II

1. Ato ou efeito de rasgar.

*O rasgo no vestido é muito grande.**El rasgón e el vestido es muy grande.***Seção III**

1. Peculiaridad, propiedad o nota distintiva.

*Este chico tiene rasgos muy distintos en su personalidad.**Este menino tem traços muito nobres em sua personalidade.*

Rata/Rata**Seção I****Rata**

[Voz onomatopéica devido ao barulho que fazem ao roer.]

1. Fêmeo do rato; ratazana.

Rata

[Voz onomatopéica devido ao barulho que fazem ao roer.]

1. Mamífero roedor, de unos 36 cm desde el hocico a la extremidad de la cola, que tiene hasta 16, con cabeza pequeña, hocico puntiagudo, orejas tiesas, cuerpo grueso, patas cortas, cola delgada y pelaje gris oscuro. Es animal muy fecundo, destructor y voraz, se ceba con preferencia en las sustancias duras, y vive por lo común en los edificios y embarcaciones.

2. Dispositivo informático que se maneja con la mano arrastrándolo sobre una superficie, que permite controlar el movimiento del puntero por la pantalla del ordenador y, pulsando los botones que lleva incorporados, ejecutar determinadas acciones sin necesidad de usar el teclado.

Se ha roto mi ratón y ahora no puedo usar el ordenador.

*Quebrou o meu **mouse** e agora não posso usar o computador.*

Recorrer/Recorrer**Ratão/Ratón****Seção I****Ratão**

[Do latim *rattu.*]

Seção II

1. Rato (roedor) grande.

Há um ratão na cozinha!

Seção III

1. Mamífero roedor de pequeño tamaño que vive en las casas, donde roe las comidas y otras cosas.

Ratón

[Do latim *rattu.*]

¡Hay una rata en la cocina!

Seção I**Recorrer**

[Do latim *re-currere.*]

1. Percorrer novamente.

2. Examinar algo minuciosamente; esquadrinhar, investigar.

Seção II

1. Pedir auxílio a alguém, socorrer-se com.

Sempre que precisa recorre a seu pai.

2. Lançar mão de, servir-se de; empregar, usar.

Recorrer

[Do latim *re-currere.*]

1. Ir sucesivamente a distintas partes de un lugar.

2. Pasar sucesivamente por los puntos de un camino, deteniéndose, mirando o inspeccionando.

Siempre que necesita recorre a su padre.

Recorreu às folhas azuis porque as brancas haviam acabado.

3. Interpor recurso judicial a; apelar, agravar.

O advogado aconselhou-a a recorrer.

Seção III

1. Pasar una cosa en el movimiento que le es propio por la totalidad de cierto sitio.

El policía recorre el mismo camino todos los días.

2. Andar una distancia que se expresa.

Carlos recorrió 10 kilómetros ayer.

3. Leer a la ligera un escrito o pasar la vista por él para darse cuenta de lo que contiene, o para buscar algo.

Recorrió la letra de la canción y empezó a cantarla.

Recurrió a las hojas azules porque las blancas se le habían acabado.

El abogado la aconsejó a recurrir.

O policial percorre o mesmo caminho todos os dias.

Calos percorreu 10 kilômetros ontem.

Passou os olhos na letra da música e começou a cantá-la.

Regra/Regla

Seção I

Regra
[Do latim *regŭla*.]

1. Aquilo que está determinado pela razão, pela lei ou pelo costume;

Regla
[Do latim *regŭla*.]

1. Aquello que ha de cumplirse por estar así convenido por una

2. Estatutos de certas ordens religiosas.

3. Aquilo que regula, dirige, rege ou governa.

4. Moderação; método, ordem.

5. Mestruação.

2. Conjunto de preceptos fundamentales que debe observar una orden religiosa.

3. Estatuto, constitución o modo de ejecutar algo.

4. Moderación, templanza, medida, tasa.

5. Menstruación de la mujer.

Seção III

1. Instrumento de madera, metal u otra materia rígida, por lo común de poco grueso y de forma rectangular, que sirve principalmente para trazar líneas rectas, o para medir la distancia entre dos puntos.

Juan, tráeme una regla más grande porque necesito medir esta mesita.

João, traga-me uma régua maior porque preciso medir esta mesinha.

Restar/Restar

Seção I

Restar
[Do latim *restāre*.]

1. Sobrar, sobejar.

2. Faltar para fazer, para completar.

Restar
[Do latim *restāre*.]

1. Haber todavia algo de cierta cosa.

2. Faltar todavía algo por hacer, recorrer, etc.

Seção III

1. Disminuir, rebajar, cercenar.

Su mal comportamiento le ha restado mucha autoridad.

Seu mau comportamento lhe tirou muita autoridade.

2. Hallar la diferencia entre dos cantidades o expresiones.

Restando ocho de diez, da dos.

Tirando oito de nove, ficam dois.

Rincão/Rincón

Seção I

Rincão

[Do espanhol *rincón*.]

1. Lugar retirado ou oculto; recanto.

2. Canto ou ângulo interior formado pelo encontro de duas paredes ou outros planos.

Rincón

[Do árabe hispânico *rukán*.]

1. Escondrijo o lugar retirado.

2. Ângulo entrante que se forma en el encuentro de dos paredes o de dos superficies.

Rosal/Rosal

Seção I

Rosal

[Do latim *rōsa*.]

Rosal

[Do latim *rōsa*.]

Seção II

1. Quantidade mais ou menos considerável de roseiras dispostas proximamente entre si; terreno onde crescem roseiras; roseiral.

Seção III

1. Arbusto tipo de la familia de las Rosáceas, con tallos ramosos, generalmente llenos de agujones, hojas alternas, ásperas, pecioladas, con estípulas, compuestas de un número impar de hojuelas elípticas, casi sentadas y aserradas por el margen, flores terminales, solitarias o en panoja, con cáliz aovado o redondo, corola de cinco pétalos redondos o acorazonados, y cóncavos, y muchos estambres y pistilos. Tiene por fruto una baya carnosa que el cáliz corona y muchas semillas menudas, elipsoidales y vellosas. Se llama así principalmente el cultivado, con rosas de muchos pétalos.

¡Qué lindo este rosal!

Que linda esta roseira!

Roxo/Rojo

Seção I

Roxo

[Do latim *rŭssĕus*.]

Rojo

[Do latim *rŭssĕus*.]

Seção II

1. Cor violácea, como a da ametista.

Esta blusa roxa com decote em V é Esta blusa morada con escote a

muito bonita.

pico es muy hermosa.

2. Que tem esquimose, pisadura ou nódulo dessa cor.

O golpe o deixou com o olho roxo.

El golpe lo dejó con el ojo morado./El golpe lo dejó con un moretón en el ojo.

3. Muito interessado em, louco, apaixonado.

João é um torcedor roxo da seleção brasileira de futebol.

Juan es un aficionado por la selección brasileña de fútbol.

Seção III

1. Encarnado muy vivo. Se aplica al color como la sangre o semejante, que es el primero del espectro solar, y a las cosas que lo tienen.

El rojo es el color correspondiente a la frecuencia más baja de luz.

O vermelho é a cor correspondente à frequência mais baixa de luz.

2. Se aplica a las personas de ideas muy izquierdistas o revolucionarias, particularmente a los comunistas, dentro y fuera de España.

Estoy leyendo un libro muy interesante, se llama "Caza de Rojos: un relato urbano de la clandestinidad comunista".

Estou lendo um livro muito interessante, chama-se "Caça aos vermelhos: um relato urbano da clandestinidade comunista".

Ruivo/Rubio

Seção I

Ruivo

[Do latim *rŭbĕus*.]

Rubio

[Do latim *rŭbĕus*.]

Seção II

1. De cor entre o amarelo e o vermelho. Diz-se do pêlo ou do cabelo vermelho, tirante ao louro ou ao castanho.

Carmen é ruiva.

Carmen es pelirroja/bermeja.

Seção III

1. Dicho especialmente del cabello: De color parecido al del oro. Se dice también de la persona que lo tiene.

Carmen es rubia.

Carmen é loira.

Rumo/Rumbo

Seção I

Rumo

[Do espanhol *rumbo*.]

1. Cada uma das direções marcadas na rosa-dos-ventos; direção do movimento da embarcação, quando se está navegando.

2. Caminho, direção, vereda.

Rumbo

[Do latim *rhombus*.]

1. Dirección considerada o trazada en el plano del horizonte, y principalmente cualquiera de las comprendidas en la rosa náutica.

2. Camino y senda que alguien se propone seguir en lo que intenta o procura.

Seção III

1. Agujero que se hace o se produce en el casco de la nave.

El choque hizo un rumbo en el casco.

O choque fez um rombo no casco.

Saco/Saco

Seção I

Saco

[Do grego *sákkos* pelo latim *saccus*.]

1. Receptáculo de papel, pano, couro, ou material plástico, oblongo, aberto em cima e fechado no fundo e nos lados.
2. Conteúdo de um saco, que, para certos produtos como o cimento, equivale a 50kg.

Seção III

1. Especie de gabán grande, y en general vestidura holgada, que no se ajusta al cuerpo.

Por favor, me gustaría probar aquel saco que está en el escaparate.

Saco

[Do grego *sákkos* pelo latim *saccus*.]

1. Receptáculo de tela, cuero, papel, etc., por lo común de forma rectangular o cilíndrica, abierto por uno de los lados.
2. Cosa contenida en él.

Por favor, eu gostaria de provar aquele palito que está na vitrine.

Salão/Salón

Seção I

Salão

[Aumentativo de *sala* e este do germânico *sal*.]

Salón

[Aumentativo de *sala* e este do germânico *sal*.]

1. Grande sala.

2. Exposição periódica ou anual, especialmente de obras de artistas plásticos, de novos modelos de diversas indústrias, etc.

3. Certo tipo de estabelecimento comercial aberto ao público.

4. Sala grande que se destina especialmente a recepção de visitas, a bailes e outras grandes reuniões.

Seção III

1. Habitación principal de una vivienda.

Estamos todos reunidos en el salón. Estamos todos reunidos na sala.

Salsa/Salsa

Seção I

Salsa

[Do latim *salsa* feminino de *salsus*.]

Salsa

[Do latim *salsa* feminino de *salsus*.]

Seção II

1. Erva aromática da família das umbelíferas, de folhas triangulares, flores verde-amareladas, em umbelas, e frutos subglobosos, com usos medicinais quando secos; perrexil; salsaína.

Você trouxe a salsa que te pedi?

¿Has traído el perejil que te pedí?

Seção III

1. Composición o mezcla de varias sustancias comestibles desleídas, que se hace para aderezar o condimentar la comida.

He hecho una salsa muy exquisita para acompañar la comida.

Fiz um molho delicioso para acompanhar a comida.

Sirena/Sirena

Seção I

Sirena

[Do grego *Seirén* pelo latim *sirēna*.]

1. Sereia.

2. Instrumento que produz sons mais ou menos estridentes, usado para dar alarma, para pedir a passagem de veículo, como, p. ex., carro policial, ambulância, etc., para avisar da aproximação de navios, para assinalar o começo e o término de expedientes em fábricas, etc.; sereia, sirene.

Sirena

[Do grego *Seirén* pelo latim *sirēna*.]

1. Ninfa marina con busto de mujer y cuerpo de ave, que extraviaba a los navegantes atrayéndolos con la dulzura de su canto. Algunos artistas la representan impropriamente con torso de mujer y parte inferior de pez.

2. Pito que se oye a mucha distancia y que se emplea en los buques, automóviles, fábricas, etc., para avisar.

Sítio/Sítio

Seção I

Sítio

[De origem incerta, provavelmente do castelhano *sítio*.]

1. Lugar ocupado por um corpo qualquer.

2. Terreno próprio para quaisquer construções.

3. Chácara ou moradia rural nas redondezas de uma cidade.

Seção II

1. Estabelecimento agrícola de pequena lavoura, fazendola, quinta.

Estivemos no sítio durante toda a tarde.

Sítio

[Do latim *situs*.]

1. Espacio que es ocupado o puede serlo por algo.

2. Lugar o terreno determinado que es a propósito para algo.

3. Casa campestre o hacienda de recreo de un personaje.

Estuvimos en la finca durante toda la tarde.

Sobremesa/Sobremesa

Seção I

Sobremesa

[De *sobre* + *mesa*.]

1. Fruta, doce ou outra iguaria leve ou delicada que se come, normalmente ao fim de uma refeição; pospasto, sobrepasto, postres ou postre.

Seção III

1. Tapete que se pone sobre la mesa por adorno, limpieza o comodidad.

Sobremesa

[De *sobre* + *mesa*.]

1. Postre de una comida.

*¿Dónde está aquella sobremesa de
canechillo?* *Onde está aquele caminho de mesa
do canechê?*

Sobrenome/Sobrenombre

Seção I

Sobrenome

[De *sobre* + *nome*.]

1. Apelido, nome ou alcunha que se acrescenta ao nome próprio de uma pessoa ou família.
2. Palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa.

Sobrenombre

[De *sobre* + *nombre*.]

1. Nombre que se añade a veces al apellido para distinguir a dos personas que tienen el mismo.
2. Nombre calificativo con que se distingue especialmente a una persona.

Seção II

1. Nome de família, que se segue ao nome de batismo.

*Seu nome é João, e seu sobrenome,
Ferreira.* *Su nombre es Juan, e su apellido,
Herrera.*

Sobressalente/Sobresaliente

Seção I

Sobressalente

[Do espanhol *sobresaliente*.]

Sobresaliente

[De *sobre* + *salir*.]

Seção II

1. Diz-se de peça ou acessório de reserva destinado a substituir o que

Seção III

1. Que sobresale.

Juan es un alumno sobresaliente. *João é um aluno notável.*

2. En los exámenes, calificación máxima, superior a la de notable.

Mi calificación en la escuela fue sobresaliente. *Minha nota na escola foi excelente.*

Sótão/Sótano

Seção I

Sótão

[Do latim *subtūlum*.]

1. Parte de um edifício que se situa abaixo do nível da rua, porão.

Sótano

[Do latim *subtūlum*.]

1. Vivienda, tienda o habitación situada entre los cimientos de un edificio, o sea, más baja que el suelo exterior.

Seção II

1. Parte da casa entre o forro e o telhado; desvão.

*Quando todos estiverem dormindo,
suba ao sótão.* *Quando todos estén durmiendo,
sube al desván.*

Subscrever/Subscribir

Seção I**Subscrever**[Do latim *subscribere*.]

1. Escrever por baixo; assinar, firmar.
2. Aceitar ou aprovar escrito, julgamento, opinião.
3. Obrigar-se a certa cota ou contribuição.

Subscribir[Do latim *subscribere*.]

1. Firmar al pie o al final de un escrito.
2. Convenir con el dictamen de alguien.
3. Dicho de una persona: Obligarse a contribuir como otras al pago de una cantidad para cualquier obra o empresa.

Seção III

1. Abonarse para recibir alguna publicación periódica o algunos libros que se hayan de publicar en serie o por fascículos.

Subscríbete por un año a El País por sólo 350€.

Assine El País por um ano por apenas 350€.

Sucesso/Suceso**Seção I****Sucesso**[Do latim *successus*.]

1. Aquilo que sucede; acontecimento, fato, ocorrência.
2. Qualquer resultado de um negócio, de um empreendimento. Bom resultado, êxito, triunfo.

Suceso[Do latim *successus*.]

1. Cosa que sucede, especialmente cuando es de alguna importancia.
2. Éxito, resultado, término de un negocio.

Seção II

1. Pessoa ou coisa vitoriosa, de grande popularidade.

Na TV ou no cinema, os vampiros têm sucesso garantido.

2. Expressão com que se deseja êxito a alguém que vai apresentar-se, fazer uma prova, realizar um negócio, tentar obter algo, etc.

Antes que ele saísse eu disse a João: Sucesso!

En la pequeña o gran pantalla, los vampiros tienen éxito asegurado.

Antes que saliera le dije a Juan: ¡Suerte!

Seção III

1. Accidente desgraciado.

Mueren calcinados tres jóvenes al volcar el coche. El suceso se produjo a las 04.38 horas.

Morrem carbonizados três jovens ao capotar o carro. O acidente aconteceu às 4:38 horas.

Sumir/Sumir**Seção I****Sumir**[Do latim *sumere*.]

1. Afundar-se, submergir(-se)

Sumir[Do latim *sumere*.]

1. Submergir.

Seção II

1. Fazer desaparecer. Ir ou levar embora, sair ou tirar das vistas, colocar(se) num lugar onde não pode ser encontrado; esconder(se);

ocultar(se).

Depois do assêndalo, ele sumiu de *Troce al assêndalo, desapareció de*

Seção III

1. Meter una cosa bajo el agua u otro líquido o en un sitio hondo o escondido.

El terremoto la sumió en el mar. O terremoto a afundou no mar.

2. Hacer caer a alguien en cierto estado de desgracia o inferioridad.

Carmen sumió en la miseria. *Carmen afundou na miséria.*

3. Hacer caer a alguien en estado de abstracción.

Carlos sumió en graves reflexiones. *Carlos esteve submerso em graves reflexões.*

Tachar/Tachar

Seção I

Tachar

[Derivado de *tacha* e este do espanhol *tacha*.]

1. Pôr tacha ou defeito em; acusar, censurar, notar.

Tachar

[Derivado de *tacha* e este do francês *tache*.]

1. Alegar contra un testigo algún motivo legal para que no sea creído en el pleito; atribuir a algo o a alguien cierta falta.

Seção III

1. Borrar lo escrito haciendo unos

Talão/Talón

Seção I

Talão

[Do latim vulgar *talonis*.]

1. A parte posterior do pé.

2. A parte traseira do calçado.

3. Parte não destacável de blocos de cheques, recibos, etc.; canhoto, toco; bloco de folhas com uma parte destacável e outra não; talonário

Talón

[Do latim vulgar *talonis*.]

1. Parte posterior del pie humano.

2. Parte del calzado que cubre el calcañar.

3. Documento que está, junto con su matriz, encuadernado con otros iguales en forma de cuadernillo, y que se separa de su matriz para entregarlo al interesado.

Talha/Talla

Seção I

Talha

[Derivado de *talhar* e este do latim *taleāre*.]

1. Ato ou efeito de talhar ou entalhar; talhadura, talhamento, talho, entalhadura.

2. Cistotomia.

Talla

[Derivado de *tallar* e este do latim *taleāre*.]

1. Acción de tallar, en cualquier acepción.

2. Operación cruenta para extraer los cálculos de la vejiga.

Seção III

1. Estatura o altura de las personas.

Su talla es de un metro y setenta centímetros.

2. Medida convencional usada en la fabricación y venta de prendas de vestir.

Su talla es 42.

3. Altura moral o intelectual.

Ella no está a tu talla, entonces no te preocupes por tu puesto.

Sua altura é um metro e setenta.

Seu número/manequim é 42.

Ela não está a sua altura, então, não se preocupe com o seu cargo.

Talhe/Talle**Seção I****Talhe**

[Do francês *taille*.]

1. Feitio ou feição do corpo ou de qualquer objeto; talho
2. Modo de talhar ou cortar um traje.

3. Tronco.

Talle

[Do francês *taille*.]

1. Disposición o proporción del cuerpo humano.
2. Forma que se da al vestido, cortándolo y proporcionándolo al cuerpo.
3. Tallo de una planta o tronco de un árbol.

Seção III

1. Medida tomada para un vestido o traje, comprendida desde el cuello a la cintura, tanto por delante como por

2. Cintura del cuerpo humano; parte del vestido que corresponde a la cintura.

Ella tiene el talle muy delgado.

Ela tem a cintura bem fina.

Tapa/Tapa**Seção I****Tapa**

[Do gótico *tappa*.]

1. Peça móvel com que se tapa ou cobre; tampa.
2. A parte exterior do casco das bestas.

Tapa

[Talvez do gótico *tappa*.]

1. Pieza que cierra por la parte superior cajas o recipientes.
2. Cubierta córnea que rodea el casco de las caballerías.

Seção II

1. Tapa, forma reduzida de *tapa-boca* com origen no verbo *tapar*. Pancada aplicada com a palma ou as costas da mão aberta. Pancada no rosto, ou em outra parte do corpo, com a mão aberta.

Deu-lhe um tapa no rosto.

Le dio un bofetón en la cara.

Seção III

1. Cada una de las dos cubiertas de

un libro encuadernado.

Hay que arreglar las tapas de este libro.
2. Pequeña porción de algún alimento que se sirve como acompañamiento de una bebida.

En este café se sirven tapas de queso, jamón y aceitunas.

É necessário consertar as capas do livro.

Nesse barzinho servem porção de queijo, presunto e azeitonas.

Tapado/Tapado

Seção I

Tapado

[De *tapar* e este do gótico *tappa*.]

1. Encoberto, tampado.

Tapado

[De *tapar* e este do gótico *tappa*.]

1. Participio de tapar.

Seção II

1. Estúpido, tolo, bronco, obtuso, ignorante.

João é muito tapado, por isso não tem amigos.

Juan es muy torpe, por ello no tiene amigos.

Taça/Taza

Seção I

Taça

[Do árabe *ṭāsa*.]

Taza

[Do árabe hispânico *ṭāssa*, e este do árabe *ṭassah* o *ṭast*.]

1. Guarda da mão na espada, copo.

1. Pieza de metal, redonda y cóncava, que forma parte de la guarnición de algunas espadas.

Seção II

1. Copo cilíndrico com haste, usada para beber vinho, conhaque, champanhe, etc.

Esta taça de vinho está muito saborosa.

2. Troféu esportivo em forma de taça, copa.

Esta copa de vino está muy sabrosa.

A seleção brasileira recebeu a taça pelo primeiro lugar na competição.

La selección brasileña recibió la copa por el primer lugar en la competición.

Seção III

1. Vasija pequena, por lo común de loza o de metal y con asa, empleada generalmente para tomar líquidos.

¿Te apetecería una taza de té?

Você aceita uma xícara de chá?

2. Receptáculo del retrete.

La taza del retrete es de loza.

O vaso sanitário é de louça.

Tela/Tela

Seção I

Tela

[Do latim *tēla*.]

Tela

[Do latim *tēla*.]

1. Aquilo que foi tecido; o conjunto formado pelo entrelaçamento de fios; tecido, teia, trama.

2. Tecido especial, esticado num chassi, e sobre o qual se pintam os quadros.

3. Quadro pintado sobre tela.

4. Objeto de discussão.

Seção II

1. Paineis sobre os quais se projetam filmes cinematográficos, eslaides, transparências de retroprojeção, etc.

A tela da televisão/do computador quebrou.

Seção III

1. Tejido que forman la araña común y otros animales de su clase.

Algunas arañas tejen telas en forma de hojas.

1. Obra hecha de muchos hilos, que, entrecruzados alternativa y regularmente en toda su longitud, forman como una lámina.

2. Lienzo para pintar.

3. Obra pintada sobre lienzo.

4. Materia sobre la que hablar, hacer comentarios o discutir.

La pantalla de la televisión/del ordenador se ha roto.

Algunas arañas tecen teias em forma de folhas.

Tenda/Tienda

Seção I

Tenda

[Do latim *tēnda*.]

1. Barraca de campanha, de excursionistas, etc.

Tienda

[Do latim *tēnda*.]

1. Tienda de campaña.

2. Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem especialmente gêneros alimentícios secos; mercearia. Qualquer estabelecimento comercial.

2. Establecimiento comercial donde se vende cualquier clase de cosas.

Terço/Tercio

Seção I

Terço

[Do latim *tertius*.]

1. Terceiro.

2. Fracionário correspondente a três; a terça parte de qualquer coisa.

3. A terça parte do rosário.

4. Antigo corpo de tropas; regimento.

Tercio

[Do latim *tertius*.]

1. Tercero.

2. Cada una de las tres partes iguales en que se divide un todo.

3. Cada una de las tres partes en que se divide el rosario.

4. Regimiento de infantería española de los siglos XVI y XVII.

Tesão/Tesón

Seção I

Tesão

[Do latim *tensiōnis*.]

Seção II

1. Estado do pênis em ereção.

Aqueles filmes lhe deixam com tesão.

Tesón

[Do latim *tensiōnis*.]

Aquellas películas le causan erección sexual.

2. Desejo carnal; excitação.

Carlos tem tesão por Ana.

Carlos siente atracción sexual por Ana.

Seção III

1. Decisión y perseverancia que se ponen en la ejecución de algo.

Ejecutó las tareas con tesón.

Executou as tarefas com perseverança.

Tirar/Tirar

Seção I

Tirar

[De origem incerta.]

1. Arremessar, atirar.

2. Fazer (uma fotografia); bater

3. Fazer sair de algum ponto ou lugar; retirar.

4. Dar tiros; atirar.

5. Atrair; suscitar.

6. Chamar, reclamar, atrair.

Tirar

[De origem incerta.]

1. Arrojar, lanzar en dirección determinada.

2. Disparar una cámara fotográfica.

3. Sacar, hacer salir a alguien de algún sitio.

4. Disparar la carga de un arma de fuego, o un artefacto explosivo.

5. Atraer por virtud natural.

6. Dicho de una persona o de una cosa: Atraer la voluntad y el afecto de alguien.

7. Puxar, sacar, arrancar.

8. Imprimir; estampar.

7. Sacar o tomar un arma o un instrumento en la mano para emplearlo.

8. Imprimir.

Seção II

1. Descalçar; Tirar do corpo; despir; Retirar de si.

Tirou os sapatos, a blusa e os óculos.

Se quitó los zapatos, la ropa y las gafas.

2. Obter, conseguir, receber; auferir.

Nem todos tiraram dez na prova.

Ni todos han sacado diez en el examen.

3. Abolir, extinguir, extirpar.

Um bom tratamento é capaz de tirar o vício da bebida.

Un buen tratamiento es capaz de le quitar el vicio de la bebida.

4. Fazer desaparecer; apagar.

Tirar manchas.

Quitar manchas.

5. Convidar para dançar.

No meio do baile, tirou-me para dançar e eu recusei.

Durante el baile me invitó a bailar y me recusé.

6. Arrancar, arrebatat.

Deu-lhe um gole e tirou-lhe a arma das mãos.

Le pegó un golpe y le sacó el arma de las manos.

7. Mudar a direção de; desviar.

Tentou evitar o acidente tirando o carro para a direita.

8. Deduzir, inferir.

De onde você tirou essa conclusão?

9. Arrancar; extrair.

O dentista me tirou um dente.

Intentó evitar el accidente desviando el coche a la derecha.

¿De dónde has sacado esa conclusión?

El dentista me sacó un diente.

Seção III

1. Dejar caer intencionadamente algo.

Tiró al suelo todo lo que había en el bolso.

2. Echar abajo, demoler y trastornar, poner lo de arriba, abajo.

¿Por qué has tirado ese árbol?

3. Desechar algo, deshacerse de ello.

Esta camisa está para tirarla

4. Echarse, tenderse en el suelo o encima de algo.

Llegó a casa y se tiró en la cama, pues estaba muy cansada.

Jogou no chão tudo o que havia na bolsa.

Por que você derrubou essa árvore?

Está na hora de jogar fora essa camisa.

Chegou em casa e se jogou na cama, pois estava muito cansada.

Toalha/Toalla

Seção I

Toalha

[Do provençal *toalha* e este do frâncico *thawahlja*.]

1. Peça de linho, de algodão ou de outro tecido, para enxugar qualquer parte do corpo que se lave.

Seção II

1. Tecido que se estende sobre a mesa às refeições.

A toalha é uma coberta de linho, algodão, plástico ou outra matéria, que é colocada na mesa para comer.

Toalla

[Do antigo *tobaja* e este do germânico *thwahljô*.]

1. Pieza de felpa, algodón u otro material, por lo general rectangular, para secarse el cuerpo.

El mantel es una cubierta de lino, algodón, plástico u otra materia, que se coloca en la mesa para comer.

Todavia/Todavía

Seção I

Todavía

[Aglutinação de *Toda* + *via*.]

1. Contudo, porém; entretanto; ainda assim.

Todavía

[Aglutinação de *Toda* + *via*.]

1. Con todo eso, no obstante, sin embargo.

Seção III

1. Hasta un momento determinado desde tiempo anterior.

Está durmiendo todavía.

2. Con sentido concesivo corrigiendo una frase anterior.

¿Para qué ahorras?; todavía si tuvieras hijos estaría justificado.

Está dormindo ainda.

Para que você economiza? Se por acaso tivesse filhos, estaria justificado.

3. Denota encarecimiento o ponderación en frases como la siguiente.

Juan es todavía más aplicado que su hermano. *João é ainda mais aplicado que seu irmão.*

Tonto/Tonto

Seção I

Tonto

[De origem expressiva.]

1. Que ou o que é maluco, doido, tolo, demente.

Tonto

[De origem expressiva.]

1. Falto o escaso de entendimiento o razón; que padece cierta deficiencia mental.

Seção II

1. Que tem tontura; zozno

Lugares altos me deixam tonto.

Sítios altos me dejan mareado.

Seção III

1. Dicho de una persona: Pesada, molesta.

Juan se pone muy tonto con la manía de los celos. *João fica muito chato com essa mania de ciúmes.*

2. Comediante que en ciertas representaciones hace el papel de tonto.

Pablo trabaja como tonto de circo. *Paulo trabalha como palhaço de*

Torcer/Torcer

Seção I

Torcer

[Do latim *torquere*.]

1. Obrigar a se volver sobre si mesmo ou em espiral.

2. Dobrar, vergar, entortar.

3. Fazer reduzir ou reduzir de volume; alterar a forma ou o aspecto habitual; contrair(se); contorcer(se).

4. Lesar os ligamentos (de uma parte do corpo) em razão de um movimento brusco de rotação.

5. Mudar de direção.

Torcer

[Do latim *torquere*.]

1. Dar vueltas a algo sobre sí mismo, de modo que tome forma helicoidal.

2. Encorvar o doblar algo.

3. Desviar algo de su posición o dirección habitual.

4. Mover bruscamente un miembro u otra cosa, contra el orden natural.

5. Dicho de una persona o de una cosa: Desviar la dirección que llevaba, para tomar otra.

Seção II

1. Incentivar os jogadores de um clube esportivo, gritando, gesticulando, etc.

O público torce para o time brasileiro. *El público incentiva el equipo brasileño.*

2. Simpatizar com um clube esportivo.

Eu torço para o Palmeiras.

Soy hincha de Palmeiras.

Torpe/Torpe**Seção I****Torpe**[Do latim *tūrpis*.]

1. Desonesto, impudico.
2. Infame, vil, abjeto, ignóbil.
3. Repugnante, nojento, asqueroso, ascoso.

Torpe[Do latim *tūrpis*.]

1. Deshonesto, impúdico, lascivo.
2. Ignominioso, indecoroso, infame.
3. Feo, tosco, falto de ornato, beleza o gracia.

Seção III

1. Que se mueve con dificultad.

A causa de la gordura, está torpe de movimientos

2. Rudo, tardo en comprender; falto de habilidad en cualquier cosa.

¡Qué torpe! ¿Cómo no me di cuenta de estos errores?

Por causa da gordura, está lento de movimentos.

Que burro! Como não me dei conta destes erros?

Torto/Tuerto**Seção I****Torto**[Do latim *tortus*.]**Tuerto**[Do latim *tortus*.]

1. Cego de um olho ou a que falta um olho.

2. Que ou aquele que é estrábico, vesgo.

3. Ato ou dito insultuoso; ofensa, injúria.

Seção II

1. Que não é reto, direito; sinuoso, torcido, tortuoso.

Tem o nariz torto.

1. Falto de la vista en un ojo.

2. De vista torcida.

3. Ofensa, injusticia o atropello inferidos a alguien.

Tiene la nariz torcida/desviada.

Trevo/Trébol**Seção I****Trevo**[Do latim *trifoliu* e este do grego *tríphyllon*.]

1. Designação comum a diversas plantas herbáceas cujas folhas são dotadas de três folíolos, e que crescem espontaneamente nas terras das regiões temperadas; trifólio.

Trébol[Do catalão *trébol* e este do grego *tríphyllon*.]

1. Planta herbácea anual, de la familia de las Papilionáceas, de unos dos decímetros de altura, con tallos vellosos, que arraigan de trecho en trecho, hojas casi redondas, pecioladas de tres en tres; flores blancas o moradas en cabezuelas apretadas, y fruto en vainillas con semillas menudas. Es espontánea en España y se cultiva como planta forrajera muy estimada.

Seção II

1. Entroncamento de vias elevadas

e/ou rebaixadas, que se entrelaçam lembrando a forma de um trevo e se destinam a evitar cruzamentos em

2. Parte de uma cosa sólida.

Um trozo de pan.

Um pedaço de pão.

Truco/Truco

Troço/Trozo

Seção I

Troço

[De *troço* (ô) com mudança de timbre de conseqüências semânticas, e este do castelhano *tros*.]

Trozo

[Do castelhano antigo *tros*.]

Seção II

1. Coisa imprestável; traste velho; tralha. Qualquer objeto cujo nome não importa, ou não se sabe, ou não se quer declinar; coisa, negócio, trem, troféu, chorumela.

Vou jogar esse troço no lixo, já não me serve mais.

Voy a tirar ese trasto en la basura, ya no me sirve más.

Seção III

1. Pedazo o fragmento; parte de una cosa que no constituye por sí sola una cosa completa.

Había recorrido sólo un trozo del camino y tuvo que volver.

Havia percorrido somente um pedaço do caminho e teve que voltar.

Seção I

Truco

[Do espanhol *truca* de provável origem onomatopéica.]

1. Espécie de jogo de cartas cujas regras variam segundo os países.

Truco

[Voz onomatopéica.]

1. Nombre de un juego de barajas.

Seção III

1. Cada una de las mañas o habilidades que se adquieren en el ejercicio de un arte, oficio o profesión; ardid o trampa que se utiliza para el logro de un fin; ardid o artificio para producir determinados efectos en el ilusionismo, en la fotografía, en la cinematografía, etc.

El ilusionista presentó varios trucos durante el espectáculo.

O ilusionista apresentou vários truques durante o espetáculo.

Vaga/Vaga

Seção I

Vaga

Vaga

[Do latim *vacūus* e este do latim *vacare*.]

1. Ato ou efeito de vagar; lugar vazio, vago.
2. Lugar disponível em hotel, pensão, etc., ou em quarto de hotel, pensão, etc.; lugar ou cargo não ocupado, não preenchido.

Seção III

1. Holgazán, perezoso, poco trabajador.

Ana se ha vuelto una chica muy vaga.

[Do latim *vacūus* e este do latim *vacare*.]

1. Vacío, desocupado.
2. Aplicado a cosas y personas, vacío o desocupado; sin uso, o sin oficio u ocupación.

Ana se tornou uma menina muito preguiçosa.

Vaqueiro/Vaquero

Seção I

Vaqueiro

[Derivado de *vaca* e este do latim *vacca*.]

1. Guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado vacum
2. Relativo ou pertencente a gado vacum.

Seção III

1. Dicho de un tipo de tela de algodón: Resistente y, generalmente, de color azul, semejante a la usada en la ropa de los vaqueros del Lejano Oeste.

Preciso comprar un bolso vaquero

Vaquero

[Derivado de *vaca* e este do latim *vacca*.]

1. Pastor o pastora de reses vacunas.
2. Propio de los pastores de ganado bovino.

Preciso comprar uma bolsa jeans

2. Hecho con esta tela.

He comprado unos pantalones vaquero para trabajar.

Comprei umas calças jeans para trabalhar.

Vaso/Vaso

Seção I

Vaso

[Do latim vulgar *vasu*.]

1. Qualquer objeto côncavo próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas.
2. Peça análoga, que se enche de terra e onde se plantam flores, etc.
3. Tudo que pode conter alguma coisa; receptáculo.
4. Navio, ou, mais precisamente, casco de navio.

Seção II

1. Urinol; vaso sanitário.

É necessário limpar o vaso sanitário.

Vaso

[Do latim *vasum*.]

1. Pieza cóncava de mayor o menor tamaño, capaz de contener algo.
2. Obra de escultura, en forma de jarrón florero o pebetero, que, colocada sobre un zócalo, pedestal o peana, sirve para decorar edificios, jardines, etc.
3. Receptáculo o depósito natural de mayor o menor capacidad, que contiene algún líquido.
4. Embarcación o barco y señaladamente su casco.

Es necesario limpiar el retrete.

Seção III

1. Recipiente de metal, vidrio u otra materia, por lo común de forma cilíndrica, que sirve para beber.

Cantidad de líquido que cabe en él.

Violão/Violón

Seção I

Violão

[Derivado de *viola* e este do provençal *viula*.]

Violón

[Derivado de *viola* e este do provençal *viula*.]

Seção II

1. Instrumento de madeira, com seis cordas simples, dedilháveis, dotado de caixa de ressonância em forma de 8, com fundo chato, abertura circular no tampo, e braço longo, largo e reto.

Amanhã começarei as aulas de violão.

Mañana empezaré las clases de guitarra.

Seção III

1. Contrabajo; instrumento musical de cuerda.

Mañana empezaré las clases de violón.

Amanhã começarei as aulas de contrabaixo.

Vulto/Bulto

Seção I

Vulto

[Do latim *vultus*.]

1. Tamanho, volume, porte.
2. Figura indistinta; imagem.

Bulto

[Do latim *vultus*.]

1. Volumen o tamaño de cualquier cosa.
2. Cuerpo indistinguible por la distancia, por falta de luz o por estar cubierto.

Seção III

1. Elevación de una superficie causada por cualquier tumor o hinchazón.

Tiene un bulto en la frente.

Tem um inchaço/galo na testa.

Zorro/Zorro

Seção I

Zorro

[Do espanhol *zorro*.]

1. Raposo.
2. Astuto, velhaco, matreiro, sorro.

Zorro

[Voz onomatopéica daquele que se arrasta.]

1. Macho de la zorra.
2. Hombre muy taimado y astuto.

Seção III

Zorro

[Do espanhol *zorro*.]

1. Raposo.
2. Astuto, velhaco, matreiro, sorro.

Zorro

[Voz onomatopéica daquele que se arrasta.]

1. Macho de la zorra.
2. Hombre muy taimado y astuto.

CONCLUSÃO

No início desse trabalho dissemos que lingüistas e estudiosos de aquisição de línguas estrangeiras devem estar alertas ao fato de que a língua materna não é o único fator de interferência na aprendizagem de línguas estrangeiras. Durante nossas análises dos pares de **falsos amigos** selecionados, pudemos verificar que em uma quantidade considerável de palavras o desconhecimento da gama de significados apresentados pelos signos lingüísticos em língua materna acarreta dificuldade de compreensão e produção na língua estrangeira. Isto é, boa parte das palavras que analisamos compartilham todos os significados entre português e espanhol, como no caso dos pares *acordar/acordar*, *ala/ala*, *apelido/apellido* *competência/competencia*, *embaraçada/embarazada*, *escritório/escritório* e *latir/latir*, entre outras, entretanto, o uso de alguns significados aparentemente tornou-se arcaico em uma das línguas mantendo-se na outra língua, fato que levou a considerá-las como **falsos amigos**. Isso demonstra que, a fonte dos erros que os aprendizes poderiam vir a cometer, nesse caso, não seria devido ao fato de o aprendiz transportar o significado de determinada palavra da língua materna para a língua estrangeira, mas, sobretudo pelo fato de, não conhecendo todos ou ao menos a maior parte dos significados que uma palavra pode ter, transferir o significado inadequado àquela situação. Ao (re)conhecer os significados que tal palavra apresenta em sua própria língua, o aprendiz de espanhol poderia, em casos semelhantes aos das palavras citadas acima, realizar uma transferência positiva de sua língua materna para a língua estrangeira durante a compreensão de um texto oral ou escrito.

É preciso considerar também a situação inversa, relacionada à produção em língua estrangeira. Como exemplo, citamos o par de palavras mencionadas acima – *acordar/acordar* – que possuem os mesmos significados nas duas línguas, mas que, apesar disso, o aprendiz não poderia empregá-la para representar todos os significados registrados no dicionário, já que, por exemplo, o uso dessa palavra com o sentido de *despertar*, tornou-se arcaico em espanhol. Nesse caso, a palavra utilizada para dar o sentido de “abrir os olhos pela manhã” é a própria palavra *despertar*.

Com isso, é possível verificar que é o uso que determina o conhecimento semântico da palavra, e se ela deixou de ser usada por uma comunidade lingüística alguns de seus significados ficam restritos aos dicionários. Assim, ainda que determinados significados estejam dicionarizados, é necessário comprovar empiricamente se permanecem em uso ou se se tornaram arcaicos.

Outra situação que vale a pena ressaltar é o fato de que algumas palavras polissêmicas, como o par *apenas/apenas*, costumam figurar em livros didáticos e dicionários de **falsos amigos**, como, por exemplo, no livro didático *Español Expansión* (ROMANOS; JACIRA, 2004, p. 12), somente com o significado que diverge de seu par em português. Essa forma de apresentação nos leva a acreditar que essa palavra é usada em espanhol apenas com o significado de “mal”, “a duras penas”, que são os significados que o livro apresenta como relacionados a esse signo lingüístico em espanhol. Contudo, uma busca simples na Internet nos possibilitou encontrar o uso do significado de “só, somente”, como no caso desta frase, retirada do periódico online *El País*¹⁷: *Con apenas 18 años, el comunista Miguel Núñez (Madrid, 1920) inauguró su paso por las cárceles franquistas: 17 años en total*. Nesse caso, vemos que a palavra “*apenas*” foi utilizada com o mesmo significado usado comumente em português, de “somente”, portanto, de fato, essa situação de uso não configura um caso de **falso amigo** entre essas duas línguas.

Outras palavras como, por exemplo, o par *aborrecer/aborrecer*, que são considerados como **falsos amigos** entre português e espanhol, apresentaram uma característica que julgamos relevante salientar: o significado que configura nos livros didáticos e nos dicionários de **falsos amigos** analisados como sendo diferente entre as duas línguas é, na verdade, compartilhado por elas, enquanto outros significados não compartilhados não são – pelo menos nos materiais que analisamos – citados como causa da “falsa amizade” entre elas.

Como exemplo, citamos o livro didático *Español Ahora* (BRIONES; FLAVIAN; FERNÁNDEZ, 2003, p. 112) que apresenta o verbo *aborrecer* em espanhol como diferente do português por ter o sentido de “detestar”. Como vimos na descrição lingüística dessa palavra, esse significado também existe em português, ainda que, aparentemente, não seja mais utilizado. Os significados “abandonar”, “largar”, “repudiar” dessa palavra em espanhol não são compartilhados pelo português, configurando um caso de **falso amigo** quando empregados no uso da língua espanhola. Contudo, há outro significado para essa palavra em espanhol,

o de “deixar de gostar de alguém”, que não é compartilhado pelo português e que, no entanto, não aparece nos livros didáticos e dicionários de “falsos amigos” como um significado que caracterize um **falso amigo** entre esses dois idiomas. Tal ausência poderia ser justificada pelo fato de esse ser um sentido atualmente pouco utilizado em espanhol, entretanto, seria necessária uma pesquisa que comprovasse que esse significado caiu em desuso e, por isso, não aparece mais nos manuais de ensino como um uso provável para a palavra.

No caso dos exemplos que demos acima, percebemos que a polissemia interlingüística pode dar conta de explicar por que algumas palavras causam mais dificuldades de aprendizagem de espanhol do que outras por parte de aprendizes brasileiros. Isto é, o princípio da economia lingüística, que relaciona mais de um significado a um mesmo significante, ao mesmo tempo em que age como um facilitador da aprendizagem de línguas, ao reduzir a quantidade de significantes a serem adquiridos e, portanto, armazenados, age também como um dificultador durante o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, visto que o aprendiz necessita relacionar significantes conhecidos em sua língua materna com significados diferentes em língua estrangeira e, ainda, com significados também existentes em sua língua materna, mas com os quais não convive no seu dia-a-dia.

Em relação aos **falsos amigos** que classificamos como homônimos interlingüísticos, gostaríamos de salientar que em alguns casos essas palavras podem ser classificadas como homônimos intralingüísticos também, como, por exemplo, em português, os casos dos pares *berro/berro* – *berro* com o significado de gritar e *berro*, nome de uma planta comestível mais conhecida pelo nome de *agrião* – e *pêlo/pelo* – *pêlo*, filamento cilíndrico que nasce nos poros da pele e *pelo*, aglutinação da preposição *per* com artigo ou pronomes masculinos. No caso do primeiro exemplo, *berro* com o sentido de *gritar* é de uso freqüente na língua, mas, não é mais usado com freqüência com o sentido de *agrião*. No caso do segundo exemplo, ambos, *pêlo* e *pelo*, são usados freqüentemente.

Enquanto em português temos duas palavras “berro”, gráfica e fonologicamente idênticas, mas com origens diferentes, em espanhol a palavra que possui o mesmo significado de “grito” tem grafia um pouco diferente: “*berreo*”, mas possui a mesma origem que em português, ou seja, é uma voz onomatopéica. Enquanto “*berro*”, planta comestível normalmente em forma de salada, também tendo a mesma origem que a palavra do português, não possui outra palavra para

ser usada em seu lugar, como o “agrião” do português. Assim, “berro” é usado em português para referir-se a “grito”, mas em espanhol é usado para referir-se à planta comestível. Com isso, vemos que existe homonímia intralingüística e interlingüística entre essas palavras, o que as caracteriza como **falsos amigos** entre os dois idiomas, e apenas como homônimas dentro do português.

Um último ponto que queremos salientar como resultado da descrição lingüística diz respeito ao fato de que alguns polissemas interlingüísticos, apesar de possuírem a mesma raiz etimológica, não compartilham nenhum de seus significados na atualidade, como é o caso dos pares *brincar/brincar*, *chouriço /chorizo*, *escova/escoba* e *palco/palco*, entre outras. Essa possibilidade, que, à princípio, nos parecia improvável, revelou-se como verdadeira no decorrer da pesquisa, demonstrando que, ao longo do tempo, significados de origem podem deixar de ser utilizados e acabam desaparecendo da língua, inclusive de seus dicionários

Acreditamos que, no decorrer dessa pesquisa, pudemos demonstrar que a polissemia interlingüística e a homonímia interlingüística são dois fenômenos lingüísticos que dão conta de explicar o surgimento dos **falsos amigos** entre pares de línguas e que, ao descrever, contrastar e classificar essas palavras segundo sua origem e por meio de critérios semânticos nos foi possível explicar o que são os **falsos amigos**.

Além disso, acreditamos também haver demonstrado que essas palavras não podem ser tratadas como “falsas” cognatas ou amigas, visto que, segundo sua origem, algumas são realmente cognatas já que têm a mesma raiz etimológica, enquanto outras não são cognatas já que provêm de étimos diferentes, não podendo aí, portanto, residir nenhum resquício de “falsidade” entre as palavras: ou são parentes etimológicas ou não são, mas nunca “simulam” intencionalmente um parentesco ou amizade/inimizade.

Através da descrição e classificação lingüística que realizamos, ainda que não tenha sido exaustiva, pudemos verificar que nosso trabalho é apenas um início para a criação de um glossário de polissemas e homônimos interlingüísticos na relação português-espanhol. Nosso *corpus* contou com apenas uma parte do léxico que pode ser elencado como pertencente a esse fenômeno entre as duas línguas. Apesar de nossos esforços na tentativa de elaborar um material que dissipasse algumas dúvidas e desacordos existentes na literatura

científica relacionada a esse fenômeno, reconhecemos que ainda há muito a ser feito sobre o tema para que se possa ofertar a estudiosos, sejam lingüistas ou aprendizes de espanhol como língua estrangeira, um material consistente e, dentro dos limites da construção artificial de materiais didáticos, o mais autêntico possível, condizente com a realidade sincrônica das línguas portuguesa e espanhola.

Acreditamos que a pesquisa que realizamos deva ser continuada de forma a priorizar, com base nos resultados que já obtivemos, os significados utilizados atualmente nas duas línguas. Por meio de corpora autêntico será possível acrescentarmos um valioso critério de análise: o uso dessas palavras simultaneamente nas duas línguas, tal como fez Pelizzari Alonso (2006). Somente assim é que poderemos estabelecer com cientificidade absoluta quais significados são realmente utilizados em uma língua e na outra e, com isso, elaborar materiais didáticos, dicionários e metodologias de ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira que facilitem a aquisição desse léxico e, ao mesmo tempo, formando falantes competentes comunicativamente.

REFERÊNCIAS

- ALTROCCHI, Rudolph. **Deceptive cognates**. Chicago: The University of Chicago Press, 1935.
- BARALO, Marta. El lexicon no nativo y las reglas de la gramática. In: PASTOR CESTEROS, Susana; SALAZAR GARCÍA, Ventura. **Estudios de lingüística: tendencias y líneas de investigación en adquisición de segundas lenguas**. Alicante: Universidad de Alicante, Departamento de Filología Española, Lingüística General y Teoría de la Literatura, 2001. p. 5-40.
- BARROS, Aristóteles de Paula. **Español: gramática, literatura y antología**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- BECHARA, Suely Fernandes; MOURE, Walter Gustavo. **Ojo con los falsos amigos**. 2. ed. São Paulo: Moderna: Santillana, 2002.
- BECKER, Idel. **Manual de español: gramática y ejercicios de aplicación**. São Paulo: Nobel, 1976.
- BENÍTEZ PÉREZ, Pedro. Investigaciones en lingüística contrastiva en el ámbito portugués-español. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri (Org). **Lingüística contrastiva: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BISSEL, Clifford Hershey. Reviewed work(s): Le vrai ami du traducteur anglais-français et français-anglais by Félix Boillot. **The Modern Language Journal**, Madison, v. 15, n. 3, p. 238-241, dez. 1930.
- BRIONES, Ana Isabel; FLAVIAN, Eugenia; ERES FERNÁNDEZ, Gretel. **Español ahora**. São Paulo: Moderna: Santillana, 2003. v. 1-3.
- BUGÜEÑO MIRANDA, Félix. Sobre algunos tipos de falsos cognados. **Anuario brasileño de estudios hispánicos**, Brasília, v. 8, p. 21-27, 1998.
- BUGÜEÑO MIRANDA, Félix. Falsos amigos, falsos cognatos, heterossemânticos: uma simples escolha de designações? **Organon**, Porto Alegre, n. 32/33, p. 183-192, 2002.
- BUGÜEÑO MIRANDA, Félix. Consideraciones para un nuevo diccionario de falsos amigos español-portugués. **Polifonia**, Cuiabá, n. 6, p. 103-127, 2003.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 25. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

CAMORLINGA, Rafael. **Níveis de interferência lexical na aprendizagem do espanhol por estudantes brasileiros**. 1991. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

CARVALHO, Maria do Céu; CARNEIRO, Agostinho Dias. **Gramática da língua espanhola**. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1969.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 34. ed. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1991.

CINTRA, Geraldo. Cognatos: sistematizações e implicações. **Cadernos do Centro de Línguas**, São Paulo, v. 2, p. 137-142, 1998.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José Antonio. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Madri: Gredos, 1997.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DI PIETRO, Robert J. **Estructuras lingüísticas en contraste**. Madrid: Gredos, 1986.

DICCIONARIO de la Real Academia Española. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/drae/>>. Acesso em: 22 set. 2008.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **Caracterización de la competencia lingüística transicional de lusohablantes aprendices de español e hispanohablantes aprendices de portugués**. 1998. Tese. (Doutorado em Lingüística) – Universidad de Valladolid. Valladolid.

_____. **Español: avanzado 1**. Madri: Arco Libros, 2001a.

_____. **Español: avanzado 2**. Madri: Arco Libros, 2002a.

_____. **Español: básico 1**. Madri: Arco Libros, 2001b.

_____. **Español: básico 2**. Madri: Arco Libros, 2001c.

_____. ¡Por detrás de la transparencia existe una opacidad! La lectura por estudiantes brasileños de textos redactados en español. **Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos**. Brasilia, n. 12, p.13-28, 2002b.

_____. **Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués**. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2004a.

_____. **La Interlengua**. Madrid: Arco / Libros, 2007.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. (Org). **Lingüística contrastiva: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004b.

FEIJÓO HOYOS, Balbina Lorenzo. **Diccionario de falsos amigos**. São Paulo: Enterprise Idiomas, 1998.

FERNÁNDEZ, Isabel Gretel M. Eres. A Lingüística contrastiva é uma área de estudo fora de época?. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri (Org). **Lingüística contrastiva: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004. v. 1, p. 3-9.

FERNÁNDEZ DÍAZ, Rafael; ANDIÓN HERRERO, María Antonieta. **Español: superior 1**. Madri: Arco Libros, 2003.

_____. **Español: superior 2**. Madri: Arco Libros, 2004.

FRANZONI, Patrícia Hilda. **Nos bastidores da comunicação autêntica: uma reflexão em lingüística aplicada**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

GARCIA, Afrânio. S. Semântica histórica. **Soletras**, São Gonçalo, v. 1, n. 2, p. 66-75, 2001. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/2/11.htm>>. Pesquisa realizada em: 09/06/2007.

GONZÁLEZ HERMOSO, Alfredo; ROMERO DUEÑAS, Carlos. **Eco**. Madri: Edelsa Grupo Didascalía, 2005. v. 1-3.

HOUAISS, A. I. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2 v.

IGLESIAS CASAL, Isabel. Construyendo la competencia intercultural: sobre creencias, conocimientos y destrezas. **Carabela**. Madri: SGEL, 2003.

JOHNSTON. Marjorie C. Spanish-english cognates of high frequency. **The Modern Language Journal**, Madison, v. 25, n. 5, p. 405-417, Fev. 1941.

KATO, Mary Aizawa. Uma taxonomia de similaridades e contrastes entre línguas. In: BOHN, Hilário Inácio; VANDRESEN. Paulino (Org.). **Tópicos de lingüística aplicada ao ensino de línguas**. Florianópolis: Editora da Universidade de Santa Catarina, 1988. p. 139-153.

KOESSLER, Maxime; DEROCQUIGNY, Jules. **Les faux amis ou les trahisons du vocabulaire anglais**. 2. ed. Paris: Librairie Vuibert, 1931.

LADO, Robert. **The linguistics across cultures: applied linguistics for language teachers**. London: University of Michigan, 1957.

_____. **Introdução à Lingüística Aplicada**. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. **Lingüística contrastiva: lenguas y culturas**. Madrid: Ediciones Alcalá, 1973.

LARSEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael. **Introducción al estudio de la adquisición de segundas lenguas**. Madrid: Gredos, 1994.

LASCH FELDBERG, Miguel et al. Cognados enganñosos. **The ESP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 33-53, 1985.

MARTIN, Ivan Rodrigues. **Espanhol: série Brasil**. São Paulo: Ática, 2004.

MARTIN, Ivan. **Espanhol**. São Paulo: Ática, 2007.

MASCHERPE, Mário; ZAMARIN, Laura. **Os falsos cognatos na tradução do inglês para o português**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

MELONE, Enrique; MENÓN, Lorena. **Tiempo español**. São Paulo: Atual Editora, 2007.

MILANI, Esther Maria. **Gramática de espanhol para brasileiros**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MILANI, Esther Maria et. al. **Listo: español a través de textos**. São Paulo: Moderna; Santillana, 2005.

MOLINER, María. **Diccionario de uso del español**. 2.ed. Madri: Gredos, 1998. 2v.

MOURA, Marcia Lucia Seid de; FERREIRA, Maria Cristina. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

NASCENTES, Antenor. **Estudos filológicos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

_____. **Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

NOVO DICIONÁRIO AURELIO. Disponível em: <<http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=>> Acesso em: 15 ago. 2008.

PALACIOS, Monica; CATINO, Georgina. **Espanhol para o ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2004.

PELIZZARI ALONSO, Maria Cibele González. **Corpus lingüístico e a aquisição de falsos cognatos em espanhol como língua estrangeira**. 2006. Dissertação. (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PÉREZ VELASCO, Juan Manuel. Algunas consideraciones teóricas sobre el término 'falsos amigos'. **CONGRESO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 11., 1995, Valladolid. Actas...** Valladolid: Editorial de la Universidad de Valladolid, 1995. p. 597-603.

_____. Falsos amigos: francés-español: una propuesta didáctica: **forma - formación de formadores**. *Cuadernos de Didáctica ELE*, Madrid, n. 6, p. 141-151, 2003.

_____. **Falsos amigos:** estudio lexicográfico contrastivo francés-español. 2004. (Tesis Doctoral). Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2004.

PRADO, Marcial. Falsos amigos em lexicografía bilingüe. **Hispania**, University, v. 72, n. 3, p. 721-727, Set. 1989.

RICHARDS, Jack C. The role of vocabulary teaching. **TESOL Quarterly**, Washington, v. 10, n. 1, p. 77-89, 1976.

RINGBON, Hakan. On L1 transfer in L2 comprehension and L2 production. **Language Learning**, Ann Arbor, v. 42, n. 1, p. 85-112, Mar. 1992.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROMANOS, Henrique; CARVALHO, Jacira Paes de. **Espanhol expansão**. São Paulo: FTD, 2004. v. único.

SABINO, Marilei Amadeu. Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganosos? desfazendo a confusão teórica através da prática. **Alfa**. São Paulo, v. 50, n. 2, p. 251-263, 2006a.

SANTOS GARGALLO, Isabel. **Análisis contrastivo, análisis de errores e interlengua en el marco de la lingüística contrastiva**. Madrid: Síntesis, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCATORI, Stephen. Deceptive cognates in spanish. **The Modern Language Journal**, Madison. v. 16, n. 5, p.396-401, Fev. 1932.

SECCATO, Agnaldo. **Estrutura e funções dos paracognatos (italiano-português): tratamento lexicográfico**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

SEREY LEIVA, Myriam Jeannette. **Falsos cognatos em português e espanhol**. 1994. Dissertação. (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. **Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SOUZA, Jair de Oliveira. **Por supuesto**. São Paulo: FTD, 2003.

STEVENS, L.C. Textbook, vocabularies and deceptive cognates in Spanish. **The Modern Language Journal**, Madison, v. 27, n. 2, p. 116-118, Fev. 1943.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1987.

VIARO, Mário Eduardo. História das palavras: etimologia. **Museu da Língua Portuguesa: Estação da Luz**, 2006. Disponível em:

<<http://200.150.149.165:9081/wps/wcm/connect/resources/file/eb319c0e709105a/M.Viario%20-%20Historia%20das%20palavras%20etimologia.pdf?MOD=AJPERES>>. Acesso em: 9 jun. 2007.

VILLALBA, Terumi Koto Bonnet. **Pepe vio que no tiene jeito, su mujer es así mismo: as delicadas relações lexicais entre a L1 e a L2 na aquisição de espanhol por universitários brasileiros**. 2002. Tese (Doutorado em Letras: Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

WARDHAUGH, R. La hipótesis del análisis contrastivo. In.: LICERAS, Juana M. **La adquisición de las lenguas extranjeras**. Madri: Visor, 1992. p. 41-49.

ZAMARIM, Laura. Deceptive cognates in portuguese. **Hispania**, University, v. 48, n. 4, p. 887-889, dez. 1965.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Lista de Falsos Amigos encontrado na coleção de livros didáticos “Español”

COLEÇÃO “ESPAÑOL”



A coleção “Español” é composta por seis livros do aluno, seis guias didáticas e seis cd’s. Dois livros para cada nível: básico, avançado e superior. Esse material é destinado ao público adolescente e adulto, brasileiros aprendizes de espanhol.

Os livros dedicados aos níveis básico e avançado são de autoria de Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, com a colaboração de Maria Cibele González Pelizzari Alonso nos livros de nível básico e com a colaboração de Maria Eugênia Olímpio nos livros de nível avançado. Os livros dedicados ao nível superior são de autoria de Rafael Fernández Díaz e María Antonieta Andión Herrero.

A coleção foi publicada pela editora espanhola Arco/Muralla, representada no Brasil pela Lia Editores. Os livros foram publicados entre 2001 e 2004.

Lista de *Falsos Amigos* que constam na coleção “*Español*”

Português	Espanhol
Abalar	Avalar
Abrigo	Abrigo
Acreditar	Creditar
Adobe	Adobe
Ala	Ala
Alagar	Halagar
Ano	Ano
Apelido	Apellido
Aperrear	Aperrear
Apurado	Apurado
Apurar	Apurar
Assinar	Asignar
Assistir	Asistir
Atender	Atender
Aterrado	Aterrado
Aterrar	Aterrar
Aula	Aula
Berro	Berro
Boceta	Buseta
Borracho	Borracho
Borrar	Borrar
Botar	Botar
Botequim	Botiquín
Brincar	Brincar
Cacho	Cacho
Cachorro	Cachorro
Caco	Caco
Calçada	Calzada
Cana	Cana
Carro	Carro
Cartel	Cartel
Cena	Cena
Cerca	Cerca

Charlatão	Charlatán
Cigarro	Cigarro
Cimento	Cimiento
Clausura	Clausura
Cobertos	Cubiertos
Coche	Coche
Coelho	Cuello
Cola	Cola
Colar	Colar
Comedor	Comedor
Cometa	Cometa
Competência	Competencia
Contestar	Contestar
Copa	Copa
Copo	Copo
Criança	Crianza
Cu	Cu
Cubo	Cubo
Cuca	Cuca
Cueca	Cueca
Dado	Dado
Distinto	Distinto
Embaraçada	Embarazada
Encapotado	Encapotado
Engraçado	Engrasado
Enojado	Enojado
Escova	Escoba
Escovar	Escobar
Escritório	Escritorio
Esperto	Experto
Esposas	Esposas
Esquisito	Exquisito
Estafa	Estafa
Estofado	Estofado
Estranhar	Extrañar
Expediente	Expediente
Explorar	Explorar

Fechar	Fechar
Firma	Firma
Firmar	Firmar
Funda	Funda
Ganância	Ganancia
General	General
Gracioso	Gracioso
Interesses	intereses
Jogar	Jugar
Jogo	Jugo
Jubilação	Jubilación
Judia	Judía
Ladrilho	Ladrillo
Larga	Larga
Latir	Latir
Ligar	Ligar
Ligeiro	Ligero
Lograr	Lograr
Logro	Logro
Mala	Mala
Medicina	Medicina
Mijar	Mijar
Mirar	Mirar
Oficina	Oficina
Osso	Oso
Padre	Padre
Palco	Palco
Pastel	Pastel

Pegar	Pegar
Pipa	Pipa
Plano	Plan
Polvo	Polvo
Presunto	Presunto
Querer	Querer
Quitar	Quitar
Ração	Ración
Rango	Rango
Rato	Rato
Refresco	Refresco
Salsa	Salsa
Sítio	Sitio
Sobre	Sobre
Sociedade	Suciedad
Sucesso	Suceso
Sumir	Sumir
Surdo	Zurdo
Taça	Taza
Talher	Taller
Tapa	Tapa
Tela	Tela
Tirar	Tirar
Tonto	Tonto
Torpe	Torpe
Troço	Trozo
Vaso	Vaso

APÊNDICE 2

Lista de Falsos Amigos encontrados na coleção de livros didáticos “Español Ahora”

COLEÇÃO “ESPAÑOL AHORA”



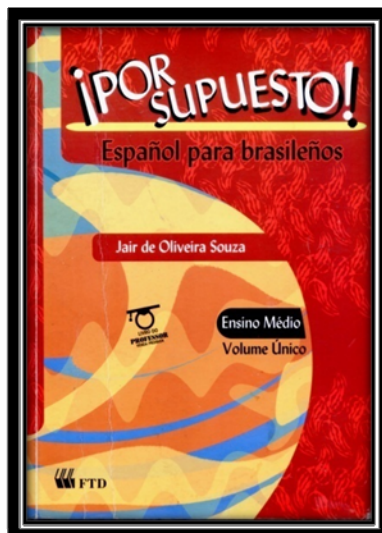
A coleção “Español Ahora” é composta por três livros do aluno, três livros do professor e três cd’s. Esse material é destinado ao público adolescente e adulto, brasileiros aprendizes de espanhol. Assim, está dividido em três níveis, sendo cada livro destinado a uma série do Ensino Médio.

Os livros são de autoria de Ana Isabel Briones, Eugênia Flavian e Gretel Eres Fernández.

A coleção foi publicada pela editora espanhola Santillana em parceria com a editora Moderna, do Brasil. A coleção foi publicada em 2004.

Lista de *Falsos Amigos* que constam na coleção “Español Ahora”

Aborrecer	Aborrecer
Acordar	Acordar
Apelido	Apellido
Borracha	Borracha
Cachorro	Cachorro
Cola	Cola
Embaraçada	Embarazada
Esquisito	Exquisito
Largo	Largo
Oso	Oso
Pipa	Pipa
Rapaz	Rapaz
Vaso	Vaso

APÊNDICE 3**Lista de Falsos Amigos encontrados no livro didático “*Por supuesto*”****LIVRO DIDÁTICO *POR SUPUESTO***

O livro didático “Por supuesto” é composto por um único volume destinado ao ensino de espanhol para brasileiros, adolescentes e adultos, dirigido ao Ensino Médio. É uma publicação da editora FTD, e a autoria é de Jair de Oliveira Souza. Esse livro foi publicado em 2003.

Lista de *Falsos Amigos* que constam no livro “*Por supuesto*”

Aborrecer	Aborrecer
Acreditar	Acreditar
Apelido	Apellido
Apurado	Apurado
Berro	Berro
Borracha	Borracha
Borrar	Borrar
Brincar	Brincar
Cachorro	Cachorro
Calçada	Calzada
Carro	Carro
Cena	Cena
Chouriço	Chorizo
Classe	Clase
Coelho	Cuello
Competência	Competencia
Contestar	Contestar
Copo	Copo
Desgraçado	Desgrasado
Distinta	Distinta
Embaraçada	Embarazada
Enojada	Enojada
Enojar	Enojar
Escova	Escoba

Escritório	Escritorio
Esquisito	Exquisito
Fraco	Flaco
Jubilação	Jubilación
Ladrilho	Ladrillo
Largo	Largo
Lograr	Lograr
Oficina	Oficina
Palco	Palco
Pelado	Pelado
Prejuízo	Perjuicio
Prejuízo	Prejuicio
Pronto	Pronto
Rato	Rato
Roxo	Rojo
Ruivo	Rubio
Salsa	Salsa
Sítio	Sitio
Sobrenome	Sobrenombre
Sótão	Sótano
Surdo	Zurdo
Taça	Taza
Talher	Taller
Tirar	Tirar
Todavia	Todavía
Vaso	Vaso

APÊNDICE 4**Lista de Falsos Amigos encontrados no livro didático “Espanhol Série Brasil”****LIVRO DIDÁTICO *ESPAÑHOL SÉRIE BRASIL***

O livro didático “Espanhol Série Brasil” é composto por um único volume destinado ao ensino de espanhol para brasileiros, adolescentes e adultos, dirigido ao Ensino Médio. É uma publicação da editora Ática, e a autoria é de Ivan Rodrigues Martin. Esse livro foi publicado em 2004

Lista de *Falsos Amigos* que constam no livro “Espanhol Série Brasil”

Abono	Abono
Acordar-se	Acordarse
Apelido	Apellido
Beca	Beca
Berro	Berro
Borrar	Borrar
Brinco	Brinco
Cachorro	Cachorro
Cinta	Cinta
Cobertos	Cubiertos
Coelho	Cuello
Contestar	Contestar
Embaraçada	Embarazada
Escova	Escoba
Graça	Grasa
Jubilção	Jubilación
Ladrilho	Ladrillo
Largo	Largo
Oficina	Oficina
Pegar	Pegar
Pelado	Pelado
Polvo	Polvo
Pressuposto	Presupuesto
Presunto	Presunto
Ruivo	Rubio
Salsa	Salsa
Surdo	Zurdo
Vaso	Vaso

APÊNDICE 5

Lista de Falsos Amigos encontrados no livro didático “*Español Expansión*”

LIVRO DIDÁTICO *ESPAÑOL EXPANSIÓN*



O livro didático “Español Expansión” é composto por um único volume destinado ao ensino de espanhol para brasileiros, adolescentes e adultos, dirigido ao Ensino Médio. É uma publicação da editora FTD, e a autoria é de Henrique Romanos e Jacira Paes Carvalho. Esse livro foi publicado em 2004

Lista de *Falsos Amigos* que constam no livro “*Español Expansión*”

Apelido	Apellido
Apenas	Apenas
Cachorro	Cachorro
Embaraçada	Embarazada
Escova	Escoba
Esquisito	Exquisito
Fraco	Flaco
Larga	Larga
Oficina	Oficina
Rato	Rato
Sobrenome	Sobrenombre
Todavía	Todavía
Vaso	Vaso

APÊNDICE 6

Lista de Falsos Amigos encontrados no livro didático “*Listo*”

LIVRO DIDÁTICO *LISTO*



O livro didático “Listo” é composto por um único volume destinado ao ensino de espanhol para brasileiros, adolescentes e adultos, dirigido ao Ensino Médio, com estudos dirigidos ao vestibular. O livro do professor possui uma guia didática. É uma publicação da editora Santillana, da Espanha, em parceria com a editora Moderna, do Brasil. Seus autores são Esther Maria Milani, Isabel Rivas Gradwohl, Livia Rádis Baptista, Rodrigo Durval de Lacerda e Walmir Sabino. O livro foi publicado em 2005.

Lista de *Falsos Amigos* que constam no livro “*Listo*”

Agasalhar	Agasajar
Apelido	Apellido
Berro	Berro
Brincar	Brincar
Cachorro	Cachorro
Carpa	Carpa
Cenário	Escenario
Cenografia	Escenografía
Copa	Copa
Copo	Copo
Despertar	Despertar
Doce	Doce
Embaraçada	Embarazada
Escova	Escoba
Esquisito	Exquisito
Êxito	Éxito
Garrafa	Garrafa
Guitarra	Guitarra
Largo	Largo
Mala	Mala
Palco	Palco
Pegar	Pegar
Pelado	Pelado
Presunto	Presunto
Ratão	Ratón
Rato	Rato
Salsa	Salsa
Sobrenome	Sobrenombre
Sucesso	Suceso
Surdo	Zurdo
Taça	Taza
Tenda	Tienda
Tirar	Tirar
Torto	Tuerto
Vaso	Vaso

APÊNDICE 7

Lista de Falsos Amigos encontrados a coleção didática “Eco”

COLEÇÃO DIDÁTICA ECO



A coleção “Eco” é composta por três livros do aluno, três guias didáticas e três cd’s. Esse material é destinado ao público adolescente e adulto, brasileiros aprendizes de espanhol. Assim, está dividido em três níveis, sendo cada livro destinado a uma série do Ensino Médio. A coleção foi desenhada com apoio contrastivo espanhol-português e o último volume com apoio para o vestibular, além de contar com um caderno de reforço em cada livro.

Os livros são de autoria de Alfredo González Hermoso e Carlos Romero Dueñas. A coleção foi publicada pela editora espanhola Edelsa, com participação da Universidade Antonio de Nebrija. Sua publicação se deu em 2005.

Lista de *Falsos Amigos* que constam no livro “Eco”

À noite	Anoche
Aborrecida	Aburrida
Acha	Hacha
Acordar	Acordar
Aniversário	Aniversario
Atender	Atender
Azar	Azar
Berro	Berro
Bolsa	Bolsa
Bolso	Bolso
Cena	Cena
Chatear	Chatear
Chato	Chato
Coelho	Cuello
Comedor	Comedor
Dado	Dado
Esquisita	Exquisita
Fantasia	Fantasia
Festivo	Festivo
Gambá	Gamba
Habitação	Habitación
Jubilar	Jubilar
Judia	Judía, judía verde

Largo	Largo
Ligar	Ligar
Logo	Luego
Mala	Mala
Merenda	Merienda
Moela	Muela
Moléstia	Molestia
Motorista	Motorista
Partido	Partido (de fútbol)
Pêlo	Pelo
Pimentão	Pimentón
Piso	Piso
Rato	Rato
Roxo	Rojo
Salada	Salada
Salão	Salón
Salsa	Salsa
Sitio	Sitio
Sobrenome	Sobrenombre
Sucesso	Suceso
Taça	Taza
Toalha	Toalla
Todavía	Todavía
Vaga	Vaga
Vaso	Vaso

APÊNDICE 8**Lista de Falsos Amigos encontrados na “*Gramática de Espanhol para Brasileiros*”****LIVRO GRAMÁTICA DE ESPANHOL PARA BRASILEIROS**

A “Gramática de Espanhol para Brasileiros” é um livro didático composto por um único volume destinado ao ensino de espanhol para brasileiros, adolescentes e adultos, dirigido a adolescentes e adultos. Contém um caderno especial com uma seleção de questões de vestibular. Na terceira edição, de 2006, foi incluída uma lista de “falsos cognatos” e heterotônicos. A autora do livro é Esther Maria Milani. O livro foi publicado pela editora Saraiva.

Lista de *Falsos Amigos* que constam na “Gramática de Espanhol para Brasileiros”

Abonar	Abonar
Abono	Abono
Abrigar-se	Abrigarse
Aceitar	Aceitar
Aceite	Aceite
Acordar	Acordar
Acordar-se	Acordarse
Acreditar	Acreditar
Adiantar	Adelantar
Adereços	Aderezos
Agasalhar	Agasajar
Ala	Ala
Alargar	Alargar
Alça	Alza
Ampola	Ampolla
Ano	Ano
À noite	Anoche
Apartado	Apartado
Apelido	Apellido
Abertura	Apertura
Aposentar	Aposentar
Apressado	Apresado
Apressar	Apresar
Aranha	Araña
Arrojar	Arrojar
As	As
Asseguradora	Aseguradora
Assegurar	Asegurar
Assinatura	Asignatura
Aspas	Aspas
Atacado	Atacado
Atestar	Atestar
Aula	Aula
Ajuntamento	Ayuntamiento
Bacharel	Bachiller

Bacharelado	Bachillerato
Balcão	Balcón
Balão	Balón
Barata	Barata
Barraca	Barraca
Batata	Batata
Beca	Beca
Benjamim	Benjamín
Berro	Berro
Bilhão	Billón
Branco	Blanco (tiro al blanco)
Bolsa	Bolsa
Bolso	Bolso
Bombilha	Bombilla
Borracha	Borracha
Borrar	Borrar
Botequim	Botiquín
Botões	Botones
Braga	Braga
Brincar	Brincar
Vulto	Bulto
Cadeira	Cadera
Caixão	Cajón
Calçada	Calzada
Calçãozinho	Calzoncillo
Cano	Cano/canoso
Carniceiro	Carnicero
Carpa	Carpa
Cena	Cena
Charlatão	Charlatán
Chouriço	Chorizo
Cigarro	Cigarro
Cita	Cita
Classe	Clase
Coche	Coche
Cola	Cola
Colador	Colador
Colar	Colar
Coma	Coma
Comedor	Comedor

Contestar	Contestar
Copa	Copa
Copo	Copo
Corredor	Corredor
Criar	Crear
Criança	Crianza
Criar	Criar
Cu	Cu
Cobertos	Cubiertos
Cueca	Cueca
Cura	Cura
Curaçao	Curación
Delgado	Delgado
Desabrochar	Desabrochar
Desenvolver	Desenvolver
Desgraçar	Desgrasar
Despejar	Despejar
Despido	Despido
Desquitar	Desquitar
Doce	Doce
Duelo	Duelo
Embalar	Embalar
Embaraçada	Embarazada
Emparedado	Emparedado
Encaixe	Encaje
Encargo	Encargo
Endereçar	Enderezar
Engraçado	Engrasado
Enojado	Enojado
Enojar-se	Enojarse
Cenário	Escenario
Cenografia	Escenografía
Escova	Escoba
Escritório	Escritorio
Esposa	Esposa
Estafar	Estafar
Estrelar	Estrellar
Esperto	Experto
Exprimir	Exprimir
Esquisito	Exquisito
Estranhar	Extrañar

Fralda	Falda
Faro	Faro
Fecha	Fecha
Fechar	Fechar
Fraco	Flaco
Frente	Frente
Funda	Funda
Garrafa	Garrafa
Gato	Gato
Gira	Gira
Globo	Globo
Goma	Goma
Grana	Grana
Granada	Granada
Graça	Grasa
Grifo	Grifo
Guitarra	Guitarra
Hediondo	Hediondo
Gelado	Helado
Hipo	Hipo
Ola	Hola
Honda	Honda
Fumo	Fumo
Imprensa	Imprenta
Interesse	Interés
Inversão	Inversión
Inverter	Invertir
Jaula	Jaula
Jornal	Jornal
Jubilação	Jubilación
Judia	Judía
Lá	La
Ladrilho	Ladrillo
Lâmpada	Lámpara
Lentilha	Lentilla
Legenda	Leyenda
Lenço	Lienzo
Ligar	Ligar
Lograr	Lograr
Lentes	Lentes
Lunar	Lunar

Lustre	Lustre
Mala	Mala
Mano	Mano
Manteiga	Manteca
Marco	Marco
Más	Más
Matrimônio	Matrimonio
Meada	Meada
Medicina	Medicina
Mercearia	Mercería
Mi	Mi
Mi	Mí
Moléstia	Molestia
Mostrador	Mostrador
Moço	Mozo
Munheca	Muñeca
Neto	Neto (peso neto)
Ninho	Niño
Nó	No
Noivo	Novio
Oficina	Oficina
Olá	Ola
Olha	Olla
Oso	Oso
Palanca	Palanca
Palco	Palco
Pantalha	Pantalla
Papa	Papa
Parelha	Pareja
Parra	Parra
Partida	Partida (de nacimiento e de defunción)
Pasta	Pasta
Pata	Pata
Peixeira	Pecera
Pegar	Pegar
Pelar	Pelar
Pelo	Pelo
Pelota	Pelota
Prejuízo	Perjuicio
Pés	Pez
Pico	Pico

Pinha	Piña
Pino	Pino
Pintura	Pintura
Pipa	Pipa
Piso	Piso
Pitada	Pitada
Pitar	Pitar
Plano	Plan
Prancha	Plancha
Plano	Plano
Planta	Planta
Plátano	Plátano
Poder	Poder (documento)
Polvilho	Polvillo (diminutivo de polvo)
Polvo	Polvo
Pompa	Pompa de jabón
Porteiro	Portero
Prejuízo	Prejuicio
Prensa	Prensa
Presunto	Presunto
Pressuposto	Presupuesto
Proto	Pronto
Punheta	Puñeta
Quinta	Quinta
Quitar	Quitar
Rajado	Rajado
Ralhar	Rallar
Rango	Rango
Raro	Raro
Rasgo	Rasgo
Rata	Rata
Rato	Rato
Ratão	Ratón
Rabanada	Rebanada
Recolher	Recoger
Recorrer	Recorrer
Recorrer	Recurrir
Arregalar	Regalar
Regra	Regla
Reja	Reja
Render	Rendir

Renda	Renta
Reposto	Repuesto
Restar	Restar
Renda	Rienda
Rincão	Rincón
Rodinha	Rodilla
Roxo	Rojo
Romeiro	Romero
Roseiral	Rosal
Ruivo	Rubio
Rumo	Rumbo
Saco	Saco
Salsa	Salsa
Sereno	Sereno
Seta	Seta
Sino	Sino
Sirena	Sirena
Sítio	Sitio
Sobre	Sobre
Sobremesa	Sobremesa
Sobressalente	Sobresaliente
Solapa	Solapa
Solo	Solo
Sonar	Sonar
Surdo	Sordo
Sótão	Sótano
Sonho	Sueño
Suma	Suma
Sumir	Sumir
Sumo	Sumo
Subscrever	Suscribir
Subscrição	Suscripción
Sujo	Suyo
Tachar	Tachar
Talha	Talla
Talha	Talle
Talher	Taller

Talão	Talón
Tapa	Tapa
Tapado	Tapado
Taça	Tasa
Te	Té
Tela	Tela
Terço	Tercio
Terno	Terno
Tesão	Tesón
Tenda	Tienda
Tirar	Tirar
Tocaia	Tocaya
Todavia	Todavía
Topo	Topo
Torcer	Torcer
Torpe	Torpe
Trair	Traer
Traça	Traza
Trevo	Trébol
Troço	Trozo
Truco	Truco
Torto	Tuerto
Vasilha	Vajilla
Vaqueiro	Vaquero
Vaso	Vaso
Velo	Velo
Velo	Vello
Venda	Venda
Venda	Venta
Verba	Verba
Violão	Violón
Zorro	Zorro
Sueco	Zueco
Surdo	Zurdo